

# *Libertando-se*

*Projeto para  
Associações de Bairros Autônomos e Democráticos e  
Como Criá-los*

E Outras Propostas

Mais  
Uma Bibliografia Anotada  
em Inglês para a Esquerda Libertária

*Por Jared James  
2002*

© Copyright 2002 por Jared James e  
colocado sob domínio público. Favor reproduzir livremente.  
Libertando-se (a proposta principal), primeira edição em inglês, outono de 1998, oitenta copias.  
Segunda edição (Internet), revisada e aumentada, Janeiro de 2000.  
Versão final, fevereiro de 2002.

*O texto original de Getting Free  
(Libertando-se) em inglês está disponível na Web em:  
[http://site.www.umb.edu/faculty/salzman\\_g/Strategy/GettingFree/](http://site.www.umb.edu/faculty/salzman_g/Strategy/GettingFree/)*

*[Uma versão em língua portuguesa de Getting Free  
(Libertando-se) está disponível na Web  
em html: <http://www.geocities.com/projetoperiferia/gettingfrept.htm>  
em PDF: <http://www.cperiferia.hpg.com.br/gettingfrept.pdf>]*

## Índice

### Libertando-se

Agradecimentos ([Link](#)) . . .

Prefacio ([Link](#)) . . .

1. Uma Consciência de Como Não Queremos Viver ([Link](#)) . . .

2. Uma Consciência de Como Poderíamos Viver ([Link](#)) . . .

**3. Base de Acordo de uma Associação ( [Link](#) ) . . .**

**4. Obstáculos ( [Link](#) ) . . .**

**5. Estratégias que Falharam ( [Link](#) ) . . .**

**6. A Estratégia Descrita de Forma Abstrata ( [Link](#) ) . . .**

**7. Formas de Começar a Destripar o Capitalismo ( [Link](#) ) . . .**

**8. A Estratégia – Comentários Gerais ( [Link](#) ) . . .**

**9. Formas de Terminar de Destripar o Capitalismo ( [Link](#) ) . . .**

**10. Mais Discussões ( [Link](#) ) . . .**

**11. Alguns Comentários Literários ( [Link](#) ) . . .**

**Apêndice: Projeto de uma Base de Acordo Geral para "Associações de Bairros Autônomos e Democráticos" ( [Link](#) ) . . .**

**Notas de Rodapé sobre Terminologia ( [Link](#) ) . . .**

## **Análises Suplementares**

**Arrebatando Nossos Cárceres, e Destruindo Nossos Carcereiros ( [Link](#) ) . . .**

**A Fragilidade da Política de Manifestações ( [Link](#) ) . . .**

**Detectando Falhas Estratégicas no Manifesto da ACF, (Federação Anarco-Comunista Britânica) ( [Link](#) ) . .**

**Uma Aposta, Não um Erro: Sem Ver o Inimigo ( [Link](#) ) . . .**

**A Ganância é Tudo o Que Há de Errado com o Capitalismo? ( [Link](#) ) . . .**

**Regra da Maioria ( [Link](#) ) . . .**

**Indigenismo ( [Link](#) ) . . .**

**Identidade ( [Link](#) ) . . .**

**Reedição da 'Democracia Audaciosa': Um Esforço Inútil dos Anticapitalistas ( [Link](#) ) . . .**

**Uma Bibliografia Anotada em Inglês para a Esquerda Libertária ( Bibliografia incompleta ) . . .**

---

## **Agradecimentos**

A proposta principal de Getting Free (Libertando-se), em versão menor, foi primeiramente preparada para a conferência: "Questões Críticas no Anarquismo Contemporâneo" proferida em Montague, Massachusetts, de 7 a 9 de junho de 1996. Somos gratos a John Petrovato e Cindy Milstein, organizadores daquela conferência, por possibilitar e incentivar a realização desse trabalho.

Agradecemos também os amigos e outras pessoas que leram os primeiros rascunhos desse Projeto enriquecendo-o com seus comentários (peço desculpas se esqueci alguém): George Salzman, Betsy Rueda Gynn, Libardo Rueda, Jaime Becker, Brian Hart, Juan Carlos Ortega, Sonya Huber, Gary Zabel, Chris Pauli, Brian Griffin, Henry Jung, Bob McKinney, Thomas Reifer, Marianela Tovar, Behrooz Ghassemi, Monty Neill, Charlene Decker, Steve Heims, Danielle Zabel, Jon Bekken, Sanya Hyland, Mark Laskey, Suzanne Miller, Sarah Shoemaker, Barry Tilles, e Andrew Nevins.

Uma considerável parcela desse Projeto surgiu a partir de várias sugestões, embora não concordasse necessariamente com todas. Tentei responder algumas vozes críticas nesta versão revisada. Eu mesmo digitei e revisei todo esse trabalho, e em muito apreciei a ajuda prestada por Betsy Gynn, Jon Bekken, Kenn Browne, e Chris Pauli na reprodução e distribuição da primeira edição.

Agradeço de uma forma especial a George Salzman. Sem seu interesse e incentivo dificilmente esse Projeto seria iniciado e finalizado. Ele leu cuidadosamente as várias versões do Projeto, e fez comentários que ajudaram a clarificar o texto em numerosos pontos. Ele também fomentou o Projeto de muitas formas, incluindo postagens em seu site.

A primeira edição foi publicada no final de 1998 com apenas oitenta cópias, fotocopiadas (não impressas), na forma de um livreto. Uma segunda versão, revisada e aumentada, foi postada na rede no inverno de 2000. Este último retrabalho em sua maior parte foi feito no verão de 2001 e finalmente concluído em Fevereiro de 2002.

## Prefácio

O propósito principal deste texto é tentar persuadir os revolucionários de mudar os locais da luta anticapitalista, escolhendo novos campos de batalha. Eu identifico três locais estratégicos de luta - bairros, locais de trabalho, e Casas - o qual eu acredito não só nos permitirá derrotar os capitalistas mas também construir uma nova sociedade nesse processo.

A vantagem de mudar o campo de batalha para estes três locais estratégicos é a adoção de uma estratégia ofensiva, não somente defensiva. Quer dizer, não apenas reagir àquilo que não gostamos e queremos destruir, não apenas resistindo ao que eles estão fazendo conosco, mais efetivo que apenas a defesa é também partir para o ataque utilizando nossa criatividade e novas formas sociais. O que significa começar a tomar a iniciativa de construir a vida queremos, lutar para defender a vida, e defender nossas concepções sociais dos ataques da classe dominante. Eu penso que as pessoas estarão muito mais dispostas a lutar por algo assim, que simplesmente afrontar a classe dominante em outros locais, que parecem frequentemente distantes das suas vidas cotidianas. Mas é bom que tenhamos a clareza de que isto nos envolverá em lutas terríveis. Nunca poderemos estabelecer uma livre-associação em qualquer destes locais sem confrontar diretamente com o poder da classe dominante.

Ao listar todas as estratégias que fracassaram não tive por intenção denegrir os esforços revolucionários das gerações passadas. Resistir e derrotar o capitalismo foi um projeto histórico de extensão enorme; revolucionários verteram suas vidas em estratégias que eles consideraram melhores na ocasião. Eu estou simplesmente tentando ponderar e refletir por onde passamos, o que já tentamos, para onde deveríamos ir agora, e o que nós deveríamos estar tentando fazer. Eu não reivindico que a estratégia que eu esboço aqui seja o fim de tudo ou tudo. Trata-se de uma proposta, uma avaliação, uma reflexão daquilo que acho que nos levará à vitória. Mas sou apenas uma pessoa. Elaborando uma nova estratégia anticapitalista, coisa que obviamente é uma tarefa para milhões.

Não tenho a pretensão (listando o que eu reivindico como estratégias fracassadas) de dizer que as pessoas deveriam deixar de praticá-las por completo. Mas de discutir estas formas de resistência que, embora tenham realizado muito, não nos levou muito longe em nossa última meta de destruir o capitalismo. Elas não nos permitiram subverter o sistema, derrotar a classe dominante, ou construir uma sociedade livre, contudo não acho que foram em vão.

Algumas destas estratégias fracassadas, como o partido de vanguarda leninista, a social democracia, o isolamento, e guerra de guerrilha, deveriam ser totalmente abandonadas. Outras, como manifestações e campanhas pontuais, deveriam ser subordinadas claramente à tarefa principal de trabalhar junto às livre-associações de bairros, locais de trabalho, e Casas. Quanto às estratégias como greves, desobediência civil, ou insurreições, elas estão erradas em si mesmas. Ou seja, não são suficientes, elas não podem derrotar o capitalismo. Para ganhar temos que adotar a somatória de toda uma dimensão.

A triste verdade é que os três locais estratégicos que poderíamos estar lutando, e que poderia nos conduzir a vitória, está sendo em grande parte ignorado. A luta no local de trabalho ainda é em grande parte reformista, como o são as iniciativas organizadas na maioria dos bairros, há também muito pouca organização entre as pessoas ao redor de sua Casa. Assim, o grosso de nossas energias não está entrando em nenhum destes três locais estratégicos, mas em outras arenas. Eu me sentiria muito melhor participando de manifestações, marchas, desobediência civil, campanhas temáticas, se também estivessem sendo empreendidas lutas significantes nos locais de trabalho, bairros, e Casas. Mas na ausência destas lutas até onde podemos chegar? Não à vitória certamente.

O recente, espetacular ressurgimento do movimento radical no mundo, primeiro simbolizado pela Batalha de Seattle em novembro de 1999, e continuando depois nas cidades de Quebec e Gênova, realça os assuntos que levantei de um modo mais urgente. Como foram encorajadoras aquelas ações, e quão maravilhosas foram de se ver, contudo, é tudo muito possível que todo esse esforço não chegue a parte alguma, repercuta aqui e ali e eventualmente desapareça, algo parecido com as revoltas dos anos sessenta, a menos que eles estejam conectados com nossas lutas ao nível local. As mobilizações contra a globalização corporativa podem realizar muito. É por exemplo bastante importante que o Acordo de Livre-Câmbio para a América esteja parado. A oposição vigorosa lançada pelos militantes na Cidade de Quebec no final de abril de 2001, na Cúpula das Américas, pelo menos tirou o tema da ordem do dia. Mas eu suspeito que o tratado irá de qualquer maneira prevalecer. Manifestações em massa é uma tática suficiente para parar algo como o ALCA? Ou precisamos fazer alguma outra coisa?

De alguma maneira, chegou a ser aceito que é isso o que os radicais fazem – manifestações - eles querem protestar ou parar algo, e tais manifestações de massa levam a prioridade cima de tudo. Meu argumento é que tudo isso ficou para trás,

tornou-se secundário. Se nos organizássemos no bairro, local de trabalho, e em assembleias da Casas, e lutássemos para conquistar o poder nesses locais, então teríamos uma base para interromper ofensivas da classe dominante como o ALCA, e se optássemos por manifestações nas ruas, teríamos munição e retaguarda para isso, e não seríamos um evento isolado, efêmero, que poderia ser perfeitamente ignorado pelos nossos governantes. Não estaríamos apenas protestando mas nos opondo. Precisamos nos organizar de tal forma que tenhamos o poder de nos contrapor, não apenas de protestar contra eles, mas de recusar, neutralizar. Isto não pode ser feito por Círculo Operário, ONGs, ou indivíduos isolados que convergem periodicamente a cúpulas mundiais para protestar contra a classe dominante, mas só pela livre-associação arraigada na real vida quotidiana.

Podemos nos organizar de tal forma que nem mesmo nenhuma manifestação seja necessária. Poderíamos simplesmente anunciar a eles o que faríamos se não cessassem suas práticas opressivas. Mas movimentos de oposição que gravitam continuamente em torno de manifestações, em "sair às ruas" tendem a se enfraquecer com o tempo. Não podemos construir um mundo social novo nas ruas. Contanto que nós só estejamos nas ruas, considerando que nossos oponentes funcionam através de reais organizações como governos, corporações, e polícia, nós sempre seremos alvos do gás lacrimogêneo, spray de pimenta, balas de borracha, quando não balas reais, napalm, venenos, e bombas. Esta predileção por protestos e manifestações prevaleceram ao longo dos anos sessenta, volta e meia o movimento chegava a Washington DC, e novamente, sair às ruas. Ainda agimos com crianças, apenas capazes de 'provocar algum distúrbio'. Não assumimos a postura de adultos que se reúnem, conversam, argumentam, avaliam nossas opções, inventamos uma estratégia, e então golpeamos, derrotamos nossos inimigos, e construímos o mundo que queremos.

Estamos vivendo em um hiato de oportunidade. As forças anticapitalistas estão há décadas sob um impasse estratégico, com uma confusão generalizada sobre o tipo de mundo novo que queremos e como dismantelar a ordem presente. O total colapso e descrença do modelo bolchevique na Rússia e em toda parte do terceiro mundo, e a idêntica falência da Social Democracia na Europa, abre a possibilidade de redefinir políticas radicais, de repensar a meta da revolução e sua estratégia. Pela primeira vez depois de um século as perspectivas anarquistas estão de volta à ordem do dia de um modo sério. As aproximações com antiestatistas estão ganhando terreno, até mesmo entre alguns comunistas e marxistas. Penso esta minha composição como uma contribuição neste esforço mundial para redefinir políticas radicais e quebrar o impasse que se sucedeu desde que os Bolcheviques tomaram o poder em 1917, os Sociais Democratas foram derrotados na Alemanha em 1919, e a Revolução Espanhola foi derrotada em 1939.

A idéia é que há várias maneiras de renovar as políticas radicais. Efetuando um triplo ataque no coração do sistema, partindo não apenas do local de trabalho (tomando os meios de produção) mas também dos bairros, e Casas, colocando-os como centro de tomada de decisão, ou seja, uma transferência da tomada de decisão efetuada pelas burocracias estatais, parlamentos, e instâncias corporativas, para nossas assembleias. Também enfatizando a captura dos meios de reprodução (e não só de produção) por associações de Casas. O princípio guia é a livre-associação. Focalizar em cheio a necessidade de construir um movimento de oposição e cultura, e de criar para nós mesmos novas relações sociais. Incluindo também a meta e a estratégia para alcançar a meta, e ao mesmo tempo sugerir atitudes muito concretas que pessoas ordinárias podem tomar para derrotar o capitalismo e construir um mundo novo.

Além da perspectiva anticapitalista, eu levei algumas idéias em consideração, que o leitor precisa estar atento para entender por que escrevo estas coisas. Meu esboço de um mundo social novo e de uma estratégia para alcançá-lo está baseado em um compromisso firme em direção à democracia, não à democracia representativa ou federativa. Estou certo que quase todo mundo automaticamente concebe democracia direta hoje como sendo algo o mais distante possível de uma "sociedade industrial complexa". Eu sempre discordo desta visão.

Você também não poderá entender minhas observações a menos que esteja atento sobre o que penso do capitalismo enquanto um sistema mundial, que tem aproximadamente 500 anos. Os capitalistas começam estabelecendo o seu modo de vida na Europa, entre 1450 e 1650 aproximadamente, e então, durante os próximos vários séculos, levam suas práticas para todo canto do globo, destruindo e deslocando as outras tradições, normalmente pela guerra. A história mundial durante os últimos 500 anos é a história da agressão capitalista lançada contra os povos do mundo, que começou contra os camponeses da Europa quando tomaram suas terras submetendo-os à escravidão assalariada (trabalho produzindo riqueza), ao aluguel (residência produzindo renda), e à cidadania (pessoas pagando impostos). Também é a história da resistência mundial contra esta invasão. Uma boa parte do curso da história é preenchida com brigas entre capitalistas.

Você também deve estar atento que, desta perspectiva, os países chamados comunistas nunca passaram de estados capitalistas fazendo aquilo que os capitalistas sempre fizeram, escravizando e explorando suas populações. Sempre houve tradições radicais no bojo da experiência soviética, e das revoluções coloniais que se sucederam nestas condições (os

conselhos comunistas, os marxistas ocidentais, os anarquistas, e os anarco-sindicalistas). Agora que a União Soviética se foi, mais e mais pessoas estão percebendo que aqueles países comunistas nunca passaram de capitalistas de uma forma diferente, e tiveram pouco a ver com a luta contra o capitalismo.

A meu ver, é impossível derrotar a classe dominante pela força das armas. O grau de poder de fogo atualmente acumulado por todos os principais governos e pela maioria dos governos secundários é simplesmente devastador. Foi adquirido com a riqueza desapropriada de bilhões de pessoas. Qualquer movimento de oposição pensar que pode comprar, manter, e dispor de semelhante armamento tão vasto e sofisticado é absurdo. Em princípio, não tenho nada contra luta armada (embora não goste dela), mas no momento não podemos dispor dela. Tomar de assalto um império tão vasto e rico como o capitalismo é enfrentar os capitalistas em seu próprio terreno. Isto é algo que o proletariado do mundo jamais conseguirá, nem devemos esperar que queira fazer isso.

Isto não significa entretanto que não deveríamos encontrar uma estratégia para vencer, derrotar nossos opressores. Significa que temos que descobrir uma forma de destruí-los sem disparar um único tiro. Significa que temos que procurar, e criar se necessário, outras armas, outras táticas. Mas devemos ter o cuidado para não cair na armadilha da violência/não-violência. Derrubar uma cerca é um ato violento? É violência resistir à violência daqueles que querem erigir cercas? Devolver um petardo de gás lacrimogêneo na polícia que o disparou é um ato de violência? Enfim, resistir é um ato de violência? Não-violência é a principal arma ideológica de uma classe dominante muito violenta. Eles a usam para nos pacificar. Eles usam seus meios de comunicação de massa para incessantemente pregar a não-violência. É uma arma efetiva porque todos nós (eles não a praticam) queremos viver em um mundo pacífico, não-violento. Faríamos bem se tomássemos cuidado ao atravessar esse pântano.

Nesta composição eu focalizei nas três associações estratégicas necessárias para derrotar os capitalistas. Não vou falar aqui sobre as numerosas e variadas associações culturais que sem dúvida serão criadas pelas pessoas livres, cobrindo toda gama de interesses.

Como ficará evidente, estou escrevendo da perspectiva de alguém que mora nos Estados Unidos da América. Esta é a única cultura que estou familiarizado com certa profundidade, embora tenha viajado ao estrangeiro, morado dois anos no Oriente Médio, e estudado outras culturas. Minhas observações são portanto principalmente dirigidas aos que vivem neste país, secundariamente às pessoas que vivem em outros países e núcleos capitalistas, e em menor grau às pessoas que vivem no resto do mundo, embora espere que todo mundo encontre algum valor neste trabalho.

Esta composição foi escrita para aqueles que querem destruir o capitalismo. Não se pretende aqui persuadir ninguém de que o capitalismo deve ser destruído. Isso é uma tarefa de um tipo diferente. O que é patente a mim, como o é para a maioria dos radicais, não é infelizmente tão patente para outros, nem mesmo para o próprio proletariado. Não obstante, eu incluí uma seção inicial curta descrevendo como é que não queremos viver, esperando atrair uma gama mais larga de leitores, leitores que podem estar bem infelizes com as vidas que levam mas que estão longe de atribuir a miséria deles aos capitalistas.

Em vez de pontilhar essa composição com notas de rodapé, eu decidi indicar ao leitor outro trabalho meu, Uma Bibliografia Anotada em Inglês para a Esquerda Libertária que dá referências à maioria dos tópicos discutidos aqui.

## **1. Uma Consciência de Como Não Queremos Viver**

Há lugares onde existem pontes de onde você pode ver uma grande cidade inteirinha escancarada a teus pés. A Ponte do Rio Mystic na entrada de Boston é um lugar assim, assim também é a Ponte do Brooklyn em Manhattan, ou a Ponte Golden Gate em San Francisco. De cima de cada uma dessas pontes você pode ver dezenas de arranha-céus, centenas de edifícios de intercâmbio e fábricas, centenas de lojas e mais lojas, milhares das pessoas juntas absortas em suas tarefas, movimento em toda parte, e navios no porto. E você pensa consigo, como alguém pode ao menos imaginar mudar tudo isso? É tão vasto. Atividades incontáveis. Milhões de pessoas que vão trabalhar todos os dias. Milhares de empreendimentos. Bens que são transportados. Telefones tocando. Como poderíamos imaginar mudar isso?

Veja aquele edifício enorme inteirinho construído para se dedicar a uma única minúscula relação social: a escravidão assalariada (extração forçada da riqueza dos produtores diretos para a acumulação de capital). Veja as burocracias governamentais, a polícia, os milhares de advogados, as escolas, os tribunais, estão todos lá para impor esta única minúscula relação social. Mas dificilmente alguém sabe disso. Este fato foi cuidadosamente escondido de dezenas de maneiras. O conhecimento desta extração de riqueza pela força perdeu-se há muito tempo, embora a força bruta seja no

mundo inteiro diariamente usada para defender esta relação, embora milhões de nós não raramente soframos com o desemprego (e com suas conseqüências). O conhecimento de que somos escravos, sendo comprados por hora em vez de pela vida, também se perdeu. Nós fomos escravos assalariados por tanto tempo que nem passa pela nossa cabeça que há outras maneiras de se viver. Esquecemos que houve tempos em que tínhamos terra e ferramentas e vivíamos com independência, satisfazendo nossas necessidades, sem ser forçado a vender nosso poder de trabalho por salários.

Assim a primeira e mais importante consciência que podemos ter é: não deveríamos estar vivendo como escravos mas como pessoas livres. Visto dessa perspectiva o capitalismo não parece tão invencível, mas realmente bastante vulnerável. Se pudéssemos cortar apenas esta única relação, destruiríamos o capitalismo e nos libertaríamos para criar um mundo social novo. Não há dúvida alguma que é por isso que os capitalistas fazem de tudo para camuflar, mistificar, e negar a relação de escravismo assalariado. É o seu calcanhar de Aquiles.

A segunda consciência é mais fácil de conseguir. Se dermos uma volta ao redor alguma destas cidades, notaremos os tipos de edifícios que existem, vamos listar alguns: bancos, fábricas, lojas de departamentos, armazéns, edifícios de intercâmbio, lojas, igrejas, casas, prédios de apartamentos, museus, escolas, eventualmente um auditório de sindicato, estádios esportivos, teatros, restaurantes, centros de convenção, garagens, aeroportos, estações de trem, garagens de ônibus, boates, hospitais, pronto-socorro, ginásios, centros de intercâmbio, hotéis, palácios de justiça, delegacias de polícia, correios. O que nós nunca veremos é um Ponto de Encontro, um Local de Assembléia. Se morássemos na Capital de um Estado encontraríamos em algum lugar uma única câmara onde os políticos se encontram. Os fiéis, naturalmente, se congregam em suas igrejas. Os sindicalistas às vezes celebram reuniões nos auditórios de seus sindicatos, os homens de negócios se reúnem em centros de convenções, os espectadores se agregam em cinemas, teatros, clubes e estádios para praticar esportes, assistir jogos, ver filmes, balés, concertos, os estudantes participam de conferências, às vezes em grandes auditórios. Mas não há nenhum Local de Reunião, construído especialmente para essa função, para os cidadãos, onde possamos nos reunir para tomar decisões e governar nossas próprias vidas. Assim como pode ser dito que nós vivemos em uma democracia, se nem mesmo nos reunimos, nem temos instalações próprias para fazer isso? Esta é a segunda consciência que podemos ter. Não apenas não devemos viver como escravos, não devemos também viver em uma sociedade antidemocrática, mas numa real democracia onde possamos nós mesmos governar nossas próprias Casas.

Além destas duas consciências básicas, há a consciência da ligação entre nossas muitas misérias com o sistema de escravidão assalariada. Esta consciência é mais difícil de adquirir, principalmente porque os capitalistas e seus cúmplices, procuram lançar a culpa dos sofrimentos do mundo em qualquer coisa, exceto suas próprias práticas. Se há fome em Bangladesh, é porque há muita gente, e não porque a agricultura auto-sustentável foi destruída pelos mercados do mundo capitalista. Se os oceanos estão morrendo pelos vazamentos de petroleiros, isso é vergonhoso, mas não é culpa de ninguém; é apenas o preço que temos que pagar pelo progresso e pela civilização. Se milhões estão vivendo na mais abjeta pobreza nas favelas das cidades do terceiro mundo, não há nada demais nisso; trata-se apenas de uma fase do "processo de urbanização" mundial; eles nunca mencionam que governos e corporações tomaram as terras dos camponeses, expulsando-os de suas casas. Se as cidades estão entupidas de sem-teto é porque tais pessoas são preguiçosas e não procuram emprego, e não porque não há emprego suficiente para todo mundo, nem porque os aluguéis estão muito caros. Se há sujeira e lixo em toda parte isso é culpa nossa porque somos porcos. E não há nenhum mistério nos congestionamentos nas grandes cidades; é porque utilizamos nossos automóveis de forma inadequada. A lista de tais subterfúgios é infinita.

A verdade é que a maior parte do sofrimento no mundo em nossos dias é diretamente atribuível aos capitalistas. Não quero estabelecer uma porcentagem exata aqui, mas ela é bem elevada. Se os capitalistas quisessem, a maior parte das doenças do mundo poderiam ser eliminadas, como também a maior parte da fome, da ignorância, dos sem-teto, da destruição ambiental, dos congestionamentos, das guerras, dos crimes, da insegurança, do desperdício, do enfado, da solidão, e assim por diante. Até mesmo a maior parte do sofrimento causado pelos furacões, inundações, secas, e terremotos, poderiam ser superados, se os capitalistas não impedissem de prepararmos nós mesmos uma resposta a estes desastres enquanto comunidade, de um modo inteligente. E recentemente, os capitalistas são culpados pelo agravamento de alguns destes eventos devido ao efeito estufa que os próprios capitalistas causaram. A menos que já esteja convencido disso, sei que você não vai assumir estas reivindicações sem resistência. Mas encontrará uma vasta documentação ligando estes vários males ao sistema do lucro, caso dedique algum tempo estudando estas obras talvez acabe concordando conosco.

Eu tenho minha própria lista de coisas que odeio. Eu odeio propaganda comercial, seriamente. Nada poderia ser mais doce a mim que viver em um mundo livre de publicidade. Eu odeio congestionamentos, quando estou preso em engarrafamentos, não posso estacionar, quando sou multado indevidamente, quando tenho que enfrentar a rudeza dos

motoristas de Boston. Eu odeio as buzinas dos carros, um exemplo perfeito de algo totalmente desnecessário, mas útil à loucura do capitalismo. Estabelecer ligações entre buzinas de carro e capitalismo talvez seja um bom exercício à sua consciência. Odeio companhias de seguros, os maiores usurpadores dos Estados Unidos da América (sem contar as Poupanças e os Empréstimos). Odeio o Imposto de Renda, o Registro de Automóveis, o Departamento de Trânsito. Eu odeio telemarketing. Eu odeio filas. Eu odeio previsões de tempo; elas são alarmistas, e nunca gostam da chuva (entre outras coisas). Odeio a polícia; e eles agora estão em toda parte, até mesmo nos filmes, nos locais de trabalho, lojas de departamentos, parques, e bibliotecas. Odeio os patrões. Nunca tive um que fosse um ser humano decente (pelo menos não no trabalho), sempre de algum modo distorcendo aqui e ali, petulante, egocêntrico, arrogante, incompetente, sempre blefando e fingindo não o fazer, sem ninguém que ouse desmascará-lo. Eu odeio mecânicos. Eu odeio a insegurança terrível de não ter uma renda segura. Eu odeio esta existência precária. Eu odeio procurar por emprego. Eu odeio procurar por emprego durante muito tempo. Principalmente quando você percebe o que é que se esconde por detrás dele. Não há como viver sem um emprego; então se apresse, faça teu currículo, atualize teu currículo, marque entrevistas, tudo pela liberdade (isto é, de procurar um trabalho que não será integralmente pago em benefício de uma corporação). Precisamos de dinheiro enquanto não arrumamos emprego, precisamos de dinheiro para pagar nossas dívidas; ninguém aparece para ajudar. Você fica desesperado por encontrar alguém que compre seu pobre ego por hora de uso. A busca desesperada por um comprador escravocrata que lhe permita viver. Isto é o que odeio. E então, uma vez que um comprador é achado, a enfadonha, maçante, e fatigante jornada é novamente retomada, e você vê sua vida se escoando, aproveitada pelos homens de negócios, e tudo para nada. Eu odeio viver só, com minhas emoções aleijadas e minha vida de amor abortada. Eu odeio profundamente televisão, e desde o tempo em que essa desgraça apareceu na casa de meus pais no ano de 1951. Eu odeio doutores. Eu odeio ver a terra, sua bela paisagem, sendo violada por túneis, para que alguns tolos gananciosos possam obter lucros. Odeio não estar ao redor as crianças pequenas, as criaturas mais doces que enfeitam nossas vidas (a maioria delas). Odeio cientistas sociais. Não fazem outra coisa senão tornar o mundo cada vez mais ininteligível vomitando década após década seus jargões e geringonças. Eu odeio fila em bancos (odeio bancos). Como se não bastasse paga-los para usar meu dinheiro para aumentarem seus lucros. E ter que pegar uma fila para fazer isso me irrita ainda mais. Odeio automóveis, de tantas maneiras que não dá para enumerar aqui. Odeio enlatados. Odeio cintos de segurança, a maneira que encontraram de culpar a vítima. Eu odeio ser expulso da praia durante um furacão. Odeio cheiro de cigarro. Odeio gramados. E nem mesmo comecei a listar todas as coisas que odeio nessa zorra em que vivemos.

Para ser justo, talvez devesse listar todas as coisas que amo para equilibrar esse quadro, mas de qualquer forma, elas não se sobrepõem àquelas que odeio.

## 2. Uma Noção de Como Podemos Querer Viver

Vamos nos concentrar em um mundo alternativo. Suponhamos, por um momento, que seja possível construir um mundo social totalmente novo a partir do nada, ou seja, se fôssemos construir os bairros do nosso jeito. Com seriam?

Eu imaginei um bairro assim (veja abaixo a nota de rodapé sobre terminologia):

**Casas:** Casas [no contexto dessa proposta] são unidades de aproximadamente 200 pessoas coabitando em um complexo de edifícios disponibilizando uma variedade de infra-estruturas para indivíduos isolados, duas pessoas, famílias, e grandes famílias. O complexo teria instalações para reuniões, espaços comunais, (como também espaços privados) cozinha, lavanderia, educação básica, oficina de manutenção, oficinas de treinamento, ambulatório de cuidados médicos básicos, enfermaria de recém-nascidos, pronto-socorro, e algumas instalações recreativas. As Casas são administradas democrática e cooperativamente por uma Assembléia direta de membros (Assembléia da Casa).

**Projetos:** Os Projetos incluiriam todas as atividades cooperativas (mais de uma pessoa): agricultura, fabrica, ensino superior, pesquisa, medicina avançada, comunicações, transporte, artes, jogos esportivos, e assim sucessivamente, juntamente com outras atividades cooperativas dentro da própria Casa (cozinha, ensino, cuidados com crianças, serviços médicos, manutenção, etc.). Os edifícios seriam projetados e construídos para estas várias atividades. Interiormente, tais Projetos seriam administrados democrática e cooperativamente por uma assembléia direta de sócios (Assembléia de Projeto). Alguns Projetos, talvez a maioria, seriam controlados, no bom sentido, diretamente pelo bairro, pela Assembléia do Bairro. Outros Projetos seriam controlados por acordos costurados entre várias ou muitas Assembléias dos Bairros.

**Círculo Operário:** Círculos Operários seriam unidades de aproximadamente 30-50 pessoas. Cada pessoa no bairro pertencerá a apenas um agrupamento de afinidade, desenhado em seu Projeto piloto. Eventualmente tais agrupamentos por afinidade serão compostos por pessoas da mesma Casa mas a maioria delas estará envolvida com Projetos fora da Casa, ou até mesmo fora do bairro. Todos os Projetos (atividades cooperativas) serão tocados por tais agrupamentos. Estes

agrupamentos se reunirão dentro do Projeto para discutir assuntos, os quais, se necessário, serão levados às assembleias gerais. Os assuntos já discutidos no interior de cada Projeto serão votados dentro das reuniões. As reuniões dos Círculos Operários são necessárias por causa das deliberações e genuínas discussões praticadas frente-a-frente em grupos com mais de 50 pessoas.

Se surgirem pessoas de uma mesma Casa mas que atuam em Projetos diferentes e queiram passar a trabalhar conjuntamente de forma autônoma, poderão recorrer à Assembleia da Casa enquanto entidade distinta, diferente da Assembleia do Projeto (local de trabalho), embora a Casa possua Círculos Operários atuando em Projetos como cozinha, educação, cuidado de crianças, e cuidados médicos.

**Assembleia da Casa:** A Assembleia da Casa é o núcleo da criação social. É uma assembleia de um bairro inteiro, em torno de 2000 pessoas, reunido em um espaço próprio e suficientemente grande para facilitar a discussão democrática direta e a tomada de decisão. Claro que na prática o tamanho das Assembleias de Casas variará consideravelmente. Seu limite superior é entretanto determinado pelo número das pessoas que podem se encontrar em um espaço suficientemente grande para que possam participar democraticamente das discussões, frente-a-frente, e para desenvolver os processos de tomada de decisão.

**Uma Associação de Assembleias de Casas:** As Assembleias de Casas poderão se unir umas às outras, por meio de pacto ou acordo combinado, formando uma associação maior. Haverá um acordo global que definirá a associação em geral, como também muitos acordos específicos para Projetos em particular.

-----

Na Assembleia de Casas é o bairro que se governa. O bairro faz suas próprias regras, aloca seus próprios recursos e energias, e negocia seus próprios tratados com outros bairros. O bairro controlará o espaço físico onde se situa, assim como todos os Projetos e Casas dentro dele.

Por favor note o que este arranjo de relações sociais não tem: hierarquia, representação, escravo assalariado, motivo de lucro, classes, propriedade privada dos meios de produção, impostos, nação-estado, patriarcado, alienação, exploração, elite de controle profissional de qualquer atividade, ou divisões formais por raça, gênero, idade, etnia, pontos de vista, convicções, ou inteligência. Este bairro, assim organizado, será a unidade básica da nova ordem social.

Aqueles que estão familiarizados com as tradições radicais reconhecerão um foco anarco-comunista neste esboço de comunidade, um foco anarco-sindicalista no controle dos trabalhadores, e um foco feminista pela abolição da distinção entre esferas públicas e privadas da vida social. Acredito que sem a presença de cada um desses elementos os outros não poderão ser alcançados. Se apenas os trabalhadores controlassem tudo sozinhos sem deixar nenhum espaço de tomada de decisão à comunidade como um todo (decida sobre a alocação de recursos ou se, por exemplo, se interrompe um Projeto ou inicia outro). Impedir que a comunidade participe também no controle dos meios de produção é algo sem sentido, vazio. O fracasso na democratização e na socialização das Casas, o fracasso em incluí-las (e sua conseqüentemente reprodução) como parte explícita e integrante dos arranjos sociais, deixaria intacta a divisão por gênero, ao mesmo tempo em que perpetuaria a dicotomia público/privado.

Nas recentes décadas surgiram novas cidades, praticamente do nada, principalmente pelo "fomento" de empreendimentos comerciais. Também, muitas Casas utópicas completamente novas foram estabelecidas ao longo do século XIX nos Estados Unidos, e talvez em outros lugares. Seguramente será possível, tendo os recursos, construir novas Casas a partir do nada no futuro, pelo menos em uma escala limitada. Entretanto, esta será certamente mais uma exceção do que uma regra, especialmente no começo desta revolução. Na maioria das vezes, construir a partir do nada estará fora de questão durante os primeiros 50-75 anos.

Portanto, a tarefa atual que enfrentamos é transformar estruturas existentes (edifícios, fábricas) e relações sociais naquilo que desejamos. Precisamos tentar imaginar como nosso bairro modelo ficaria depois de ter sido convertido a partir de um bairro urbano típico (em vez de construí-lo do nada). Vejamos primeiro se podemos converter a fábrica física existente em algo mais útil ao viver democrático, cooperativo, sem esquecer que esta é a parte mais fácil; difícil mesmo é transformas as relações sociais (por exemplo, propriedade, família, trabalho, e as relações que exercem entre si). Lidarei com isto mais abaixo discutindo como chegar lá.

Fábricas e lojas podem ser facilmente adaptadas, caso não possam ser usadas do jeito como estão (depois que forem



tomadas, claro). Algumas áreas terão que ser dedicadas às reuniões dos Círculos Operários e assembleias de Projetos.

Mais difícil será transformar uma rua cheia de residências individuais em uma Casa. Provavelmente algumas improvisações podem ser feitas: construir passagens e túneis entre os edifícios; reservar salas para seminários, para crianças, cuidados médicos; bloquear certas ruas para organizar a entrada na unidade; providenciar uma ou duas cozinhas por unidade comunal; rearranjar quartos; reservar um espaço para reuniões.

Também será difícil achar um espaço para a Assembleia de Casas. Porém, há opções. Pode haver um auditório de sindicato, uma igreja, uma pista de patinação, ou um ginásio de escola secundária no bairro. Mas também, armazéns, supermercados, e lojas de departamentos cujos grandes espaços abertos poderiam ser transformados em local de reunião. Porém, a maioria destes espaços não poderá comportar mais do que 2000 pessoas. Pode ser necessário começar com mini Assembleias de Casas – digamos, cinco Casas de 200 pessoas cada – formando uma Assembleia de Casas de 1000 sócios, em vez de dez Casas formando uma Assembleia de Casas de 2000 sócios.

Mais tarde, quando o fluxo de riqueza do bairro para a classe dominante for interrompido, quando a riqueza roubada pela classe dominante for reapropriada, os bairros irão querer, indubitavelmente, e terão recursos para fazer isso, construir espaços mais apropriados para a Assembleia de Casas, especialmente projetados para isso, como também novos complexos comunitários. Mas no princípio teremos que sobreviver com o que já existe. Todas as riquezas produzidas por séculos a fio estão embutidas no desenho arquitetônico atual, um desenho que reflete os valores, prioridades, e relações sociais capitalistas. Levará muito tempo até que possamos demolir e reconstruir todo esse mundo físico, de forma a expressar as necessidades de pessoas livres.

Uma vez reconstruída, nossa nova civilização será caracterizada pelos seus espaços reservados à realização de assembleias. Da mesma maneira que mundos anteriores foram caracterizados pelas pirâmides do Egito antigo, pelos templos e teatros da Grécia antiga, pelos castelos e catedrais da Europa medieval, e pelos bancos e arranha-céus do capitalismo moderno, assim, o novo mundo social de pessoas cooperativamente autônomas será conhecido pelos seus espaços de reunião. Tais espaços em sua maioria terão distintas características arquitetônicas. Indubitavelmente serão de todas as formas e tamanhos. Além das grandes câmaras de assembleia gerais para os bairros (Assembleias de Casas), serão necessários alguns pequenos espaços que se adequem ao desenvolvimento dos Projetos necessários a cada Casa e aos encontros do Círculo Operário, como também espaços maiores para Projetos ampliados e assembleias de Casas ampliadas. Após discussão e aprovação, algumas pessoas projetarão, construirão, e equiparão bonitos e excelentes espaços para deliberação.

Para completar este esboço é necessário que imaginemos dois arranjos, um para uma pequena cidade típica, e outro para aldeia camponesa típica, duas entidades sociais em vias de extinção (em virtude das violentas imposições de nossos governantes corporativos). As aldeias camponesas de todo o mundo que ainda subsistem estão sob um pesado ataque e desaparecendo rapidamente, não obstante, algumas delas possuem base comunitária, com muitas tradições comunitárias ainda intactas. Nem sempre estas tradições são compatíveis à criação de sociedades livres, anárquicas, mas algumas delas são. Afinal de contas, o próprio Marx acreditava que a Rússia poderia escapar do capitalismo movendo-se diretamente para o comunismo, construindo-o numa Casa camponesa. Cidades pequenas ainda existem, em qualquer país. Até mesmo em um país altamente urbanizado como os Estados Unidos, ainda há 20.000 cidades com uma população com menos de 10.000 habitantes, 15.000 delas com menos de 2.500 habitantes. Não há nada que impeça essas pequenas cidades de adotarem agora mesmo a democracia direta, se quissem.

Acho que será mais fácil transformar cidades pequenas e aldeias camponesas em nossos desejados bairros do que subúrbios ou áreas urbanas densas. Mas talvez não. Megalópoles e subúrbios seguramente se esvaziarão, a cada década de nova civilização, repopulando a zona rural com habitações de Casas, cooperativas, autônomas, de pessoas livres. (Desnecessário dizer, os habitantes das grandes favelas do mundo neo-colonizado serão os primeiros a ir para o campo).

Um bairro é um lugar muito pequeno, falando em termos relativos. Embora ainda haja muitas aldeias ou cidades pequenas isoladas no mundo com populações abaixo de 2.000 habitantes, elas estão desaparecendo rapidamente. A maioria de seus habitantes resolveu deslocar-se para áreas mais densamente habitadas. Considere uma cidade de, por exemplo, 90.000 habitantes que é uma cidade muito pequena pelos padrões de hoje. Considerando que a população média da Assembleia de Casas contenha 2.000 sócios cada uma, teremos 45 Assembleias de Casas naquela cidade. Uma cidade de 600.000 habitantes terá 300 Assembleias de Casas. Uma cidade de 1.800.000 terá 900, uma cidade de 9.000.000 terá 4.500.

Isto nos mostra imediatamente o tremendo poder desta estratégia. O ato de pessoas em uma cidade pequena de 60.000 habitantes reconstituindo-se em 30 corpos deliberativos e encarregando-se de suas vidas, recursos, e bairros é um ato revolucionário incrivelmente poderoso. O simples ato de assemblear é por si mesmo revolucionário, sem considerar nem mesmo tudo aquilo que tais assembleias podem fazer. Os capitalistas em muito dependem de nos manter todos isolados uns dos outros. Nossa assembleia começará a destruir esse isolamento. É um ato que será quase impossível parar, um ato que tem o poder para destruir o capitalismo e um ato que têm o potencial para construir uma civilização nova.

Este é o modo para pensar na revolução. Pessoas que se reagrupam por elas mesmas e que tomam decisões por assembleias auto-convocadas (reordenando, reconstituindo, e se reorganizando) em livre-associações na Casa, no trabalho, e no bairro. Os capitalistas atacarão isso. Eles podem proibir as reuniões, dispersá-las pela força, prender os participantes, ou até mesmo assassinar os assembleários. Mas se estivermos determinados eles não serão capazes de nos impedir de reconstruir por nós mesmos o tipo de mundo social que desejamos.

### 3. Acordos básicos da Associação

A unidade social básica é a Assembleia de Casas, como descrito acima. Porém, para muitos propósitos esta Assembleia de Casas cooperará com as demais Assembleias de Casas. Eles se fundirão para realizar certos objetivos. Em outras palavras eventualmente formarão associações maiores através de negociações. Eles negociarão acordos para governar todos os Projetos supra-bairros. Às vezes estes acordos envolverão apenas algumas Assembleias de Casas, às vezes muitas. Quer dizer, acordos envolverão um maior ou menor número de Assembleias de Casas, dependendo da natureza do Projeto. Um sistema telefônico requererá um pacto regional ou até mesmo extra-regional. Um parque local pode envolver apenas três ou quatro bairros. O sistema de rodovia exigirá acordos regionais. Um grande complexo industrial pode envolver 15 ou 20 Assembleias de Casas. O mesmo ocorrerá para hospitais, grandes instalações de pesquisa, orquestras, e assim sucessivamente. Uma quantidade considerável da atividade no mundo atualmente é conduzida através de tais tratados e não através de legislação (por exemplo, o serviço postal mundial entre as nações). Também, os contratos entre as corporações assumem a natureza de tratados (mutuamente concordado ponto por ponto) em lugar de leis (embora sejam obrigados pelas leis de uma nação). Assim não deveríamos temer isto. O número de acordos extra-bairros estabelecidos pelas Assembleias de Casas terão que funcionar independente dos nossos esforços comuns e estarão bem dentro da gama de complexidade praticável pela inteligência humana. Provavelmente não excederá a cem acordos (sem contar os acordos de intercâmbio).

Além dos acordos em torno de Projetos específicos será necessário um acordo geral sobre a natureza da associação. É com base na assinatura deste acordo ou pacto que surgirá uma "Associação de Bairros Autônomos e Democráticos". Serão necessários acordos sobre as associações no bairro, sobre as estruturas básicas do próprio bairro (Casas, Projetos, Círculo Operário, Assembleia de Casas), sobre procedimentos de voto dentro das assembleias, sobre território e recursos, sobre deixar a associação, sobre nem mesmo filiar-se à associação, sobre agressão e defesa, e assim sucessivamente. (Veja no Apêndice um esboço de base de acordo para tal associação)

A negociação destes tratados envolverá muito trabalho no princípio, menos depois. Não obstante, será um processo contínuo. Precisarão ser estabelecidos critérios de negociação dos procedimentos e recursos. Estes tratados que envolvem procedimentos provavelmente não diferem muito da forma como os tratados são negociados entre os estados: serão enviados delegados de cada bairro à conferência regional para a elaboração do tratado, com a ratificação final a cargo das Assembleias de Casas. A diferença principal está na quantidade de participantes na negociação, uma centena e meia de nações contra dezenas de milhares de bairros.

Embora isto possa parecer incômodo, não há nenhuma outra alternativa se queremos governar nossas próprias vidas. A alternativa é abandonar os governos regionais ou extra-regionais, substituindo-os pela nossa determinação de sermos pessoas autônomas, livres. Além, provavelmente, de revelar que as coisas sob o capitalismo são bem piores do que na realidade parecem.

### 4. Obstáculos

Já que temos em mente uma noção clara de como gostaríamos de viver, o próximo passo é descobrir maneiras de construir esse novo modo de viver, e superar os obstáculos que surgirem à frente.

Talvez o maior obstáculo que enfrentemos é a enorme capacidade que os capitalistas tem de moldar e controlar as

peças para que pensem e reajam como eles desejam. Rádio, televisão, e filmes são as maiores armas nas mãos de qualquer classe dominante. Acrescente a isto todos os outros instrumentos de comunicação de massa livros, jornais, revistas, boletins informativos, propaganda, vídeos, computadores, some a tudo isso anos e anos de (des)educação, do controle que a classe dominante tem da totalidade das principais instituições. Os capitalistas controlam agências de propaganda, homogenizam a cultura, destroem as famílias, os bairros, as Casas. Diante de tudo isso as coisas ficam muito mais difíceis para um autônomo, um opositor de consciência, poder levar suas lutas, ou sobreviver aos ataques do sistema.

Não obstante, o controle capitalista da consciência e da cultura não é total. A cada momento surge um novo movimento de oposição. Há brechas no império através das quais a irreprimível subjetividade criativa dos seres humanos pode achar saídas. Esta é nossa principal esperança. A criação rápida de uma indimedia\* mundial, em apenas dois anos (datando de novembro de 1999), é uma manifestação espetacular desta esperança. É uma prova de que a mídia deles não conseguiu fazer uma completa lavagem cerebral em nossas mentes. Estou seguro de que há muitos outros modos de quebrar as estruturas da classe dominante, e afirmar nossos próprios valores e percepções.

Outro grande obstáculo que enfrentamos é o próprio mercado de trabalho. Temos que procurar trabalho. Isto significa que muitos de nós estamos o tempo todo fazendo isso. Muitos de nossos vizinhos farão isso por um par de anos (ou mesmo nós). Até mesmo se conseguíssemos montar assembleias de bairro, os sócios se revezariam constantemente. Não obstante, em cada bairro, existem muitos que conseguem permanecer a postos e poderiam prover a continuidade e a estabilidade necessária.

Procurar trabalho fora também resulta da enorme disjunção entre local de moradia e local de trabalho. A vasta maioria de pessoas que vivem em áreas urbanas ou suburbanas, ao redor do mundo, não trabalha nos bairros onde vivem. Eles viajam diariamente para outro lugar. Mesmo que o local de trabalho fique apenas a uma distância de meia milha isso pode atrapalhar sua participação nas assembleias de bairros distritais (2), dependendo, claro, da densidade da população. Quer dizer, mesmo se um bairro tiver sucesso em estabelecer uma assembleia de bairro e mesmo se os trabalhadores tomassem as fábricas e escritórios de seu bairro, ainda teríamos que lidar com dois tipos de pessoas: as que trabalham localmente e as que trabalham fora. (Muitos bairros suburbanos nem mesmo tem fábricas e escritórios; assim, o próprio subúrbio isto um obstáculo que terá que ser desmantelado ou reconstruído). Assim, como uma assembleia de bairro pode se tornar uma instância de tomada de decisão para determinar os Projetos naquela área? Levaria décadas, mesmo com o capitalismo destruído, até que todos trabalhassem perto de onde moram. Essas coisas devem necessariamente ocorrer aos poucos. Para evitar o caos total e a desintegração, a maioria das pessoas tem que continuar trabalhando normalmente. Caso contrário morreríamos todos. Não haveria nem comida, nem transporte, nem cuidado médico, nem eletricidade, nem calor, nem roupa. Assim, é evidente que pelo menos inicialmente, o processo de tomada de decisão não pode integrar o conjunto de oficinas autogestionárias e as Casas em uma assembleia de bairro.

Mas esta não é toda história. Existem mais razões que justificam essa estratégia. Em primeiro lugar, mesmo em um mundo social completamente reconstruído, haverá muitos Projetos inter-bairros que serão pactuados por várias assembleias de bairros em vez uma única assembleia de bairro. Assim, sempre haverá pessoas trabalhando longe dos bairros onde residem. Quer dizer, algumas pessoas assistirão às assembleias de seu bairro como indivíduos que são sócios de oficinas de autogestão fora do bairro onde moram. Em segundo lugar, é apenas através da reconstrução de nossos bairros, local de trabalho, e associações de Casas que poderemos destruir o capitalismo, e lentamente nos livrarmos desse absurdo padrão espacial trabalho/residência vomitado por este sistema estúpido.

Outro enorme obstáculo à criação da associação de bairros autônomos esboçada acima é a divisão mundial do trabalho. Todo pequeno empreendimento (escritório, oficina, clínica, sala de aula) adquire materiais e equipamentos que são produzidos em lugares distantes. Lâmpadas incandescentes vem de muito longe. Papel, canetas, eletricidade, computadores, mobília, medicamentos, máquinas, tudo vem de fora. Em pouco tempo, nenhum empreendimento poderia continuar funcionando se estas redes de comércio fossem rompidas. No momento este comércio é controlado pelas corporações. Nas últimas décadas, determinadas corporações transnacionais promotoras da globalização do capital, e a divisão mundial do trabalho (e redes de comércio) mais uma vez tiveram um salto expansivo. O capital cumpriu seu papel descentralizando a produção, espalhando indústrias em todas as partes do mundo, tudo tornado possível pela nova tecnologia da comunicação e da informação. Claro que as coisas não tem que ser assim, nem este é, necessariamente, o melhor modo de organizar a produção. Esta atual divisão do trabalho, induzida e moldada pelos imperativos do capital, certamente constitui um obstáculo ao estabelecimento de Casas democráticas e autônomas de pessoas livres. Levará tempo para reestruturar o comércio de forma a refletir o princípio da liberdade em vez da escravidão.

Enquanto isso, as redes de comércio existentes terão que ser mantidas e em funcionamento. Mas quem as manterá? E

como? Obviamente você não pode subverter o mundo incorporado mantendo sua divisão do trabalho. Isso nos conduz a uma conclusão importante: já que os padrões residenciais e a divisão do trabalho não podem ser subvertidos; eles têm que ser substituídos. (Isto também é verdade para a relação de propriedade capitalista e instituições capitalistas de tomada de decisão) eu não tenho dúvida alguma de que as assembléias de bairro e os Projetos autogeridos poderão eventualmente construir extensas redes de comércio para substituir as redes atuais controladas pelas corporações.

No que diz respeito às relações de propriedade capitalistas, elas tradicionalmente sempre foram vistas como o maior dos obstáculos para alcançar o comunismo. A realidade é que os capitalistas "possuem" as terras e as fábricas, e que essa "propriedade" é prevista em lei, apoiada pelos tribunais, e forçada pela polícia. Foi esse fato que levou as forças anticapitalistas a focalizar seus esforços primeiramente no estado em seus esforços para abolir as relações de propriedade. Esta estratégia provou-se inefetiva, por quase um século de tentativas. Em todo caso, qualquer tentativa por estabelecer bairros autônomos, com as Casas e Projetos funcionando cooperativamente, funcionaria contra as relações de propriedade capitalistas de forma a superá-las.

O poder militar da classe dominante capitalista é evidentemente um obstáculo óbvio ao estabelecimento de bairros democráticos, autônomos. A habilidade que os capitalistas tem para simplesmente nos assassinar, se quiserem, para proteger seus lucros, realmente é apavorante. Não obstante, embora esse poder de fogo prevaleça, não é invencível. Podemos derrotá-lo.

Nunca devemos nos esquecer que estamos em guerra, e essa guerra já dura 500 anos. Estamos envoltos em uma guerra de classes. Isto define nossa situação historicamente e delimita o papel que podemos desempenhar. Seria ótimo pensar em paz, por exemplo, mas isto está fora de questão. Esta opção está excluída pelas condições históricas. A paz só pode ser alcançada pela destruição do capitalismo.

As vítimas desta guerra, do nosso lado, remonta a somas astronômicas, e não é de hoje que isso acontece. Calcula-se que trinta milhões de pessoas pereceram durante o primeiro século da invasão capitalista das Américas, inclusive milhões de africanos que morreram como escravos. Milhares de camponeses morreram nas grandes revoltas na França e na Alemanha nos séculos XVI e XVII. Durante o movimento dos documentos na Inglaterra e durante a primeira onda de industrialização, morreram centenas de milhares de pessoas desnecessariamente. Escravos africanos morreram aos milhões (algumas estimativas chegam a quinze milhões) durante o cruzamento Atlântico. Centenas de pessoas pobres foram enforcadas em Londres no princípio do século XIX para forçar o povo a aceitar as novas leis de propriedade. Durante a insurreição de Paris de 1871, foram mortos 30.000 comunardos. Vinte milhões de vidas se perderam no Gulag de Stalin, e milhões mais pereceram nos anos trinta quando o estado soviético desapropriou a terra e forçou a coletivização da agricultura, um evento historicamente comparável ao dos documentos na Inglaterra (dessa forma, os bolcheviques destruíram uma das maiores revoluções camponesas de todos os tempos). Milhares de militantes foram assassinados pela polícia alemã durante na eminência da revolução na Alemanha e na Áustria em 1919. Foram mortos milhares de trabalhadores e camponeses durante a guerra civil espanhola. Hitler matou 10 milhões de pessoas nos campos de concentração (incluindo seis milhões de judeus nas câmaras de gás). Uma estimativa revela que foram assassinados 200.000 líderes operários e camponeses, ativistas, e cidadãos na Guatemala desde o golpe em 1954. Milhares de vidas foram ceifadas na Revolução húngara de 1956. Milhões de comunistas foram massacrados na Indonésia em 1975. Milhões de vietnamitas foram mortos pelos capitalistas franceses e americanos durante décadas de colonialismo. E quantos mais foram mortos durante a dominação capitalista britânica na Índia, e durante a colonização capitalista européia da Ásia e da África? A principal arma dos capitalistas sempre foi assassinar qualquer pessoa que simplesmente ameace quebrar suas regras. Milhares foram mortos pelo contras e pelos esquadrões da morte na Nicarágua e El Salvador. Milhares foram assassinados no Chile por Pinochet durante sua contra-revolução, após o assassinato de Allende. Falando de assassinatos - Patrice Lumumba, Rosa Luxemburg, Antônio Gramsci (morreu em prisão), Ricardo Flores Magon (morreu na prisão), Che Guevara, Gustav Landauer, Malcolm X, Martin Luther King Jr., Fred Hampton, George Jackson, os anarquistas de Chicago, Amílcar Cabral, Steve Biko, Karl Liebnicht, Nat Turner, e milhares mais. Nesse momento milhares de pessoas estão sendo assassinadas na Colômbia e no Oriente Médio. Milhares morrem todos os anos nos próprios locais de trabalho nos Estados Unidos. Oitenta mil morrem desnecessariamente em hospitais todos os anos nos Estados Unidos devido a malversação e negligência. Cinqüenta mil morrem todos os anos em acidentes de automóvel nos EUA, mortes diretamente relacionadas a decisões capitalistas que rejeitaram o transporte de massa para favorecer uma economia baseada no petróleo, estradas, e veículos (veículos inseguros e perigosos). Milhares morreram em minas desde que capitalismo começou. Milhões de pessoas estão morrendo agora mesmo, todos os anos, de escassez diretamente atribuível aos capitalistas, e de doenças que poderiam ser facilmente evitadas com uma desprezível parcela dos recursos que estão nas mãos dos capitalistas. Quase todas as mortes relacionadas à pobreza ocorrem por causa dos capitalistas. É incalculável a quantidade de raquíticos, deficientes e mortes prematuras causadas pelos capitalistas. Sem mencionar os milhões de nós

que estamos morrendo, enquanto lutamos em suas mesquinhas e estúpidas guerras mundiais, e em suas guerras coloniais igualmente estúpidas. (Esta enumeração está muito longe de estar completa)

Os Capitalistas (em termos gerais) não são apenas ladrões. São também assassinos. Seus roubos e assassinatos alcançaram uma escala nunca vista em toda a história, uma escala tão vasta que estonteia a mente. Diante dos capitalistas, Alexandre, César, Genghis, e Átila parecem escoteiros. Estamos diante de um terrível inimigo.

Já posso ouvir reclamações de protesto de que não podemos lançar toda a culpa nas costas dos capitalistas, o holocausto de Hitler, o Gulag de Stalin, assassinatos raciais, como também a escassez. Eu posso e eu lanço a culpa em cima dos capitalistas, e se este texto fosse sobre esse tema específico, eu apresentaria argumentos razoáveis e documentos para comprovar o que digo.

\*Indymedia: <http://brasil.indymedia.org/>

## 5. Estratégias que Falharam

**1. Social Democracia** (ganhar o controle do aparato estatal através das eleições). Nós não podemos destruir o capitalismo via eleições. Assim foi no passado e assim será no futuro, mesmo com numerosos governos socialistas chegando ao poder na Europa, às vezes durante décadas. Não podemos destruir o capitalismo via eleições porque os governos não têm a última palavra, eles não controlam a sociedade. Os capitalistas têm a última palavra. O governo não controla os capitalistas; os capitalistas controlam o governo. O governo moderno (isto é, o sistema de nação-estado) é uma invenção capitalista. É uma ferramenta nas mãos deles e eles sabem usá-la com maestria, isto é, impedir que seja usada contra eles. Quando os trabalhadores construíram e controlaram partidos políticos, fizeram uso deste partido para ganhar eleições e chegar ao governo, e usaram esse governo para estabelecer o socialismo, tudo isso parecia uma estratégia bastante plausível quando foi pela primeira vez implementada na metade do século dezanove, já passou tempo suficiente para reconhecermos e admitirmos que tal estratégia simplesmente não funcionou. O capitalismo continua a todo vapor, não importa quem controla o governo.

**2. Leninismo** (capturar o aparato estatal pela força das armas). Nós não podemos destruir o capitalismo tomando o governo por uma auto-proclamada revolução. Esta foi uma estratégia amplamente usada durante o último século nos países capitalistas periféricos (Movimentos de Liberação Nacionais), começando com a Revolução russa. Dúzias de "partidos revolucionários" alcançaram o poder em várias partes do mundo, mas em lugar algum tiveram sucesso em destruir o capitalismo. O máximo que conseguiram foi simplesmente fazer aquilo que os capitalistas sempre fizeram, acumular mais capital. Eles se tornam, inevitavelmente (e apesar das suas intenções), nada mais que outro governo, no sistema de nação-estado, infalivelmente embutido no capitalismo, sem possibilidade de fuga. Gerações de revolucionários dedicaram suas vidas a esta estratégia. Parecia a melhor coisa a fazer na ocasião, e talvez fosse. Mas agora, depois de quase um século de tentativas, está dolorosamente claro que a estratégia falhou, e cada vez mais os revolucionários estão chegando a esta conclusão. Os poucos remanescentes leninistas 'duros na queda' que ainda estão lutando para construir um partido de vanguarda para tomar o poder estatal definitivamente são, e somos gratos por isso, uma raça agonizante.

**3. Guerrilha.** Não podemos destruir o capitalismo com guerrilha. Esta estratégia foi adotada principalmente por uma parcela dos Movimentos de Liberação Nacionais em países coloniais para capturar os governos lá estabelecidos. É uma forma de leninismo. O leninismo em geral não funciona. Da mesma forma, a guerra de guerrilha, como uma tática particular dentro do leninismo, também não funciona. Os capitalistas aprenderam a derrotá-la. A estratégia se baseia na suposta repugnância dos capitalistas em assassinar as populações civis para matar também as guerrilhas. A verdade é que os capitalistas nunca mostraram nenhuma relutância em matar civis. Eles estão dispostos a assassinar em massa, desarraigar e deslocar populações inteiras para derrotar os movimentos de guerrilha. E eles sempre acabam ganhando. (A guerra atual na Colômbia servirá talvez como o teste final dessa estratégia).

Alguns revolucionários românticos pretenderam adotar tal estratégia nos países do primeiro mundo, com resultados desastrosos. Os capitalistas estão se deleitando com esse novo inimigo, que denominaram "terroristas" e "anarquistas", uma vez que os "comunistas" já se foram. Mas claro que eles difamarão qualquer movimento de oposição, mas não é por isso que a guerra de guerrilha não funciona. A guerra de guerrilha não funciona porque faz parte do leninismo (tomar o poder estatal) e o leninismo nunca funcionou. Nunca funcionou nem nunca funcionará por causa do poder de fogo opressivo acumulado por todo governo capitalista avançado. Não funcionará porque não contém dentro de si as sementes de uma civilização nova. Eu pensaria duas vezes antes de unir ao ativismo subterrâneo.

**4. Sindicalismo** (federações de camponeses, conselhos de soldados e operários). Não podemos destruir o capitalismo tomando e ocupando fábricas e fazendas, pelo menos não da maneira como tem ocorrido até hoje. Não obstante, de todas as estratégias que falharam, o sindicalismo é a única que chegou perto de ter sucesso, e a única que até mesmo vislumbrou a criação de um mundo novo. Esteve intimamente ligado à grande revolução espanhola nos anos trinta. Infelizmente, aquela magnífica revolução foi derrotada. Na realidade, todas as revoluções sindicalistas falharam uma após a outra.

Eu acredito haver falhas sérias inerentes à própria estratégia. Em primeiro lugar, a estratégia do sindicalismo ignora as Casas, como se as Casas não fizessem parte dos meios de produção. Assim exclui milhões de trabalhadores em construção da participação ativa na revolução. Eles são um importante apoio na revolução.

Também exclui pessoas mais velhas, pessoas mais jovens, pessoas doentes, prisioneiros, estudantes, e milhões de trabalhadores desempregados. Pensar que uma revolução só pode ser feita apenas por aqueles que se mantêm empregados é a mais completa loucura. Talvez imediatamente após os sindicalistas "tomarem as fábricas" e fazerem a revolução esta exclusão pudesse ser superada com todo mundo formando conselhos nas casas ou escolas, mas isto não ajudaria muito durante a própria revolução. O quadro inteiro é desajustado, excêntrico.

Além disso, os sindicalistas nunca especificaram com clareza suficiente como todos os vários conselhos funcionariam no processo de tomada de decisão e da implementação das políticas. Tornam-se defensivos, e propõem uma nova civilização. No calor revolucionário da Alemanha de 1918 os conselhos de operários e de soldados foram durante alguns meses o único poder organizado. Eles poderiam ter vencido. Mas estavam confusos sobre o que fazer. Eles não conseguiam ver nada além de seus próprios conselhos para o estabelecimento do poder global e da derrota do capitalismo.

Na massiva greve geral da Polônia em 1980, surgiram conselhos em todo país, nas fábricas, escritórios, minas, e nas fazendas. Mas eles não souberam compor um arranjo social alternativo capaz de substituir a estrutura de poder existente. Além disso, eles se abstiveram erradamente de atacar o poder da classe dominante de forma a destruí-lo. Ao invés disso eles buscaram uma coexistência sob o pano de fundo de uma intranquã mas conciliadora estrutura dual (talvez porque temessem uma invasão soviética; mas uma estratégia que não leve em conta exércitos externos tende ao fracasso).

Associações por local de trabalho precisam de assembleias permanentes, com décadas de experiência sob seu próprio controle, para poderem ter alguma chance de sucesso. Não se pode, repentinamente, vomitar soluções novas em meio a uma profunda crise, ou em plena greve geral, com um governo forte pronto para atacar, apoiado em forças militares completamente operacionais. Não é de forma alguma surpreendente que os levantes do estilo sindicalista acabaram em derrota.

Finalmente, o sindicalismo não funciona fora do mundo das relações entre os conselhos, fora da comunidade como um todo, e assumir que os trabalhadores em uma fábrica têm a palavra final sobre a distribuição dos recursos produzidos (ou se a fábrica deveria até mesmo existir) em vez da comunidade como um todo, simplesmente não funciona. Nem mesmo se os sindicalistas trabalharem relações intercomunitárias. Em resumo, o sindicalismo é uma estratégia imatura que não foi capaz de destruir o capitalismo, embora assumisse a direção correta.

**5. Greves Gerais.** Greves gerais não podem destruir o capitalismo. Há um limite onde depois de cerca de seis semanas elas tendem a se esvaziar. Além disso a sociedade começa a desintegrar. Os grevistas gerais não têm a mesma concepção sobre como reconstituir sociedade em arranjos sociais alternativos, em pouco tempo são compelidos a voltar para os seus empregos para poder sobreviver, para poder matar a fome. Tudo o que um governo tem que fazer é esperar eles voltarem, enquanto fazem algumas concessões talvez para aplacar a fúria das massas. Foi exatamente isso que De Gaulle fez na França em 1968.

Uma greve geral pode não durar nem mesmo seis semanas se for realmente geral, se todo mundo parasse de trabalhar. Sob tais condições não haveria nenhuma água, eletricidade, calor, ou comida. O lixo se amontoaria. Não poderíamos ir a lugar algum porque os postos de gasolina seriam fechados. Não poderíamos receber tratamento médico. Assim, estaríamos principalmente ferindo a nós mesmos. E quais poderiam ser nossos possíveis objetivos? Parando o trabalho, não estaríamos obviamente objetivando ocupar e tomar posse do local de trabalho. Se isso fosse nosso alvo continuaríamos trabalhando, mas expulsaríamos os patrões. Assim, nosso principal alvo teria que ser derrubar um governo, e substituí-lo por outro. Esta poderia ser uma meta legítima se precisássemos nos libertar de um regime particularmente opressivo. Mas para nos libertar do capitalismo, a greve geral não nos levará a parte alguma. Não acho de devamos desperdiçar energia agitando uma Greve Geral.

**6. Greves.** Greve contra uma determinada corporação não pode destruir o capitalismo. Quem a pratica nem mesmo pensa nisso. O propósito dessas greves é reverter o grau de exploração a favor dos trabalhadores. Muito raramente eles se unem para exigir algum controle por parte dos operários (abolição do escravo assalariado? Nem pensar!); evidentemente ninguém pode superar as relações de propriedade capitalistas em uma única corporação. A greve não traz por si só a perspectiva de reconstituir as relações sociais da sociedade, nem tem essa intenção.

Nos últimos anos as greves vêm perdendo a maior parte de seus adeptos no sentido de conquistar benefícios a curto prazo para o proletariado. Frequentemente os grevistas acabam derrotados: os líderes sindicais não raramente se vendem aos patrões; o proprietário ignora, ou simplesmente demite todo mundo e contrata todo um novo quadro de empregados; os proprietários transferem suas fábricas para outro lugar; o governo declara a greve ilegal e convoca a milícia estatal. O pipocar de greves torna-se uma florescente indústria de consultoria advocatícia. Décadas de propaganda anti-sindical através da mídia controlada e incorporada destruíram a cultura do proletariado pró-trabalho, ao mesmo tempo em que deram todo apoio aos administradores furadores de greves. Hoje em dia, para que os grevistas adquiram qualquer benefício, é necessário que comunidades inteiras sejam mobilizadas, e que esses grevistas estejam acoplados a campanhas nacionais. Mesmo assim, tais greves não deixam de apontar apenas para salários mais altos, benefícios de saúde, e daí por diante. As greves não são anticapitalistas. Com raríssimas exceções, elas nem mesmo lutam por uma jornada de trabalho mais curta, nem sequer falam sobre controle operário.

Eu não acredito que esta situação seja temporária ou possa ser revertida. Não há dúvida que as greves são importantes, ou pelo menos o foram no passado, na luta interminável contra a extração da riqueza criada pelos produtores diretos, contudo elas não podem destruir o capitalismo enquanto sistema.

**7. Sindicatos.** Os sindicatos não podem destruir o capitalismo. Embora criados pelos trabalhadores, principalmente para ajudá-los a se proteger da devastação da escravidão assalariada, eles há muito vêm perdendo seu potencial emancipatório. Eles são facilmente cooptados pela classe dominante e usados contra os trabalhadores, como uma ferramenta disciplinar, na prevenção de greves, na prevenção de ações trabalhistas, para escoar o poder operário, para estabilizar a mão-de-obra e reduzir as faltas, para pacificar os trabalhadores, para reduzir as reivindicações, e assim sucessivamente. Na primeira metade do século dezenove (e com raríssimas exceções) os sindicatos eram "sindicatos empresariais", funcionando como um instrumento que o capitalista utilizava para administrar as "relações trabalhistas". Há uma falha inerente na estratégia. Está baseado em construir um lado institucional burocrático fora do local de trabalho, em vez de uma livre associação de trabalhadores dentro do local de trabalho. Em todo caso o auge dos sindicatos remonta de um já distante passado e qualquer esperança de retornar àqueles tempos é pura desilusão.

Nos últimos anos houve um movimento para reconstruir os sindicatos, até mesmo nos Estados Unidos onde o nível de conscientização dos trabalhadores é notoriamente nulo, e onde a quantidade de associados do sindicato é oito por cento menor nos setores não governamentais. Também em outros países, especialmente os países pobres, existem poucos sindicatos fortes, tanto que muitas indústrias estão se transferindo para esses países, e os sweatshops se espalham como uma praga. Com raríssimas exceções, estes sindicatos não são anticapitalistas. Naturalmente, é importante a luta por melhores condições de vida, por salários mais altos, por uma jornada de trabalho menor, benefícios de saúde. Mas tais lutas frequentemente enfatizam os males do sistema de escravidão assalariada, e tem como alvo melhorar um pouco a qualidade de vida dos trabalhadores. Quem não fica entusiasmado com o recente movimento anti-sweatshop que está mobilizando os estudantes nos campus universitários dos Estados Unidos? Mas o que é mais necessário hoje é que nos livremos do capitalismo. Mesmo que o ativismo operário atual tenha sucesso, e reconstrua os sindicatos e os tornem fortes como o foram no passado, nós podemos esperar estes sindicatos recentemente reconstruídos realizem mais do que o fizeram os poderosos sindicatos do passado em sua total plenitude e força? Um movimento que estava embutido por comunistas, socialistas, e culturas proletárias anarquistas, culturas que foram obliteradas, ou não são predominantes em nossos dias? É difícil acreditar que possam.

**8. Insurreições.** Insurreições não podem destruir o capitalismo. Chego mesmo a pensar que a classe dominante está andando e cagando para qualquer uma delas. Você pode até mesmo fazer um grande alvoroço pelas ruas se é isso tudo o que você quer fazer, pode queimar completamente seus bairros, e pode pilhar todas as lojas locais como manda o figurino. Eles sabem que você não chegará a lugar algum. Eles sabem que a raiva cega se extingue por si própria. Eles sabem que chegará a hora em que todos esses insurgentes queiram ou não, retornarão de cabeça baixa aos seus empregos. Nada mudou. Nada foi organizado. Nenhuma nova associação foi criada. Os capitalistas perderão uma noite de sono se eles perderem uma cidade inteira? Eles podem dispor isto. Tudo que eles têm a fazer é isolar a área de conflagração, esperar que o fogo queime tudo e depois se apague, entrar e prender milhares das pessoas ao acaso, e depois ir embora, ao mesmo

tempo em que deixam "os amotinadores" se lascarem dentro de seus próprios bairros arruinados se virando como podem. Talvez nós deveríamos pensar em algo menor mas que danifique o capitalismo do que queimar completamente nossos próprios bairros.

**9. Desobediência civil.** Ato de desobediência civil não podem destruir o capitalismo. Mesmo enquanto vigorosa expressão de um preceito moral. Mas preceitos morais são inócuos contra gente imoral. Entram por um ouvido e saem pelo outro. Então, o ato de deliberadamente quebrar uma lei e deixar-se aprisionar por isso é de limitado valor no que diz respeito a minar o poder dos governantes. Os atos de desobediência civil podem ser usados como armas onde o campo de batalha é o coração e a mente das pessoas comuns, supondo que elas estejam dispostas a abrir seus corações e mentes para essas coisas. Mas a verdade é que tais ações são praticadas por pessoas impotentes. Pessoas impotentes usam qualquer coisa que está ao seu dispor. E é aí que está o X da questão. Por que permanecer impotente, em vez de adotar uma estratégia diferente (construir associações estratégicas) pela qual poderíamos nos fortalecer sem desperdiçar energia em atos impotentes de desobediência civil contra leis que não fizemos e que consideramos injustas?

Além disso, a desobediência civil é uma tática usada principalmente por radicais bem estruturados, apoiados por uma extensa rede de amigos e familiares que tem por eles tal estima, respeito e consideração, que lhes dão a certeza de que não ficarão por muito tempo aprisionados. Isto não se aplica, naturalmente, aos religiosos fortemente motivados que às vezes passam longos anos na prisão em defesa de determinado padrão de moralidade. Mas você quase nunca vê pessoas pobres ou minorias deliberadamente se submetendo à prisão, pois elas sabem que uma vez presas é improvável que saiam em pouco tempo.

A desobediência civil tem a desvantagem adicional de que o movimento tem que gastar muito tempo precioso e dinheiro para tirar essas pessoas da prisão. Ora, se há uma multidão de indivíduos que nesse momento, de todas as maneiras, estão sendo presos contra suas vontades, porque temos que lutar para libertar pessoas que voluntariamente se entregam nas mãos de seus carcereiros?

**10. Campanhas Específicas.** Não podemos destruir o capitalismo com campanhas específicas. Mesmo que os radicais gastem grandes energias nestas campanhas. Há dúzias delas: campanhas para preservar as florestas, controle dos aluguéis, parar com matança de baleias, parar com experiências em animais, defender o livre aborto, parar com contaminação tóxica, parar provas nucleares, parar de fumar, parar a pornografia, parar testes de drogas, parar com drogas, parar guerra das drogas, parar brutalidade policial, parar com a falência dos sindicatos, parar pena de morte, parar racismo, parar sexismo, parar com abuso infantil, parar o reemergente tráfico de escravos, parar o bombardeio contra os palestinos, parar de matar sequóias canadenses, parar propagação dos anúncios, parar o patenteamento de genes, parar captura e matança de animais para comércio de peles, parar com irradiação na carne, parar com alimentos geneticamente modificados, parar clonagem humana, parar com esquadrões da morte na Colômbia, parar Banco Mundial e Organização Mundial do Comércio, parar a exterminação das espécies, parar corporações de comprar políticos, parar com avaliação educacional, parar uso de hormônio de crescimento bovino nas vacas leiteiras, impedir fim das rádios FM, parar com o efeito estufa, parar militarização do espaço, parar matança dos oceanos, e sem parar absolutamente nada. Tudo que conseguimos é desperdiçar nossas vidas tentando consertar um sistema que produz males mais rápido do que nossas ações tentando erradicá-los.

Embora algumas destas campanhas usem a ação direta (por exemplo, pregos nos troncos para impedir o corte das árvores ou os botes do Greenpeace para bloquear os arpões dos navios baleeiros), a maior parte dessas campanhas são dirigidas no sentido de alterar leis no Congresso para corrigir o problema. Infelizmente, muitas vezes tais reformas são implementadas apenas depois de uma década, e depois de uma infinita agitação, e quando menos se espera, depois que os manifestantes se desmobilizam, ou depois que uma nova administração chega ao poder, as leis voltam a ser como eram antes. Claro que todas estas lutas têm valor e são necessárias. Quem se oporia as campanhas contra o efeito estufa, pela libertação de Leonard Peltier, ou pela ajuda ao Timor Leste? As campanhas específicas nos mantêm atentos àquilo que está errado, e às vezes até mesmo saem vitoriosas. Mas por elas mesmas, elas não podem destruir o capitalismo, elas sempre estarão na defensiva. É utópico acreditar que possamos reformar o capitalismo. A maioria destes males só pode ser erradicado para o bem de todos nós se destruirmos o capitalismo e criarmos uma nova civilização. Não podemos desejar nada menos do que destruir o capitalismo. É a nossa própria sobrevivência que está em jogo. Existe uma campanha específica que endosso de todo meu coração: a erradicação total e permanente de capitalismo.

Entretanto, muitos milhões de nós estamos desarraigados, totalmente alienados do local e da comunidade onde vivemos. Somos parte da vasta massa de indivíduos atomizados e concebidos para estar a disposição do mercado de trabalho, no sistema de escravidão-assalariada. Nossas atividades políticas tendem a refletir isto. Tendemos a agir como



manifestantes à deriva. Mas poderíamos começar a mudar esse panorama. Para começar poderíamos nos arraigar em nossas comunidades locais. Claro que isto será mais possível para alguns do que para outros. Evidentemente, não pode haver nenhuma regra rígida e rápida. Muitos de nós poderíamos começar estabelecendo uma livre-associação no trabalho, em casa, e até mesmo no bairro. A partir destes três locais estratégicos podemos iniciar uma luta para acabar com aquilo que não gostamos, adotando campanhas específicas, que poderiam ser combinadas com aquilo que queremos. Teremos muito mais poder para parar com aquilo que não gostamos. Nossas campanhas específicas teriam uma chance de alcançar sucesso.

Falta-nos livre-associação, assembléias livres, em nível local. Se adicionássemos esses ingredientes na mistura, estaríamos dando os primeiros passos para chegar em algum lugar. Poderíamos atacar a classe dominante por todos os lados. Há milhões e milhões de nós, o suficiente para fazer tudo o que é necessário, mas de tudo que fizemos tem que haver envolvimento ao nível local, especialmente nestes três locais estratégicos.

**11. Manifestações.** Não podemos destruir o capitalismo organizando manifestações. Esta mais popular de todas as estratégias radicais também é uma das mais questionáveis. Invariavelmente, as manifestações pouco envergonham aos capitalistas, não os amedronta, nem mesmo os prejudicam. Em geral, elas são apenas uma espécie de reivindicação. Elas solicitam à classe dominante que considere alguma queixa, essencialmente pedindo mudança nas políticas. Elas não são projetadas para retirar qualquer poder ou riqueza das mãos dos capitalistas. Elas só duram alguns horas ou um dia ou dois, e depois, com raras exceções, tudo volta a ser como era antes. Se elas ganharem ocasionalmente uma concessão, é normalmente secundária e de curto prazo. Elas não constroem um mundo social alternativo. Elas funcionam principalmente como um alerta à classe dominante de que precisa de um retoque, ou que crie novas medidas para se opor a uma fonte emergente de oposição.

Mas mesmo que as manifestações cresçam mais e mais, e se tornem um modo de apresentar nossas demandas e de fazer nossa oposição conhecida, mesmo assim não há como saber se nossas exigências serão atendidas. Nossa oposição é vazia. É banguela. Para que nossas manifestações adquiram a capacidade de morder, teríamos que nos reorganizar, reorientar, arraigar, ajuntar, ao nível local. Então quando retornássemos às manifestações de protesto contra as iniciativas e Projetos da classe dominante haveria algum músculo por detrás dos protestos, em vez de apenas gritos de slogans, bandeiras desfraldadas, pirulitos, escaramuças nas ruas, e bonecos espertos. Estaríamos prontos para entrar em ação se nossas exigências não fossem atendidas. Então quando disséssemos: "De quem são as ruas? As ruas são nossas!", nossas palavras poderiam representar mais que uma viagem mental.

A manifestação não é sequer uma boa ferramenta de propaganda, porque a classe dominante, devido ao seu controle da mídia, pode dar a versão que bem entender ao evento, e invariavelmente a interpretação que adota vai no sentido de prejudicar o movimento de oposição, não são raras as vezes em que silenciam completamente, como se nada estivesse acontecendo, pouco antes dos eventos eles simplesmente os ignoram, nem mesmo o mencionam. E isso funciona muito bem.

E nós, o que ganhamos com isso? Um assunto pode atrair a atenção do público, ou melhor, de uma pequena parcela do público, porque para a maioria, o protesto dos manifestantes é neutralizado pela mídia corporativa. Também, pode ser que mais pessoas se juntem ao movimento de oposição. Para esses participantes, uma manifestação pode ser uma experiência inspiradora. (Em muitos casos, entretanto, este entusiasmo acaba arrefecido pelo desânimo de ter que voltar para casa e ver que tudo continua como era antes). Manifestações podem até contribuir na construção de um movimento de oposição. Mas os ganhos são maiores que os prejuízos? Grandes manifestações nacionais escoam mais energia e recursos do que as lutas locais. Elas valem a pena? Mas até mesmo manifestações locais são caras, enquanto requerem tempo, energia, e dinheiro que sempre saem do bolso dos radicais. Tais manifestações compensam todo o esforço e despesas aplicados em sua organização? Seja qual for a resposta, no final das contas foi apenas uma expressão de protesto. Elas revelam as coisas que não concordamos. Pela sua própria natureza, as manifestações têm um valor limitado para articular aquilo que pretendemos alcançar. Nos posicionamos contra a guerra no Vietnã, e daí? Nos posicionamos contra a Organização Mundial do Comércio, e daí?

Em vez de tomar as ruas e passar o tempo todo marchando, protestando contra isto ou aquilo (enquanto a polícia tira nossas fotos), seria melhor ficar em casa e construir nosso próprio local de trabalho, construir nosso bairro, e construir nossas associações de Casas até alcançarmos poder suficiente para golpear o coração do capitalismo. Não podemos construir um novo mundo e uma nova sociedade nas ruas.

**12. Novos Movimentos Sociais.** Os chamados Novos Movimentos Sociais, baseados em gênero, identidades raciais, sexuais, ou étnicas, não podem destruir o capitalismo. Nem mesmo tentam fazer isso. Exceto um ou outro indivíduo radical dentro dos movimentos, as pessoas que compõem os movimentos tentam ser incluídos no sistema, não subverte-lo. Isto é verdade para mulher, negro, homossexual, e identidades étnicas (inclusive 'nativas'), como também para todas as outras identidades - idosos, deficientes, mães, e assim sucessivamente. Nada desviou tão completamente a luta anticapitalista durante o último quarto de século do que estes movimentos. Às vezes parece que identidade política é tudo aquilo que está à esquerda da esquerda. A identidade política simplesmente sufoca a política de classe.

As versões populares destes movimentos (onde se luta para entrar no sistema em vez de subvertê-lo) proporcionou aos capitalistas uma chance de se mascararem como 'mais humanos', eliminando tensões aqui e lá, assumindo a inclusão simbólica dos representantes dos grupos excluídos. Muitas das reivindicações destes movimentos podem ser facilmente encaminhas. Os capitalistas podem conviver com conselhos de administração por etnia, gênero, e diversidade racial, contanto que todos os sócios representantes sejam pró-capitalistas. Os capitalistas podem facilmente aceitar um gabinete arco-íris contanto que tal gabinete toque para a frente a agenda corporativa capitalista. A popularidade das políticas de identidade não constitui nenhuma ameaça ao capitalismo. São movimentos liberais, que apenas buscam reformar o sistema, não aboli-lo.

Não obstante, as alas radicais desses novos movimentos sociais são bem mais subversivas. Estes militantes perceberam a necessidade de atacar a ordem social como um todo para desarraigar o racismo e o sexismo -- problemas que jamais serão superados sob o capitalismo, uma vez que tais problemas são parte integrante do capitalismo. É inegável que males como o racismo, o sexismo, e o nacionalismo compõem bases estruturais a serviço do controle da classe dominante. Estes militantes fizeram tudo que puderam para realçar, analisar, e minimizar estes males. Infelizmente, a maior parte de seus clamores se perdem no vazio no momento em que o sistema absorve a maior parte do movimento.

Claro que houve um avanço. O movimento das mulheres mudou a consciência do mundo sobre gênero. O serviço doméstico não pago foi reconhecido como um ingrediente fundamental no sistema de escravidão-assalariada. A reprodução, como também a produção, foi incluída em nossa análise do sistema. As políticas de identidade em geral descortinaram a quantidade de pessoas excluídas, expondo as falhas das estratégias revolucionárias anteriormente delineadas. Também, as reivindicações por igualdade racial e de gênero são por elas mesmas inerentemente revolucionárias. Todavia, os capitalistas jamais cederão a tal exigência, pois a discriminação racial e de gênero constituem dois dos mecanismos estruturais, dois fundamentos essenciais para a manutenção dos salários baixos, possibilitando os lucros.

Não obstante, estou convencido de que continuaremos tropeçando em nossas próprias pernas, a menos que retomemos a política de classe como prioridade absoluta, integrando as lutas de gênero, racial, sexual, e igualdade etária, à luta de classe.

**13. Boicotes.** Boicotes não podem destruir o capitalismo. Eles sempre foram um modo extremamente ineficaz de atacar o sistema, e quase impossível desenvolver qualquer lampejo de organização através dessa tática. Eles quase invariavelmente falham em seus objetivos. Nos raros casos em que são bem sucedidos, os ganhos são secundários. Uma corporação é forçada a remendar suas políticas de trabalho aqui e ali, parar de fabricar determinado produto, ou mudar de lugar. É tudo o que pode acontecer.

Nos últimos anos boicotar tornou-se um modo de vida para milhares de ambientalistas. Eles publicam volumosos livros relatando quais produtos devemos comprar e quais devemos boicotar, abrangendo literalmente tudo, desde papel higiênico até desodorantes, alimentos e brinquedos. Tudo que eles conseguem fazer é criar toda uma nova indústria capitalista de produtos politicamente corretos. Eles compraram o mito de que a "economia" nos dará qualquer coisa que queiramos, basta exigí-la, e que são nossos desejos que estão errados, não o próprio sistema.

É verdade que é melhor não comer alimento poluído com inseticidas, que é melhor não usar roupas feitas com mão-de-obra infantil, que é melhor não usar maquiagem cujos testes cegam os coelhos. Mas o capitalismo não pode ser destruído fazendo tais escolhas. Se tivermos que boicotar algo, poderíamos tentar boicotar a escravidão assalariada.

**14. Isolamento.** Não podemos destruir o capitalismo isolando-nos, enquanto indivíduo, pequeno grupo, ou comunidade. Continuamente vemos gente fazendo isso e não passa muito tempo vem a notícia de que fracassaram, e sempre fracassam. Não há como fugir do capitalismo. Não existe nenhum lugar para onde ir, em parte alguma. A única maneira de se livrar

do capitalismo é destruí-lo. Então poderíamos ser livres. Na realidade, os capitalistas adoram quando caímos fora. Eles não precisam de nós. Eles já têm uma quantidade suficiente de pescoços cheios de sangue para chupar. De que lhes importa se vivemos debaixo de pontes, famintos, e morremos jovens? Eu nunca vi a classe dominante ansiosa por ajudar sem-teto.

Não há nada mais ilusório do que pensar que o isolamento de um indivíduo levará uma comunidade inteira a se retirar do sistema para poder construir seu próprio pequeno mundo novo em outro lugar. Isto foi tentado repetidas vezes por Casas utópicas ao longo do século dezenove. A estratégia renasceu nos anos sessenta com milhares de radicais da nova esquerda se instalando em seus agrupamentos rurais remotos para viver em comunidades (e dopar-se). A estratégia está aparecendo mais uma vez no movimento New Age com dezenas de comunidades New Age sendo formadas por todo lado nos Estados Unidos. Estes movimentos todos caíram no erro de que não tem que atacar o capitalismo e destruí-lo, mas simplesmente retirar-se, viver suas próprias vidas separadamente e independentemente. É uma terrível ilusão. Os capitalistas governam o mundo. Enquanto não forem derrotados ninguém será livre.

**15. Ludismo.** Quão maravilhosos foram os luditas, enquanto um dos mais ferozes opositores do capitalismo. Mas destruir máquinas, por si só, não pode destruir o capitalismo, da mesma forma que insurreições e greves também não o podem, pois suas ações não são projetadas para substituir o capitalismo com novos arranjos para a tomada de decisão. Tais coisas nem mesmo atingem o coração do capitalismo - a escravidão assalariada - mas apenas o aspecto físico da fábrica, os meios materiais de produção. Mesmo que a sabotagem, em larga escala, se estiver ligada a um movimento para destruir o capitalismo e substituí-lo por qualquer outra coisa, possa debilitar o mundo corporativo e provocar uma tensão na acumulação de capital, seria bem melhor para nós tomarmos posse das máquinas em vez de destruí-las. (Não que queiramos a maquinaria existente da forma como ela se apresenta; naturalmente ela terá que ser redesenhada; mas tomá-la para nós mesmos como forma de adquirir controle em cima dos meios de produção.)

Além disso, os luditas já estavam escravizados pelos capitalistas dentro de suas indústrias caseiras, antes mesmo que pudessem golpear. Eles se irritaram porque a maquinaria nova estava eliminando o trabalho habitual que eles faziam (uma velha forma de levar a vida, relativamente ligada a uma forte tradição). Nas condições atuais, seria como se os operadores em linotipo destruíssem os computadores por eliminar suas funções. O ponto crucial não está no ato de destruir equipamento novo. O problema não está na maquinaria mas na escravidão-assalariada. Se não fosse pela escravidão-assalariada daríamos boas-vindas aos dispositivos que diminuem o esforço humano, desde que não fossem destrutivos de outras maneiras, para nos livrar da labuta desnecessária.

Podemos nos inspirar nos luditas, como um bom exemplo de trabalhadores que resistiram agressivamente diante da eminente degradação de suas vidas, mas não deveríamos imita-los, pelo menos não como uma estratégia geral.

**16. Publicações.** Nós não podemos destruir o capitalismo com publicações. Duvido se alguém acredite que isso é possível. Eu só menciono isto aqui porque muitos de nós adotamos essa prática. Vivemos publicando coisas. Nosso argumento é que livros radicais, revistas, e jornais são armas na luta contra a hegemonia cultural burguesa. E isso é verdade. Mas nos permitem publicar porque a classe dominante não está nem um pouco preocupada com nossas rápidas anotações da "imprensa subterrânea." Suas armas -- televisão, rádio, filmes, escolas -- são infinitamente mais poderosas. Contudo, é perfeitamente concebível destruir o capitalismo sem publicação alguma. A estratégia de nos agruparmos nos locais de trabalho, bairros, e associações de moradores poderia ter êxito e poderia esparramar essa idéia boca-a-boca, de comunidade para comunidade. Destruir o capitalismo tem mais a ver com rearranjo social (reconstruir nossas relações sociais) do que propagar uma gama particular de idéias. Assim em vez de começar nosso próprio zine, por que não chamamos os colegas de trabalho ou nossos vizinhos para formar uma associação?

**17. Educação.** Não podemos destruir o capitalismo pela educação. Já não são muitos os radicais que recomendam esta estratégia, embora você ainda ocasionalmente ouça isso aqui e ali. As novas esquerdas radicais estabeleceram escolas livres e até mesmo uma ou duas universidades livres, houve até um forte e vasto movimento da escola moderna entre os anarquistas. Mas já faz muito tempo. Porém, a noção que a educação é o caminho para mudar e para consertar o mundo é muito comum entre as pessoas. É como chamar um cão preso pelo rabo. Não temos nem mesmo controle sobre as escolas, ou sobre o que lá é ensinado. Escolas e educação são artefatos, o menor deles, em poder da classe dominante, e são mais um reflexo de seu poder em cima de sociedade. Um poder que deve ser quebrado. E isso não será feito por escolas. Até mesmo porque a própria noção de educação, como uma atividade separada da vida, precisa ser superada. O aprendizado entre pessoas livres será notavelmente diferente. Quando conquistamos autonomia, e estarmos diretamente engajados na

luta para derrotar nossos opressores, aí sim, será o momento de nos preocuparmos como devemos administrar nossa aprendizagem.

## 6. A Estratégia Descrita de Forma Abstrata

Vamos tentar descrever, primeiro abstratamente e depois concretamente, uma estratégia para destruir o capitalismo. Esta estratégia, em princípio, pode arrancar tempo, energia, e recursos de civilização capitalista e utiliza-los para construir uma civilização nova. A idéia é esvaziar as estruturas capitalistas, minando-as, escoando sua riqueza, poder, no sentido de extrair-lhe todo seu conteúdo até não existir nada além de seu esqueleto.

Definitivamente trata-se de uma estratégia agressiva. Requer grande combatividade, e constitui um ataque à ordem existente. A estratégia reconhece claramente que o capitalismo é o inimigo e deve ser destruído, não é um ataque frontal com o objetivo de subverter o sistema, mas um ataque de dentro para fora no sentido de implodí-lo, ao mesmo tempo em que é substituído por algo melhor, algo que queremos.

Assim, as estruturas capitalistas (corporações, governos, bancos, escolas, etc.) não são tomadas mas simplesmente abandonadas. As relações capitalistas não são atacadas mas simplesmente rejeitadas. Deixamos de participar de atividades que sustentam o mundo capitalista (finanças, empréstimos) e começamos a participar de atividades que constroem um mundo novo ao mesmo tempo em que arruinam o velho. Criamos um novo padrão de relações sociais ao lado das relações capitalistas, continuamente construindo e fortalecendo nosso novo padrão fazendo tudo ao nosso alcance para debilitar as relações capitalistas. Dessa forma nossas novas relações democráticas, não hierárquicas, não mercadológicas podem subjugar as relações capitalistas e eventualmente destruí-las.

As coisas têm que ser feitas assim. Esta é uma estratégia plausível, realística. Pensar ser possível criar todo um mundo novo de arranjos sociais decentes da noite para o dia, no meio de uma crise, durante uma revolução, ou durante um colapso capitalista, é precipitado. Nosso mundo social novo tem que crescer dentro o velho, e em oposição a ele, até que se fortaleça o suficiente para dismantelar e abolir as relações capitalistas. Uma revolução nunca acontecerá automaticamente, cegamente, deterministicamente, por causa de leis inexoráveis do materialismo histórico. Acontecerá, e só acontece, se quisermos que ela ocorra, e porque sabemos o que estamos fazendo e sabemos como queremos viver, e sabemos que os obstáculos têm que ser superados antes que possamos viver daquele modo, e sabemos distinguir entre nossos padrões sociais atuais e aqueles que virão.

Não podemos simplesmente ignorar o mundo capitalista, numa postura de viva e deixe viver, enquanto tentamos construir uma nova vida em outro lugar. (Não há outro lugar). Há uma coisa, escravidão-assalariada, da qual não conseguiremos escapar com facilidade (embora haja algumas maneiras de cair fora). O capitalismo deve ser explicitamente recusado e substituído por qualquer outra coisa. Trata-se de uma Guerra, mas não uma guerra no sentido tradicional de exércitos e tanques, mas uma guerra travada diariamente, ao nível de vida cotidiana, por milhões das pessoas. Não é uma guerra porque os acumuladores de capital usarão de coerção, brutalidade, e assassinato, como sempre fizeram no passado àqueles que tentaram implementar qualquer rejeição do sistema. Eles sempre tiveram que forçar uma complacência; e não hesitarão continuar agindo assim. Não obstante, há concretamente muitos modos pelos quais os indivíduos, grupos, e bairros podem destripar o capitalismo, que enumerarei brevemente.

Sempre temos que nos lembrar de como nos tornamos escravos; para ver mais claramente como deixar de ser escravos. Caímos na armadilha da escravidão-assalariada porque a classe dominante lentamente, sistematicamente, e brutalmente destruiu nossa habilidade de viver autonomamente. Expulsando-nos da terra, alterando as leis de propriedade, destruindo os direitos da comunidade, enquanto destruíam nossas ferramentas, obrigando-nos a pagar impostos, destruindo nossos mercados locais, e assim sucessivamente, dependemos do mercado de trabalho para sobreviver, não há outra opção a não ser vender, por um salário, nossa habilidade de trabalhar.

É bastante claro então como podemos subverter a escravidão. Temos que inverter este processo. Começando por readquirir a habilidade de viver sem trabalhar em troca de um salário ou sem comprar produtos produzidos pela escravidão-assalariada (quer dizer, nós temos que nos livrar do mercado de trabalho e do modo de viver nele baseado), e envolver-nos no mundo do trabalho cooperativo e dos bens cooperativamente produzidos.

É necessário mais um esclarecimento. Esta estratégia não pretende reformar o capitalismo, para transformar o capitalismo em qualquer outra coisa. Mas substituir o capitalismo, totalmente, por uma nova civilização. Uma diferença importante, porque o capitalismo tem se provado impermeável às reformas, enquanto sistema. Eventualmente podemos

vez por outra ganhar certas concessões aqui e ali (em geral, por pouco tempo) e ganhar algumas (normalmente a curto prazo) melhorias em nossas vidas, mas não podemos reformar sua teia, enquanto sistema.

Assim nossa estratégia de destripar e destruir o capitalismo eventualmente requer no mínimo uma imagem totalizadora, uma consciência de que estamos atacando todo um modo de vida substituindo-o por outro, e não apenas reformando um modo de vida em algum aspecto. Pode ocorrer que muitas pessoas não compreendam bem essas coisas de sistemas inteiros e de ordem social, mas todo o mundo sabe o que é um estilo de vida, ou um modo de vida, e é por aí que faremos nossa abordagem.

A idéia é essa: para que o capitalismo possa ser destruído é necessário que milhões e milhões de pessoas estejam descontentes com a vida que vivem. Elas precisam desejar algo diferente do que está aí, perceber os obstáculos, e superá-los. Não é bom pensar isto como uma nova ideologia. Não se trata aqui da necessidade de uma profissão de fé, como uma religião, ou como o Marxismo, ou o Anarquismo. O que prevalece aqui é uma visão nova, um desejo ardente, uma necessidade maior. O que tem que existir é um desejo urgente de viver de um certo modo, e não de outro. Se este desejo urgente fosse um desejo de viver livre, de ser autônomo, de viver democraticamente controlando suas próprias comunidades, de participar nas atividades autogeridas por pessoas maduras, então o capitalismo poderia ser destruído. Caso contrário estamos sentenciados a escravidão perpétua e possivelmente até mesmo à extinção.

O conteúdo desta visão não é na verdade em nada novo, mas bastante velho. Em termos de longo prazo a meta dos comunistas, anarquistas, e socialistas sempre foi restaurar a comunidade. Até mesmo as grandes revoltas camponesas no começo do capitalismo procuraram se libertar da autoridade externa e restaurar a autonomia de suas aldeias. Certa vez Marx definiu comunismo como uma livre-associação de produtores, e em outra ocasião como uma situação em que o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos. Os anarquistas sempre proclamaram a autogestão cooperativa dos trabalhadores e camponeses. As metas a longo prazo sempre foram claras: abolir a escravidão-assalariada, erradicar a ordem social organizada ao redor da acumulação de capital para seu próprio benefício, e estabelecer em seu lugar uma sociedade de pessoas livres que democrática e cooperativamente autodetermina a forma do seu mundo social.

Estes princípios, todavia, devem ser materializados em arranjos sociais concretos. Neste esboço eles estão encarnados na seguinte configuração de formas sociais: (a) bairros democráticos autogovernados, autônomos (pela prática da Assembléia de Casas); (b) Projetos autogeridos; (c) cooperativas de moradores; e (d) uma associação, por bases de acordo, composta por um conglomerado de bairros.

Mas como isto pode ser alcançado? Agora temos que retornar à tarefa de encarnar esta estratégia, mas desta vez em termos concretos em vez de abstratos.

## 7. Destripando o Capitalismo

**1. Forme uma associação de bairro.** Reuna alguns vizinhos e forme uma associação de bairro. Celebre reuniões regulares. Estas reuniões formarão a base, mais tarde, das assembleias dos bairros. A associação de bairro, juntamente com as associações de empregados e as associações de Casas (veja os itens 2 e 3 a seguir) são as três coisas mais importantes a fazer. Pode parecer insensato no princípio, uma vez que tais associações não terão nenhum poder ou dinheiro. Mas elas começarão a atrair energia e se tornarão pontos focais na recuperação do poder e riqueza que o capitalismo usurpou da comunidade. (Veja também: "o que as associações de bairro podem fazer?" no item Discussão Adicional)

**2. Forme uma associação de empregados.** Reuna alguns colegas de trabalho no local de trabalho e forme a associação de empregados. Evite sindicatos. Você sempre acaba colidindo com eles nos momentos cruciais. Celebre reuniões regulares. Estas reuniões formarão a base, mais tarde, das oficinas de autogestão (5) (parte da estrutura que permitirá escapar da escravidão assalariada). Uma oficina pode conter vários grupos. Apenas através de associações (frente-a-frente) como estas é que a cultura da oposição autônoma pode ressurgir. Mesmo que você comece apenas com meia dúzia de pessoas, ficará patente ao redor que há gente que se reúne para discutir problemas relativos ao trabalho. Tais encontros se tornarão um foco de resistência quotidiana à cultura corporativa. Sem esta contra-consciência não há qualquer possibilidade de uma oposição efetiva. (Veja também: "o que podem fazer as associações de empregados?" em Discussão Adicional.)

**3. Forme uma Associação Cooperativa Habitacional.** Isto pode ser feito agora mesmo. Várias famílias podem juntar recursos e comprar um edifício ou espaço para formar uma Casa. Grupos de pessoas, solteiros ou casados, já alugam,

moram juntos e vivem cooperativamente. Onde comprar é uma pergunta que pode ser respondida apenas pela Associação de Inquilinos de seu edifício ou vila. Tente começar a compartilhar recursos e viver cooperativamente. Estas associações cooperativas entre vizinhos formarão a base, mais tarde, das Casas, como em nosso esboço inicial. (Veja também "o que as associações da Casas podem fazer?" em Discussão Adicional.)

**4. Construa um Local de Assembléia.** Reuna recursos com os vizinhos e construa um local de reunião. O primeiro bairro que fizer isso passará à história como fundador de uma nova civilização. A maioria dos bairros, não importa quão pobres sejam, sempre acham um jeito de providenciar dinheiro para construir igrejas. Se quisessem eles poderiam construir um local de reunião.

Obviamente, antes de mais nada, devem sentir a necessidade desse espaço, de se associar e de começar a exercer controle sobre suas próprias vidas em cooperação com seus os vizinhos. Devem ver as reuniões como uma incubadora de um modo novo de vida.

**5. Organize atividades produtivas próprias.** Atividades produtivas próprias, por si só, não podem destruir o capitalismo. Enquanto atuarem dentro do mercado capitalista irão falir a menos que dêem lucro. Realmente, elas substituirão o negócio capitalista tradicional, de forma a unir a pequena burguesia. O que a nova esquerda disseminou no começo dos anos setenta? Criamos uma grande quantidade de pequenos negócios que imaginávamos ser "instituições alternativas" (na verdade estávamos tentando montar um negócio para nós mesmos). Havia lanchonetes, livrarias, creches, clínicas, editoras, oficinas de conserto de auto, jornais comunitários, sapatarias, lojas psicodélicas (com roupas, bens de couro, música), e assim sucessivamente. Mas os capitalistas não foram em nada atingidos. Pelo contrário, se beneficiaram enormemente. Assumiram em massa todas nossas novas criações e simplesmente as comercializaram, lucrando bilhões com isso.

Não obstante, há duas diferenças muito importantes pelo menos entre o negócio capitalista tradicional e a atividade produtiva própria. O modo alternativo pode abolir hierarquias internas e pode autogerir a loja, oficina ou fábrica de um modo democrático, e com maior flexibilidade para o uso de qualquer riqueza extra criada. Em vez de pagar dividendos aos acionistas, eles podem usar a renda para apoiar movimentos de oposição, ou simplesmente elevar seus próprios salários, podem encurtar as horas de trabalho, ou abaixar seus preços. (De fato, na vida real a maioria dos alternativos acabam trabalhando mais e recebendo menos do que os donos de uma empresa tradicional -- essa diferença é provocada pela extração da mais valia dos empregados. Eles também tendem a começar agindo de uma forma democrática mas acabam virando administradores, devido em grande parte eu penso às pressões e tentações do mercado capitalista ao redor, fora as falhas inerentes à natureza humana.)

Se houvesse dúzias de atividades produtivas próprias em uma Casa, provendo serviços necessários e produtos úteis, além de apoiar lutas anticapitalistas, elas poderiam acumular uma rica experiência e se tornar o núcleo inicial, mais tarde, para os Projetos autogeridos nos bairros autônomos democráticos. Poderiam se tornar a base de um trabalho socialmente consciente, cooperativo, democraticamente discutido, ao invés de simples compradores e vendedores.

As atividades produtivas próprias estão crescendo nos Estados Unidos (cerca de 1500, acho). Algumas delas no mesmo ramo de produção estão formando redes de apoio mútuo e compartilhando informações. Contudo elas só se tornarão revolucionárias se participarem de um movimento para destruir o capitalismo e construir qualquer outra coisa, como o esboçado neste folheto, por exemplo.

**6. Tente converter empresários familiares locais à forma de vida autônoma e democrática.** Quer dizer, tente convence-los a trocar sua propriedade privada por projetos alternativos controlados pela Assembléia de Casas. Isto pode não ser tão difícil quanto imaginamos no princípio. A pequena burguesia (isto é, a pequena empresa familiar) é uma das classes mais desesperadas e miseráveis do capitalismo. Eles trabalham horas incrivelmente longas. Pouquíssimos deles enriquecem. Pelo contrário, estão perdendo tudo que possuem, aos milhares. Todo seu dinheiro e todos seus longos anos de trabalho estão escoando pelo ralo. Aqueles que ainda sobrevivem estão à beira da falência. Eles constantemente vão sendo, um a um, engolidos pelas de lojas de rede. Duvido que a pequena empresa seja aquela coisa maravilhosa. Estas pessoas estão no limite do mundo incorporado. Estão em franca decadência há mais de um século. Talvez alguns deles estejam a ponto de desistir. Nem todos tinham a ilusão de enriquecer, queriam apenas "ser o próprio chefe". Quer dizer, eles se esforçaram por escapar da escravidão-assalariada abrindo seu próprio negócio. Mas há outro modo de escapar da escravidão assalariada e ser seu próprio chefe -- participando de um Projeto alternativo. Se pudéssemos convencer pelo menos 10 por cento desses proprietários a converter suas propriedades em cooperativas e incubadoras de Projetos, teríamos base financeira para iniciar um processo de autonomia nos bairros. Se pudéssemos convencer 20, 30, ou 40 por

cento, teríamos uma base material muito significativa para transformar nossos bairros.

**7. Na medida do possível transferir nossas atividades para dentro dos Projetos autogeridos.** Deveríamos trocar nosso emprego do gigantesco mundo corporativo pelos emergentes Projetos alternativos de nosso bairro. A riqueza que produzimos anteriormente foi sugada para dentro dos cofres do capitalismo global. A riqueza que produzimos posteriormente ficará retida no bairro. Entretanto, há um enorme perigo aqui, ou seja, o conformismo. Não podemos arrefecer nosso ataque global contra o capitalismo. Não devemos aceitar morar em favelas, viver com dificuldade em bairros pobres, mesmo que sejam autônomos, enquanto o capitalismo prospera.

**8. Adotar moeda corrente local.** A maioria das pessoas nem mesmo sabe que não temos que usar o dinheiro da classe dominante (moeda oficial do governo) ou que podemos emitir nosso próprio dinheiro. O dinheiro local (há muitos tipos) nos ajudará a libertar-nos do mercado mundial, fortalecer mercados locais, e assim construir auto-suficiência e autonomia. O dinheiro local nos permite interromper a circulação do dinheiro de nossos opressores, e assim escapar, parcialmente, do sistema de controle baseado naquele dinheiro. Moedas correntes locais também provêm um modo de estancar a riqueza que se escoia para fora da comunidade. Embora moedas correntes locais sejam possíveis agora (e muitas experiências estão a caminho) elas provavelmente serão proscritas se a moda pegar.

**9. Organize uma sociedade comunitária para o uso da terra.** Uma associação não-lucrativa que adquire e cuida da terra em interesse público. Trata-se de um instrumento legal em vigor nos Estados Unidos que os autonomistas deveriam usar mais. Elas constituem uma forma de enfrentar a indústria de bens imóveis, e de resistir à contínua concentração da propriedade da terra. Da mesma forma que as Corporações de Desenvolvimento Comunitário, elas podem facilmente se tornar retrógradas, mas funcionando corretamente, elas poderiam se tornar, mais tarde, uma base para que todas as terras ocupadas pelo bairro sejam controladas por aqueles que vivem e trabalham nesse bairro. Assumir o controle da terra é sempre o primeiro passo que os capitalistas tomam quando começam a atacar a autonomia das pessoas. Conosco, no caroço países capitalistas, a terra tem sido muito tempo. Mas em muitas partes do mundo a escrituração (expropriação da terra pelos senhores) está ocorrendo agora mesmo, e em escala massiva. Em toda parte do mundo, os camponeses e pessoas nativas estão sendo forçados a registrar suas propriedades, tradicionalmente definidas como comunais, de propriedade coletiva, assim, transformam a terra em uma mercadoria, algo que pode ser comprado e vendido, sob a tutela do estado e pelas regras do mercado.

Organizar uma sociedade comunitária para o uso da terra não supera o problema da terra que é tratada claramente como uma mercadoria, pois a terra ainda tem um título registrado pelo estado. Elas se constituem apenas em uma válvula de escape, mas, de qualquer forma, é algo que pode ser usado imediatamente para iniciar o processo de reapropriação da terra.

**10. Comece a usar a energia do sol/vento.** Isto é mais fácil para as pessoas que moram em cidades pequenas e aldeias. O sol e o vento podem prover todas as necessidades elétricas de uma comunidade pequena. Será mais difícil para as pessoas que moram em densos bairros urbanos ou suburbanos. A energia fornecida pelo sol e pelo vento é de longe a mais barata. Está em ponto de bala, como se diz, mas infelizmente sob o controle corporativo -- vastas instalações captadoras da energia do sol e do vento já proporcionam eletricidade para as grandes corporações. O que as Casas, até mesmo individualmente, precisam fazer é usar essa nova tecnologia para se libertar das contas de luz, alcançando mais um pouco de auto-suficiência e autonomia. Pode chegar um momento quando isto pode significar um caso de vida ou morte. Por agora é um passo essencial para a tomada do poder, em ambos os sentidos, das mãos dos capitalistas e devolvê-lo às comunidades democráticas, seus verdadeiros donos.

**11. Começar a produzir nosso próprio alimento.** Isto só fará sentido no contexto das lutas para o fortalecimento das comunidades locais e para a destruição do capitalismo. O objetivo é recuperar gradualmente a auto-suficiência e a autonomia para poder abandonar e conseqüentemente destruir o sistema de lucros. Caso contrário, nunca sairemos das garras capitalistas. Os capitalistas já não precisam de milhões e milhões de pessoas. Eles não se importam com nossas pequenas hortas vegetarianas, nossos seminários nas garagens e salas, nossa luta por resolver as cruas necessidades da vida. Desde que eles controlem as principais tecnologias, os governos, mercados, de uma forma suficiente para a acumulação contínua de capital. Se podem controlar o mundo, eles estão contentes. Eles ficariam contentes se milhões de nós simplesmente desaparecêssemos. Na realidade eles já falam sobre isto, todo o tempo, e esperam por isto.

Assim, a tática de 'começar a cultivar uma parcela de nosso próprio alimento' não se origina de qualquer ilusão romântica sobre a mãe natureza ou trabalhar com as próprias mãos, mas de nossa terrível necessidade de estabelecer a independência para sobreviver. As populações urbanas de hoje são incrivelmente vulneráveis à interrupção do

fornecimento de alimento. E não pense nem por um minuto que os governos e corporações não chegariam ao ponto de bloquear remessas de comida, se puderem, para proteger a si mesmos e ao sistema ao qual se devotaram. Na realidade, estruturalmente, eles induziram uma tal escassez que já atingiu níveis epidêmicos no mundo contemporâneo. Assim, o ato de 'cultivar uma parcela de nosso próprio alimento' não se aplica apenas às populações do primeiro mundo, mas também, e especialmente, aos países mais pobres que são forçados a importar alimentos básicos, enquanto suas próprias terras ficam a mercê de exportações lucrativas como (por exemplo, café, açúcar, bananas, carne bovina).

Não precisamos de fazendas para começar a produzir alimentos. Podemos fazer isto no quintal, ou em jardins em cima da laje. Podemos construir estufas em nossas casas, e tentar cultivar aqua e hidropônicos (cultivo de plantas fora do solo, em águas contendo substâncias químicas). Há muitas maneiras para começar a nos livrar da agroindústria.

**12. Monte um armazém no bairro para facilitar a ajuda mútua.** Para começar, pode ser simplesmente um depósito onde as pessoas doam as coisas que não precisam e retiram as coisas que precisam. Isto poderia incluir, por exemplo, comida, na medida em que as pessoas no bairro comecem a produzir cada vez mais seu próprio alimento. Uma pessoa ou família que produza mais comida do que necessitem doará o excedente ao armazém onde as pessoas e famílias que precisem do alimento possam retirar. Será um modo de ajuda mútua e compartilhamento. O mesmo pode ocorrer com roupas, especialmente infantis. Aquelas que não servem mais nas crianças podem ser doadas (ou devolvidas) ao armazém para estar a disposição de outras crianças que precisem deles. O mesmo pode ocorrer com brinquedos, e muitos outros artigos, como livros, pratos, mobília, eletrodomésticos, sobras de estoque, madeira, e ferramentas. Quanto mais o bairro se liberta do mercado, mais coisas de necessidade vital (e até mesmo supérfluos) irão para o armazém. Eventualmente, toda a produção - industrial, agrícola, etc. - será estocada no armazém. Depois que foram satisfeitas as necessidades do bairro, o excedente produzido será trocado com outros bairros. Poderia haver armazéns inter-bairros, inter-regionais, ou armazéns para alguns artigos específicos. Por arranjos como estes poderemos eventualmente abolir o dinheiro. Montar armazéns como esse é algo que poderia ser feito agora mesmo, em todo bairro. Em alguns bairros, já existe uma organização semelhante, na forma de lojas de frugalidades dos mais variados tipos (Exército de Salvação, Goodwill, Veterans). Nestas lojas, embora os bens normalmente sejam doados, os artigos são, contudo, vendidos a dinheiro. Mas em um armazém voluntariamente organizado e fluente, o dinheiro poderia ser eliminado.

**13. Apóie a medicina ortomolecular e o movimento de cuidado médico preventivo.** A medicina da forma como é exercida é uma instituição dominante que busca controlar-nos da mesma forma que as escolas, as corporações e o próprio governo fazem. Ela também quer nos vender drogas, nos vicia (para que possam vender mais), e nos mantém voltando vez após vez. Temos que começar a romper com tudo isso, começar a reduzir sua influência sobre nossas vidas, começar a destripar esse poder. O melhor modo para fazer isto é não adoecer. Temos que aprender a cuidar de nossa própria saúde. Temos que aprender a cuidar de nós mesmos. Um passo nesta direção é tornar-se defensor e partidário da medicina ortomolecular – uma nova filosofia de saúde e doença fundada nos anos setenta por Linus Pauling e seus colegas, que representaram de fato mais uma cristalização de uma saúde alternativa existente que há muito se pratica, embora certamente desse a ela uma característica nova e uma base científica mais profunda.

Só deveríamos buscar doutores e hospitais em último caso, e quando formos temos que questionar tudo o que eles fazem. Nunca deixe que eles tratem você como pedaços de carne. Nunca deixe que eles façam qualquer coisa a você sem força-los a explicar isto, e fazê-lo esperar até que decidamos se queremos ou não o tratamento.

Alguns de nós também deveríamos tentar começar estabelecer clínicas de saúde no bairro. Isto será difícil porque a medicina é firmemente controlada pelo estado, juntamente com a indústria farmacêutica, companhias de seguros, e pelos doutores através de suas organizações profissionais. Não obstante, algum progresso seguramente pode ser feito em clínicas de bairros controlados. Mesmo que seja para atividades meramente educacional no sentido de esparramar um movimento de cuidado médico preventivo. Estas clínicas se tornarão, mais tarde, os meios através dos quais recuperaremos o controle dos cuidados médicos pelos nossos bairros autônomos democráticos.

Naturalmente, as pessoas que já trabalham em hospitais deveriam formar associações de empregados, na expectativa de eventualmente assumirem os hospitais. Mas a tomada dos hospitais se dará, provavelmente, simultaneamente ao da tomada de fábricas, fazendas, escritórios, e lojas. Enquanto isso, deveríamos, na medida do possível, nos libertar da medicina oficial praticando cuidados médicos preventivos e estabelecendo clínicas de bairro independentes.

**14. Não se mate de trabalhar.** Em termos gerais, não há nada mais óbvio que uma operação tartaruga (claro que greves tartarugas são válidas). Quando iniciamos um novo trabalho, deveríamos trabalhar um nível abaixo de nossa verdadeira habilidade. Nunca deixe os patrões saberem que podemos fazer mais. Faça o mínimo que puder desde que não seja



demitido. Trabalhar feito doido pode configurar um nível realmente alto de produção em um mercado de trabalho muito competitivo onde há milhões de empregados puxa-sacos que tentam impressionar seus patrões e ganhar mais (isto é, ser promovido) ou no mínimo manter seus empregos. Quanto mais trabalhadores adotarem a atitude de produzir o mínimo possível mais difícil será os patrões descobrirem aquilo de que realmente os trabalhadores são capazes de fazer. A secular luta entre capitalistas e trabalhadores situa-se precisamente na necessidade que os capitalistas tem de extrair mais valor (mais valia) dos produtores diretos do que aquilo que eles pagam em salários e benefícios. Esta batalha foi, e está sendo, travada em cima da jornada de trabalho, salários, velocidade de produção, acidentes de trabalho, tempo de férias, intensidade de trabalho, licença médica, período de almoço, horas extras, idade de aposentadoria, saúde e pensão de benefício, e assim por diante. Qualquer coisa que exija um maior pagamento por parte dos capitalistas e uma diminuição dos seus lucros debilita o mundo deles e fortalece o nosso.

Mas "fazer corpo mole no trabalho" vai um pouco além destes outros tipos de luta. Nenhum negócio poderia durar um ano não fosse pelo entusiasmo, energia, e dedicação dos trabalhadores em sua labuta. Isto acontece em toda parte, em todo canteiro de obras, em toda fábrica, e em todo escritório. Sempre há aqueles poucos que mantém o andamento empresarial, ou até mesmo o mantém operando suavemente. O capitalismo desmoronaria sem esta energia criativa, sem esses resolvedores-de-problemas, sem esta inteligência livre aplicada a situações novas. Basta observar o que acontece quando alguns trabalhadores tentam "trabalhar para valer" – as coisas começam a se desvendar rapidamente. Os capitalistas ainda continuam pregando que os trabalhadores fazem apenas o que eles mandam e que não pensam sobre o que fazem ("apenas faça") ou ("just do it"). Ao mesmo tempo em que normalmente culpam os trabalhadores quando coisas dão errado, por não terem visto o problema e tomado a iniciativa para corrigi-lo.

O princípio de 'fazer corpo mole' significa não assumir qualquer responsabilidade pelo sucesso do negócio, não trazer nenhum entusiasmo a nosso trabalho, não fazer nada quando as coisas derem errado, não resolver nenhum problema da produção para os patrões, não prestar nenhuma informação, não criar nada novo, não melhorar nenhum procedimento - em suma: faça o mínimo possível. Aí está uma fórmula de impedir que os capitalistas extraiam riqueza de nosso trabalho. Isto também constitui um importante azeiteamento na engrenagem do processo de acumulação sem o qual o sistema entraria em colapso.

Sempre houve pessoas lentas no trabalho. Isto frequentemente cria tensões porque os outros trabalhadores normalmente têm que fazer o trabalho que os 'preguiçosos' não estão fazendo. Mas o que aconteceria se todos nós, ou a maioria de nós, nos tornássemos 'preguiçosos'? A estratégia do 'fazer corpo mole' sugere precisamente isto - que todos nós possamos inventar uma doença para não ir trabalhar. Isto vai porém contra o caráter, pelo menos de muitos de nós. É natural querer fazer as coisas direito, desenvolver habilidades, ter orgulho de nosso trabalho. Entretanto, temos que perceber que nossos exploradores contam com nossas boas motivações e as usam contra nós. Nossos instintos naturais em superar as dificuldades estão sendo usados para destruir nós mesmos, nossas Casas, e efetivamente a própria terra.

Finalmente, até que ponto qualquer indivíduo pode se tornar um 'molenga' variará, depende da situação da pessoa e de sua personalidade. Pessoas que possuem famílias grandes, muitos amigos, e em meio a muitos colegas de trabalho, são mais fáceis de serem demitidas. Ao contrário de pessoas muito isoladas. Também, há aquelas que tem mais medo que as outras, sendo mais vulneráveis às pressões, e às ameaças dos patrões. Apenas pessoas destemidas e seguras podem desprezar a arrogância dos patrões e dos chefes. Se pudéssemos conseguir que nossos bairros, locais de trabalho, e associações de Casas estivessem de nosso lado, teríamos coragem suficiente para fazer 'corpo mole' no trabalho. Outra coisa de vital importância estratégica, é nos dedicarmos a tarefas não exploradas pelos capitalistas, assim, enquanto construímos nosso mundo, arruinamos o deles.

O princípio estratégico do 'fazer corpo mole', poderia se tornar o componente central dentro de uma cultura de oposição ao capitalismo, e é algo que pode ser iniciado hoje mesmo por toda pessoa empregada. "Just don't do it". Apenas não faça. Não esquite a cabeça. Não crie nada.

Naturalmente, há precauções de segurança que devem ser observadas. Operadores de guindaste, pilotos, motoristas de ônibus, cirurgiões (e dúzias mais de trabalhadores em funções críticas) devem ser suficientemente hábeis para assegurar que ninguém se machuque. Entretanto mesmo dentro destes limites há ainda bastante coisa a fazer. A maioria das funções não é em nada crítica. Também, o 'fazer corpo mole' no trabalho deve ser acompanhado por um esforço determinado por construir algo de qualidade em outro lugar. Caso contrário, o "corpo mole" pode se tornar um modo de vida, nada mais que um atoleiro de preguiça e apatia.

**15. Organize localmente para interromper as ofensivas da classe dominante na comunidade.** Já há numerosos

exemplos de coisas assim. Uma cidade inteira se mobilizou para impedir que a instalação de um Wal-Mart destruísse todas as pequenas empresas locais. Comunidades tem se mobilizado para forçar a retirada de restos de lixo tóxico. Bairros se organizaram para impedir a construção de vias expressas no meio de suas casas. Algumas expansões suburbanas (prejudiciais às populações) foram bloqueadas. Projetos de construção de represas foram interrompidos. Florestas, pântanos, praias foram salvas. E assim sucessivamente. É aí onde os capitalistas tem que ser bloqueados - localmente, em nossas comunidades. Por que? Porque é lá que está a nossa força.

Mesmo que cem mil militantes convergissem periodicamente pelas cidades e capitais ao redor do mundo protestando contra as reuniões de cúpula das classes governantes, não seria nada comparado às dezenas de milhões, centenas de milhões de pessoas em todo mundo, que poderiam estar se ocupando de lutas ao nível local. A maioria das pessoas não pode ir para manifestações regionais, nacionais, ou continentais. Eles têm que trabalhar e não podem deixar o trabalho deles. Viajar sai caro e acima das possibilidades de muitas pessoas. Além do mais muitos têm responsabilidades familiares. O ato de protestar em reuniões de cúpula é necessariamente limitado principalmente àqueles estudantes mais abastados e outras celebridades do movimento que podem dar-se ao luxo de operar ao nível nacional ou global. Naturalmente, um certo número de pessoas conseguem se deslocar para estes eventos, gastando seu tempo de férias, muitas vezes gastando seus próprios recursos, ou coisa parecida. Mas elas não são a maioria. Além disso, para poder derrotar os capitalistas o nível global, teríamos realmente que tomar o controle de governos nacionais, e isso simplesmente não está em pauta. Por mais efetivos que sejam os protestos nacionais e globais em realçar assuntos, articular demandas, e pressionar nossos governantes, é ao nível local que as reais batalhas tem que ser travadas.

**16. Aplique o código penal aos capitalistas e funcionários do governo.** Isto já começou a acontecer. É surpreendente que coisas assim não estejam acontecendo há muito tempo atrás. Outro dia um par de executivos corporativos foram condenados por assassinato, porque conscientemente permitiram que um empregado morresse por envenenamento no local de trabalho. Foi o primeiro caso deste tipo na história dos Estados Unidos. Pinochet esteve preso e está sendo julgado no Chile. Kissinger poderia perfeitamente ser levado aos tribunais como criminoso de guerra. Cavallo está preso na Argentina por tráfico de armamentos. Essas coisas são ótimas, é bom que estejam acontecendo. Se apenas pudéssemos aplicar o código penal na cabeça dos próprios capitalistas, dos funcionários do primeiro e segundo escalões, isso seria por si só mais que suficiente para destruir o capitalismo, porque o capitalismo não funciona (quer dizer, os capitalistas, enquanto classe mundial) e não pode obter lucros sem violência, brutalidade, opressão, roubo, mentiras, e assassinato. O capitalismo requer a prática de todas estas coisas horríveis para continuar funcionando, falando em termos gerais. Se pudéssemos aplicar nas cabeças deles as mesmas leis que todos nós temos que obedecer, suas fraudes viriam à tona, e o sistema desmoronaria.

**17. Democratize todas as associações voluntárias.** Quando digo democratize, refiro-me, é claro, à democracia direta, por meio da qual uma associação é operada cooperativamente, por assembleias frente-a-frente. Infelizmente, a prática da democracia direta quase desapareceu de nossa cultura. Ao invés dela, a primeira coisa que fazemos quando conseguimos estabelecer uma associação, é eleger diretores e investir autoridade sobre eles, isso esvazia nossos encontros, e mina nosso poder de governo autônomo. Quer dizer, estabelecemos uma hierarquia, embora isto seja visto como democrático (periodicamente escolher líderes por eleições). Mas esta prática poderia ser abandonada e poderíamos retomar à prática da democracia direta. Ninguém nos impede de fazer isto agora mesmo. Democratizar todas as associações estabelecidas por nós, sejam elas sociedades educacionais, clubes de xadrez, times de futebol, associações de pais e mestres, organizações profissionais, orquestras, clínicas de saúde, clubes de jovens, lanchonetes, ou seja lá o que for. Isto poderia ser feito em todas as organizações que fundamos e que não estão registradas no Estado. Quanto às corporações denominadas não-lucrativas que são registradas no Estado (quer dizer, incorporadas pelo Estado), normalmente é requerido, através de lei, a presença obrigatória de um conselho de administração e uma diretoria. Não obstante, em muitos casos, é possível fazer a papelada para satisfazer para as exigências oficiais (que exige o estabelecimento de uma hierarquia, quer dizer, uma estrutura autoritária para o empreendimento), mas adotar o projeto internamente, não-oficialmente, pela democracia direta. No momento, a triste realidade é que as corporações não-lucrativas, as chamadas organizações não-governamentais (ONGs) são quase que invariavelmente autoritárias. Mas isto é algo que podemos mudar. Na medida em que a moda pega, e tudo começa a se democratizar, tais corporações adotarão esse caminho. A experiência angariada pela democracia direta em nossas associações voluntárias, não-lucrativas, e ONGs nos ajudariam posteriormente em nosso local de trabalho, bairro, e assembleias de Casas.

**18. Rejeite as divisões do conhecimento social.** Aproximadamente cem anos atrás, em grande parte respondendo a um poderoso movimento de trabalhadores e a uma vigorosa cultura radical, os conservadores na Europa começaram a dividir o

conhecimento social em campos ou disciplinas, que rapidamente foram institucionalizadas como departamentos em universidades, e depois como ocupações no mercado de trabalho. As principais divisões foram economia, ciência política, e sociologia. A história ficou totalmente separada como uma disciplina especializada e mais limitada, como a filosofia. A psicologia já havia sido colocada à parte anteriormente. A antropologia foi incluída. Não há a menor justificação para nada disso que foi feito. Não há nada que justifique uma divisão como economia, por exemplo. Mas isso soa como uma pergunta idiota às mentes contemporâneas. O que os conservadores fizeram com sucesso foi adotar uma forma completamente diferente de encarar a vida humana, esta é a crítica radical de civilização capitalista. Estas falsas divisões são agora um das maiores barreiras para entender o mundo onde vivemos dentro.

**19. Não assista televisão nem ouça rádio.** Claro que me refiro às mídias corporativas. Para a maioria das pessoas talvez seja melhor nem mesmo possuir televisão ou rádio. Qualquer hora que passamos assistindo a programação corporativa é uma hora a menos disponível para nossa associação frente-a-frente com amigos e vizinhos, uma hora menos disponível para construir vidas independentes, para criar uma cultura autônoma, para elaborar os arranjos sociais que substituirão o capitalismo. A televisão e o rádio corporativos são males indescritíveis, com suas infundáveis horas de anúncios, seus noticiários tendenciosos, sua destruição do diálogo, seu silêncio sobre tudo o que é importante, sua trivialidade deles/delas de conhecimento, sua distorção das notícias, seu endosso à ganância, sua vulgaridade, e sua brutalidade. A televisão cria um falso mundo de notícias, um mundo cultural que foi filtrado pelo prisma dos valores capitalistas. Somos levados a agir e a falar como se as únicas coisas que se a única coisa que temos em comum é aquilo que vemos nos filmes, na televisão ou ouvimos nos noticiários. Assim, o acoplamento mediático passa a ser o assunto de nossas conversas. Já não temos mais acoplamentos culturais diretos que emergem para fora de nós mesmos pela interação frente-a-frente, mas apenas aqueles temas repetitivos, gastos, de segunda-mão, artificiais, torcidos.

Conheci apenas algumas poucas pessoas que poderiam assistir televisão sem ser prejudicadas. São pessoas que já estão profundamente maceradas em uma cultura alternativa. Ou melhor, eles não assistem televisão, eles a estudam, da mesma forma que analisariam uma espécie de inseto nunca vista anteriormente. Eles examinam a televisão, com um olho crítico, com uma determinada finalidade, pois desenvolveram conhecimentos e valores autônomos suficientes para emitir um julgamento. Eles a vêem como uma fonte de coleta de dados, a serem analisados, para descobrir o que a classe dominante está tramando, e que direção tomarão os atuais eventos. Eles se concentram nas entrelinhas para decifrar o que está acontecendo no mundo. Esta é uma coisa muito importante a fazer, mas não é para todo mundo.

Isto representa um problema. Todos nós precisamos estar atentos ao que está acontecendo no mundo. Nós podemos ler jornais, mas os jornais populares devem ser 'lidos pelas entrelinhas' com o mesmo olho crítico que usamos para a televisão e o rádio. No momento o melhor recurso é a mídia independente que pode ser consultada para nos mantermos regularmente informados. Esperamos que uma crescente cultura de oposição continue inventando formas de evitar a mídia corporativa.

Há uma reportagem sobre a chegada do primeiro rádio transístor em uma aldeia remota no norte da Índia. Em pouco tempo os aldeões pararam de dançar em volta de suas fogueiras cantando melodias. Em vez disso sentam e escutam música produzida em Nova Deli.

**20. Apóie as Mídias Independentes.** O que começou nos anos sessenta como jornais subterrâneos, e continuou florescendo nos anos setenta como a imprensa alternativa, chegou aos anos noventa como mídias independentes. Um nome bem mais adequado. Por que nossas publicações deveriam ser consideradas alternativas em vez de populares, por que não o contrário? Afinal de contas, é a mídia corporativa que nunca foi autêntica. Na medida em que funciona como uma máquina de propaganda, está fora de discussão, é desonesta, marginal, é baseada em interesses especiais (lucro), é hostil à vida humana, é subterrânea, e imoral. Assim, por que esta joça deveria ser considerada popular? Ela só é popular para o capitalismo, nesse sentido a palavra popular é uma palavra suja para nós.

Nossas mídias independentes consistem agora em centenas de jornais, revistas, diários, e zines, como também rádio e televisão independentes. O desenvolvimento mais extraordinário nesta área foi, apenas dois anos depois da Batalha de Seattle em novembro de 1999, a rápida criação em escala mundial de centros de mídia independente, usando a Internet. Estes centros coletam textos, áudio, e visuais reportando eventos atuais e tornando-os disponíveis a qualquer pessoa que tenha acesso à Internet. Trata-se de uma iniciativa estratégica extremamente importante. A nova geração de ativistas parece ter uma grande compreensão da importância da mídia, superando velhas barreiras aparentemente intransponíveis no passado. Eles perceberam para que serve a mídia, e o quão crucial é lutar nesse campo.

**21. Não compre nada da indústria cultural ou do mercado do entretenimento.** Na congestionada cultura consumista

dos principais países capitalistas é difícil dar um passo sem fazer uma transação comercial. Nem dá para viver. Nem mesmo podemos morrer em paz. Não obstante, existem opções para as horas em que não estamos sob o domínio da escravidão-assalariada (o núcleo da transação comercial).

Eu acredito que nos momentos de não-trabalho podemos conscientemente evitar atividades comerciais. Atividade comercial é todo negócio organizado para render lucros aos empresários. É claro que isso não é uma regra absoluta, caso contrário não poderíamos fazer coisas como ir a um restaurante, ver um show, viajar, escutar música, ler um livro, etc. Mas o que podemos fazer é começar a mudar a ênfase, começar a preferir atividades não-comerciais às atividades comerciais, e ser mais seletivo em nossas atividades de comerciais (há algumas piores do que outras).

A maioria de nós somos fortemente dependente de em entretenimento comercial, filmes, televisão, CDs, clubes de rock and roll, vídeos, assistir um jogo de futebol. Cada momento de nosso tempo de folga que é gasto com entretenimento comercial fortalece o capitalismo e reduz nosso tempo disponível para a criação de uma cultura autônoma. O pior entretenimento comercial é aquele que nos reduz a meros espectadores, que nos conduz à passividade; cinemas, televisão, e jogos esportivos são os piores. (Há uma versão intelectual de entretenimento de espectador - jogo, concerto, e balé).

Cada entretenimento ativo requer um equipamento - barcos, bicicletas, tacos de golfe, raquetes de tênis, binóculos, material de pesca – que nos amarra à indústria do lazer. Mas este lazer é de longe bem melhor que o entretenimento de espectador. Tem gente que gasta toda hora livre disponível jogando golfe por ter sido fisgado pela indústria cultural? Claro que sim. Tem gente que gasta todo dólar disponível na manutenção de um barco a motor por ter sido fisgado pela indústria cultural? Claro que sim. Acrescente a isso todas as pessoas que gastam até o último centavo apostando em corridas de cavalos, comprando os últimos lançamentos de CDs, lendo os últimos romances, indo para os últimos concertos de rock, comendo fora, indo às últimas excursões, freqüentando bares, vendo os últimos lançamentos de filmes no cinema, assistindo jogos de futebol, indo para pistas de patinação, freqüentando boates, assistindo corridas de automóveis, visitando parques de diversão, assim, você vê uma população escravizada pela indústria do lazer, do entretenimento e de atividades consumistas. Todas estas atividades destroem a comunidade e nos isolam uns dos outros.

A coisa mais maluca é que tudo isso é voluntário. Ninguém nos força a fazer coisa alguma. Os capitalistas capturaram nossas horas de trabalho pela força transformando-nos em escravos. Mas eles capturaram nossas chamadas horas vagas e pela sedução nos tornando espectadores e consumidores. Vai ser difícil nos livrarmos da indústria cultural. O problema é que a maioria destas coisas são divertidas. Contudo, temos que perceber que elas estão nos destruindo. Nós podemos e devemos nos livrar dessas coisas.

Este é certamente um modo de começar imediatamente a destripar o capitalismo. Podemos aprender tocar instrumentos novamente e fazer nossa própria música. Podemos aprender cantar juntos novamente, uma habilidade que perdemos (as pessoas que esqueceram como cantar nunca podem fazer uma revolução; vai aqui uma idéia; podemos destruir o capitalismo começando a cantar novamente). Podemos nos reunir com os vizinhos e praticar algum esporte. Podemos passear juntos de bicicleta, ir a piqueniques, ir a livres conferências, formar grupos de discussão e trocar idéias e informações, brincar em nossas próprias casas, ir acampar (mas sem um furgão carregado de equipamentos), ler (livros bons em vez de lixo), organizar danças da comunidade com talentos musicais locais tocando ao vivo, brincar de jogos de fase, sentar e conversar, visitar amigos e parentes, dormir, ou mesmo sossegar e não fazer nada. A indústria cultural capitalista desmoronaria amanhã sem nossas infinitas compras.

**22. Não Vote.** Há uma lista inteira de coisas para não fazer, especialmente não desperdiçar tempo com estratégias que falharam. Entretanto, votar merece uma menção especial, por causa da horrível ambivalência que ainda cerca este assunto. A ambivalência surge em larga escala a partir do óbvio fato de que o voto pode representar uma considerável diferença em nossas vidas se o governo ser controlado por fanáticos da extrema direita ou por liberais bonzinhos. Afinal de contas, se os governos ficam nas mãos das pessoas certas, e se a dinâmica interna do capitalismo permitir (isto é, se a taxa de lucro for suficientemente saudável) muitas coisas boas podem acontecer para o trabalhador comum. O que os governos não podem fazer é destruir o capitalismo, porque eles são uma parte integrante do capitalismo.

Temos que enfrentar até mesmo argumentos como este. Qualquer tempo ou energia gastos no processo eleitoral sempre fará falta para o alcance de nossos verdadeiros objetivos. Não podemos nos dar ao luxo desse desperdício. Não temos tempo a perder. Ou paramos de lutar por aquilo que queremos ou começamos a lutar por aquilo que queremos. Nós temos que reservar nossas energias para aquelas estratégias que destruirão o capitalismo e criarão um novo mundo. Alguns radicais argumentam que temos que fazer ambas as coisas, eleger socialistas ou pelo menos liberais progressistas para o executivo ou parlamento, ao mesmo tempo em que construímos instituições alternativas e atacamos o sistema de outros

modos. Eles não estão sendo realísticos. Você pode gastar décadas de sua vida tentando construir um trabalho novo ou partido progressiva, mas o que você consegue mesmo se for bem sucedido? Não o que você realmente queria!

Além do mais há toda uma gama de objeções ao voto, ele perpetua a ilusão de que vivemos em uma democracia ou pelo menos em uma proto-democracia, que legitima o sistema, aquela disputa eleitoral é apenas uma opção para o muito rico, e assim por diante. Você pode recordar a sátira anarquista de que se o voto pudesse mudar alguma coisa ele seria ilegal. Há um adesivo de pára-choque que onde se lê: "Não Vote! Isso apenas os incentiva". Se possível abstenha-se até mesmo de votar, mesmo que sofra alguns contratemplos, é um ato de resistência. É uma rejeição consciente ao capitalismo, uma recusa em vender o cérebro, e como tal é um passo para construir um movimento de oposição.

Embora voto universal represente uma grande conquista por parte do proletariado, do feminismo, da agitação pelos direitos civis, foi ao longo do tempo transformado em um mecanismo de controle pela classe dominante, para ser usado contra nós. Deveríamos dispensar definitivamente esta prática e começar a praticar a ação direta para destruir o sistema que nos está matando aos milhões.

**23. Recuperar nosso próprio idioma.** Já não falamos mais nosso próprio idioma livremente criado. Falamos o idioma de nossos governantes e de seus sensores. Não é por acaso, considerando o bombardeio das escolas e dos meios de comunicação de massa sobre nossas cabeças. Também, realmente nem mesmo falamos mais uns com os outros, que é naturalmente a única maneira de se criar um idioma. Ao invés disso, nós escutamos o que os meios de comunicação de massa dizem. Andamos para cima e para baixo com fones de ouvido em nossas cabeças. Escutamos professores, às vezes durante vinte anos. Escutamos notícias, programas de entrevistas, previsão de tempo, milhares de anúncios, até mesmo relatórios de mercado de valores, embora poucos de nós tenhamos ações (e aqueles que possuem tem poucas). Escutamos o Presidente. Escutamos os patrões, ministros, doutores, e psiquiatras. Algumas pessoas não podem nem mesmo pegar no sono a menos que o rádio ou a TV esteja ligada. Há rádios em todos os carros, em todo local de trabalho, em toda cozinha. Milhões de pessoas acordam todas as manhãs com o som de um rádio relógio. Há rádios na praia e nos acampamentos. Escutamos alto-falantes cada vez que entramos em uma estação de metrô e de trem, dizendo-nos para não pisarmos em cima da linha amarela, não fumar, não sujar com lixo, para dedurar vândalos (222-1212), para termos um bom dia. Tudo isso sem qualquer sinal de protesto de um único passageiro. Constantemente estamos escutando, um palavreado que não fomos nós que inventamos.

Igualmente lhes permitimos o direito de inculcar o palavreado que inventaram nos cérebros de nossas crianças até mesmo antes que elas possam falar. Um palavreado cheio de eufemismos, duplo-sentido, psicótico-ininteligível, e confuso. Um idioma feio. Comparado agora com o que se falava há cem anos atrás nosso idioma está empobrecido, poluído, e degradado, com poderes expressivos grandemente debilitados. Não podemos pensar usando este idioma diretamente. Embora soe estranho dizer isso, palavras são coisas muito concretas, e podemos prestar atenção a elas. Não temos que dizer "sociedade industrial" em vez de "capitalismo", só para dar um exemplo. Livros inteiros estão sendo escritos agora em duplo-sentido através de opositoristas. Deveríamos estudá-los. Também deveríamos estudar os oradores, sempre que pudermos, eles foram as primeiras vítimas do capitalismo, nos séculos XVI, XVII e XVIII. Eles tinham uma clara percepção de que estavam sendo derrotados. Até mesmo no século XIX, a linguagem da oposição ainda era muito rica e poderosa. Estuda as falas de William Morris ou de Voltairine Cleyre, por exemplo, se você quiser ver quão lamentável nosso idioma está comparado ao deles.

**24. Recupere sua capacidade de autodefesa.** Nunca antes em toda a história pessoas estiveram tão indefesas contra seus opressores como os proletários do mundo capitalista, classe que agora compõe a esmagadora maioria das pessoas. Não possuímos nenhuma terra e não podemos cultivar o alimento que precisamos. Não possuímos nenhuma ferramenta e não podemos suprir o que necessitamos para viver, nem mesmo roupa e abrigo. Não possuímos nenhuma arma e não podemos nos defender contra ataques. Nossas comunidades e famílias estão sendo destruídas. Não podemos controlar o que nossas crianças aprendem. Já não podemos compor nossa própria música. Até mesmo o idioma que falamos não nos pertence mais. Cada semana temos que entregar nosso dinheiro à custódia da classe dominante. Estamos completamente à mercê de nossos governantes (e ainda pensamos que somos livres!).

Até mesmo nosso caráter foi mudado e debilitado. Já vai longe o tempo em que os camponeses e nativos de todo mundo (incluindo europeus) resistiram ferozmente na luta pela independência quando foram pela primeira vez assaltados pelos capitalistas. Nos convertemos em uma classe domesticada de pessoas, tão domesticadas que nem mesmo sabemos que fomos domesticados. Somos uma classe conquistada, tosquiada, pacificada, controlada, contida, administrada, pacificada, e manipulada.

Porém, não fomos inteiramente domesticados e esta é nossa força e única esperança (é desesperador imaginar um povo completamente domesticado). O fato de falharem, mesmo com todos seus governos, escolas, poder de fogo, e meios de comunicação de massa, em nos domesticar completamente, é um sinal de que eles nunca conseguirão nos domesticar completamente (só falta nos alterarem geneticamente, e estou seguro que eles já estão trabalhando nisso, é só uma questão de tempo). O fato deles não conseguirem nos domesticar completamente significa que podemos ganhar, que somos mais fortes.

É óbvio que recuperar a capacidade de autodefesa não é tão simples como armazenar fuzis. Na realidade não é uma questão simples em nenhum aspecto. É semelhante a recuperar a capacidade de viver autonomamente. Não obstante, há muitas coisas que podemos fazer enquanto isso. Por exemplo, podemos estabelecer observatórios. Sempre que um incidente acontecer, e envolver a polícia, deveríamos nos juntar ao redor e observar. Isto por si só funcionará como um freio à brutalidade policial e proverá testemunhas oculares a qualquer coisa que venha a acontecer. Infelizmente, tudo está caminhando exatamente na direção oposta. Muitos bairros estão montando redes de alcagüetes, sob a supervisão direta de sua polícia local. Com efeito, eles estão se transformando em policiais, em espões das vilas, em nome da luta contra o crime. Se esta tendência continuar, logo estaremos na mesma situação da Rússia, com pessoas entregando pessoas de sua própria família para a polícia secreta do estado. Eles não vêem os crimes perpetrados pelo governo, corporações, e pela própria polícia, mas só o assassino de rua que ameaça seus bairros.

As feministas eram perseguidas pela direita até o dia em que resolveram freqüentar classes de caratê no início dos anos sessenta. Elas disseram que estavam cansadas de se sentirem vulneráveis e desamparadas. Assim começaram aprender caratê e outros métodos de autodefesa. Deveríamos não apenas reavivar este interesse pela autodefesa mas também difundi-lo. Tal interesse deve ser elevado ao nível comunitário, e não apenas como uma prática individual. Uma vez que nunca teremos tanques, helicópteros, carros de patrulha, granadas de gás, e toda espécie de armamentos (nem deveríamos igualmente querer), temos que inventar armas sociais com as quais possamos resistir e nos defender. Eu admito que esta é uma tarefa formidável e assustadora. Qualquer um que sobreviveu em um gueto por longo tempo sabe o que significa viver em um território ocupado. Meia dúzia de carros-patrulha podem chegar a qualquer incidente em poucos minutos, vindos de diferentes lugares, enquanto helicópteros vasculham por cima. Como é possível superar tal poder de fogo?

Para ser bastante honesto, não vejo como escapar disso, os bairros autônomos poderiam ser defendidos contra o poder militar da burguesia. Entretanto, não é possível defender-se contra forças nacionais. Veja por exemplo o ataque contra a Iugoslávia. Veja o que eles podem fazer com toda uma nação se quiserem. Os bombardeios são tão destrutivos que tem a capacidade de retornar um bairro ao nível pré-industrial. Jogando contínuas bombas durante setenta e oito dias de bombardeios, invadindo fábricas produtivas, eles reduziram a pó as realizações de todo um povo durante meio século. Assim, dificilmente haverá uma defesa para nossos bairros, mesmo adotando uma estratégia estatista, ou construindo forças armadas para peitar o militarismo da classe dominante dentro de seu próprio terreno -- afinal de contas, a Iugoslávia estava bem armada -- porque seríamos mais eficazes do que eles?

A resposta para o dilema está, eu suspeito, precisamente em nossa pequenez, em nossa onipresença, na ação direta, na determinação, e nas táticas de não-cooperação e resistência à opressão violenta. Afinal de contas, não estamos começando agora. Aprendemos muito desde a longa tradição de resistência não-violenta até a força física. Também temos que estudar táticas e estratégias de guerra, porém, porque cedo ou tarde acabaremos envolvidos com coisas assim.

Acredito que podemos ganhar. Mas talvez esteja sonhando. Nunca devemos esquecer que eles estão dispostos a assassinar populações inteiras para proteger sua habilidade de acumular capital, já fizeram isso no passado e o farão novamente quantas vezes for necessário.

**25. Assuma o controle sobre os fundos de pensão dos sindicatos.** No momento, bilhões e bilhões de dólares que os trabalhadores economizaram são controlados por banqueiros incorporados que usam o dinheiro para estourar sindicatos, isolar comunidades pobres, e financiar empreendimentos corporativos, entre outras coisas. Se você é sindicalizado ou conhece alguém que é, comece a agitar para adquirir estes fundos removendo-os e transferindo-os para o trabalho -- e bancos cooperativos a serviço das comunidades. De qualquer maneira tire o dinheiro do controle corporativo.

**26. Não coopere com a polícia.** Fora dos guetos urbanos, a polícia nos estados capitalistas avançados trabalha em um ambiente social muito amigável. Isto é uma vergonha. Reflete algumas atitudes muito ruins de nossa parte e falta de consciência política. Ainda existem muitas pessoas que acreditam que a polícia existe para nos proteger do crime, na realidade, é ela que nos torna indefesos, a polícia é uma das principais causas do crime. A polícia dedica uma porção

minúscula do seu tempo, indiferentemente, aos problemas das pessoas comuns (quando foi a última vez que a polícia pegou alguém que te roubou, ou recuperou os bens roubados?). A grande missão do trabalho deles é proteger a propriedade corporativa, reprimir manifestações e destruir movimentos indesejáveis ao sistema. Constantemente nos vigiam (rondas), como se fôssemos um rebanho (por exemplo, a onipresença dos carros patrulha), e nos desarmam (você precisa de licença até mesmo para transportar um porrete). A polícia é a linha de frente das tropas mercenárias dos capitalistas.

Diante deles o que devemos fazer? O mínimo possível. Nunca peça a um policial que lhe ensine um caminho. Na realidade, nem mesmo dirija a palavra a policiais a menos que seja absolutamente necessário. Nunca convide um policial a entrar em nossas casas ou aconselhar-nos sobre medidas de segurança (eles têm um programa). Não coopere com qualquer programa elaborado pela polícia, para organizar-nos e fazer com que nossos vizinhos cooperem na luta contra o crime. Se soubermos de policiais indo a escolas públicas para dar palestras sobre segurança aos alunos, não deixe seus filhos ir à escola naquele dia. Sempre que vemos policiais abordando pessoas, devemos nos aproximar para observar; nossa simples presença é um impedimento. Organize grupos de pessoas para observarem de perto a ação da polícia. Nunca responda qualquer pergunta além das legalmente requeridas; em vez disso exercite nosso direito de permanecer calado (assim teremos que saber nossos direitos). Isto pode nos trazer problemas. Nada enfurece mais um policial do que alguém se recusar a responder suas perguntas. Mas é um ato essencial de resistência, e se praticado amplamente, conduzirá rapidamente a uma consciência clara de que os policiais não dão a mínima para nós.

**27. Não sirva ao exército.** Não se torne um policial. A maioria dos lacaios da classe dominante (por exemplo, gerentes, juízes, políticos, jornalistas, advogados) se situam entre os extratos de rendas médias mais elevadas (alguns deles são da própria classe dominante) ou então são pessoas da classe trabalhadora que foram suficientemente moldadas (isto é, absorvidas pelo sistema de instrução). Os policiais e soldados originários da classe trabalhadora são introduzidos diretamente nas tropas de choque e utilizados para defender a ordem capitalista. O problema é que pessoas ignorantes olham para os militares como indivíduos de boa índole, e o trabalho da polícia como algo valoroso.

O movimento de oposição, por sua vez, deve tentar, na medida do possível, banir essa idéia do meio da Casa. É impossível impedir que os capitalistas recrutem tropas, o que podemos fazer é deixar claro que não estamos dispostos a arcar com esse ônus, ridiculariza-los, deprecia-los, repudiá-los, e se alguém da Casa demonstrar alguma simpatia pela polícia, deve ser esclarecido de que polícia não presta, e que aqueles que apóiam policiais são traidores da Casa, e devem ser considerados inimigos.

**28. Não se torne um patrão.** Algo profundamente inculcado na mente das pessoas é a ambição por ‘subir na vida’, e ‘ser alguém’, o que significa adquirir algum status no mundo corporativo. Isso é muito danoso para a igualdade e liberdade da comunidade; mas bem útil ao capitalismo, principalmente nos últimos anos com a queda na renda média da maior parte das pessoas e com o crescente nível de desemprego. Ser promovido a um status superior foi uma forma que algumas pessoas encontraram de impor-se sobre outras (em termos gerais, e em termos absolutos para um grande número de pessoas). O custo é porém alto. Em troca de ter uma vida um pouco mais confortável no sentido material (uma qualidade de vida bastante questionável) estas pessoas vendem suas almas aos capitalistas, desenvolvem interesses escusos defendendo o sistema, adotam pontos de vista de governantes, impõem regras corporativas, e acabam tornando-se verdadeiros policiais da acumulação de capital. Se nenhum trabalhador aspirar promoção, recusando ser promovido a gerente, chefe e encarregado quando convidado, tal atitude debilitaria uma ligação estratégica no sistema e arruinaria seriamente a habilidade de um empreendimento de operar lucrativamente. Na medida em que mais e mais trabalhadores adotam esta atitude, surge um conjunto de valores oposto ao dos patrões. Claro que recusar um cargo hierárquico implica em perda de renda. Mas o custo de aceita-lo seria insuportável. Em vez de aceitar cargos administrativos, por que não redirecionar nosso tempo e energia para a criação e fortalecimento de associações autônomas que no futuro representarão a ruína do sistema de escravidão-assalariada?

**29. Ridicularize os homens de negócios** – sempre que puder. Inclusive: banqueiros, policiais, advogados, padres, professores, doutores, cientistas, políticos, patrões, e previsores de tempo. Não se submeta à autoridade de ninguém. Profissionalismo não significa outra coisa senão mais uma forma de destruir a independência, competência, e autonomia das pessoas em geral. Dificilmente fazemos algo para nós mesmos sem primeiro consultar um perito, temos que parar de agir assim.

**30. Rejeite as Regras de Robert.** As regras de Robert, foram escritas por um general aposentado em 1876, tais regras foram profundamente assimiladas pela cultura popular dos Estados Unidos, de tal modo que são automaticamente adotadas como uma bíblia. Ela regulamenta a maneira como um grupo de pessoas deve se comportar em uma reunião. Tais regras

funcionam como uma lei externa, imposta de cima para baixo. As pessoas esquecem que elas podem criar e adotar a regra que quiserem para suas reuniões, até mesmo não ter regra alguma. As Regras de Robert dão muito poder à mesa. Encorajam a manobra parlamentar. São opressivas e rígidas. Podem ser facilmente usadas para derrotar a vontade coletiva. Precisamos inventar procedimentos mais flexíveis e democráticos, menos centralizados, para organizar nossas assembleias coletivas, adotando procedimentos que permitam muito mais caos, espontaneidade, interrupções, conversas paralelas, voto rápido, argumentos, opções, formas e processos diversos de discutir assuntos. Definitivamente, chegou a hora de jogar no lixo as regras do Roberto.

**31. Não deposite seu dinheiro em bancos corporativos.** Ao invés disso, procure um banco cooperativo. Se não tiver opção melhor. Não há nenhum impedimento legal em fazer isso. (É muito provável que as cooperativas bancárias seriam impedidas de funcionar se essa prática se disseminasse). Os bancos corporativos usam nossos depósitos para fortalecer o mundo incorporado e debilitar o mundo das comunidades autônomas. É simplesmente loucura entregarmos nossos salários mensais voluntariamente para que seja usado contra nós (ou mesmo pagá-los para fazer isso).

**32. Tente não entrar em dívida** (a menos que seja uma questão de vida ou morte). A dívida pessoal é uma invenção capitalista para nos subjugar ao mundo deles. E funciona perfeitamente bem. Os capitalistas arrecadam muito dinheiro com a agiotagem que praticam. Se as pessoas parassem de pedir empréstimos, os capitalistas sairiam bastante prejudicados. Se você estiver devendo, fique esperto, em alguns casos dever é pior do que perder o emprego, reduz nossa flexibilidade, e nos deixa apavorados. É uma coisa maluca a gente se submeter voluntariamente às regras capitalistas.

**33. Se você tem pesadas dívidas, considere abrir falência pessoal.** Trata-se de um ato judicial requerido por indivíduo ou empresa em estado de insolvência, ou por seus credores. A finalidade é proporcionar a estes parte do que têm direito, pela venda da massa falida. É a melhor coisa que você pode fazer se não possuir nada. Se tiver algumas coisas então descubra até onde vai tua disposição de viver sem elas. Se milhões de pessoas começarem a tirar proveito dessa lei, logo será abolida. Aproveite enquanto ela ainda está em vigor usando-a para livrar-se de dívidas e sair do buraco do cartão de crédito.

**34. Abandone a escola o mais cedo possível.** Na maioria dos estados a educação compulsória termina aos dezesseis anos. É quando deveríamos deixar a escola. Por mais de um século e um meio o proletariado comprou a idéia de que educação é um modo de melhorar nossas vidas, se não a nossa própria, pelo menos das nossas crianças. Isto funcionou durante algum tempo em alguns dos principais países. Mas até mesmo em seu auge sempre foi avaliado em excesso, porque a mobilidade nos altos escalões enfrenta limitações estruturais severas (isto é, há muito poucas vagas). Na realidade, já faz muito tempo que a educação perdeu seu valor emancipatório. Ao invés disso, tornou-se uma instituição fundamentalmente pacificadora e doutrinadora do proletariado. Ensina obediência, pontualidade, e passividade. É uma ferramenta disciplinar. Destrói a autonomia, a curiosidade, a espontaneidade, a iniciativa, e a criatividade. Perpetua valores e pontos de vista da classe dominante. Põe tapa olhos na população. Impõe hierarquia e graduações. É loucura entrar neste sistema voluntariamente. Sair da escola não significa deixamos de aprender. Significa que assumiremos ativamente a responsabilidade como autodidatas. Os próximos cinco pontos também referem-se à educação.

**35. Ignore graduações.** Não atribua nenhuma importância a esses títulos. Faça o mínimo de esforço possível para cumprir os anos compulsórios designados pelo estado. As graduações no sistema escolar são semelhantes aos salários no sistema fabril, é dessa forma que induzem a competição em lugar da solidariedade mútua, e inculcam em nossa mente coisas como 'esforçar-se para obter a aprovação das autoridades'. É uma atitude que mais tarde servirá bem aos capitalistas no local de trabalho.

**36. Rejeite diplomas e certificados.** Certa vez vi um amigo chorar de alegria quando finalmente alcançou o grau de doutorado. Isso revela quão profundamente os valores capitalistas penetraram em nossa personalidade. Também é verdade que tais coisas representam um triunfo pessoal de proporções consideráveis. Não obstante mostra que compramos a convicção de que somos pessoas melhores, mais realizadas se recebermos o selo de aprovação do Estado. A idéia de colar graus é completamente reacionária. Buscar credenciais, certificados, pelo governo, é completamente reacionário. Eles uniram este sistema de certificados à estrutura profissional. As escolas são campos de treinamento e centros de triagem (disfarçados) a serviço do mundo corporativo. Se você pode agüentar 12, 16, ou até mesmo 20 anos de escola talvez você não ache tão ruim viver o resto de sua vida como professor, executivo, banqueiro, advogado, ou um padre. As escolas são centros de triagem até mesmo para determinar as pessoas da classe proletária que exercerão cargos de chefia. Se você não se submete à disciplina do regime, da escola, você não se adequará às exigências do cargo. Se você não aceita ser classificado, repreendido, organizado, castigado, ou insultado na escola, você não gostará destas coisas no local de trabalho.



Mas se tivermos absolutamente que adquirir credenciais para sobreviver no mercado de trabalho, então deveríamos nos orgulhar de ter uma, a de nunca termos 'sido promovidos'. As promoções deveriam ser consideradas como impostos, ordem, imposição, ou prova de droga: regras opressivas forçadas pelo governo, algo a ser evitado na medida do possível, ou pelo menos minimizado.

Talvez já seja tarde demais para dizer essas coisas. Os capitalistas estão abandonando as escolas e a chamada educação pública, porque eles já não precisam mais de tantos trabalhadores 'educados'. Eles estarão perfeitamente satisfeitos deixando milhões, bilhões de pessoas chafurdando na ignorância. Pessoas ignorantes são pessoas fracas. Assim nossa absoluta rejeição às escolas deve ser acompanhada por uma determinação férrea em nos tornar pessoas preparadas, qualificadas, altamente educadas. Mas nós não podemos conseguiremos isto indo à escola. Conseguiremos isso por nós mesmos, com a ajuda de nossos vizinhos, amigos, e camaradas.

**37. Não faça faculdade.** Por todas as razões discutidas acima, entrar em uma faculdade é uma idéia absurda. Ninguém pode te obrigar a frequentá-la. Portanto, não faça isso. Os anos podem ser usados em outros lugares mais vantajosos. Não faz absolutamente nenhum sentido entregar-lhes voluntariamente outros 2, 4, 5, ou 8 anos de esforços. Não seja seduzido pela idéia de que você estará ajudando a si mesmo cada vez que adquire alguma graduação, ou que você está conquistando algo e está prosperando. Sucesso não tem nada a ver com certificados do estado. Essa pode ser a definição deles de sucesso mas não é a nossa.

**38. Seja um autodidata.** Procure as pessoas educadas nos movimentos de oposição e pergunte sobre leituras, seminários, conferências. Forme grupos de estudos. Leia e estude constantemente. Leia a imprensa alternativa. Assista a vídeos e escute fitas produzidas por radicais. Estas coisas podem ser feitas com o tempo e a energia economizada deixando de ir à escola. Obviamente, há muita coisa que você poderá fazer como autodidata. Se você quiser se tornar biólogo marinho ou um cirurgião do cérebro, provavelmente você terá mesmo que frequentar uma escola. Mas mesmo nesse campo é possível encontrar várias formas de desvencilhar-se parcialmente do sistema escolar. Há muitas maneiras de provar competência independente de certificação escolar, através de testes ou por uma real experiência de trabalho. Há algumas habilidades, como carpintaria, que você pode adquirir em uma escola técnica (que requer menos tempo) ou tornar-se aprendiz.

O ponto chave é parar de ver a escola regular como um lugar onde podemos aprender. A grande quantidade de matérias que exigem que estudemos prejudica tanto nossa saúde como nosso bem-estar. Até mesmo assuntos técnicos são tratados de forma enigmática devido aos valores e preconceitos da classe dominante. Rejeitando as escolas nos livramos desta ilusão, nos libertamos para adquirir o tipo adequado de informação e de conhecimento necessário para destruir o capitalismo, salvar a nós mesmos, salvar o planeta, e conquistar "liberdade e justiça para todos".

**39. Apóie o Movimento pela Educação em Casa.** O ideal seria alcançar o objetivo radical de reintegrar a aprendizagem com a vida, mas enquanto esse momento não chega o Movimento pela Educação em Casa é a melhor opção. Embora a maioria das pessoas envolvidas neste movimento seja fundamentalista da ala direitista, há um pequeno contingente da ala esquerda. A Educação em Casa é legal em muitos estados dos Estados Unidos. Precisamos conhecer bem alguns critérios, pois o estado anda sondando o movimento. Não obstante, é um modo de nos livrarmos da educação controlada pelo estado. É uma tarefa difícil para uma família fazer sozinha, e funciona melhor quando várias famílias se unem, e melhor ainda todo um bairro. É um modo de assumirmos nossa própria educação.

Você pode estar perguntando por que deveríamos dispensar todos os recursos das "escolas públicas" - bibliotecas, ginásios, piscinas, salas de aula, computadores, suplementos de arte, seminários, quadras esportivas -- enquanto que não há praticamente nada em nossas salas. Há um motivo. As escolas públicas não são públicas coisa nenhuma, nunca foram. São escolas do sistema, escolas controladas pela classe dominante. Os capitalistas controlaram o sistema escolar desde o início. Até mesmo os conselhos das escolas de nível médio locais são quase invariavelmente conservadores, é composto pelos sócios mais ricos de uma comunidade que apóiam o status quo. Recentemente, até mesmo estão sendo permitidos às corporações e ao exército invadir as escolas por um longo tempo. O controle público no sistema escolar existente é semelhante ao controle público das fábricas, escritórios, hospitais, ou do próprio governo -- as estratégias para modificar isso nunca tiveram sucesso.

De qualquer forma, as pessoas que trabalham em escolas e faculdades definitivamente deveriam criar associações de empregados, no intuito de assumir estas instituições. Se pudéssemos tomá-las sob nosso controle seria bem melhor do que

começar do nada em outro lugar. Mas tomar as escolas, faculdades, e universidades, bem, eu acredito e provo ser uma tarefa da mesma magnitude que tomar corporações, e provavelmente tais coisas ocorrerão ao mesmo tempo. Eu duvido que as escolas possam ser democratizadas separadamente de tudo o mais, tanto quanto os hospitais.

Enquanto isso, é melhor juntar os recursos de forma a ser livres para ensinar nossos próprios valores, adquirir os conhecimentos que precisamos, atualizar nossos conhecimentos, até mesmo nossos conhecimentos técnicos, para nossos próprios propósitos, gerar uma cultura autônoma.

**40. Não recicle.** Não desperdice sua vida tentando consertar a bagunça que o capitalismo está fazendo no planeta. Dedique sua vida destruindo o capitalismo. Reciclar sempre foi coisa de vagabundo. Gastamos horas e horas de nosso tempo livre separando o lixo, botando papéis aqui, latas ali, garrafas acolá, enquanto as fábricas diariamente produzem milhões de toneladas de lixo novo, possivelmente mais do que podemos limpar. Por que não impedi-los de produzir lixo?

Reciclar agora se tornou um grande negócio. Naturalmente não seria lucrativo se os empresários da reciclagem tivessem que pagar para os trabalhadores saírem catando lixo. Assim, muito habilmente, eles recrutaram exércitos de ecologistas ingênuos para catar o lixo para eles de graça, trazendo-o voluntariamente para os portões de fábrica. Os empresários, por sua vez, transformam esta matéria-prima em lucro (com uma pequena ajuda dos escravos-assalariados, claro).

Não há dúvida de que reciclar normalmente fará parte da vida cotidiana de pessoas livres. Mas não agora, não enquanto está sendo usado para nos desviar de nossa verdadeira tarefa de substituir uma economia mortal orientada para o lucro, por atividades vitais sustentadas por pessoas livres. Assim, caia fora desse carrossel da reciclagem.

**41. Não use terno.** Durante muito tempo foi costume das famílias do proletariado se vestirem a rigor para ocasiões especiais, a chamada 'roupa de domingo'. Vestir-se bem significava vestir-se como a classe dominante -- terno e gravata para os homens e vestidos fantasiados para mulheres (agora há ternos também para mulheres). Se você olhar para as fotos dos trabalhadores de cem anos atrás verá, por exemplo, centenas de homens reunidos no Union Square na cidade de New York para ouvir Emma Goldman falar, todos estavam usando ternos. Há muitos destes retratos. Mas especialmente com o declínio da frequência nas igrejas, durante o último século, os trabalhadores vem abandonando os ternos. Deveríamos explicitamente acabar com esse costume e rejeitar ternos. Ternos são os uniformes dos homens de negócios, políticos, e burocratas, o mundo lá de cima. Não há nenhum ponto de convergência entre eles e nós.

É possível que esta tática torne-se antiquada, entretanto. Parece que há uma tendência por parte de algumas corporações de exigir que os trabalhadores venham trabalhar de terno, enquanto que seus executivos tendem a usá-los casualmente. Nos anos sessenta quando cultivamos barbas como sinal de protesto, descobrimos algum tempo depois que os executivos também estavam deixando as barbas crescer; foi assim que as barbas perderam seu valor simbólico.

Eu também não estou nem um pouco preocupado se a classe dominante muda ou deixa de mudar seu vestuário. Você pode imaginar um Estado da União dirigido por pessoas sem ternos? De qualquer forma, não usa terno. Fará bem para sua alma.

**42. Não jogue na loteria.** Cada centavo que gastamos em loteria funciona como um presente à classe dominante. É como declarar: "Toma, leve meu dinheiro e use-o para me escravizar". A loteria é uma instituição completamente maléfica. O fato de milhões de nós gastar dinheiro suado com bilhetes de loteria é uma prova de que transformaram nossos cérebros em mingau. Estamos sendo tosquiados. Pior que o roubo financeiro é o roubo psicológico -- uma bela ilusão que nos diz que podemos ganhar e escapar da miséria. A loteria é apenas mais uma pequena arma que eles inventaram para nos neutralizar, nos desarmar, e nos impedir de praticar uma real, direta, e efetiva ação para interromper nossa exploração, satisfazer nossas necessidades, e criar por nós mesmos vidas e comunidades felizes.

## 8. Comentários Gerais sobre a Estratégia

Talvez seja o momento de tecer alguns comentários gerais sobre as táticas anteriormente propostas. Por favor note que todas elas são coisas que podem ser começadas agora mesmo por qualquer um de nós como indivíduos ou como grupos pequenos. Elas não exigem que construamos vastas organizações nacionais (esqueça as organizações internacionais, algo que está sendo pedido cada vez com mais frequência diante das mais recentes ondas da globalização de capital). Elas não requerem vastos recursos, guerrilheiros, ou uma coragem extraordinária. Elas não exigem deixar nossas vidas por uma causa ou se negar aos prazeres da vida.

Pelo contrário, elas exigem começar criando uma vida agradável, de qualidade. Elas não exigem que sejamos super-inteligentes, intensos leitores, ou altamente educados. Elas não exigem adotar uma linha de partido ou ter uma consciência correta. Elas não exigem que gastemos nossas vidas construindo organizações burocráticas como sindicatos ou partidos. Elas não pedem que peçamos licença ao estado. Elas não exigem que trabalhemos para mudanças na legislação. (Na realidade, a regra número um é que se uma estratégia requer mudanças na legislação, é falha).

Você também pode notar que muitos dos itens listados acima estão projetados para impedir a classe dominante de controlar o que pensamos. Esta é em muitas formas a frente de batalha. Não há tempo a perder. As condições históricas nos são favoráveis, e não será por muito tempo, para que nos impeçam de construir um mundo social novo. São as armas de controle da consciência que desenvolveram contra nossas mentes que nos mantêm estáticos. Por exemplo, eles conseguiram apagar praticamente todos os conhecimentos das lutas anticapitalistas anteriores. Ao invés disso enchem nossos cérebros de jogos esportivos e trivialidades da mídia. Uma prioridade importante de um movimento de oposição deve ser contrapor e neutralizar estas armas de forma que possamos voltar a aprender e pensar por nós mesmos.

Vários dos itens listados acima são atos de resistência, por exemplo, não votar, não assistir TV, não ir para a faculdade, não se tornar um chefe, não cooperar com a polícia. É necessário e importante rejeitar, recusar, e quebrar com o leque de práticas pequenas que apóiam relações capitalistas. É principalmente através de tais atos de resistência que podemos gerar um movimento de oposição e uma contra-consciência.

É patente que muitos desses itens debilitam e subvertem o governo e as corporações. O primeiro e mais fácil passo para debilitar um governo, naturalmente, é simplesmente retirar nosso apoio e declarar nossa oposição. Depois disso nós podemos começar a encontrar dezenas de modos concretos para subvertê-lo, inclusive todos os itens listados acima. Por exemplo, podemos aumentar nossas exigências ao governo, pedindo mais, mais e mais. Afinal de contas, a riqueza é nossa. Isto põe o sistema deles sob tensão e abre brechas para entrarmos em ação em outro lugar. Podemos apoiar a liga de resistência aos impostos, uma estratégia que não pode não avançar muito se o governo for forte o bastante para impor multas pesadas e ordens de prisão. Mas talvez esses atos possam se constituir em uma base para uma futura resistência a impostos em uma escala maior. Podemos apoiar movimentos de resistência ao serviço militar. Podemos nos opor às corporações: apoiar todas as campanhas anti-corporações que ouvirmos falar. Podemos tentar destruir a credibilidade delas, expondo todos os impostos que deixaram de pagar, expondo todos os subsídios governamentais que adquiriram, expondo como nunca tiveram que pagar para limpar a poluição que provocam, e expondo como eles compram os legisladores. Uma vez superada a idéia de que o governo é nosso, podemos pensar em centenas de modos de debilitá-lo e subvertê-lo.

O coração da estratégia proposta é, porém, a livre-associação -- em nossos bairros, em nossos locais de trabalho, em nossos bairros. É por aí que podemos derrotá-los. Você pode achar que tais associações não poderão destruir o capitalismo, mas você está errado. Há grande poder na associação. Os capitalistas entrarão em pânico se o país começar a ser coberto por associações, em todos os bairros e em todos os locais de trabalho. Naturalmente, eles só entrarão em pânico se estas associações adotarem a ação direta como ferramenta para arrancar o poder do sistema e para reapropriação da riqueza. Se tudo que fazemos é falar, ou promover uma festa a cada ano, ou participar de uma festa de Natal no escritório (uma família grande e feliz), eles não terão mesmo nada com que se preocupar. As populações escravizadas do mundo capitalista tornaram-se precisamente inofensivas porque nossas associações tradicionais foram destruídas e nós fomos reduzidos à condição lamentável de viver como indivíduos isolados, ou como famílias nucleares pequenas.

Está na hora de começar a nos associar novamente, está na hora não por causa da tradição, mas porque sabemos que isso é o que queremos. Estas associações terão que ser obviamente defendidas, porque elas vão ser ferozmente atacadas. Nossa luta e militância principal deve ser proteger e defender novos arranjos sociais que estamos criando e não perder nosso tempo e energia atacando diretamente as instituições capitalistas. Não devemos esquecer que praticamente o mundo inteiro está embutido em relações capitalistas e somos dependentes delas para nossa sobrevivência. Se nós destruirmos estas relações e estruturas capitalistas antes de criarmos para nós mesmos meios alternativos de sobrevivência, nós morreremos. Assim, a ênfase tem que ser trocada pela construção do mundo novo que queremos, e defendê-lo do ataque que certamente virá, a todo momento estaremos tentando abandonar, destripar, e nos desvencilhar das práticas e premissas capitalistas.

Esta proposta estratégica foi criticada por não ser muito militante, por suprimir o confronto com as corporações e o estado. Acho que há aí uma falta de discernimento, provavelmente causado por minha rejeição às táticas tão tradicionais, como manifestações, por exemplo. Mas claramente, não há nenhum modo de criar as livre-associações que queremos sem dar de frente com o poder da classe dominante. Outra pergunta levantada sobre a estratégia proposta é se ela realmente

contribui para a derrota do capitalismo. Pratique as quarenta e duas táticas, a maioria delas é sobre o que não fazer, e então? Realmente funcionam? Qual é o mecanismo? Como capitalismo será derrotado de fato? É verdade que muitas das minhas recomendações são sobre o que não fazer. Elas são principalmente sobre construir uma cultura de oposição. Mas as cruciais primeiras três estratégias, sobre montar associações no local de trabalho, bairro, e comunidades, são passos positivos, como o são também as outras idéias espalhadas ao longo da lista, como implementação de bancos cooperativos, confiar a terra à Casa, atividades produtivas próprias, clínicas de saúde do bairro, moedas correntes locais, e assim sucessivamente. Mas o evento decisivo na subversão do capitalismo será transferir o local de tomada de decisão dos poderes legislativos nacionais e salas de reunião de diretorias corporativas para as assembleias de bairro e Projetos produtivos próprios, autogestivos, controlados pelos trabalhadores. É inconcebível que isto tudo possa ocorrer de uma hora para outra em todos lugares. Será obviamente um processo gradual, mas um processo que não obstante poderia acontecer dentro de um período de tempo histórico definido. Primeiramente as assembleias têm que ser criadas e defendidas. O processo de tomada de decisão tem que ficar cada vez mais distante das instituições capitalistas (governo, corporações, escolas, etc.) e voltar aos corpos locais. Isto será no princípio lento, em locais espalhados. Mas o processo poderá ganhar impulso, na medida em que se esparrama para cada vez mais Casas, de forma que mais tarde, quando as estruturas capitalistas começarem a implodir, a transferência de poder e riqueza retornaria às Assembleias da Casa de uma forma rápida e grandiosa.

## 9. Formas de Terminar de Destripar Capitalismo

Depois dessa primeira fase podemos agora começar a destripar o capitalismo em seu estágio final, coisas completamente impossíveis de serem realizadas agora, sem décadas de trabalho preparatório. O capitalismo terá que estar completamente debilitado e à beira de um colapso para que qualquer um desses próximos passos possa ter sucesso. A expectativa dos revolucionários do século passado de que os trabalhadores "tomariam os meios de produção" era algo completamente impraticável. Esta é a última coisa que faremos, não a primeira. Quando estivermos em condições de fazer isso, a vitória já está assegurada, já estaremos agindo diariamente pelos nossos novos arranjos sociais; já teremos reconstituído a sociedade.

Em todo caso, as quatro últimas coisas que você tem que fazer para acabar de destripar o capitalismo são: (1) tomar a terra; (2) tomar as fábricas, lojas, e escritórios; (3) tomar nossas residências; e (4) deixar de pagar impostos. Sem impostos os governos desmoronam. Nossa tarefa é debilitar o governo ao ponto dele não mais ser capaz de coletar impostos ou de defender a propriedade. Se pudermos ter sucesso nisso, tomar a terra e os meios de produção e reprodução parecerão um anti-clímax.

Como gesto final deveríamos demolir os grandes símbolos arquitetônicos do capitalismo. Explodi-los -- as fortalezas bancárias, os edifícios do capitólio, os horríveis grandes arranha-céus. Poderíamos manter um ou dois, como pedaços de museu, como lembranças do mundo de pesadelo que uma vez assombrou todos nossos momentos. Manteremos Manhattan, mas a evacuaremos, explodindo as pontes e túneis que lhe dão acesso e a isolaremos. Então poderemos cruzar o rio e nos surpreender de ter admitido que uma classe dominante construiu tal horror. Será um mausoléu da nossa era mais tenebrosa.

## 10. Mais Discussão

**1. O que as associações de bairro podem fazer?** Bastante. Como já foi mostrado, o simples fato de existirem, o simples fato das pessoas se ajuntarem, representa um terrível golpe no capitalismo porque quando nos juntamos começamos a superar o isolamento e a fragmentação das quais o capitalismo depende tanto. Os capitalistas detestam todas as relações humanas não fraturadas por comércio de mercadorias e suas estruturas de apoio (por exemplo, laços hierárquicos do governo, corporações, escolas, hospitais, latifundiários). Testemunhamos a contínua agressão ao matrimônio e aos laços de família, parentesco, que é o último grande reservatório de relações de não-comerciais.

As associações de bairro podem começar a administrar a guerra contra capitalismo. Há muitos modos para fazer isto: acompanhar de perto qualquer associação de empregados no bairro, encorajar o estabelecimento de casas cooperativas, encorajar o estabelecimento de atividades produtivas próprias, estabelecer um fundo controlado pelo bairro para começar a ter alguns recursos para fazer as coisas, começar a negociar acordos com outros bairros, endossar e encorajar todos os vários modos de destripar o capitalismo relacionados acima, começar um fundo para edificação de um Local de Reunião para construí-lo assim que dinheiro estiver disponível, começar a preparar-se para tornar as Assembleias da Casa com completo poder de tomada de decisão através do autogoverno, discutir o funcionamento e votar os procedimentos dentro

das Assembléias, qualificando-se a trabalhar cooperativa e democraticamente, organizando observadores de policiais, tentar construir depósitos nos bairros, encorajar e organizar passos para ter mais auto-suficiência em eletricidade e alimentos no bairro, regenerar a comunidade, restabelecer independência em dezenas de coisas pequenas em vez da dependência dos programas do estado, organizar a resistência a destruição corporativa no bairro, patrocinando bailes. E por aí vai.

**2. O que podem fazer as associações de empregados?** Muito. Identicamente às observações sobre o significado revolucionária do simples ajuntar. As associações de empregados podem começar a administrar a guerra contra o capitalismo dentro do local de trabalho. As águas são porém mais turvas aqui por causa dos 150 anos de práticas sindicais desastrosas. Em primeiro lugar não deve haver nenhum sinal de organização burocrática, nenhum funcionário sindical assalariado, nenhuma dívida, nenhum espaço do sindicato, nenhuma reunião secreta há meia noite no hotel entre executivos incorporados e funcionários sindicais. Os empregados lutarão por espaço, tempo, e direito para se encontrarem no trabalho, até então nos encontraremos em nossas casas ou em outros espaços determinados por comum acordo. Nem um centavo será gasto com funcionários sindicais, escritórios, ou edifícios. Em segundo lugar, nenhum contrato. A luta deve ser administrada com base no dia-a-dia. Nenhuma promessa. Nenhuma transação. Queremos adquirir mais e dar menos. É a somatória disto tudo. Nosso objetivo deve ser preparar o dia quando tomaremos a loja ou a fábrica, assumi-las, coloca-las sob nosso controle, estabelecer um projeto autogerido, e deixar de vender nossa força de trabalho. Mas esta é uma meta de longo prazo. Nossa meta imediata é exigir mais ao mesmo tempo em que trabalhamos menos. Isto provocará um encrespe na taxa de lucro, na acumulação de capital, e conseqüentemente no próprio capitalismo.

Para aquelas milhões de lojas com trinta empregados ou menos, um círculo operário cobrirá toda a operação. Em fábricas maiores deve haver vários, ou muitos, círculos operários, provavelmente ao longo das linhas departamentais da empresa. Por exemplo, em uma fábrica de papel com 1.000 empregados, haverá por volta de 40 círculos operários (tomando 25 como o tamanho médio de cada um). Impressoras, gravadores, artistas, editores, caminhoneiros, carteiros, tipógrafos, contadores, fotógrafos, e secretários, todos unidos em torno das reuniões de seus respectivos círculos operários.

Imagine como os executivos incorporados tremerão na base quando eles percebem que toda sua mão-de-obra se organizou em grupos autônomos e independentes, e que estes grupos estão se encontrando, estão se comunicando entre si, estão discutindo o que acontece na fábrica, estão produzindo demandas e estratégias, estão planejando ações diretas, e são implacavelmente hostis à administração. Imagine como a classe dominante como um todo entrará em choque quando ver cidades inteiras cobertas com milhares dos tais grupos em cada fábrica, escritório, e loja.

As associações de empregados têm que recuperar o conhecimento de que estamos sendo roubados, de que o capitalismo é um sistema de ladrões, e que as coisas não precisam ser assim. Eles têm que recuperar o conhecimento de que fomos nós que criamos toda esta riqueza e que ela pertence a nós. Eles podem endossar e podem apoiar os passos enumerados acima para destripar o capitalismo em muitas formas. Eles podem estabelecer laços e podem cooperar com as associações de bairro próximas aos seus locais de trabalho. Este é um passo essencial, embora tradicionalmente os sindicalistas sempre pensaram que apenas conselhos por local de trabalho seriam capazes de destruir o capitalismo, eu acredito que devem ser combinadas as lutas de local de trabalho com o estabelecimento de Assembléias das Casas nos bairros (instâncias de tomada de decisão). Juntando as associações locais, nós temos um ataque de três dentes que pode ter sucesso.

É desnecessário dizer que nossas associações de empregados autônomos serão atacadas violentamente. Todo esforço será feito para destruí-las ou então cooptá-las e depois neutraliza-las. Não se engane sobre isto. Não estamos planejando nenhum piquenique.

**3. O que podem fazer as associações domésticas?** Aqui os objetivos são mais limitados. Em primeiro lugar queremos tentar reduzir o custo da moradia, e em segundo lugar reaprender a viver cooperativa e comunalmente em extensos agrupamentos. Nós precisamos nos lembrar de como estamos sendo tosquiados. Em primeiro lugar os capitalistas, os patrões, tomam para si parte da riqueza que produzimos em salários não-pagos. Então os capitalistas, os burocratas de governo, tomam para si uma larga parcela de nossa riqueza na forma de impostos. Logo, os capitalistas, como os proprietários, agarram outra larga parcela em aluguéis. Finalmente, os capitalistas, os comerciantes, por controle de monopólio, ainda tomam para si uma larga parcela através de altos preços. Depois desta agressão selvagem, não sobra quase nada para nós.

Associações domésticas são uma parte vital de nossa guerra para destruir o capitalismo. Conquistar o controle das habitações não é tão central quanto o controle das fábricas mas é de vital importância. Nós temos que nos preparar para o

dia quando poderemos tomar estas propriedades residenciais.

Revisemos o que eles fizeram a nós quando surgiram os conjuntos habitacionais. Eles destruíram as densas residências de nossas aldeias camponesas e das cidades medievais. Eles nos forçaram a morar em casas de família única ou apartamentos. Então dentro de cada uma destas casas de família única ou pequena eles instalaram um alto-falante de forma que as corporações e o estado pudessem falar diretamente em nossas casas (mas nós não podemos responder).

Durante séculos foram dados muitos passos na garantia adicional de que não nos associássemos com nossos vizinhos (de fato a totalidade da cultura burguesa trabalha nesta direção). Por exemplo, nas habitações de família única de cidades pequenas do século XIX na América, havia varandas na frente das casas. No século XX, principalmente nas áreas suburbanas tais varandas desapareceram. Ninguém caminha mais pelos quarteirões, parando para visitar os vizinhos que sentam nas varandas na frente da casa. Estas residências individualizadas, além de destruir a associação, dá uma vantagem adicional aos capitalistas, cada uma delas tem que estar entupida de mercadorias. Venderam milhões de torradeiras, milhões de refrigeradores, lavadoras de roupa, fogões, liquidificadores, ventiladores, camas, abajures, mesas, e claro, televisões e rádios, e agora CDs, videocassetes, DVDs, e PCs.

O desenvolvimento arquitetônico do subúrbio é certamente o mais socialmente destrutivo da história. Mas caiu como uma luva na mão dos capitalistas. Foi para isso que eles o construíram, principalmente nos últimos cinquenta anos. Além de ser um depósito para as centenas de mercadorias que os capitalistas querem vender, cada pequeno artigo precisa de manutenção. E toma manutenção na casa, no carro, o quintal fica amontoado com coisas que precisam ser consertadas, guardadas, cozinhando, comendo, fazendo manutenção pessoal. A família suburbana comum gasta mais tempo ceifando o gramado do que tomando decisões que dizem respeito as suas vidas. Os capitalistas não poderiam ter achado um dispositivo mais efetivo para destruir a comunidade e despolitizar a população do que o subúrbio. A casa atomizada lhes serve bem. Nossas associações domésticas serão uma ameaça direta a esta característica fundamental de capitalismo.

**4. Como podemos reparar o desequilíbrio de riqueza existente entre as regiões?** Uma operação normal do capitalismo no transcorrer dos últimos quinhentos anos foi produzir regiões pobres e regiões ricas em escala global, notavelmente entre países ricos do norte e países sulistas empobrecidos, mas também interiormente dentro das nações, como por exemplo entre o norte e o sul da Itália. Meu esquema de uma associação de bairros autônomos democráticos foi criticado por não prover um modo para reparar estes desequilíbrios. Cada bairro tem que começar onde está, primeiro interrompendo a extração contínua de riqueza, e depois tentando recuperar alguma das riquezas já extraídas. Meus críticos querem uma redistribuição muito mais rápida e forte da riqueza dos ricos para as regiões pobres. Isto pressupõe o sucesso da social democracia ou do leninismo, quer dizer, um governo central forte em mãos radicais com os capitalistas fora de combate. Contudo, isto nunca aconteceu, nem há qualquer razão de acreditar que isso possa vir a acontecer. Assim, esta esperança que eles têm de reparar os desequilíbrios rapidamente pela força é irreal. Associações de pessoas livres, porém, poderiam implementar indubitavelmente medidas fortes para nivelar as coisas fora e levantar seus sócios empobrecidos.

**5. Provincialismo versus Universalismo.** Alguns anos atrás eu apresentei este esquema à classe de um amigo na Universidade de Massachusetts. Os estudantes negros imediatamente contestaram à idéia de controle da comunidade, dizendo que eles não gostariam de estar debaixo do sapato de uma maioria fanática, e racista em alguma cidade pequena. Eles argumentaram sobre o papel exercido pelo governo federal com relação aos direitos civis no Sul. Mas vamos raciocinar um pouco. Os governos nacionais provavelmente não são nem um pouco menos racistas que os governos locais. Na realidade estes estudantes estavam julgando mal o volume de proteção que eles recebem do governo. Uma coisa é certa, os governos capitalistas são os principais criadores e defensores do racismo.

Mas há um assunto maior embutido aqui. Que direito qualquer elite nacional tem para impor seus valores e crenças a qualquer comunidade local? Que direito quaisquer pessoas seculares têm para impor suas crenças em pessoas religiosas? Que direito os cristãos fundamentalistas têm de impor suas crenças a quem quer que seja? Que direito os sandinistas têm de impor sua cultura aos índios Miskito? Fazer estas perguntas é respondê-las. Nenhum. Ninguém tem qualquer direito de impor seu modo de vida aos outros. Liberdade significa o direito para viver, agir, falar, acreditar, associar, como preferimos.

Todo esse debate entre localismo e cosmopolitanismo, ou universalismo contra particularismo é um debate falso. Só surgiu porque temos vivido em sociedades hierárquicas durante pelo menos 4.000 anos dentro dos quais as classes governantes normalmente fingiram falar para todo o mundo. A burguesia especialmente sempre insistiu que suas visões são universais, permanentes e verdadeiras para todo o mundo. Se, em vez de sociedades de classe, estivéssemos vivendo todo esse tempo em um mundo composto de associações comunitárias autônomas e democráticas, não haveria nenhuma

pergunta sobre o que é universal. Haveria apenas aqueles valores ou crenças absorvidas por um maior ou menor número de comunidades. Não deveríamos deixar que debates abstratos como esse nos atrapalhasse de destripar o capitalismo e conquistar a liberdade. Seríamos capazes de resolver questões éticas sobre nossas relações numa base caso-a-caso na medida que aparecessem.

**6. Como recuperar aquilo que nos foi roubado?** Não é difícil imaginar reapropriação da riqueza contanto que estejamos falando de coisas materiais. Podemos tomar a terra, fábricas, equipamento, casas, e bens. O que é complicado é como tomar os ativos incorporados acumulados depositados como créditos nos bancos do mundo. Mas talvez este quebra-cabeça não seja tão difícil quanto parece. Este dinheiro representa reivindicações em trabalho e bens. Se não pode ser trocado por coisas assim é inútil. Se pudermos inventar situações onde esta troca possa ser bloqueada, então de certo modo estaremos nos reapropriando desta riqueza, nos livrando de suas reivindicações futuras em nosso trabalho e produtos. Tal situação surgiria se os governos desmoronassem e com eles o sistema monetário internacional. O dinheiro seria então inútil. Mas se isto acontecesse também se perderiam as poupanças das pessoas do proletariado. Assim temos que inventar modos menos catastróficos para tornar o dinheiro da classe dominante inútil. Nós também temos que começar a retirar nossas rendas e nosso dinheiro dos bancos da classe dominantes e colocá-los em um lugar seguro. Mais adiante, poderemos criar moedas correntes locais, poderemos restabelecer a troca em alguns casos, e poderemos ter tipos diferentes de moeda corrente para vários propósitos. Também, se pudermos estabelecer uma medida de auto-suficiência, poderá vir o tempo quando poderemos simplesmente recusar vender (nosso trabalho ou produtos) em troca da moeda corrente dele. Assim se conseguirmos nos apossar de todas as coisas materiais, o crédito deles se torna inútil, teremos adquirido tudo. A maior parte da riqueza em papel é uma ilusão.

**7. Reuniões.** Minha resposta mais dura para esses que não gostam de reuniões é que deveriam sair do movimento radical porque não pertencem a ele. Mas claro que isto é pedir demais. Afinal de contas, estamos há 500 anos mergulhados na cultura burguesa. A burguesia não gosta de reuniões - ou assembléias, congregações, associações, comunidades, tribos, ajuntamentos, festivais, jubileus. Não gostam nem de se encontrarem entre si, exceto em suas salas de diretoria e parlamentos. (Entretanto eles amam "organizações") Para pessoas que gastaram suas vidas inteiras em ocupações individuais é compreensível que achem as reuniões tediosas, até mesmo insuportáveis.

Há outro ponto de vista porém. As reuniões são ocasiões quando encontramos nossa verdadeira natureza enquanto seres sociais. É através das reuniões que poderemos criar um mundo social novo moldado pela inteligência humana. As reuniões em nossa nova civilização serão eventos naturais e normais, farão parte de nossas vidas cotidianas em nossas casas, projetos, e bairros. Serão ocasiões alegres, ou pelo menos ocasiões agradáveis, não pesadas como são agora sob condições muito hostis.

Mas há um longo caminho a percorrer até chegarmos lá. Uma olhada em meu esboço faz com que o mais gregário dos radicais entre em pânico. Há reuniões em abundância, do círculo operário, da casa, do trabalho, das assembléias de casas, de projetos, da própria Assembléia de Casa. Mas isto parece pior do que é. Reuniões como do projeto e da casa serão apenas uma parte regular da dinâmica da casa ou do projeto, como lavar pratos ou contabilidade. Quanto à Assembléia de Casa, quantas vezes teremos que nos encontrar? No futuro, depois da vitória, não haverá problemas com reuniões, o problema está no presente, quando ainda estamos em guerra contra a classe dominante. Como alguém que trabalha em tempo integral pode encontrar tempo para participar de uma associação de empregados, uma associação da casa, e uma associação do bairro? O tempo é curto demais para participar de todas essas coisas. Obviamente, torna-se impossível a cada um de nós lutar simultaneamente em todas essas frentes. Teremos que dividir as tarefas. É bom não esquecer que milhões de nós não trabalhamos em tempo integral. Que tal parar de desperdiçar tanto tempo e recurso na indústria da cultura? De desperdiçar tanto tempo e energia em estratégias que falharam? Teríamos muito mais tempo e energia para construir associações que podem destruir capitalismo. Também considere o quanto poderíamos nos divertir fora da indústria da cultura, criando nossas próprias diversões. Há experiência mais intensamente prazerosa do que demolir uma classe dominante responsável pela morte de milhões de pessoas, pelo raquitismo entre as crianças, pela poluição do planeta, pela extinção das espécies, e pela miséria mundial? Ou será que há maior satisfação pessoal em assistir a um jogo de futebol ou ir a um concerto?

Vamos primeiro nos libertar do capitalismo através de nossas associações, ao mesmo tempo em que nos damos uma chance de decidir se aquilo que construímos em nossas freqüentes assembléias sociais é aprazível ou opressivo.

**8. Pensando Estrategicamente.** Há uma velha e generalizada confusão no pensamento social radical sobre se a consciência é induzida ou não (o problema base/superestrutura, a dualidade sujeito/objeto, a relação ser/consciência). Um crítico de minha estratégia disse que ela pressupõe uma consciência anticapitalista já existente, e amplamente difundida. Já

que ele não acredita que no momento não exista tal consciência, de onde ela virá então? Ele respondeu dizendo que ela poderia surgir no momento em que o capitalismo começasse a desmoronar, e a sobrevivência de um grande número de pessoas estivesse em jogo (de fato a sobrevivência de milhões das pessoas já está em jogo). Ou seja, com essa premissa, talvez a estratégia tivesse êxito. A implicação aqui é que a consciência radical é produzida através das condições históricas. Este é um falso modo de ver as coisas. Não considera a criatividade das pessoas diante de determinadas circunstâncias, omite a possibilidade delas reagirem livremente a seu modo.

Felizmente, há uma forma de esclarecer toda essa confusão: pensar estrategicamente. Aparentemente, meu crítico não percebia que estava falando sobre história em vez de fazê-la. Essa postura é típica das pessoas com tendências objetivistas. Eles sempre analisam a história como se estivessem fora dela, em vez de fazer história enquanto participante ativo. Quando temos um projeto, quando tentamos fazer algo (uma ação com um alvo determinado), todo esse falso dilema sujeito/objeto se evapora. Olhamos para o que temos que fazer, fazemos da maneira que achamos melhor e tocamos o barco para a frente. De onde veio a idéia para tocar este projeto? Nós a criamos, inesperadamente.

Marx indicou isso, há muito tempo, quando escreveu em *The Eighteenth Brumaire*, segundo ele, "os homens fazem sua própria história, mas não a fazem da maneira como gostariam; não a fazem sob circunstâncias que eles mesmos escolheram, mas sob as circunstâncias que encontram pela frente, determinadas e herdadas do passado. A tradição de todas as gerações mortas pesa como um pesadelo no intelecto do viver". Infelizmente, tal perspicácia dificilmente é absorvida pelos radicais. Eles tendem a se esquecer das primeiras seis palavras - "os homens fazem sua própria história" - em vez disso ficam apenas lembrando que nossas ações são circunscritas pelo passado. Até mesmo um ramo dos meus teóricos prediletos, que agora passaram a ser conhecidos como marxistas autônomos, mas que sempre chamei de Radicais da Terceira Via, os comunistas anti-bolcheviques, ou os marxistas ocidentais, são muito freqüentemente responsáveis por todos esses escritos sobre o proletariado, produzidos do lado de fora do proletariado, em vez de produzidos a partir do seu interior como estrategistas pela abolição da escravidão-assalariada.

A coisa engraçada é que esta abordagem determinística só é aplicada ao proletariado, nunca à classe dominante, até mesmo pelos intelectuais radicais. É considerado utópico aos trabalhadores imaginar como queremos viver e começar a criar tal vida. Mas ninguém ousa dizer os advogados, os proprietários de plantações, e os comerciantes que tomaram a Filadélfia no verão de 1787 não pudessem fazer isso. É muito difícil encontrar um intelectual radical vivo que não defenda a idéia de que é cedo para pensarmos sobre a sociedade que queremos, e que não endosse o banimento marxista do pensamento utópico (tal banimento provocou um enorme dano na luta anticapitalista). Mas eles nunca ousam nem mesmo falar sobre os autores da constituição estadunidense de 1787. Eles detalharam as estruturas institucionais que queriam, mas tiveram que montar tais estruturas.

Temos que parar com essa conversa de que somos fantoches da história, que não podemos ter o que almejamos mesmo que queiramos, que as coisas sempre serão como sempre foram. A verdade é que acreditar que não podemos, acreditar que não somos capazes, fere nossas chances por liberdade. Temos que nos tornar atores conscientes no curso da história. É a única maneira de derrotar nossos governantes, que se acostumaram a agir dessa forma, no dia-a-dia, tocando seus negócios e defendendo seu império. Eles constantemente monitoram aqueles que se opõem ao seu projeto de acumulação de capital, procurando neutralizá-los. Eles não estão nem um pouco preocupados com determinismo histórico ou coisa parecida. Neste caso, e apenas neste caso, deveríamos imitá-los. Temos que fazer isso se quisermos sobreviver. Temos que começar a tomar conta de nossas próprias vidas. Apenas para lembrar: Pense estrategicamente.

**9. Federação e outras ilusões.** Os anarquistas se iludiram com a idéia de federação, por muito tempo eles se depararam o problema espinhoso de como ter democracia direta e organização em larga escala ao mesmo tempo. É uma fórmula fixa que eles repetem, ritualisticamente - "federado aos níveis municipais, regionais, nacionais, e internacionais". Tudo isso é uma grande ilusão. A federação obviamente cria uma hierarquia, usando os delegados (ou seja, representantes) para em maior ou menor grau constituir unidades de tomada de decisão, removendo-a mais e mais do bairro. Mas esta idéia é guarnecida, tornando-a mais palatável, com três outras ilusões - (a) delegados designados, estritamente limitados pelas suas funções, (b) imediatamente revogáveis, e (c) a separação entre fazer política e administrar. Eu acredito que todas estas três idéias são furadas e incompatíveis com a democracia direta, e conseqüentemente com o anarquismo, o governo autônomo, e a autonomia.

A noção de um delegado designado é uma miragem, porque assim que uma reunião se inicia, tudo está aberto às discussões. A discussão dos assuntos redefine tais assuntos. Às vezes a mudança de só uma palavra em uma proposta pode mudar completamente o significado da proposta e seu impacto. Em resumo, eu não acredito que um delegado possa ser designado. Não há como evitar que um delegado exerça seu próprio julgamento nos assuntos no transcórrer das discussões,



não importa quão detalhadas sejam suas atribuições. Assim a idéia de que delegados designados preservem o poder de tomada de decisão de uma assembléia de bairro é uma ilusão.

Como também o é a idéia de revogação imediata. Para revogar imediatamente a função de uma pessoa numa casa seria necessário acompanhar a discussão tão de perto como se estivesse lá. Seria necessário ter um conhecimento detalhado, atualizado, real, dos assuntos como se estivesse participando dos debates entre os delegados. Até mesmo se todo mundo estivesse assistindo a conferência em casa ao vivo pela televisão (uma impossibilidade) para exercitar a revogação imediata eles teriam que se reunir, nas assembléias de suas casas, e debater se o delegado derrapou ou não o suficiente para justificar uma revogação. Mas é claro que, se eles fazem isso, e se eles têm este tipo de conhecimento íntimo dos assuntos, e este tipo de sistema de comunicação, eles podem perfeitamente tomar suas próprias decisões, diretamente, sem o aborrecimento de passar pela desagradável tarefa de montar conferências de delegados. Um momento de reflexão mostra que a idéia de revogação imediata é totalmente ridícula, mas tem sido indiscriminadamente repetida durante décadas por radicais.

A mesma coisa acontece com a idéia da separação entre fazer política e exercer a administração. Qualquer um que trabalhou em um projeto sabe que a todo momento os mais variados tipos de decisões tem que ser tomados. Pode ser a decisão mais mundana, mas tem profundas implicações políticas. Mas a menos que uma decisão surja sob escrutínio, bem ventilada e discutida, não há clareza sobre suas implicações políticas. Em outras palavras, é praticamente impossível separar decisões puramente administrativas de decisões políticas, porque quase toda decisão chamada administrativa pode se desdobrar em implicações políticas. A distinção é uma falácia. É outra ilusão, um modo se convencer que ainda temos um projeto baseado em democracia direta, quando nós não a praticamos.

Nesta composição eu adotei a prática de tratado que funciona como um modo de evitar a hierarquia e a delegação de autoridade. Delegados de vários bairros conseguirão costurar acordos conjuntamente. Mas estes acordos terão que ser trazidos de volta às assembléias de bairro para ratificação. O traçado de um tratado pode ir de um lado para o outro por muito tempo entre as assembléias de casa e as conferências de delegados. Será um processo incômodo. Mas será real democracia, democracia direta. Cada bairro manterá todo seu poder de tomada de decisão, em lugar de delega-lo.

Se isto se provar de difícil controle e não muito prático, então talvez fosse melhor simplesmente admitir que não podemos ter a democracia direta pura, e que temos que combinar democracia direta com alguma forma de autoridade delegada, nesse caso deveríamos examinar arranjos sociais baseado na democracia representativa. Mas eu não estou disposto a fazer essa concessão. Isso significaria desistir da possibilidade de comunidades autônomas e genuinamente autogeridas. Isso significaria renunciar nosso poder de tomada de decisão. Eu rejeito, como antidemocrática, a transferência deste poder para representantes. Eu acredito que é possível aos bairros negociarem todos os seus tratados que forem necessários, e manter todo o poder em suas próprias mãos.

Precisamos nos lembrar que o infinito trabalho legislativo de parlamentos contemporâneos em democracias burguesas está principalmente relacionado aos conflitos gerados pelo próprio capitalismo, ou à administração da luta de classes entre dominadores e o restante do mundo, ou administrar os conflitos dentro da classe dominante. Mas em uma sociedade livre, quanto trabalho legislativo haverá? Quantas vezes teremos que negociar um tratado para implantar uma rede telefônica ou sistema de esgoto? Uma vez que a dinâmica capitalista for abolida, que a luta de tudo contra tudo for abolida, e cooperação e a ajuda mútua se instalar, haverá uma considerável, e até mesmo extensa, estabilidade e continuidade nos arranjos sociais. Não vamos passar a vida inteira fazendo leis.

**10. Individualidade e Privacidade.** Um par de pessoas contestaram meu esboço dizendo que abafa a individualidade e a privacidade. Um destes comentários veio de alguém que eu soube ser um individualista fanático, assim eu não levei muito em consideração. Mas o outro veio de um amigo radical que disse que ele não gostaria de viver no tipo de sociedade que eu tinha imaginado. Muito clausurada, muito claustrofoba. Ele também disse que tal sociedade destruiria a privacidade individual e a individualidade em geral.

Fiquei surpreso com estes comentários. Uma das objeções radicais principais ao capitalismo é que impede aos indivíduos de realizar seu potencial máximo. Os escravos-assalariados não tem liberdade nem recursos (nem tempo, nem riqueza material) para, realmente serem tudo aquilo eles poderiam ser. O capitalismo não é composto, na realidade, de indivíduos, mas de uma elite-massa. Aqueles que fazem parte dessa massa são atomizados, alienados, isolados, separados. São meros artigos, mercadorias. Não são pessoas, únicas e individuais em seu verdadeiro sentido. Suas ligações mais fortes são com aqueles que os oprimem, seus chefes, burocratas, e banqueiros. Terão sorte se conseguir salvar algumas relações familiares, e um círculo de amigos e conhecidos. Até mesmo se forem sócios em uma variedade de organizações

voluntárias, ainda estarão agindo como atomizados, não-pessoas, alienadas, não como verdadeiros indivíduos. Pessoas que lamentam o 'fim do indivíduo' tem apenas que olhar para o passado. A individualidade tem que ainda ser alcançada. É uma meta da revolução. Só é possível entre pessoas livres. É impossível entre escravos-assalariados. A individualidade, tanto quanto a liberdade, é uma realização social, não uma característica pessoal.

O capitalismo dá apenas a ilusão de individualidade. Se você tiver dinheiro, você pode sair a qualquer hora, viver em qualquer lugar, fazer qualquer coisa (contanto que você não tente viver cooperativamente, ou seja, rejeite o capitalismo). As escolhas aparentemente infinitas oferecidas às pessoas pelos capitalistas só são possíveis dentro dos vigamentos hierárquicos e elitistas estabelecidos pelo capitalismo. Escolhas fora desse vigamento são barbaramente eliminadas. No final das contas, as escolhas que temos, não importa quais sejam nossos interesses, é como escolher entre Coca-Cola e Pepsi -- não temos escolha alguma.

Uma verdadeira, rica individualidade só poderia ser alcançada por pessoas autônomas, entre pessoas autônomas. Cada pessoa estaria profundamente embutida em uma multidão de relações sociais, uma matriz rica de ligações com outras pessoas, cada qual com sócios iguais de uma cooperativa, uma comunidade autônoma. Apenas com tais ligações é que verdadeira individualidade pode emergir, não nesse farrapo lamentável de vida temos agora.

No que diz respeito à privacidade, deveríamos ter o cuidado para não confundir privacidade com isolamento, isolamento forçado. É bom não esquecer que um dos piores castigos aplicados nas prisões é a prisão solitária. Eu trocaria alegremente uma pequena privacidade por um pequeno convívio. Um bairro autônomo, local de trabalho, e assembléias domésticas permitirão a cada um ser ele mesmo. Estou convicto que haverá mais espaço pessoal lá do que aquele que tenho aqui. Quem nessas assembléias não desejará ter espaços para crescer e se expressar? Quem nessas assembléias não desejará tempo livre, espaço, e recursos para permitir a explosão selvagem da criatividade tornada possível pela nossa vitória, pela nossa emergência finalmente no 'reino de liberdade'?

**11. Territórios.** Se as nações-estado desaparecem da terra, com seus limites territoriais, e se a terra se desmercadoriza de forma que nenhum pedaço de terra possa mais ser definido como propriedade, com um título que é registrado pelo estado para facilitar sua compra e venda, onde sobrarão espaço para estabelecer limites territoriais? Cidades, vilarejos, aldeias, e bairros, terão limites territoriais? As cidades e vilarejos nos Estados Unidos estão no momento incorporadas pelo estado, que lhes dá distintos limites territoriais. Estes limites determinam o território dentro do qual a autoridade da cidade ou o governo de cidade determina sua jurisdição, coisas como coletar impostos, exercer poder de polícia, impor suas leis, e prover serviços. Sem estados maiores para incorporá-las, como as cidades e vilarejos teriam limites territoriais? As assembléias nos bairros poderiam determinar limites territoriais? Eu suponho que podem, mas não será inteligente fazer isso. Faria algum sentido dizer que um bairro possui e controla a terra na qual que vive? Eu acho que não. O conceito de propriedade, certamente com respeito a terra (e os depósitos minerais debaixo dela, o ar em cima, e a água e vegetação sobre ela), desaparecerá junto com o desmercadorização de terra.

Claro que muitas coisas físicas têm limites. Edifícios têm paredes que separam o interior do exterior, e campos têm perímetros ou extremidades. Os limites de rodovia, telefone, água, esgoto, ou sistemas de gás natural poderiam ser estabelecidos ao longo das estradas, linhas telefônicas (ou satélites) ou tubos. Mesmo o vento tem limites, ou a luz do sol. Algumas áreas podem ser mais privilegiadas do que outras áreas, assim perguntas poderiam surgir sobre a utilização da luz solar e eólica onde são muito abundantes. Hoje se sabe sobre o poder de vento. Hoje se sabe que há energia no vento no Meio Oeste americano suficiente para prover eletricidade para a nação inteira. Se propriedade da terra pode ser reivindicada, então até mesmo o vento que sopra sobre ela pode ser transformado em uma mercadoria.

Eu suponho que até mesmo se possa dizer que um rio tenha limites, marcados pela sua cabeceira, afluentes, cachoeiras, e delta. Mas desde então, em um mundo de mercadorias, a água transpassa territórios artificialmente definidos e impostos na terra através de definição social, lá freqüentemente surge lutas em cima de direitos de água. Quem tem direito para usar a água (e até mesmo quanto podem usá-la)? Estas perguntas têm que ser trabalhadas social e politicamente. Dentro dos arranjos sociais propostos nesta composição é que estas perguntas serão respondidas, através de negociação entre assembléias de bairro. Com a abolição dos direitos de propriedade, o direito de uso tomará seu lugar. Naturalmente, a propriedade é também uma definição social, um direito que foi escrito em lei pela classe dominante, para facilitar a acumulação de capital. Mas o direito de uso pode perfeitamente ser resolvido em nossas assembléias de bairro, direta e democraticamente.

Se existe uma piscina ou um ginásio em uma certa área quem poderá fazer uso destes espaços? Se houver qualquer restrição ou nenhuma restrição, o direito de uso pode ser determinado pelos sócios na Assembléia de Casa mais próxima,

ou pelo tratado que tinha sido negociado para a construção e manutenção dessas instalações, e não por residência em um certo território definido por limites estabelecidos por assembleias de casa, desde que não se estabeleça nenhum limite territorial.

Semelhantemente com a construção e manutenção de todos os sistemas que cortam grandes áreas, como estradas, vias férreas, telefones, esgoto, água, gás natural, gasolina, cabo, e assim sucessivamente. Estes serão construídos e serão mantidos através de tratados de supra-bairro negociados pelas assembleias. Construir tais sistemas usualmente requer o rompimento da terra e o deslocamento de quem vive nela. Tradicionalmente, sob os governos territoriais (governos que reivindicam o monopólio da força dentro de um certo território), a terra necessária a estes sistemas simplesmente é tomada, pelo direito que deram o nome de "domínio eminente". Sob a anarquia, na ausência de tais governos autoritários, todas estas questões serão discutidas e debatidas, e mutuamente concordadas por determinações.

Os minerais subterrâneos representam um problema especialmente velho, porque a extração deles envolve frequentemente um dano severo à superfície da terra e o deslocamento de qualquer um que viva lá. Se o exército pode não pode ser trazido para despejar os habitantes tradicionais daquela terra, o que se pode fazer? Uma difícil negociação. Se um bairro está fixado em cima de um mineral raro recentemente descoberto que praticamente o mundo inteiro (de comunidades autônomas, democráticas) reivindica como necessidade prioritária, o que se pode fazer? Uma difícil negociação. Cooperativa e democraticamente formar acordos. Ajuda mútua. Solidariedade.

Esta questão também se aplica ao nosso sistema de Assembleias de Casa. Se cada bairro tem uma Assembleia de Casa, baseado na democracia direta, frente-a-frente, as decisões da Assembleia de Casa terão autoridade em cima de quem? Minha solução é reivindicar que cada bairro esteja socialmente definido, não através de limites territoriais. Quer dizer, as decisões da Assembleia de Casa se aplicam aos participantes da Assembleia de Casa. O bairro está definido através dos sócios na Assembleia de Casa, não por onde as pessoas vivem. Naturalmente, serão necessárias largas e flexíveis definições dos sócios que abrangerão os sócios ativos como também os sócios inativos, convidados, esses com folhas de presença, os sócios temporários, e assim sucessivamente. Os não participantes, por exemplo, as crianças, os idosos, ou os doentes mentais, que vivem nas casas junto com as pessoas em uma determinada Assembleia de Casa serão cobertos pelas decisões daquela Assembleia de Casa.

Em geral, sócios de uma Assembleia de Casa tenderão a viver na mesma área geográfica. Mas uma vez que não há nenhum limite territorial, os membros de uma Assembleia de Casas podem ser um pouco confundidos em certas áreas. Quer dizer, casas que existem lado a lado podem pertencer a Assembleia de Casas diferentes. Também, certos Projetos localizados em área geográfica onde vive a maioria dos sócios de uma Assembleia de Casas, poderia ser controlado através de tratados supra-bairro, em vez das decisões da Assembleia de Casas acontecer na geograficamente mais próxima. Quais Projetos e quais Casas ficam sob a jurisdição de qual Assembleia de Casas, tudo isso é socialmente definido através de participação na Assembleia de Casas, e não territorialmente. Alguns projetos poderiam ser providos de pessoal de diferentes Assembleias de Casas (bairros), mas ainda está sob a jurisdição de uma Assembleia de Casas particular (a Assembleia de Casas da maioria provavelmente). Quer dizer, embora um projeto possa ser um pouco misturado, nem sempre ele será governado por um tratado supra-bairro. As Casas, porém, eu acho, não se misturariam. Os membros de uma casa particular tenderiam a pertencer a uma Assembleia de Casa particular, e cairia assim sob a jurisdição daquela Assembleia de Casa. Mas mesmo com as Casas haverá seguramente a necessidade de uma considerável flexibilidade.

É por isso que defendo que o anarquismo (o verdadeiro comunismo) pode apenas ser socialmente definido, sem nenhuma base territorial..

## 11. Alguns Comentários sobre Literatura

*1. Expandindo a Esfera Autônoma* - Andre Gorz. (Veja por exemplo, Critique of Economic Reason, Verso, Londres, 1989, 250 páginas). É necessário distinguir a estratégia eu tenho descrito da proposta formulada por Andre Gorz que soa semelhante em muitas formas, mas não é. Gorz concentra nossa atenção na libertação do trabalho, e devemos agradecer a ele por isso. Mas eu não posso concordar com a solução que ele defende. Gorz divide o mundo social em esferas heterônomas e esferas autônomas. Ele quer que adquiramos tempo cada vez mais livre para a esfera de atividade autônoma mas ele quer manter, indefinidamente, a esfera heterônoma, a esfera do cálculo econômico, "a esfera de atividades de mercadorias economicamente racionais", em outras palavras, a esfera do capitalismo que ele chama agora de industrialismo. Assim, Gorz abandona qualquer desejo de destruir completamente o capitalismo, ele quer apenas que ele controle cada vez menos nossas vidas. Ele quer que gastemos cada vez menos tempo no trabalho empreendido até que ele

se torne uma parte desprezível de nossas vidas. Com o resto de nosso tempo poderemos fazer tudo que quisermos, mas a descrição dele desta "atividade autônoma" soa suspeita como as atividades de lazer em uma cultura de consumo, ou o que é pior, como trabalho de subsistência. Ao contrário da dele, minha proposta, que também arranca mais tempo, energia, e riqueza do capitalismo (capitalismo que ele eventualmente não busca destruir), procura destruir o estado. No plano dele o estado administrará um "salário social", o que representa outra falha. Em um tempo onde vemos os capitalistas ocupados em dismantlar o estado do bem-estar, parece um pouco estranho fixar esperanças em coisas como um estado garantindo a administração anual de uma renda. Gorz não pondera sequer a feroz resistência dos capitalistas a qualquer tentativa de escapar da escravidão assalariada. Manter milhões de pessoas desempregadas ou pedindo esmola (se elas têm sorte) é uma característica essencial do sistema de escravidão-assalariada, e sempre foi. A proposta de Gorz pressupõe também que os radicais conquistariam o controle do aparato estatal e teriam sucesso estabelecendo horas mais curtas de trabalho, e uma gama inteira de outras propostas, inclusive um salário social. Isso nunca acontecerá.

Gorz caracteriza propostas como a minha como "fundamentalistas anti-modernas ou pré-modernas". Ele as julga nostálgicas, e saudosas dos tempos pré-capitalistas. Mas o desejo por uma associação de bairros autônomos e democráticos não significa que estes bairros serão completamente auto-suficientes (ou algo semelhante), isolados e separados, como terras arrendadas ou aldeias na Idade Média. Eles não serão autônomos no sentido material; eles serão autônomos no sentido de que ninguém os governará. Nesse sentido eles serão autônomos. Haverá enormes redes de intercâmbio, obviamente, provavelmente mais do que há agora, mas este intercâmbio não servirá à ganância capitalista, mas à necessidade humana. E será inteligente. Não estaremos comendo alface e tomates transportados de um outro continente. Coisas que podem desenvolver ou serem feitas localmente o serão. Mas as pessoas no sul ainda desejarão comer trigo e batatas e as pessoas no norte desejarão comer abacates - e bananas. A associação de bairros autônomos à qual nos referimos não é uma regressão; é um avanço. Representa um nível mais alto de civilização que jamais seria possível sob o capitalismo. As pessoas parecem pensar que se não fosse pelo motivo do lucro os humanos nunca fariam qualquer coisa brilhante, nunca inventariam máquinas que poupam o trabalho, nunca produziram mais do que necessitam imediatamente. Isto é absurdo. O capitalismo é agora nada mais que um acorrentamento do gênio criativo da espécie humana. As chamadas maravilhas do capitalismo parecerão positivamente rotas ao lado das criações verdadeiramente maravilhosas de pessoas livres.

**2. *Municipalismo Libertário*** - Murray Bookchin. É necessário distinguir a estratégia que eu estou propondo do municipalismo libertário de Murray Bookchin. (Veja Janet Biehl, *The Politics of Social Ecology: Libertarian Municipalism*, uma exposição e referências aos textos relevantes de Bookchin.). A hostilidade de Bookchin para a organização no local de trabalho é patente. Já em seu ensaio de 1968, "The Forms of Freedom", publicadas em *Post-Scarcity Anarchism*, ele esboça sua rejeição aos conselhos de trabalhadores, preferindo as assembleias populares. Mas, pelo menos naquela composição, ele ainda reconhece que conselhos de trabalhadores são "meios revolucionários de apropriação da economia burguesa". Mas com o passar dos anos, desapareceu este papel para os trabalhadores. Em suas composições sobre municipalismo libertário, a partir de 1985 (embora a maioria desses temas estivessem presentes muito mais cedo), trabalho, trabalhadores, e locais de trabalho, todos eles desapareceram, e sua rejeição estridente ao anarco-sindicalismo se intensificou. Uma recente composição, publicada em *Left Green Perspectives* (Número 41, janeiro de 2000), reafirma uma vez mais sua convicção de que atividades produtivas próprias e cooperativas não podem fazer parte de uma estratégia revolucionária. A ênfase integral repousa nas Assembleias Populares. Mas ele quer fazer isto ganhando eleições nas municipalidades locais!

Eu não acredito que pudéssemos transformar os governos das cidades atuais em assembleias baseadas na democracia direta mesmo se nós ganhássemos as eleições (eu nem mesmo acredito em eleições). Eles também estão unidos intimamente com o estado e as burocracias federais. Eu penso que temos que evitar os governos municipais existentes e partir diretamente para as assembleias de bairro. Mas isto nunca teria sucesso de per si. Tem que estar combinada com as lutas pelas assembleias de local de trabalho e assembleias de casa. O que proponho é uma abordagem tripla. Você tem que lutar em todos lugares pela democracia direta e pelo autogoverno (até mesmo na multidão existente de organizações voluntárias e corporações não lucrativas). A Assembleia da Casa será a suprema unidade de tomada de decisão, mas ela não pode ser criada ao léu, separadamente e isoladamente das outras (o resto da vida social).

Na proposta de Bookchin não está nenhum pouco claro como estas municipalidades libertas vão adquirir o controle da "economia" (uma categoria que eu propositadamente rejeito), embora esse seja um objetivo de seu plano. Ele nem mesmo menciona a tomada dos meios de produção ao nível de produção. A produção será assumida através das cidades. Mas ele nunca explica como. Ele nunca fala sobre o trabalho cooperativo como algo fundamental, junto com a democracia direta e as assembleias populares frente-a-frente, no dia-a-dia de uma vida comunal livre. Ele não fala nem mesmo sobre a abolição da escravidão-assalariada. Ele raramente fala sobre dinheiro, mercados, ou comércio. Democracia doméstica, e

conseqüentemente liberdade reprodutiva, essas coisas não fazem parte de seu esquema.

Uma razão, entre outras, pela qual ele rejeita as lutas de local de trabalho é a sua precária identificação do proletariado como sendo apenas trabalhadores industriais. É surpreendente que um homem com tal erudição pudesse ter cometido um erro tão elementar, mas lá está. Naturalmente, se o proletariado é agora apenas uma minúscula minoria que opera as fábricas industriais, e que estão rapidamente desaparecendo, em vez de uma classe que abrange praticamente toda população do planeta, então obviamente não pode haver muito papel a desempenhar na construção de uma revolução.

O conteúdo da obra de Bookchin é muito longo em filosofia mas curto em detalhes concretos. A proposta real normalmente é resumida em um parágrafo curto, seguida por páginas de teorização. É uma carga teórica muito pesada dependurada em uma linha magra. Aqui vai um exemplo típico de "The Meaning of Confederalism":

*"O que é, então, confederalismo? É acima de tudo uma rede de conselhos administrativos cujos membros são eleitos pelos sócios ou delegados nas assembleias populares democráticas frente-a-frente, nas várias aldeias, cidades, e até mesmo nos bairros de cidades grandes. Os membros desses conselhos confederais são estritamente limitados pelas suas funções, revogáveis, prestando conta às assembleias que os escolheram para o propósito de coordenar e administrar as políticas formuladas pelas próprias assembleias. Sua função é assim puramente administrativa e prática, não política com a função de representante em sistemas republicanos de governo".*

Isso é isto! Depois volta a filosofar expondo o significado de cidadania (um conceito talvez próximo demais ao de nação-estado e de democracia representativa para que possa ser utilizado). E é colocado como representando democracia direta. Minhas desculpas, mas eu não penso assim.

Por outro lado, muitas de suas filosofias são muito úteis para esclarecer o significado de arranjos sociais descentralizados. Ele está certamente correto em focalizar na assembleia popular o local base de uma vida social livre, democrática, autônoma. Além disso, a maioria das limitações de uma estratégia escorada apenas em locais onde se pratica atividades produtivas próprias, para os quais Bookchin chama atenção, está correto. Nesses locais apenas os trabalhadores jamais conseguirão subverter o capitalismo. Assim, o ato de tomar os meios de produção, por si só, nunca podem conduzir à subversão de capitalismo, ou ao estabelecimento de um mundo social novo. Nós também temos que agarrar o poder de tomada de decisão em geral, longe da classe dominante, e trazê-lo às nossas assembleias de bairro, abolir trabalho como uma mercadoria, e abandonar os mercados baseados em mercadorias que dão lucro.

Bookchin joga fora a água da bacia com o bebê junto. É tão deprimente como um anarquista acadêmico, com seus escritos volumosos, com uma grande reputação, difundindo obstinadamente sua estratégia mal trabalhada, algo que nunca poderia ter sucesso nem em um milhão de anos.

**4. Utopias realísticas** - Ralph Miliband, Daniel Singer. Aqui estão dois radicais brilhantes, comprometidos, altamente educados, profundamente educados, mas que sofrem de falta de imaginação sobre o que colocar no lugar do capitalismo quando nos libertarmos dele. Eles parecem não se preocupar muito com a nação-estado. Os argumentos que usam ilustram a profunda tragédia resultante dos marxistas expulsarem os anarquistas do processo revolucionário, mantendo-os fora por muito tempo, por durante um século. Ambos autores possuem uma sólida base marxista, embora certamente nenhum deles possa ser considerado um marxista ortodoxo; realmente, eles se esforçam em criar políticas radicais pertinentes para nossos próprios tempos. Como conseqüência, o melhor que eles podem conceber é um 'utopia realística' (uma frase usada por Singer), uma utopia que pode ser alcançada de fato diante das presentes condições. Para eles isso significa funcionar através do estado. É isso o que estes dois radicais propõem.

Ralph Miliband, em *Socialism for a Sceptical Age* (Verso, Londres, 1994, 221 páginas), apresenta um esboço admirável de narrativas anticapitalistas (cap. 1), e um resumo igualmente admirável de aspirações socialistas em geral (cap. 2) - a luta pela democracia, igualdade, e o controle social sobre a economia - idéias com as quais a maioria dos radicais pode concordar. Entretanto, os problemas começam principalmente quando Miliband acredita que estes ideais podem ser alcançados através de um estado. Ele pensa completamente dentro do vigamento nação-estado. Ele deixa claro que está bem atento ao fracasso histórico da social democracia na Europa. Na realidade ele analisa um dos recentes exemplos mais notáveis de tal fracasso, o governo de Mitterand na França. Mitterand subiu ao poder com um largo apoio público, com respeitáveis intenções radicais, e uma maioria no governo. Ele não fez absolutamente nada. Seu programa de reformas foi bloqueado pelos capitalistas, pela classe governante. Ele foi contrariado. Assim Miliband está atento à intensa resistência que os capitalistas podem lançar contra qualquer tentativa séria de mudar o sistema, e das muitas armas que eles podem dispor. Mas ele não desiste da estratégia. Ele ainda pensa que é possível aos socialistas ganharem o controle de

um governo por eleições e então usar o estado para subverter o capitalismo e estabelecer o socialismo. Ele dedica um capítulo longo, "As Políticas de Sobrevivência" (cap. 6), para discutir várias coisas que um governo socialista poderia fazer para repelir os ataques da classe dominante, permanecer no poder, e implantar o socialismo. (o comunismo, no sentido original, como uma sociedade sem pátria, parece ter desaparecido da visão dele.)

O recente livro de Daniel Singer "Whose Millennium? Theirs or Ours?" (Monthly Review Press, New York, 1999, 295 páginas), segue temas semelhantes. Mas para ele não é meramente possível usar o estado, mas necessário usá-lo (embora ele mantenha a meta tradicional, última, de dissolver o estado, eventualmente). O estado é necessário para neutralizar o "ataque terrível dos capitalistas, inclusive fuga de capitais, restrições de comércio, boicotes, e possivelmente, meios mais violentos" que venham a implementar. O estado, segundo ele, controlado por radicais (os comunistas, socialistas) é essencial para derrotar a contra-revolução e criar a transição do capitalismo para o socialismo.

Tais estratégias são completamente irreais. Elas não são utopias realísticas coisa alguma, mas viagem de dopado. É incompreensível como os radicais podem continuar amarrados a estas duas fases estratégias - primeiro captura o estado, e depois estabelece o comunismo abolindo o estado (e o capitalismo) - diante do fracasso opressivo desta estratégia, agora com quase um século de experiência, primeiro na Rússia e depois na Europa Oriental com o leninismo, depois na Europa Ocidental com Social Democracia, e finalmente por toda parte do mundo colonial nas lutas de libertação nacionais. Estas longas lutas históricas têm provado de maneira inequívoca, além de qualquer dúvida, que é impossível implantar o comunismo, que é uma sociedade sem pátria, ou seja, o anarquismo, adquirindo o controle de um estado. Porque adotar essa estratégia desacreditada? Por que não sermos realmente realísticos, e admitir que não há escolha senão adotar outro caminho?

**5. Utopistas** - Immanuel Wallerstein. Neste recente livro, *Utopistics: Or, Historical Choices of the Twenty-first Century* (The New Press, New York, 1998, 93 páginas), Wallerstein oferece algumas modestas propostas para um mundo social diferente. Wallerstein cunhou o palavra utopistas porque ele quer que nos lembremos que ele não está propondo utopia. "Utopistas é uma séria avaliação de alternativas históricas, o exercício de nosso julgamento sobre a racionalidade substantiva de sistemas históricos possíveis e alternativos. É uma avaliação sóbria, racional, e realística dos sistemas sociais humanos, os constrangimentos com que eles podem se deparar, e as zonas abertas à criatividade humana. Não diante de um futuro perfeito, mas diante de uma alternativa, razoavelmente melhor, e de um futuro historicamente possível". Dessa perspectiva, Wallerstein propõe várias coisas: (1) "... a ereção de unidades descentralizadas sem lucro como um modo subjacente de produzir dentro do sistema". Não haveria nenhum estado controlando a atividade sem fins lucrativos, como hospitais sem fins lucrativos, por exemplo. (2) com respeito ao acesso igualitário à educação, cuidados médicos, e uma renda vitalícia garantida, Wallerstein diz que "não seria difícil de colocar todas essas três necessidades fora do mundo das mercadorias, provê-las através de instituições sem lucro e mantê-las coletivamente. Nós fazemos agora muitas coisas assim como suprimento de água, e em alguns países, bibliotecas". (3). Com respeito à preservação do meio ambiente: "Temos que exigir que todas as organizações de produção absorvam todos os custos, inclusive todos os custos necessários para assegurar que sua atividade produtiva não polua nem desgaste os recursos da biosfera". Há idéias vagas, como "um jogo verdadeiramente democrático de instituições políticas", e coisas como manter o dinheiro fora da política para "manter o equilíbrio do ponto de vista dos competidores".

Estas propostas são realmente historicamente possíveis? Wallerstein faria melhor se analisasse essas duas estratégias e demonstrasse por que elas falharam, ou como não poderiam ter tido sucesso. Ele também está atento ao fato de que estamos diante de um inimigo terrível. "O privilegiado está inevitavelmente bem informado e assim socialmente mais inteligente que poderia estar em condições de igualdade. Eles também são riquíssimos, e eles têm meios mais fortes e mais efetivos de destruição e de repressão como nunca se teve antes". Será que deixariam passar em branco propostas como essa? Será que não se oporiam a elas?

Em outro lugar neste pequeno livro, ele registra sua observação de que uma profunda rejeição às estruturas do estado tornou-se agora um extenso fenômeno mundial

Alguns anos atrás, em um ensaio estratégico, ele recomendou a exigência de demandas impossíveis ao estado, a "*sobrecarga do sistema*", em uma composição estratégica, o que acabaria provocando um terrível desarranjo político no sistema". Aqui nestas propostas utopistas ele não diz nem que o estado é necessário, nem que o estado é desnecessário. Mas a nação-estado capitalista não teria que ser abolida antes que de interiorizar os custos de produção ou garantir uma renda vitalícia a ser implementada por uma entidade que não vise lucro e com os custos rateados coletivamente? Desde quando o grosso da produção vem de empreendimentos sem lucro? A distinção corporações lucrativas não-lucrativas não é um artefato legal do próprio capitalismo?

E "*um jogo verdadeiramente democrático de instituições políticas*" pode significar quase que qualquer coisa. Pode descrever os arranjos sociais que proponho, como também muitos outros. Vamos tentar manter a democracia burguesa limpa de capitalistas? Se é verdade que os povos do mundo estão em processo de rejeição das estruturas estatais, como ele diz, então a proposta de um mundo de comunidades autônomas não seria realmente mais realística, mais historicamente possível, do que seus utopismos? O anarquismo não se situa em sua chamada pela "*ereção de unidades descentralizadas sem lucro como modo subjacente de produção?*"

**6. Uma Comunidade Cooperativa** - Frank Lindenfeld. ("The Cooperative Commonwealth: An Alternative to Corporate Capitalism and State Socialism", *Humanity and Society*, Volume 21, Numere 1, 1997 de fevereiro, páginas 3-16). Embora seja um pequeno ensaio, essa publicação consegue capturar, em condições concretas, os principais temas do movimento cooperativo. Lindenfeld acredita que as sementes de uma comunidade cooperativa já estão presentes no trabalhador atual e nas cooperativas de consumidores, no desenvolvimento de instituições financeiras comunitárias, e redes de troca. Tais coisas precisam aumentar em número. Deveriam "forjar acoplamentos... para formar outras ordenações cooperativas e federações. . . a proliferação de organizações de redes de cooperativas democraticamente administradas podem resultar em uma massa crítica que transforme a sociedade inteira em uma comunidade cooperativa.... ". Mas isto não acontecerá sem "uma coalizão em grande escala das organizações políticas anti-corporativas. Tal um empurrão político é necessário para desafiar o poder fortificado das corporações transnacionais e abri-las ao controle democrático pelos seus empregados, como também modificar o vigamento legal e dos impostos para torná-las mais amigáveis às cooperativas". Em outras palavras, iremos legislar o capitalismo! No mínimo Lindenfeld odeia o capitalismo e quer livrar-se dele, e sabe que ali há um inimigo, com fortes interesses. Mas ele subestima totalmente o poder e os recursos desse inimigo. Isto fica claro a seguir quando ele começa a enumerar uma lista de reivindicações da social democracia: "uma emenda constitucional para impedir as corporações de reivindicar direitos para pessoas materiais. . . uma proibição absoluta às contribuições corporativas para os partidos políticos, comitês de ação política, e candidatos. . . uma provisão de benefícios sociais por parte do governo tais como seguro de saúde regional e nacional e a garantia de uma renda mínima combinada com um sistema de imposto progressivo que transfere renda das famílias ricas e corporações para os menos afortunado. . . incentivos fiscais para promover a autogestão e controle da produção pelos trabalhadores. . . a licença ou autorização de funcionamento das corporações apenas se elas provessessem posse e um substancial controle de suas propriedades por parte dos trabalhadores"; e assim sucessivamente. Seguramente, por que não? Basta tomar o congresso, os tribunais, as burocracias federais e estatais, ganhar as eleições, controlá-los por um novo movimento populista diferente dos partidos tradicionais, como já está acontecendo como o "Green Party, the Alliance, o New Party e o Labor Party". Aí sim, poderemos mudar as leis para tornar uma comunidade cooperativa possível, ao mesmo tempo em que mantemos os capitalistas distantes com novas leis. Plano maravilhoso. Exceto pelo fato de que nunca funcionará!

**7. Economia Participativa** - Michael Albert. (*Looking Forward: Participatory Economics for the Twenty First Century*, co-autor Robin Hahnel, South End Press, Boston, 1991, 153 páginas.). Talvez não devêssemos esperar muito de alguém que tenha o mal gosto de qualificar a si mesmo de pareconista (adepto da economia de participação). Mas Albert não nos desaponta. O mais patente e terrível erro neste trabalho é que Albert mantém as categorias capitalistas da economia -- produção, trabalho, consumidor -- e passa a esboçar uma ordem social baseada nestas noções equivocadas. Apesar de toda essa visão, ela não fica muito evidente aqui. Segundo o pensamento de Albert, o propósito principal de vida é produzir e consumir. Além de possuir uma visão altamente materialista é também individualista (apesar de seus abundantes conselhos). A favor dele poderíamos creditar sua tentativa de imaginar um modo de escapar do capitalismo, do mercado de consumo, do mundo dos lucros.

Ele pede para que cada um de nós preencha uma lista de todos os bens que iremos precisar no próximo ano. A seguir entregamos essa lista a um 'conselho de consumidores de bairro', essa lista é misturada a outras listas semelhantes, tais listas são processadas pelo conselho de custódia, pela assembléia municipal, pelo conselho de município, e assim sucessivamente, abrangendo desde o estado, região até o conselho nacional de consumidores. Do lado de produção também surgem listas, elaboradas pelos conselhos regionais de trabalhadores e federações de conselhos de indústrias (ele presume que tais federações fariam isso). Todas estas listas seriam processadas pelos computadores, detidamente analisadas, resultando em uma economia planejada, mas sem planejadores, de acordo com Albert.

Esta deve ser a proposta mais miserável de toda história da literatura utópica. Albert usa todas as palavras certas -- conselhos, autogestão, participação -- as boas idéias conduzidas pelo movimento radical. Mas dentro da proposta de Albert elas sofrem uma metamorfose, transformando-se em uma monstruosidade dentro do mundo das classes sociais. É como se ele abraçasse a sociedade capitalista como um todo, tentando fazer isso de forma participativa. Ele mantém o dinheiro, mas não o dinheiro capitalista regular, mas o "dinheiro contábil", que funcionaria de forma diferenciada. Ele mantém preços,

mas estes não são preços capitalistas regulares, mas "preços indicativos", que funcionaria de forma diferenciada. Ele mantém o trabalho, mas eles são agora "equilibrados e complexos". Ele mantém o tempo de trabalho como uma medida de valor, mas agora correto por causa do equilíbrio do trabalho complexo, "a renda acumulada pelo dinheiro contábil se adequa às reais horas de trabalho". Ele mantém os salários, que agora chama de remuneração, e os fundamenta no esforço. Ele tem uma Tábua de Facilitação de Emprego para ajudar os trabalhadores a achar trabalho. Ele tem uma Tábua de Facilitação Habitacional para ajudar para os trabalhadores a achar casas. Também há Tábuas de Facilitação de Produção, Tábuas de Facilitação de Consumo, e Tábuas de Facilitação Atualizadas, e por aí vai.

Albert perverteu um bom conceito radical, democrático, participativo, que fora revisado e relançado pela New Left nos Estados Unidos, fundindo-a com o conceito econômico capitalista. Apenas sob o capitalismo que certas atividades humanas são rotuladas como lucrativas e são violentamente separadas do resto da vida, pelas práticas da escravidão-assalariada e do mercado de consumo. Os humanos fazem muitas coisas: fazem amor, tem bebês, cultivam alimento, constróem abrigos, fazem música, fazem roupas, fazem objetos bonitos e coisas úteis, praticam jogos, constróem ferramentas, sonham, dormem, falam, escrevem, discutem, investigam. Uma orquestra sinfônica é lucrativa? O que dizer sobre um centro de pesquisa, um ambulatório, uma clínica de saúde, um time de beisebol? Estas coisas são lucrativas? Apenas em um mundo onde o trabalho é uma mercadoria, onde você tem que ter um trabalho para ter uma renda. Fora de tal mundo, é completamente falso rotular algumas atividades ou projetos como lucrativos, rotular alguns deles como produção e outros não, ou pensar de qualquer coisa como consumo. Pior ainda é tentar construir uma ordem social inteira fazendo tais distinções e imaginar isso como sendo radical. Pelo contrário, a razão da necessidade de uma revolução é primeiramente nos libertar desta falsa separação entre trabalho e vida, arte, diversão, sonho. Em sua totalidade, o Parecon do Albert é vergonhoso.

Entre os muitos 'parafusos soltos' da Utopia do Albert (ou talvez fosse melhor chamá-la de Distopia) está o sentimento que tal coisa seria uma civilização nova, um mundo social novo, com livre-associação, bairros reavivados, comunidades restabelecidas, controle local, pessoas deliberando em assembléias, controlando suas próprias vidas na sociedade, vivendo amigavelmente, reintegração das suas muitas atividades, liberdade, sanidade, cooperação, democracia direta, generosidade, ajuda mútua, discussão, diversão, dança. Ao invés disso o que adquirimos, na realidade, com essa idéia de Albert é a mesma velha civilização cansada, em uma versão ainda mais tediosa. Ainda é uma sociedade de consumo. Ainda é um mundo de mercadorias. Nós ainda somos os atores em uma economia. Nós trabalhamos; nós cobramos; nós compramos bens; nós calculamos, medimos, pechinchamos, produzimos, consumimos. Se isto é um mundo novo, porque é que nós ainda estamos sendo chamados de trabalhadores? Há um gráfico horrível sob o título de "olhando adiante" (página 85), onde aparece um grande computador no centro do quadro. Escrivatinhas individuais se espalham ao redor em intervalos amplamente espaçados, cada uma delas com um monitor unido por um cabo ao computador central. Atrás de cada monitor senta uma pessoa, ocupada digitando aquilo que irá consumir no próximo ano. Quem diabo quer viver em uma sociedade de produtores e consumidores?

8. *Globalização desde Abaixo* - Jeremy Brecher, Tim Costello, Brendan Smith. (South End Press, Boston, 2000, 164 páginas.). Inacreditável, considerando Jeremy Brecher como o autor de *Strike!* quando era jovem. *Globalization from Below* não é anticapitalista. *Strike!* é completamente anticapitalista, e foi escrito na tradição teórica da greve de massa de Rosa Luxemburg e de Spartacists, da teoria dos conselhos de trabalhadores anarco-sindicalistas, e dos comunistas conselheiristas. Em contraste, *Globalization from Below* não contempla a destruição do capitalismo, fixa-se apenas na abolição do estado, nem mesmo isso, no final das contas. Neste livro, Brecher e seus co-autores regressaram à hipocrisia sociológica da mudança social tão em voga em nossos dias, pelos conflitos sociais, pelos movimentos sociais e pela velha teoria liberal do *poder compensatório*. [NT. Ação que anula ou compensa um poder. Por exemplo, os plantadores de tomate de uma região podem unir-se e boicotar o fornecimento a um fabricante de suco de tomate que esteja em condições de impor os preços que deseja pagar. Neste exemplo, há a implicação subjacente de que os plantadores sabem que o comprador em apreço não terá outros fornecedores e que perderá mais se não melhorar seus preços; há também a implicação de que os plantadores podem perder suas safras, o que às vezes lhes parece preferível]. Não obstante, infelizmente acredito que este livro expressa o vigaento conceitual prevalecente entre os chamados manifestantes anti-globalização dos recentes anos.

O parágrafo à frente expressa em poucas palavras o pensamento de Brecher, Costello, e Smith: "Com respeito à globalização desde abaixo, os movimentos estão emergindo no mundo inteiro em locações sociais que são marginais aos centros de poder dominantes. Elas estão se conectando por meio de redes que cruzam as fronteiras nacionais. Elas estão começando a desenvolver um senso de solidariedade, um sistema de convicção comum, e um programa comum. Eles estão utilizando estas redes para impor novas normas às corporações, governos, e instituições internacionais". (página 26)



Estes movimentos são "compostos por agrupamentos relativamente autônomos", tipicamente, mas não exclusivamente, por organizações não-governamentais (ONGs), mas também, ocasionalmente, por sindicatos, igrejas, movimentos sociais locais, intelectuais, e assim sucessivamente. Os autores adotam uma frase de um artigo do *The Economist* para descrever este fenômeno. Que eles chamam de enxame de ONGs.

O quadro aqui é de uma massa de pessoas organizadas com propósitos organizacionais e campanhas específicas definidas, entrelaçados numa rede de escala global, e que supostamente adquirem o poder de impor mudanças nas instituições existentes das classes dominantes. "O movimento é para unificar as metas", reivindicam os autores, "é para trazer um mínimo de controle democrático aos estados, mercados, e corporações, para permitir sobrevivência às pessoas e ao planeta e começar a moldar um futuro viável. . . a estratégia principal do movimento globalização desde abaixo é identificar a violação de normas geralmente asseguradas, exigir que o poder atue conforme essas normas, e ameaçam retirar as bases de consentimento das qual eles dependem se eles não fizerem assim". Achar que o Departamento de Estado do Governo dos Estados Unidos, a General Electric, ou o Banco Mundial podem ser democratizados é dizer a mais pura besteira. Não faz parte desse quadro nenhum pensamento sobre dismantelar estados, mercados, ou corporações, e substituí-los por arranjos sociais autenticamente democráticos. (Felizmente, o dismantelando dos estados, dos mercados, e das corporações, integram a agenda de uma minoria significativa de manifestantes contra a globalização corporativa, mas parece que estes autores não levaram isso em consideração)

*Globalization from Below* é um livro surpreendentemente reformista e, como a maioria dos reformistas, é profundamente ingênuo. Os autores não percebem ou não entendem nada sobre a verdadeira natureza do inimigo que nós enfrentamos. Não levam em conta os imperativos de um sistema baseado no lucro, eles não percebem que muitas das reformas que eles buscam impor são incompatíveis com esse sistema, ou que esse sistema, em sua fase atual, é incapaz de acomodar tais reformas, é incapaz de atuar sem autodestruição, e que por conseguinte, os capitalistas contemporâneos lutarão por estas reformas, fanaticamente, porque é uma questão de sobrevivência para eles.

Estes teóricos da globalização desde abaixo, contudo, não percebem isso. Eles acham que estas reformas podem ser impostas, por protestos e pela retirada do consentimento. É para isso que serve as principais categorias sociológicas, para aplinar o caminho da classe dominante. Embora eles usem ocasionalmente o termo capital global, eles não estão realmente atentos ao capitalismo enquanto sistema histórico, mas falam apenas abstratamente sobre as "instituições estabelecidas" e a "força dos poderosos". Eles reivindicam aquele tal poder "está baseado na cooperação ativa de algumas pessoas e no consentimento e/ou aquiescência de outros". Eles acreditam que este poder pode ser desafiado pela retirada desse consentimento. "Os movimentos sociais podem ser compreendidos como a retirada coletiva do consentimento às instituições estabelecidas". Isto pode ser verdade em um nível muito abstrato. Mas no aqui e no agora, falta-lhes qualquer conhecimento concreto dos imperativos atuais dos capitalistas contemporâneos (para a própria continuação de sua existência enquanto capitalistas), nossos teóricos chegam ao ponto de fazer reivindicações freneticamente românticas. São apresentadas listas longas destas reivindicações no Capítulo 6: Esboço de um Programa Global. Eles querem "terminar com a escravidão da dívida global. . . investir em desenvolvimento sustentável. . . restabelecer políticas de emprego completamente nacionais. . . acabar com a espoliação dos recursos naturais para exportação. . . tornar as corporações localmente responsáveis. . . terminar com o domínio da política pelo grande capital. . . democratizar o comércio internacional e as instituições financeiras... estabelecer o controle local dos ambientes locais. . . fazer os especuladores pagar pelas suas perdas. . . estabelecer uma taxa 'hot money'. . . encorajar desenvolvimento, não austeridade. . . fazer acordos ambientais internacionais executáveis. . . fazer os mercados globais trabalharem pelas economias em desenvolvimento. . . transformar a produção e os padrões de consumo dos países injustamente desenvolvidos. . . estabelecer uma Comissão de Verdade Econômica Global. . .", e por aí vai. Tudo isso seria realizado por uma rede global de agrupamentos autônomos e ONGs, trabalhando durante os governos atuais, corporações, mercados, e instituições financeiras internacionais.

Eu não penso assim. Um enxame de ONGs não pode reconstituir a sociedade. Essas ONGs de forma alguma rejeitam o capitalismo, parece até que tudo aquilo que desejam mesmo é mantê-lo funcionando. A globalização desde abaixo, conforme descrita por Brecher, Costello, e Smith, é uma conceitualização furada da luta pela libertação.

**9. O Novo Populismo** - Ralph Nader. (*The Ralph Nader Reader*, Seven Stories Press, New York, 2000, 441 páginas.) Ralph Nader, uma figura nacionalmente conhecida durante as últimas décadas, tornou-se recentemente o defensor mais conhecido do New Populism, especialmente pela sua campanha presidencial em 2000. Mas há outras vozes proeminentes: Jim Hightower, Molly Ivins, Kevin Danaher e Media Benjamim (Global Exchange), Lori Wallach (Public Citizen's Global Trade Watch), Gore Vidal, e muitos outros. Há agora também um ou dois jornais mensais, fora o de Iowa, *The Progressive*

Populist que publica colunas escritas por muitos destes ativistas. Claro que há muitas outras publicações e escritores. Mas eu tomarei Nader como representativo.

Não há nada mais doce do que escutar Ralph Nader atacar as corporações. É tão bom ouvi-lo novamente, depois de uma longa e sufocante contra-revolução, que se conformou como um alerta ao gás ozônio sobre o país, um quarto de um século depois de 1968. (Os comentários de diário de Jim Hightower também são especialmente deliciosos). Nader tem um conhecimento exaustivo de lei americana, da cena de Washington DC, dos direitos civis, dos direitos do trabalho, dos direitos do consumidor, como também dos golpes baixos das corporações americanas. Ele também é consumido por uma paixão moral inspiradora. Em determinado momento, todas as vezes que ele fala, ele lista os muitos crimes da América corporativa a elogia os pequenos fazendeiros, os armazéns populares, as pequenas empresas nas principais ruas da América. E então você percebe claramente que Nader não é contra o capitalismo em si, mas apenas contra as corporações gigantescas e o controle que elas exercem sobre a vida americana, inclusive o Congresso. É por isso que ele continua insistindo que temos que construir o movimento de uma nova cidadania para recuperar nossa democracia, voltar à democracia de antigamente.

Nader não vê nenhum problema com a constituição dos EUA ou com a República Americana conforme foi fundada originalmente. Ele apenas acha que tais coisas nos foram roubadas, e ele quer de volta o que nos foi usurpado. E assim ele se candidatou à presidente, e reuniu esforços para construir um novo partido progressista, recapturar o controle do Congresso, e depois disso varrer o dinheiro para fora da política, acabar com o reinado das corporações e dos seus lobistas, proteger os direitos dos trabalhadores e dos consumidores, enfim, colocar a agenda progressiva na ordem do dia. Foi por isso que ele recentemente lançou, em agosto de 2001, em Portland, Oregon, uma 'iniciativa grassroots democrática e cidadã', pela qual ele espera tornar-se capaz de fazer todas estas coisas.

Mas há algumas convicções enganadoras que se escondem por traz deste novo populismo, inclusive do próprio Nader. A falsa idéia mais séria é a convicção de que nós poderemos retornar ao capitalismo de pequena escala. Nós nunca poderemos retornar ao capitalismo de pequena escala, e este desejo populista revela que os populistas não compreendem como funciona o capitalismo. A já crescente concentração de capital é uma característica inerente ao sistema. Os peixes grandes comem o pequeno peixe. Estes talos dinâmicos de competição infinita, feroz, entre os capitalistas, pelos mercados e lucros, não são acidentais, não são apenas o resultado de um julgamento ruim ou da corrupção. Não foi por acaso que o capitalismo de pequena escala desaguou no capitalismo de monopólio. Os capitalistas tiveram que se mudar para aquela direção para sobreviver, e para que seu sistema baseado no lucro continuasse funcionando. Assim esta prancha central do Novo Populismo está baseado em uma ilusão.

A segunda idéia enganadora é que tínhamos uma democracia mas que nos foi roubada, principalmente através de corporações gigantescas. Nunca houve uma real democracia nos Estados Unidos. Foi desde o início uma sociedade capitalista. Sempre houve uma classe governante por aqui, começou com comerciantes ricos do Norte e com os donos de plantações no Sul, que se uniram depois em meados do século XIX por causa da industrialização. Seu controle nunca foi ameaçado seriamente, com exceção de alguns anos durante a Revolução Americana, quando brevemente surgiram as classes mais baixas na arena. A resistência dessas pessoas nessa fase da história foi rapidamente contida. O controle da classe governante foi solidificado e estabilizou-se na Constituição dos EUA de 1787. Assim, toda essa conversa fiada no meio populista sobre recuperar a democracia não passa de outra ilusão.

A terceira idéia enganadora é que podemos fixar as coisas capturando o controle do Congresso. Mas como eu discuti anteriormente, nós nunca poderemos adquirir uma real democracia capturando o governo. A democracia burguesa, a democracia representativa, como a que existe nos Estados Unidos, nunca poderá se transformar em democracia local, autônoma, direta. Na realidade, a Constituição dos EUA foi escrita precisamente para impedir para tais democracias diretas emergissem. Assim se nosso objetivo é estabelecer uma real democracia, não faz sentido nenhum construir um partido progressiva para tentar capturar o controle do Congresso. Esta é uma terceira ilusão que aflige o Novo Populismo.

A quarta idéia enganadora é que nós podemos restabelecer o estado do bem-estar social. O ataque vicioso, mundial, contínuo, capitalista, ao bem-estar público, ou na realidade a tudo aquilo que é público, não ocorre apenas porque os capitalistas sejam maus e gananciosos (claro que eles são), mas porque esta ofensiva é necessária para manter os níveis de lucro e para manter o importante sistema de acumulação intato e funcionando. Os capitalistas tem nenhuma escolha se eles querem continuar vivendo de lucro. (claro que eles têm uma escolha: eles podem deixar de viver de lucro, abandonar o livre-emprego capitalista, e ajudar a mudar o mundo). A convicção populista de que de alguma maneira nós podemos restabelecer o bem-estar público, dentro de um sistema capitalista, é outra ilusão importante. A fase do estado do bem-estar capitalista já é coisa de um passado distante. O único modo que nós podemos alcançar neste momento bem-estar

geral é nos libertar completamente do capitalismo e construir um mundo verdadeiramente democrático, um mundo que não esteja baseado na escravidão-assalariada e na mercadoria.

É por isso que, embora eu goste de escutar os discursos de Nader, eles são, para mim, no final das contas, um grande desapontamento. Eu sei que as reformas que ele quer estão baseadas em um diagnóstico errado sobre aquilo que nos aflige.

## **Apêndice: Projeto de uma Base de Acordo Geral para "Associações de Bairros Autônomos e Democráticos"**

- 1. Adesão Voluntária.** Assinar o Acordo Geral da Assembléia da Casa é um ato completamente voluntário, mas uma vez concordado, implica em cumprir os princípios e práticas indicados.
- 2. Desligamento.** Enquanto bairros autônomos, nos reservamos o direito de desligamento desta associação, e assim anular nossa promessa de cumprir seus princípios e práticas, se chegarmos à conclusão que ela não serve mais aos nossos interesses. Isto também significa claramente que abrimos mão de qualquer vantagem que nossa adesão à associação nos proporcione.
- 3. Pacto de não-agressão.** Nunca concordaremos em organizar uma força militar para invadir outros bairros.
- 4. Base não-territorial dos Bairros.** Concordamos que a terra não é uma mercadoria que possa ser comprada ou vendida, então ela não pode ser possuída por ninguém. Quer dizer, rejeitamos o conceito de propriedade quando aplicado à terra (e outros recursos; veja próximo ponto). Isto significa na verdade que nossos bairros não têm nenhum limite territorial. Eles são socialmente definidos, por associações em Assembléias de Casas.
- 5. Compartilhamento de Recursos.** Semelhantemente rejeitamos a idéia de que recursos naturais possam ser possuídos, comprados, ou vendidos. Eles só podem ser compartilhados. Assim um bairro que está localizado em cima de jazidas minerais raras, por exemplo, que será útil para muitas outras Casas não poderá dizer que possui aquele mineral, ou que o venderá em sua própria vantagem. Poderá apenas compartilhá-lo, por tratados equitativos e recíprocos que considerem seu desenvolvimento e uso.
- 6. Trabalho cooperativo.** Trabalho humano não é mercadoria e não pode ser comprado ou vendido. Concordamos então que todos os Projetos do bairro e Projetos extra-bairro serão cooperativa e democraticamente administrados.
- 7. Tratados.** Concordamos que o poder de tomada de decisão repousa nas Assembléias das Casas. Então todos os Projetos e necessidades extra-bairro precisam ser negociados e tratados com outros bairros e não determinados por congressos regionais através de representantes (ou coisa parecida, pelo envio de delegados a conselhos regionais), com o poder de fazer leis que possam ser impostas nos bairros. Quer dizer, não há nenhum poder maior que uma Assembléia da Casa.
- 8. Tratado de Negociação das Instalações.** Para expandir as redes de comunicação e construir locais para as assembléias regionais torna-se necessário a negociação de um eficiente tratado, concordamos em pagar a parcela dos custos que nos cabe para construir e manter tais instalações.
- 9. Democracia Direta.** Concordamos que nossas assembléias no bairro, nossos Projetos, nossas Casas, e nossas associações de caráter específico, serão governadas pela democracia direta através da discussão frente-a-frente e do voto de todos os sócios, sem representantes. Se, eventualmente, surgir um Projeto que necessariamente será dirigido por uma pessoa ou algumas pessoas, este Projeto em particular será uma exceção, e prescrito por um determinado período de tempo, só pode ser feito pela própria Assembléia da Casa.
- 10. Arranjos sociais dentro do Bairro.** O compromisso para dirigir democraticamente o trabalho cooperativo implica em um mínimo de democracia e de cooperação na condução dos Projetos na Casa, além do estabelecimento de uma assembléia de bairro para o autogoverno. Naturalmente, haverá variações consideráveis, de uma cultura para outra, no formato real e no funcionamentos de tais entidades sociais. Mas é difícil imaginar como um bairro poderia eliminar completamente [posturas culturais nocivas] e ainda permanecer livre. Em todo caso, este é o padrão no qual esta Associação está comprometida.
- 11. Associação de Bairro.** Concordamos, como assembleários do bairro, em tentar estabelecer um equilíbrio entre o direito dos outros de selecionar o lugar de morar (escolher onde eles viverão), e nosso próprio direito de escolher com

quem nos associaremos. Como regra geral, concordamos que nossos bairros serão tão completamente abertos quanto possível, nos reservando o direito de excluir e expelir pessoas de nossas assembleias. Naturalmente, com o desaparecimento da compra e venda de terra e de propriedades residenciais, e do dinheiro universal, e do mercado mundial, ninguém poderá movimentar-se em nossos bairros sem primeiro ser admitido por uma Casa, e conseqüentemente por um Projeto - e Assembleia da Casa. Não haveria como se alimentar, vestir, ou se abrigar. Concordamos em estabelecer tradições de hospitalidade e admissão que sejam civilizadas, aprazíveis, e equitativas.

**12. Procedimentos de Voto dentro de Nossas Assembleias.** Concordamos em criar procedimentos de votação para nossas assembleias que aumentem a democracia direta e o autogoverno em nosso bairro. Não haverá nenhuma resolução difícil de tirada rápida, nem a resolução fácil da regra de maioria contra a busca de consensos, nem qualquer fórmula mágica para relações de maioria/minoria. Apontaremos para uma mistura boa de consensos e regra de maioria, e outros procedimentos, percebendo o tempo todo que uma minoria não pode ser forçada, no final das contas, a cumprir uma decisão de maioria a qual fortemente se opõe. As assembleias de bairro são portanto compelidas a se esforçar para ganhar a vontade de uma minoria [recalcitrante] para que acate uma decisão, por mínima que seja. Caso contrário não pode haver nenhum Projeto cooperativamente empreendido. Mas as minorias também têm que perceber que devem ser raras as ocasiões quando eles simplesmente fazem as malas e vão embora (ou forcem a maioria a partir). O leque de oportunidades que surgem quando tomamos nosso próprio caminho é pequeno em comparação com o leque de oportunidades que surgem quando optamos por tomar decisões coletivas para sobreviver (ou fazer a maior parte das coisas). Assim as minorias também devem se esforçar para chegar a um acordo e alcançar decisões mutuamente aceitáveis. Ninguém disse que democracia é fácil, só que ela é o único modo pelo qual podemos vir a ser seres sociais autônomos, livres, no controle de nossos próprios destinos, ela é possível para todos em um universo sem certezas.

**13. Os Produtos de Nosso Trabalho.** Concordamos que os produtos de nosso trabalho cooperativo não são mercadorias e não podem ser possuídos, comprados, ou vendidos, mas serão equitativamente compartilhados entre todos os membros do bairro. Todo membro tem o direito a uma parte justa desta riqueza, em troca de uma parte justa do trabalho necessário para produzi-la, como definido pela Assembleia da Casa. Reconhecemos o problema de penetras e lidaremos com isto por uma variedade de constrangimentos sociais, inclusive ostracismo se for necessário, ou como último recurso, expulsão. No caso de produzirmos mais que precisamos, negociaremos acordos de intercâmbio de mercadorias com outros bairros para a troca justa e equitativa destes produtos.

**14. Relações com Bairros que não Aderirem a esta Associação.** Nossa Associação é incompatível com o mundo organizado em nação-estados. Tanto que buscamos dismantelar e destruir nação-estados. Quanto mais bairros se unirem em nossas Associações, mais perto estaremos da vitória. Mas obviamente, essas coisas não acontecerão de uma vez. Pode haver até mesmo bairros que nunca se juntem a nós. Naturalmente, buscamos esparramar nosso modo de vida e protegê-lo de ataques. Hierarquia e anarquia são as inimigas naturais. Mas sem hierarquia, há espaço dentro da anarquia para uma grande diversidade. Por exemplo, grupos tribais podem preferir manter seus arranjos administrativos habituais, fundados principalmente em parentesco e outras formas tradicionais de autoridade, em vez de adotar a prática de assembleias deliberativas baseadas em democracia direta. Não há nenhuma razão para que estas pessoas não possam existir lado a lado com Casas anárquicas. Bairros que não se converterem ao trabalho cooperativo e autogoverno, permanecendo embutidos no mercado de trabalho capitalista e cultura de mercado (esperamos que desapareçam rapidamente), também podem não querer aderir. Na medida em que o mundo comunal de pessoas livres ganhar força, o mundo atomizado de indivíduos mercadoria se enfraquecerá, e estes bairros exercerão uma grande atração. Será difícil aos parasitas acostumados com sua cultura voltada para o lucro adaptarem-se às práticas de um mundo descentralizado, de Casas anárquicas democráticas e cooperativas. Não obstante, diferentemente do capitalismo, a anarquia (democracia frente-a-frente) não pode ser imposta. Mas pode ser defendida daqueles que buscam destruí-la.

### Notas de rodapé sobre a terminologia utilizada neste trabalho

A que segue é uma discussão sobre a terminologia que escolhi usar nesse esboço sobre como poderíamos querer viver. Quer dizer, eu enfrentei um problema de terminologia. Quem sou eu para dar nomes às nossas criações sociais? Restou outro dilema sobre como chamar essa nova ordem social global como também nomear os corpos sociais específicos dentro dela. Todavia, fiz as escolhas seguintes:

(a) **Casa** é um termo satisfatório, embora o uso norte-americano contemporâneo se refere a uma unidade muito menor, isto é uma família nuclear. Mas historicamente, as Casas foram maiores. Meu uso, para um alojamento complexo residencial de 100 a 200 pessoas, é uma reversão e ao mesmo tempo uma expansão do significado histórico.

**(b) Assembléia da Casa** é novo, mas eu gosto. Outras possibilidades eram: encontro da cidade, comunidade, assembléia geral, assembléia do núcleo, assembléia da base, assembléia do bairro, parlamento, plenário, congregação, conferência, senado, convenção - nenhum deles parece se adequar, exceto talvez a assembléia de bairro. O problema com o termo é que 'casa' tende a ser associado com Casa em vez de bairro. Mas talvez esta confusão desaparecerá na medida em que nos acostumamos a isto. Eu gosto do termo Assembléia da Casa porque nos dá uma identidade unida à Assembléia (e Local de Assembléia) onde participamos conjuntamente das decisões da Casa para governar nossas vidas sociais. Cada pessoa será participante de alguma assembléia. Nossa Casa é o local onde participamos da tomada de decisão. Assim a assembléia de bairro está acima das relações de parentesco ou de trabalho (reprodução ou relações de produção). A primazia das relações de tomada de decisão caracterizará a nova civilização e será fixada aparte de todas as outras formas prévias de organização social.

**(c) Círculo Operário [no original Peer Cicle]** é estranho, mas não gostei de nenhuma outra alternativa que encontrei. O termo tradicional entre radicais é conselhos, mas este termo não tem nenhum uso geral em outro lugar em nossa cultura e de fato tem outras conotações no idioma popular. As outras possibilidades são: convenção política, abelha, grupo de semelhantes, grupo de encontro (como alguns amigos se encontrando), ou reunião de semelhantes.

**(d) Projeto** é um nome bom para as atividades que empreendemos para realizar algo conjuntamente. Não podemos chamá-los de negócios, empreendimentos, organizações, ou instituições certamente. Estou bastante contente com o termo Projeto.

**(e) No desenho original desta composição, eu usei o termo *comunidade*** inadvertidamente referindo-me às 2000 pessoas que constituem uma *Assembléia da Casa*. *Comunidade* é um termo muito bom, mas não pode ser restrito para significar apenas um corpo de 2.000 sócios, obviamente. Assim eu tive que troca-lo pelo termo *casa* que soa limitado mas é mais preciso. Pelo menos deixa claro que nossa unidade social básica é uma *casa* que toma decisões através de assembléias, onde as pessoas se reúnem frente-a-frente. Todas as associações maiores estão baseadas neste núcleo de entidade social.

**(f) No que diz respeito à atual ordem social global, nenhum desses usuais termos tem uma significação clara - democracia, socialismo, anarquismo, comunismo.** Até que um nome novo surgiu que descrevi simplesmente como "*Associação de Bairros Autônomos e Democráticos*". Devo acrescentar entretanto que me refiro à democracia direta, não democracia representativa, e por democracia direta não me refiro a dia de eleição ou referendo, mas assembléias onde as pessoas se encontram frente-a-frente umas com as outras. Devo também acrescentar que a associação tem por base o trato igual entre iguais, não federação (assumindo que estruturas federadas sejam hierárquicas). Destaco que autônomo significa simplesmente autogoverno e não uma completa auto-suficiência no sentido material (ainda haverá intercâmbio de mercadorias). Em outras palavras, o termo fica desprovido de sentido sem esta definição adicional. O melhor que podemos fazer é focalizá-lo nas relações sociais concretas, e moldá-lo do modo que queremos, isso é melhor do que desperdiçar tempo tentando definir conceitos abstratos.

**(g) também há o problema de nomear a própria estratégia.** Sinto muito, mas confesso que não pude inventar um nome bom para ela.

No que diz respeito a questões de terminologia, peço ao leitor não se apressar em substituir as palavras que utilizo. Eu escolho palavras com cuidado. Não é sem querer ou por descuido que eu uso o termo "classe dominante", por exemplo. Eu faço isto deliberadamente. Eu acredito que este é o modo mais claro de falar sobre nossa situação. Se você não acredita há uma classe dominante talvez você tenha assistido muita televisão ou feito muitos cursos de sociologia. Semelhantemente com outras palavras eu uso - assassinos, ladrões, invasão, opressão, exploração, proletariado, escravidão-assalariada, império, lacaio, capitalistas. . . Estes não são conceitos de um fanático, embora eles possam soar assim a alguns que foram macerados pelo idioma dos donos do mundo. São termos poderosos e acurados que iluminam nossa situação. Levou anos para libertar-me da linguagem mistificadora da classe exploradora.

## Comentários Suplementares

### Arrebatando Nossos Cárceres, Destruindo Nossos Carcereiros

por Jared James em junho de 1999

"Alguns dos trabalhadores rurais no Brasil têm um slogan interessante. Eles dizem que a tarefa imediata deles é 'ampliar o chão da gaiola'. Eles entendem que estão presos dentro de uma gaiola, mas percebem que ela constitui um

refúgio quando estão no lado de fora sob o ataque de predadores até mesmo piores, [garantir o que tem] e ampliar os limites, são preliminares essenciais para [finalmente] desmantelá-la. Se atacam a gaiola diretamente quando eles são tão vulneráveis, serão assassinados". (de Noam Chomsky, O Bem Comum (Entrevistas com David Barsamian), Odonian Press, 1998, p.85)

Há uma suposição terrível embutida aqui, isto é, de que a gaiola protege os trabalhadores de serem assassinados. Isto é evidentemente falso. Trabalhadores estão sendo assassinados no mundo inteiro aos milhões, dentro da gaiola. A mídia dissemina uma falsa imagem das mais variadas formas. Os predadores não estão fora da gaiola, eles, e suas práticas, são a gaiola. A própria gaiola é letal. E quando nós percebemos que a gaiola é tão grande quanto o mundo, e que não há nenhum lugar para onde escapar, podemos ver que a única maneira de impedir sermos assassinados, ou mesmo brutalizados e oprimidos, é destruir a própria gaiola. A gaiola, contudo, não é feita de barras de metal, mas de pessoas. A gaiola é feita de pessoas reais, pessoas vivas que utilizam dos mais variados artifícios para constranger outras. Destruir a gaiola não significa necessariamente matar tais pessoas, mas destruir a capacidade delas funcionarem como carcereiros. Desenhe uma Casa de pessoas, e coloque dentro dela homens de negócios que dizem ser donos de tudo e que oferecem dinheiro a qualquer um que queira trabalhar para eles, guardas armados que espancam ou atiram em qualquer um que ativamente rejeite este arranjo, professores que instilam idéias debilitantes, agiotas que induzem os trabalhadores a pedir dinheiro emprestado, padres que pregam a aceitação fatalista de que as coisas são mesmo assim, artistas que seduzem os trabalhadores a comprar diversão, conselheiros que tentam adequar os trabalhadores ao seu sofrimento, e políticos que persuadem os trabalhadores a depender deles para resolver os problemas. Esta é a gaiola. Não deve ser protegida, mas atacada, em cada ponto e oportunidade concebível.

Na mesma entrevista citada acima, Chomsky diz:

*"Quando você elimina uma estrutura institucional na qual as pessoas podem participar até certo ponto -- isto é, o governo -- você está simplesmente entregando poder a tiranias privadas irresponsáveis que são muito piores. Assim você tem que fazer uso do estado, reconhecendo o tempo todo que, no final das contas, você quer [mesmo é] eliminá-lo".* (de Noam Chomsky, O Bem Comum, Odonian Press, 1998, pág. 85)

Marx também achava que os trabalhadores deveriam usar o governo para melhorar suas vidas, proibir mão-de-obra infantil, jornada de trabalho menor, e assim sucessivamente. Ele argumentou que os proletários seriam tolos se não se organizassem em um partido político para capturar o estado e então usá-lo para subverter a burguesia. Bakunin e outros anarquistas discordaram. Eles preferiam ignorar o governo e alcançar diretamente o que queriam. Esta foi a disputa que dividiu a Primeira Internacional. Os marxistas ganharam, e a luta anticapitalista mudou de direção [tomando o rumo da] social democracia e depois do Leninismo: as duas versões principais da estratégia de dois estágios -- primeiro captura o estado, e depois destrói o capitalismo e estabelece o comunismo. Hoje, 130 anos depois, é o momento de avaliar essa estratégia. Funcionou?

Pegue os regulamentos do OSHA (Segurança Profissional e Administração da Saúde) que Chomsky discute (em entrevista publicada na última edição da Anarcho-Syndicalist Review para a qual este artigo é uma resposta). Ele admite de cara que o governo não queria montar a OSHA mas que foi forçado a fazer isso [neste caso pela Nova Esquerda, trabalhadores e movimentos por direitos civis nos anos sessenta], e que "não os obriga muito [os regulamentos de OSHA], mas às vezes os força a cumpri-los". Ele argumenta que os ativistas e trabalhadores não têm nenhuma escolha moral a não ser usar estes regulamentos para salvar vidas. Mas é exatamente esse o ponto crucial. Pense em todas as vidas que se perdem porque os trabalhadores dependem do governo para protegê-los. Pense em todas as greves, para forçar o governo a obrigar o cumprimento das leis, que não são cumpridas. Pense em todo tempo e energia que milhares de trabalhadores e militantes tiveram que gastar primeiro para conquistar leis, e depois pense em todo o tempo e energia que tiveram que gastar para forçar o governo a cumpri-las, para impedi-los de empacotar OSHA juntamente com administradores pró-patronato que não têm nenhuma intenção de cumprir tais leis, e reeleger os políticos que querem abolir a OSHA completamente.

E então pense sobre aquilo que poderia ter sido conquistado se uma estratégia diferente tivesse sido integralmente adotada, especialmente do ponto de vista histórico. Nestes 130 anos desde a divisão da Primeira Internacional em 1872, tudo o que temos manifestado em nossas lutas, lutas de milhões de radicais de várias gerações, é a adoção alguns regulamentos (segurança profissional, mas o mesmo poderia ser dito de dúzias de outros assuntos, como a necessidade de um ambiente impoluto, comida segura, salvar espécies em extinção, crianças saudáveis, direitos civis, jornada de trabalho

mais curta) de governo fracos, em alguns países ricos a segurança no local de trabalho que quase sempre é obrigatória, quase nunca é cumprida. Não estamos de forma alguma próximos do real controle dos locais de trabalho pelos trabalhadores, de forma alguma próximos de abolir completamente a escravidão-assalariada, de forma alguma próximos de destruir o capitalismo, de forma alguma próximos de dismantelar o estado, de forma alguma próximos de estabelecer o comunismo (anarquismo, liberdade, democracia).

Assim, não basta perguntar, como faz Chomsky, "*como recusar usar os mecanismos que estão disponíveis para salvar as vidas das pessoas. . .?*". Nem é suficiente perceber que tais mecanismos estão disponíveis principalmente porque os trabalhadores forçaram o governo a disponibilizá-los. Temos que perceber também que eles estão lá porque foram os radicais adotaram a estratégia particular de tentar usar o estado para alcançar metas radicais. O 'mecanismos' que existem no presente foram resultado daquela estratégia. Eles não vieram por acaso, do nada.

Esta estratégia realmente funcionou? No que me diz respeito, a resposta tem que ser um ressonante NÃO! Ambas as versões da estratégia estatista falharam miseravelmente em subverter o capitalismo, quanto ao Leninismo ele fracassou de uma forma espetacular. Até mesmo o bem-estar mínimo e proteções que foram obtidas por meio da estratégia estatista, no núcleo dos países capitalistas (e as poucas preciosas vantagens ou ganhos no resto do mundo), só se tornaram possíveis por causa da transferência de grandes quantidades de riqueza do resto do mundo para os países ricos. Sem este subsídio, é duvidoso que os trabalhadores europeus e americanos pudessem ter imposto até mesmo suas débeis leis de segurança profissional pelos seus governos. Em termos mundiais, até mesmo o sucesso do denominado estado de bem-estar (social democracia) é uma ilusão. Além disso, os movimentos de oposição em países centrais capitalistas não tiveram virtualmente nenhum efeito nas políticas externas desses países. Na maior parte eles nem mesmo tem tentado, em vez disso o foco de suas lutas é conquistar leis de bem-estar dentro das suas próprias nações, enquanto ignoram as iniciativas capitalistas internacionais. Estas leis agora (depois de vinte anos) estão sendo abolidas, debaixo das condições de maior concentração de capital, de acirramento da competição global entre as maiores corporações, do aumento das organizações globais da classe dominante, do enfraquecimento dos movimentos dos trabalhadores, e da debilidade dos governos nacionais (quer dizer, diante da ofensiva capitalista global conhecida como 'neoliberalismo').

Se em vez de tentar usar o estado durante os últimos 130 anos (ou 150 se datarmos a partir da estratégia das revoluções fracassadas de 1848 que é provavelmente mais preciso), os trabalhadores, anticapitalistas, e radicais estivessem atuando diretamente pelo controle do local de trabalho por assembleias no local de trabalho, atuando para substituir os aparatos de tomada de decisão do estado burguês pelo controle direto da comunidade por assembleias de bairro, atuando para superar a escravidão-assalariada organizando diretamente o trabalho cooperativo (que não é comprado nem vendido), atuando para destruir o isolamento dos indivíduos diretamente por assembleias comunitárias (comunidades de 100-200 pessoas), e atuando diretamente para reduzir o comércio mundial defendendo mercados locais, suponho que já teríamos destruído o capitalismo e criado uma sociedade livre. Ao invés disso, estamos vendo tanto o mundo como a humanidade, sendo destruídos diante de nossos próprios olhos.

Assim, a mudança de curso tomada pelos radicais no meio do século XIX assume um grande significado para mim. Não tentarei considerar ou explicar essa mudança de curso, mas somente destacá-la. Isso significa entretanto, pelo menos para mim, para os radicais que surgem no ano 2000, que agora, as questões sobre estratégia são de uma importância extrema e deveriam estar no centro de nossas discussões, e deveriam ser estudadas seriamente.

Aparentemente entretanto, Chomsky não pensa que haja muita coisa a estudar com respeito a estratégia. Uma vez ele respondeu, quando perguntado sobre estratégia, com uma fórmula de três palavras: eduque, organize, aja. Ele assume, erradamente, que isso não é problema, que existe um acordo geral na substância destas três palavras mágicas. Podemos notar que o slogan pode igualmente ser aplicado à Klu Klux Klan, executivos corporativos, cristãos renascidos, muçulmanos direitistas, ou liberais, todos que educam, organizam e agem. Obviamente, o que conta é o programa, que é precisamente aquilo que precisamos debater (e o programa não pode ser separado, claro, dos meios para alcançá-lo). As audiências de Chomsky, porém, normalmente consistem em uma amálgama de "progressistas" -- os anarquistas, sociais democratas, liberais esquerdistas, e provavelmente alguns leninistas e trotskyistas -- que compartilham, falando em termos gerais, um certo programa, mas discordam sobre como alcançá-lo. Basta mencionar dois debates históricos que dividiram estes grupos: (1) o debate entre os sociais democratas e os leninistas sobre como capturar o estado via eleições ou por luta armada (na realidade, é a discordância sobre a estratégia que separa estas tendências, em primeiro lugar), e (2) o debate entre anarquistas sobre se o foco deve estar no local de trabalho ou na organização da comunidade (anarco-sindicalistas versus anarco-comunistas). Há muito mais assuntos como estes.

Chomsky dribla todas estas discordâncias. Ele assume, digamos, uma posição pluralista para a estratégia. "Você tem

que fazer todas estas coisas imediatamente", ele diz. "Na realidade elas não são alternativas". Ele não acha que elas sejam mutuamente exclusivas. Assim realmente não temos que estudar muito seriamente se uma estratégia é melhor que a outra, ou se uma estratégia é falha considerando que a outra tem sucesso. Basta fazer tudo imediatamente. Então vamos todos nos unir às 'campanhas salariais' e agitações semelhantes.

O problema disso tudo é que a maior parte da energia dos radicais está sendo gasta em projetos que nem ao menos ameaçam o capitalismo, e coisas como "campanha salarial" é um exemplo perfeito. A classe dominante funciona como um relógio, contra projetos que representam uma ameaça para ela, quando não cooptam e sufocam tais projetos (ou então os destroem de algum outro modo, financeiramente ou fisicamente, por exemplo). A classe dominante capitalista tem recursos vastos disponíveis para cooptar seus inimigos, e ela sabe fazer isso muito bem. O que normalmente acontece é que os projetos inofensivos sobrevivem e se esparramam, enquanto que os projetos efetivos (isto é, aqueles que representam perigo para os capitalistas) são esmagados e desaparecem. [A tática] adotada por anticapitalistas de abrandar suas críticas ao reformismo, aos projetos e campanhas que contribuem para reforçar em vez de arruinar a ordem estabelecida, é suicida. Até mesmo se fôssemos milhões de vezes mais fortes do que somos, com recursos imensamente mais abundantes, não deveríamos seguir o conselho de Chomsky para "fazer todas estas coisas imediatamente" porque algumas destas coisas não funcionam, e não conduzem a vitória. É por isso que precisamos de debates contínuos, sérios, no movimento anticapitalista, sobre onde é melhor pôr nossas energias, especialmente diante da visão do mundo que queremos, que está intimamente ligado às estratégias que precisamos inventar para conquistá-lo. A resposta não será a mesma para todo mundo, claro, mas nem por isso "faremos todas estas coisas imediatamente".

Para mim a mais infeliz, realmente atordoante, passagem nesta entrevista são as observações de Chomsky sobre a escravidão-assalariada. Depois de comentar que todos os anarquistas gostariam de ver a escravidão-assalariada superada, Chomsky diz: *"Mas nós realmente sabemos tocar uma sociedade sem a escravidão-assalariada? Talvez descubramos que é impossível. Eu não penso assim. Mas qualquer um que não pondere essa possibilidade não está sendo muito sério. Nós não sabemos o suficiente sobre como tocar as sociedades. Será que uma estrutura social complexa -- qualquer coisa que os seres humanos vão existir com hoje, com bilhões deles ao redor, assim é bastante complicado -- pode existir e pode funcionar nos princípios com os quais os anarquistas estão comprometidos?"*

Isto [soa de uma forma] muito adequadamente confortável [na voz] de um sociólogo popular. Por um segundo até mesmo pensei que ele ia usar aquela abominável frase popular "sociedade industrial complexa", mas ao invés disso ele usou uma versão ligeiramente modificada. Quem foi que disse que o anarquismo funcionará absolutamente, de que forma? E quem somos "nós", ou qualquer um, para "tocar" uma sociedade livre, uma sociedade anarquista?

Porém, a pior de todas suas observações parece indicar uma atitude bastante ambivalente para com relação à meta, ele negligencia uma literatura vasta dedicada a precisamente responder estas questões, e ignora os experimentos e esforços de anarquistas sociais que lutaram corajosamente enfrentando estes problemas, durante muitas décadas, até mesmo séculos -- pensando, lutando, e experimentando, até mesmo em nossos dias, em muitos lugares pelo mundo afora. Com certeza nós sabemos o suficiente, agora mesmo, para viver livres, são nossos opressores que nos impedem. Se ele não está convencido de que a escravidão-assalariada pode ser superada (que é sinônimo de destruir o capitalismo), ou que a anarquia é um arranjo de vida social viável, então por que ele está lutando?

Deveríamos ser gratos de ter do nosso lado um intelectual de categoria internacional que sempre que pode dá uma porrada na classe dominante, enquanto pouco a pouco constrói sua credibilidade. Somos afortunados de ter do nosso lado um gênio infatigável que analisa todos os movimentos que a classe dominante faz, que decifra toda sua maquinaria, que expõe sua toda mentira [da classe dominante], que lê as entrelinhas das publicações, e nos mantém informados até mesmo sobre o que nossos opressores irão fazer. Ele gosta de fazer isso e o faz bem. Ele faz isto em uma escala mundial estudando a política externa dos EUA, durante várias décadas, também faz o mesmo com respeito às mídias, e mais recentemente com respeito às políticas nacionais. Isso já é uma tremenda contribuição à luta revolucionária.

Por outro lado, isto não significa temos que concordar com tudo o que ele diz, obviamente. Um homem não pode fazer tudo. É errado de nossa parte exigir sua opinião em assuntos que ele realmente não estudou, porque suas prioridades estão em outro lugar, assuntos relativos a teoria anarquista, estratégia revolucionária, visões de uma vida livre, e numerosas outras questões sociais. E se ele faz observações capengas sobre alguns destes tópicos, na maioria das vezes, deveríamos nos lembrar de que trata-se de rápidas observações improvisadas, espontâneas, e não daquelas composições formais cuidadosamente escritas por ele, então obviamente temos que discordar dele de um modo sério, especialmente se ele está radiodifundindo tais idéias para o mundo inteiro em numerosas entrevistas, falas, e de livros de bolso tão populares como o Odonian.



Felizmente, o anarquismo está [no centro] das observações. Há muitos indicadores de que estamos diante de uma rejeição mundial à estratégia estatista por parte dos movimentos de oposição. Uma vez que não há qualquer possibilidade de organizar globalmente ou mesmo nacionalmente para derrotar as corporações e instituições globais como a Organização Mundial do Comércio, os militantes estão inventando modos para derrotá-la localmente, e estão abrindo assim, pela primeira vez na história, a possibilidade de erigir o anarquismo em escala mundial.

## A Fraqueza das Políticas de Protesto

Jared James, junho, 2000

*"Com a crescente popularidade das lutas [contra a OMC, FMI, e BM] entre amplos setores da esquerda, podemos antever o que vem pela frente. Infelizmente, a resistência aberta está sendo substituída por uma postura amena e reformista. Até mesmo entre muitos anarquistas podemos notar um explícito abandono da oposição radical em favor da ordem do dia predominante delineada pelas esquerdas liberais e pelas ONGs. Pensando nisto, sentimos que os revolucionários anarquistas jogam o principal dentro desse movimento social. . . Para nós, estas instituições não são apenas reformistas, elas também exercem papéis fundamentais dentro do sistema capitalista global, que deve ser abolido completamente. Não só devemos rejeitar e resistir a este sistema em todos os níveis possíveis, mas também avançar em uma alternativa anarquista clara e que tenha a capacidade de capturar em larga escala a imaginação do oprimido seguindo em direção à verdadeira libertação social".* (Declaração de um anarquista militante contemporâneo)

Esse 'papel principal' que se espera que os anarquistas exerçam no movimento, para 'radicaliza-lo' será desalentador, porque não terá sucesso. Na política de protesto, com sua invariável divisão entre reformistas e revolucionários, os reformistas quase sempre acabam ganhando, porque a classe dominante está do lado deles, de forma a extrair o gás do movimento e neutralizá-lo, para que no final das contas, depois que a comoção diminui, tudo se degenere em reformas. Esta derrota está arraigada na própria política de protesto, e isso não quer dizer que os revolucionários não deram duro o suficiente para 'radicalizar' o movimento. Na medida em que lutamos contra o que não queremos, em vez de lutar pelo que queremos, sempre acabamos perdendo.

Lutar pelo que queremos envolve muito mais do que avançar em uma "uma alternativa anarquista clara", especialmente se tal um 'avanço' começa e acaba em descrições verbais. A única forma de realmente avançar em uma alternativa anarquista é tentar trazê-la para o mundo social real, tentar criá-la de fato, com os novos arranjos sociais que julgamos deveriam substituir os arranjos do capitalismo. E para fazer isso teríamos que modificar o foco de nossa atenção, em vez de protestar contra aquilo que estão fazendo contra nós, deveríamos defender aquilo que estamos fazendo contra eles. Precisamos estar na ofensiva. Escolher novos campos de batalha, novos locais estratégicos onde empreender nossa luta. Acredito que há três locais estratégicos -- assembléias no bairro, no local de trabalho, e na comunidade. Se montássemos estes novos arranjos sociais, defendêssemos nossas criações, aí sim, construiríamos o mundo que queremos, simultaneamente arruinando e derrotando os capitalistas.

O que significa "rejeitar e resistir a este sistema em todos os níveis possíveis?". Real rejeição não significa por qualquer outra coisa em seu lugar? A rejeição real é -- destripar e abandonar o que não queremos, pôr nossas energias na construção do que queremos, ao invés protestar contra o que não queremos. Intimidar um Macdonald é suficiente? Interromper um ou dois encontros de representantes da OMC faz alguma diferença? Esse ir e vir de manifestações nas capitais dos países adianta alguma coisa? Interromper as convenções democráticas e republicanas muda qualquer coisa?

A política de protesto é uma estratégia condenada ao fracasso. Não leva a parte alguma. Se esvaziará em argumentos sobre não-violência, desobediência civil, reforma (e tirar manifestantes da prisão). Enquanto isso, a classe dominante estará ganhando tempo para atualizar, reorganizar, reagrupar, testar novas contra-táticas, e renovar sua ideologia. E tem mais, a classe dominante teve a sorte inesperada de possuir, agora, as fotos de todos os manifestantes, seus nomes, e os endereços de todas as organizações que planejaram os protestos, as cópias de todos os discursos estão nas mãos deles para análise e estudos na perspectiva de contradizê-los e desacreditá-los. Mesmo com 30.000 ou 100.000 manifestantes, 1.000 ou 10.000 organizações, todos os participantes podem ser facilmente identificados, investigados, classificados, infiltrados, arrebatados, estudados, neutralizados, intimidados, cooptados, ou destruídos, pela vasta burocracia, exército, e pela polícia secreta das classes governantes do mundo.

A resposta habitual da esquerda neste ponto é dizer que se sairmos em 'massivos' protestos, eles não poderão nos parar. Errado! Eles podem, e tem a capacidade de fazê-lo toda vez que julgarem necessário, fizeram isso quando destruíram o Vietnã, quando assassinaram várias centenas de milhares de pessoas na Indonésia em 1965, quando destruíram minuciosamente a nova esquerda nos Estados Unidos, quando instituíram os esquadrões da morte na América Central nos

anos oitenta, quando exterminaram a quarta parte da população do Timor Leste, quando invadiram Granada e Panamá, quando bombardearam a Iugoslávia durante setenta e oito dias em 1999, quando bombardeiam e sancionam continuamente o Iraque, quando nesse momento assassinam e massacram na Colômbia.

Mas que tal mudar completamente de direção, e parar de desperdiçar nosso tempo tentando interromper os crimes dos capitalistas, e começar a lutar por estabelecer aquilo que realmente queremos? Que tal se as 15.000 cidades dos Estados Unidos com 2.500 habitantes ou menos comesçassem a praticar a democracia direta, através de assembleias nos bairros, escapando de seus governos hierárquicos, algo que facilmente poderiam fazer se quisessem? Que tal se as aldeias camponesas comesçassem a adotar o trabalho cooperativo? Que tal se os trabalhadores nas lojas, oficinas, e fábricas esquecessem seus sindicatos e comesçassem a implementar assembleias por local de trabalho para ter o controle de suas vidas em suas próprias mãos? Que tal se os vizinhos comesçassem a combinar recursos para criar comunidades [autogestionárias] de 100 a 200 pessoas? Isso poderia se tornar um movimento grande, mas não um movimento de massa, quer dizer, um aglomerado de indivíduos isolados (mesmo que se reúnam em grupos de afinidade temporários) aglutinados durante algumas horas nas ruas das capitais do mundo. Em vez disso, seria um movimento composto por comunidades de pessoas, e seria um movimento cooperativo, verdadeiramente arraigado na vida real. Uma ordem social nova não pode ser construída nas ruas, mas apenas em nossos bairros, locais de trabalho, e comunidades. O capitalismo não pode ser derrotado nas ruas, mas apenas em nosso bairros, locais de trabalho, e comunidades.

A dificuldade é que "nós" não sabemos o que "nós" queremos. Quer dizer, não há nenhuma definição objetiva, determinada, fixa, sobre aquilo que o 'radical' quer. Não há nenhum consenso de opinião nem mesmo sobre o que significa a palavra 'radical'. Há muitas versões (vagas) do que queremos enquanto tendências dentro do movimento. Provavelmente, todo grupo que participa em uma manifestação espera avançar sua própria versão de 'radical', e assim 'radicalizar' o movimento. A pergunta sempre é: Radicalizar o que? A campanha salarial? A campanha contra a carestia? O partido de vanguarda leninista? A subversão do capitalismo? A social democracia? o anarquismo? O mercado socialista? Ou o que?

Além disso, há uma dificuldade profundamente entrincheirada no pensamento utópico, a de compreender concretamente o que queremos colocar no lugar do capitalismo. Uma questão que nunca é suficientemente discutida. Assim em vez de concentrar nossas energias mentais e físicas de uma forma poderosa para resolver este problema, eliminar este obstáculo e derrotar o capitalismo, preferimos "tomar as ruas", mais uma vez, em meros protestos, um mero engajamento no que é basicamente 'ativismo descuidado'. É verdade que o nível de análise desta vez é consideravelmente mais alto do que nos anos sessenta, e que os objetivos -- sweatshops, omc/bm/fmi, organismos geneticamente modificados, e assim sucessivamente -- são melhores (ao invés de direitos civis, anti-guerra, e movimentos de identidade dos anos sessenta), e conduzem quase que imediatamente ao questionamento da propriedade, do comércio, e conseqüentemente à crítica ao capitalismo. Mas isto ainda é protesto, essencialmente, uma simples petição à classe dominante para que modifiquem suas políticas. Embora os manifestantes digam "vamos prender esses criminosos" todo mundo sabe que isso não passa de uma piada, e que eles não podem. Embora gritem aos policiais: "de quem são as ruas? As ruas são nossas!", fica evidente, no final das contas, que as ruas pertencem mesmo aos policiais. Quando eles gritam: "isso aqui é que é democracia", fico pensando se pessoas impotentes gritando nas ruas tem algo a ver com democracia, democracia é deliberar em assembleias e ter o poder de tomar reais decisões, isso é democracia.

Nós estamos correndo contra o tempo. Como o capitalismo continuará se desintegrando durante os próximos cinquenta anos, nós perderemos a oportunidade de substituí-lo por uma nova, igualitária, ordem social democrática, a menos que possamos compreender o que queremos, em condições absolutamente concretas, e começar a estabelecer aquilo que queremos. Temos que saber como queremos organizar as coisas e como nossa nova ordem social funcionará. Na ausência de tal visão concreta, e de uma estratégia para alcançá-la, as classes governantes capitalistas usarão o próximo meio século para inventar uma nova ordem social que lhes permita permanecer no poder e enriquecer ainda mais, mesmo como não capitalistas. Afinal de contas, as classes governantes do feudalismo, ao se transformarem em capitalistas, fizeram exatamente isso.

Imaginar o anarquismo, em condições muito concretas, não é algo assim secundário, algo que fica em segundo plano, até que capitalismo seja derrotado, algo que evoluirá automaticamente, paralelamente aos protestos e ativismo de rua, ou algo que ninguém realmente sabe ao certo. Em primeiro lugar, o anarquismo é algo absolutamente central para a derrocada do capitalismo, e algo que deveria ser prioridade total para todos os opositoristas. Algo que não pode ser deixado para depois. Deve ser discutido agora mesmo, ou então perderemos nossa chance de liberação.

É fácil concordar contra o que vamos protestar. A lista de coisas que precisam ser interrompidas sob o capitalismo é na

realidade longa, tão longa que não há nem mesmo necessidade para concordar; basta escolher, basta pegar algo que o incomoda. Talvez seja por isso que há tanto envolvimento, tantos ativistas protestando. Entretanto, não é assim tão fácil entender o que queremos colocar no lugar do capitalismo, não é assim tão fácil desenvolver argumentos convincentes sobre como essa coisa funcionaria, sobre como seria criado tal mundo social. A verdade é que pouca energia está sendo dedicada a essa tarefa. Os princípios gerais de uma sociedade livre estão claramente delineados neste esboço, mas não em detalhes concretos (no mundo real há muitas discordâncias sobre princípios, por exemplo, manter ou abolir o estado, o mercado, o trabalho). Talvez seja por isso que tão poucas pessoas se envolvem na construção de um mundo novo, e preferem protestar contra o velho.

A política de manifestações é uma política fraca, a política da fraqueza, a política de pessoas fracas, com imaginação fraca -- a política de pessoas impotentes. Pessoas impotentes têm que usar qualquer tática que estiver ao seu alcance. Mas esse é o ponto. Por que permanecermos impotentes, quando a adoção de uma estratégia diferente -- construir associações estratégicas -- poderia nos tornar poderosos e não reduzidos a atos de desobediência civil e manifestações nas ruas contra políticas alheias a nossa vontade?

Eu pontuei todas essas coisas mais detalhadamente em meu pequeno livro, *Libertando-se: Esboço de uma Associação de Bairros Democráticos, Autônomos* -- Como Cria-lo.

## Discussão sobre o tema

A. Recebi uma carta de réplica, na maior parte discordante, de um amigo sobre o esboço acima. Vide abaixo alguns trechos (editados) de minha tréplica:

Na primeira vez que li a resposta de Derek, pensei, "Bem, claro que ele tem razão". Mas depois de ponderar a respeito durante um ou dois dias cheguei a uma conclusão. Na verdade, a carta que ele me enviou ilustra alguns pontos que eu estava tentando colocar. Quando, por exemplo, Derek escreve: "Você acha que é pura coincidência que depois de Seattle tenha surgido incontáveis publicações anarquistas, feiras de livro, coletivos, infoshops e atividades ao longo de todo o país?". Esta é a questão: publicações, feiras de livros, coletivos, e infoshops não podem derrotar o capitalismo nem estabelecer o anarquismo. Aqueles que vieram a Seattle para protestar vieram a fim de fazer estas coisas, e não começar a trabalhar em seus bairros, local de trabalho, e assembléias nas casas. As feiras de livros e infoshops estão em voga, mas assembléias não. Pouquíssimos radicais estão discutindo se esta outra direção é o caminho que deveríamos seguir. Será que radicalização em termos práticos significa -- publicações, feiras de livros, coletivos, e infoshops?

Derek também argumentou que a maioria dos manifestantes já estão envolvidos em "iniciativas grassroots, empenho coletivo, alternativas institucionais, organizações no local de trabalho, associações de bairro, etc.", mas reivindicou que não há nada de "implicitamente revolucionário" nestes esforços. O significado assumido de "revolucionário" aqui, eu sinto seguramente, é o de "anticapitalista, anti-estatista, anarquista", e nisto nós concordamos. Eu também concordo que a maioria das organizações envolvidas no trabalho nos bairros, locais de trabalho, e casas são reformistas (isto é, não necessariamente anticapitalistas, e certamente não necessariamente anarquistas), e eu deixei isso muito claro no folheto (*Libertando-se*)(a). Assim, a luta contra o reformismo também está presente no projeto de minha estratégia, mas pelo menos lá, se o reformismo for superado, você tem algo para substituí-lo. Mesmo que as manifestações superassem o reformismo o que viria depois? Isso é, o que é que o anticapitalista realmente quer, e o que realmente significa o anarquismo em condições concretas? Na realidade eu argumentaria que você não pode superar o reformismo na teoria, mas apenas no concreto, com programas concretos. Pode ser que superar o reformismo significa realmente tentar fazer funcionar assembléias nos bairros, com real poder na tomada de decisão, e o mesmo nos locais de trabalho, e casas, e assim estabelecer o núcleo dos arranjos sociais de uma sociedade anarquista, o sucesso nesse campo também destruirá o capitalismo.

Derek escreve a seguir duas orações muito interessantes: A "maioria das pessoas é radicalizada pela luta, por protestar, participar de greves, ou de insurreições. Eu não vejo como qualquer coisa que você delineou como alternativa viável às "políticas de protesto" pudessem ser possíveis acontecer sem este 'processo de radicalização". Aqui nós vemos uma abstração traiçoeira -- radicalização -- novamente em ação, junto com uma abstração auxiliar -- luta. Dizer que a maioria das pessoas é "radicalizada pela luta" é uma reivindicação sem sentido. A maior parte das milhões de pessoas que "lutaram" durante dez anos contra a guerra do Vietnã nunca foram anticapitalistas. A maior parte dos milhões de negros que "lutaram" pelos direitos civis nos anos sessenta nunca foram anticapitalistas, com exceção dos anarquistas. A maior parte das milhões de pessoas que "lutaram" pelos direitos das mulheres, homossexuais e lésbicas, pelos direitos dos idosos, pelos direitos das crianças, pelos direitos dos americanos nativos, pelos direitos dos jovens, pelos direitos dos latinos, pelos

direitos de assistência às mães, pelos direitos dos estudantes, pelos direitos de assistência -- nunca foram anticapitalistas, exceto os anarquistas. No final dos anos sessenta, havia uma minúscula facção de gente do "movimento" que tornou-se radical, no sentido de querer destruir capitalismo e mudar todo o sistema, mas sem dúvida a maior parte destes "revolucionários" se tornaram leninistas, ou em alguns casos, até mesmo estalinistas! Também havia uma minoria composta pelos socialistas tradicionais de um tipo ou outro, mas havia apenas uma minoria minúscula, minúscula, bem minúscula de novos esquerdistas que se tornaram anarquistas, ou anarco-sindicalistas (ou comunistas anti-bolsheviks, ou radicais de terceira via), embora, creio eu, os temas anarquistas fossem uma parte proeminente da experiência da nova esquerda.

Os manifestantes dos anos sessenta, da nova esquerda, permaneceram por um longo tempo atuando, quase dez anos, do início dos anos sessenta até o início dos anos setenta. Mas eles falharam completamente em apresentar um programa coerente, uma visão aceitável daquilo que queriam, e conseqüentemente nunca conseguiram gerar uma estratégia para alcançá-lo. Ao invés disso eles focalizaram principalmente em reformas, e tiveram um considerável êxito nessa frente. Infelizmente, a maioria dessas reformas começaram a ser revertidas sob Reagan nos anos oitenta, nos dias de hoje apenas algumas delas ainda permanecem.

Wallerstein pode estar correto quando reivindica que as revoltas dos anos sessenta representaram uma das duas revoluções sistêmicas mundiais contra o capitalismo, a outra ocorreu em 1848, ambos amargaram derrota. (b) A questão é essa: as revoltas dos anos sessenta falharam, embora enfeitassem os capitalistas e os forçassem a fazer ajustes. É claro que os capitalistas se reorganizaram, e não poderia ser diferente, tinham uma vasta força de trabalho e recursos financeiros para fazer isso. O "fechamento da América" (c) foi apenas uma de suas respostas. O draconiano programa anti-terrorista de 1996 foi outra (eles ainda vem reciclando depois de 25 anos). Eles começaram a reorganizar o sistema imediatamente após Seattle, efetuando uma rápida reciclagem no treinamento da polícia. Em 16 de abril em Washington DC eles já tinham aprendido a acordar a área externa que cerca o edifício alvo. Fizeram o mesmo em Windsor, e Calgary. Em Calgary eles simplesmente ergueram muros altos, cimentando blocos ao redor do lugar onde se reuniriam os tubarões mundiais do petróleo, impedindo os manifestantes de chegar perto deles.

É bem possível que em nossos dias aconteça novamente a mesma coisa que aconteceu nos anos sessenta. Os coletivos anarquistas contemporâneos podem gastar os próximos dez anos protestando, e ao término desse tempo não ver nenhum sinal de destruição do capitalismo e do estabelecimento do anarquismo, o mesmo anarquismo que nós, os "revolucionários" tanto almejávamos alcançar com nossos "movimentos" nos anos sessenta (antes de 1972 eles estavam em toda parte).

Em verdade, esse tal "processo de radicalização" não existe. O que existe de fato são pessoas concretamente lutando por um ou outro programa, às vezes juntando-se uns aos outros, às vezes tentando obter apoio, tentando implementar o programa e transformá-lo em realidade. Se eles não estão lutando por um programa concreto, mas apenas por um programa vago, por alguns princípios filosóficos, ou se eles apenas estão lutando contra algo que não gostam, em lugar de lutar por algo que gostam, então a causa deles é bem desesperadora, e não há muita chance que realizem qualquer mudança significativa.

Alguns meses atrás eu ouvi um discurso muito interessante de Kevin Danaher na Rádio Alternativa. Ele fez um discurso vibrante, e muito radical (ou assim eu pensei), e desferiu um devastador ataque às corporações. Outro dia eu comprei um livro que ele editou recentemente (tendo como co-redactor Roger Burbach), publicado pela editora Common Courage Press, sob o título: "Globalize Isto: A Batalha Contra a Organização Mundial do Comércio e o Domínio Corporativo". A última seção deste livro, de oito artigos, é dedicada ao que fazer diante de tudo isso, e é chamada de "Modos de Reestruturar a Economia Global". Foi lá que eu deparei com aquele reformista ingênuo, William Greider, apresentando sua lista predileta de leis nacionais que "nós" deveríamos empurrar para cima do Congresso, muitos argumentos do tipo "justo comércio, não livre comércio". [Justo comércio representa o direito de um fabricante de estabelecer preços mínimos de varejo para seus produtos e forçar sua vigência, ainda que tenha de recorrer aos tribunais; enquanto que livre comércio representa uma situação em que todas as mercadorias podem ser livremente importadas e exportadas], uma proposta para taxar transações de câmbio exterior como um remédio para controlar a especulação financeira internacional, propostas para tornar as corporações socialmente responsáveis, e um grupo inteiro de outros programas reformistas. Certamente não há nada aqui sobre destruir o capitalismo, muito menos sobre implantar o anarquismo. (De fato, eu tinha sido alertado sobre esta situação, e sobre Danaher, por um anarquista, através de um e-mail, provavelmente o Chuck O, no qual ele menciona algo que ocorreu entre Danaher e um bloco negro anarquista -- gostaria de possuir uma cópia disto, se houver registro ou cópia. Eu seguramente poderia estar informado sobre isto examinando o web site Global Exchange mais cuidadosamente).

Eu suponho que este foi o significado da reprodução da citação no começo desse ensaio. Ela argumenta: "podemos antever o que vem pela frente, infelizmente, a resistência aberta está sendo substituída por uma postura amena e reformista". Evidentemente a Global Exchange não é inconstante. Sempre foi reformista. Jim Hightower e Ralph Nader não são inconstantes. Lori Wallach e Medea Benjamim não são inconstantes. Eles sempre foram populistas que não querem outra coisa senão restabelecer a democracia americana que eles pensam ter existido no passado. Eles podem reverberar contra as grandes corporações, mas eles não vêem nenhum problema com o capitalismo, ou com as pequenas corporações, ou com a democracia americana como tradicionalmente definida. O que está acontecendo evidentemente é que Danaher, Nader, Hightower, Wallach, e Benjamim estão ganhando mais espaço entre os novos ativistas do que os anarquistas. Isto não é surpreendente uma vez que esta espécie de populismo está muito próximo daquilo que a maioria dos estadunidenses pensa e que não requer um grande rompimento com o seu passado.

A citação da abertura contrasta 'resistência aberta' com 'postura amena e reformista' como se tal 'resistência aberta' fosse automaticamente de alguma maneira 'radicalizar' os ativistas. Dez anos atrás houve uma volumosa 'resistência aberta' na Europa Oriental que resultou apenas na instalação de um realmente bárbaro, capitalismo de máfia (embora eu adquirir um livro recentemente (d) que argumenta que o colapso da União Soviética foi coisa lá de cima, criado pela própria classe dominante soviética, e não resultado de uma economia em desintegração combinada com grandes insurreições).

Derek diz que acredita fortemente em uma cultura de resistência. Eu acredito igualmente fortemente que uma cultura de resistência não é o bastante, embora naturalmente fique bem feliz se tal cultura vir à tona mais uma vez. Uma cultura de resistência está entretanto apenas contra alguma coisa, contra alguma opressão, não para algo, para a libertação. Eu acredito que temos que começar com o que nós queremos, com o que o anarquismo é, definido em condições muito concretas, e então inventar uma estratégia por alcançá-lo. Eu estou bem atento que isto vai contra a natureza anti-utópica de muitas idéias revolucionárias, não obstante estas idéias não são verdadeiras. Simplesmente estas idéias não bastam para atacar o capitalismo. Atacar o capitalismo, por uma cultura de resistência, necessariamente não conduz a parte alguma.

A organização de meu folheto, Libertando-se, reflete estas convicções. Eu começo com uma condenação breve do capitalismo, descrevendo a maioria das coisas que eu odeio. Então faço um breve esboço, mas em detalhes concretos, do tipo de arranjos sociais que eu gostaria de ver em funcionamento, os quais eu acredito constituir o anarquismo (o verdadeiro comunismo). Depois eu considero alguns dos obstáculos para alcançar tais arranjos sociais, e algumas das estratégias que já foram experimentadas mas que falharam. Então eu traço detalhes, tanto na teoria como na prática, uma estratégia que eu acredito teria sucesso destruindo capitalismo e estabelecendo o anarquismo. Esta estratégia está intimamente ligada, e vai nesse sentido, a uma meta, a um programa, que é, a concreta descrição dos arranjos sociais que eu creio comporiam uma sociedade anárquica.

A estratégia que prevaleceu ao longo da maior parte deste século, o leninismo, também foi ligada a uma definição particular do comunismo, envolvendo uma nacionalização de recursos, por exemplo, focalizada na captura do estado. Às vezes eu sinto que em todas essas marchas a Washington DC são, na realidade, vestígios do leninismo, porque os manifestantes vão para a capital, e focalizam os centros de poder, onde ficam os governantes, em vez de lutar suas batalhas nas cidades pequenas, nos bairros, ou nas comunidades locais. Alguns radicais têm argumentado recentemente que se nós não tivermos forças políticas para interromper os projetos da classe dominante a nível local, nós provavelmente não poderemos interrompê-los em parte alguma.

Se Wallerstein está correto em sua afirmação de que o capitalismo só pode durar no máximo outros cinquenta anos, por causa de limitações estruturais para sua expansão (tal expansão é essencial para o sistema continuar operando como importante meio de acumulação para a classe dominante) (e), então as fundações de uma nova ordem social têm que ser postas agora, nos próximos vinte e cinco anos -- em outras palavras pela geração presente de ativistas -- um desafio sem precedente na longa história de luta anti-capitalista. A classe dominante estará trabalhando todo esse tempo para transplantar-se em uma nova ordem social fabricada por eles mesmos. Se nós ficarmos esperando, se outros vinte e cinco anos passarem sem progresso e clareza significativa no tipo de sociedade que queremos, então será mais difícil, talvez até mesmo impossível, se opor aos planos da classe dominante.

O fato de eu ter que falar em coisas como "deixar claro o tipo de sociedade que queremos", aponta para o brilhante fracasso de minha geração. Eu poderia apontar agora uma estante inteira cheio de livros, estudos detalhados que revelam coisas e examinam os muitos problemas concretamente. Porém, esse trabalho não foi feito, exceto agora quando verificamos alguns livros recém-publicados (por exemplo.. Takis Fotopoulos, Por Uma Democracia Inclusiva). Em vez disso, em sua maior parte, e tragicamente, as energias de minha geração se perderam em políticas de identidade.

Talvez eu devesse me antecipar aos meus críticos. Se eles não estão contentes com a estratégia que eu esbocei para sair do capitalismo e entrar no anarquismo, eles podem propor algo melhor? Como eles irão derrotar os capitalistas? Com o que se parecerá o anarquismo, em condições sociais concretas, e como eles esperam monta-lo? E se eles me derem como resposta um tapinha nas costas dizendo que é muito cedo para falar em condições concretas como será o anarquismo e que isso é algo que terá que ser decidido quando a revolução ocorrer de fato, então eu tenho outra pergunta para eles: Eles não estão fazendo, de fato, agora, a revolução? Se eles não puderem pintar o anarquismo concretamente agora, o que os faz pensar que eles poderão fazê-lo daqui a dez ou vinte anos de estrada? Afinal de contas, minha geração escondeu-se trinta anos atrás desta desculpa, mas agora, uma geração depois, não temos nenhuma idéia mais clara do que queremos e do que devemos fazer. Muitos militantes estão ocupados com manifestações. Como eles vão conseguir, com protestos, aquilo que eles realmente querem? Alguns estão ocupados em estabelecer organizações anarquistas dos mais variados tipos. Em outras palavras, eles estão organizando outros radicais, em vez de montar arranjos sociais anarquistas diretamente. O que eles esperam obter destas organizações, que são um passo para a remoção do anarquismo, para a remoção do anarquismo em si mesmo?

**B.** Trecho de uma carta para outro amigo em novembro de 2000, continuando essa discussão.

Tive vontade de revisar "A Fraqueza das Políticas de Protesto" para abrandá-la ou de alguma maneira modificar minhas críticas. Criticar estes novos movimentos não é uma tarefa agradável, porque, como eu expressei várias vezes em cartas para amigos, eles foram fantásticos e inspiradores, e realizaram muito. Fui completamente tomado pela surpresa, embora eu acho que eles foram construídos ao longo de pelo menos meia década, e se eu tivesse mais em contato com as pessoas ou mais atento eu teria percebido isto. Eu me envolvi até mesmo razoavelmente em meados dos anos 90 com um grupo de anarquistas militantes jovens, mas de alguma maneira eu perdi a extensão e a força de suas atividades.

Não obstante, parece que nós nos apegamos profundamente a uma tática particular. Sempre que ficamos transtornados e agitados e queremos fazer algo, a primeira e última coisa que vem à nossa mente é sair às ruas, em manifestações, reuniões, e marchas. Me lembraram recentemente, no processo de preparação de um guia bibliográfico de escritos anarquistas, e procurando referencias do levante anarquista da guerra camponesa alemã de 1525, que isso não é nada novo. Os camponeses de tempos modernos cedo saíram às ruas e estradas, e marcharam. Thomas Munzer participou em uma dessas marchas, em Mulhausen, em 1525, quando tomaram o conselho de cidade, depois Munzer foi capturado e decapitado (enquanto Martin Luther acomodava-se confortavelmente com seus Príncipes). Também houveram marchas e manifestações na revolução inglesa de 1640. Os sans-culotes, na Revolução francesa, saíram às ruas, e montaram barricadas, defenderam seus bairros proletários onde tinham estabelecido um governo autônomo. Houveram manifestações e marchas por toda Europa nas insurreições de 1848. E assim foi também durante todas as grandes revoluções dos tempos modernos. Eu vi certa vez o documentário de oito horas da BBC sobre a Revolução Espanhola, e fiquei simplesmente pasmo pelas marchas que eles fizeram, envolvendo centenas de milhares das pessoas em cada uma delas. Uma marcha que eles filmaram em Madri no fim da guerra devem ter participado milhões de pessoas.

Em quase todos casos, entretanto, nestes eventos históricos, não era apenas marchas e demonstrações, mas também o resultado de assembléias locais, de conselhos industriais e/ou camponeses. Isto também foi verdade nas guerras camponesas, na Revolução Francesa, na Revolução Americana, na Comuna de Paris, em 1905 na Rússia, em 1917 na Rússia, de 1918-1919 na Alemanha, de 1936-1939 na Espanha, em 1956 na Hungria, de 1980-82 na Polônia, e assim sucessivamente. (Isto -- fundado em cima de assembléias -- não pareça ter acontecido nas grandes insurreições populares na Europa Oriental em 1989.)

Assim, o padrão que nós vimos nos Estados Unidos, digamos, nos anos 60, com as contínuas marchas até Washington, D.C., ou durante este último ano em Seattle, Filadélfia, e Los Angeles, não é nenhuma coisa nova, mas tem raízes históricas profundas. Mesmo assim estou convencido de que é uma estratégia furada, um modo lamentável de resistir. Nos início dos anos 70 eu escrevi um documento contra a tática de manifestações de massa, especialmente essas focalizadas em cidades importantes. Eu argumentei que elas escoam energia e recursos distanciando-se das iniciativas locais. Embora eles trouxessem 'exaltação' aos participantes, trazem também a 'depressão', depois de todo mundo volta para casa. (f) "Tomar as ruas" não é uma estratégia; é um hábito ruim.

O primeiro grande livro de história sobre a Revolução Russa que eu li, em 1971, por Marcel Liebman, me impressionou pela quantidade de ações de rua. Algumas ações eram tiradas pelos conselhos, naturalmente. Mas a maioria das ações, a grande maioria, estava nas ruas. Eu pensei na ocasião que isso revelava que eles simplesmente não estavam

prontos para tomar o poder e mantê-lo. Que eles não sabiam como fazer isso. Que eles só poderiam agir como uma "massa", não como participantes em uma democracia direta, deliberativa, pois eles não tinham esses arranjos sociais, e provavelmente nem mesmo, em sua maior parte, essas habilidades sociais. E assim eles acabaram abraçando Lenin.

Uma coisa que se destaca claramente aqui é um padrão de derrota evidente ao longo da história das revoltas. Em nenhuma parte, nem uma vez, os militantes mais radicais vencem (pelo menos não por longo tempo). Esses que estavam lutando por igualdade, democracia direta, local, autogoverno, sempre perderam. Em todos os lugares eles foram derrotados pelos estados e exércitos das classes dominantes. E é claro que isso ainda ocorre em nossos dias. Nós não deveríamos ponderar a respeito disto? Nós não deveríamos estar questionando este padrão de insurreição, por meio do qual nós saímos às ruas em marchas e demonstrações? Porque não tomar uma atitude? Porque não estabelecermos nós mesmos nossas instituições de autogoverno? Porque ficarmos à mercê das crises e depressões do sistema capitalista? Para sermos dispersos, banidos, presos, esmagados, ou assassinados por forças superiores? Nós não deveríamos estar nos arranjando socialmente em uma base permanente para acumular o poder e os recursos necessários para derrotar nossos opressores?

As demonstrações de rua na Europa Oriental em 1989, mesmo derrubando os governos, não resultaram em democracia, mas apenas na subida ao poder de uma máfia capitalista. As tremendas manifestações do mês passado na Iugoslávia, em que milhares verteram para Belgrado vindos de toda parte do país, não trouxeram à tona uma democracia mais direta, mas apenas resultaram na vitória do neoliberalismo. (Aparentemente, embora as marchas fossem genuínas, a tomada real do edifício do parlamento e da estação de rádio foi efetuada por 2.000 manifestantes treinados, organizados e com base nos EUA.). A tomada dos locais de trabalho após a queda de Milosevic também foi complicada. Os trabalhadores dispensaram os seus antigos gerentes e assumiram as fábricas, mas isto aparentemente foi feito de forma a enfraquecer o público, elementos socialistas (estas fábricas já estavam sendo administradas pelos trabalhadores, mas foram burocratizadas de cima para baixo), e preparar as fábricas para a entrada no livre mercado e para a venda ao capital estrangeiro. De alguma maneira, 'o controle dos trabalhadores' foi transformado em um instrumento do neoliberalismo.

### **Pós-escrito** (janeiro, 2001)

Esta semana (Jan. 25-30) em Davos, Suíça, os radicais estão se manifestando contra o Foro Econômico Mundial. Além disso, uma contra-conferência anti-Davos foi organizada em Porto Alegre, Brasil, chamada Foro Social Mundial, com a presença de milhares de ativistas. Eu não posso negar que eu achei estes eventos muito excitantes e encorajadores, da mesma maneira que o foram demonstrações e 'conferências sombrias' em Seattle, Washington DC, Filadélfia, Los Angeles, Windsor, Melbourne, Praga, e em outros lugares. Eles estão lançando luz nas reuniões secretas, desadvertidas dos líderes das classes dominantes do mundo. Eles estão quebrando o monopólio intelectual que as classes governantes desfrutaram em muitos tópicos, como 'desenvolvimento' e 'organização mundial', e estão defendendo às vezes até mesmo o 'localismo'. Eles estão dando nota a estas elites que não vão permiti-las continuar impondo suas políticas de auto-proveito no mundo, na obscuridade, e com impunidade. Eles estão elevando a consciência mundial sobre o que estas elites representam.

Então onde está o problema? Bem, uma coisa é conscientizar sobre algo ruim, agora, libertar-se de fato dessa coisa ruim, é outra coisa totalmente diferente. A OMC ainda existe, não existe? Ainda está funcionando, e planejando outra reunião (a próxima será no Qatar!). O Banco Mundial ainda existe, assim como o Foro Econômico Mundial, e G7, NAFTA, GATT, e assim sucessivamente. E os governos nacionais que ainda apoiam estas organizações globais também existem, não existem? O que acontece depois que os manifestantes voltam para casa? Como eles adquirirão o poder para dismantelar estas instituições governamentais nacionais e globais de fato? Até mesmo se uma 'mudança de maré' for alcançada com uma consciência mundial sobre o que está errado, o que acontecerá depois? Na ausência de programas positivamente concretos para autogoverno local, o que substituirá o capitalismo global, se não algum outro sistema mais, menos ou igualmente ruim? A melhor das hipóteses seria uma reforma apontando na direção da Social Democracia? E a pior das hipóteses seria alguma nova elite governante no mundo, com ONGs e tudo (ONGs que sem dúvida seriam rapidamente co-optadas por uma classe governante reconstituída)? Já estão surgindo alguns textos, produzidos por membros dessa nova geração de manifestantes, questionando a efetividade dessa 'agitação-contracúpula' a nível mundial. (g)

A espécie de organização e de ações que necessitamos nos envolver para realmente nos libertar destas instituições opressivas é consideravelmente diferente deste padrão de mobilização de massa contra os centros de poder. É inegável que é fantástico que os radicais novamente entrem em confronto com seus governantes, e construam uma cultura de resistência. Mas é igualmente inegável que isto não é o bastante. É necessário fazer algo mais além do que o puro confronto, é necessário derrotá-los de fato, e para conseguir isso nós precisamos de uma estratégia bastante diferente, algo

centrado na criação de livre-associações estratégicas (assembléias) em nossos bairros, locais de trabalho, e casas. Isto nos envolveria na criação do mundo novo que queremos, e simultaneamente nos colocaria numa posição de destripar o capitalismo, escoando seu poder, sua riqueza, no sentido de abandonar suas instituições, até que sobre apenas sua casca.

## Notas

- (a) Getting Free está disponível na rede: [http://site.www.umb.edu/faculty/salzman\\_g/Strategy/GettingFree](http://site.www.umb.edu/faculty/salzman_g/Strategy/GettingFree).
- (b) Sobre 1968, veja Immanuel Wallerstein, "1968, revolution in the world-system", pp. 65-83, em Geopolitics and Geoculture (Cambridge, 1991).
- (c) Lockdown America: Police and Prisons in the Age of Crisis, by Christian Parenti, Verso, 1999.
- (d) Revolution from Above: The Demise of the Soviet System, por David Kotz with Fred Weir, Routledge, 1997.
- (e) Veja Immanuel Wallerstein, "Globalization or the Age of Transition? A Long-Term View of the Trajectory of the World-System", disponível na rede em: <http://fbc.binghamton.edu/iwtrajws.htm>.
- (f) As últimas páginas do capítulo 5 de meu livro: How Do We Get There: A Critique of the Question 'What Do You Do?', 1973 (não publicado).
- (g) Veja por exemplo, Chris Dixon (um membro fundador da Direct Action Network), "Finding Hope After Seattle: Rethinking Radical Activism and Building a Movement". Disponível na rede em: [www.zmag.org/dixonseattle.htm](http://www.zmag.org/dixonseattle.htm).

## Vendo as Insuficiências da Declaração Estratégica da ACF\* (Federação Anarquista Britânica)

Por Jared James, fevereiro, 1999

**1. Leninismo.** Apesar de suas reivindicações e intenções, esta curta declaração, no que diz respeito à estratégia anarquista, em muitos aspectos se assemelha a um documento leninista, por conter vestígios da maioria dos principais conceitos daquela tradição. Eu gostaria de mostrar algumas das insuficiências da declaração e revelar por que não serve como uma estratégia para alcançar uma sociedade livre.

Todo mundo em uma organização. Na página sete da versão do folheto os autores declaram que todas as forças anticapitalistas "estarão unidas dentro da organização". Sobre que unidade geográfica estamos falando aqui? Um bairro, cidade pequena, cidade, estado, região, nação, continente, mundo? O absurdo da declaração é óbvio se você levar o mundo como a unidade. Todos os anticapitalistas no mundo unidos dentro de uma organização? Convenhamos! Mas mesmo considerando uma pequena unidade, o bairro, até mesmo aí temos uma noção defeituosa. Não há nenhuma necessidade, e mesmo que isso ocorresse, seria também indesejável a todos os ativistas estarem em uma única organização. Melhor ter dúzias de organizações, se tivermos organizações de ativistas, de qualquer forma isso é bom.

**2. "É necessário uma organização de libertários".** Será que uma organização de ativistas é mesmo necessária? Eu acho que não, pelo menos elas não são de necessidade primordial. Estes estrategistas não querem apenas um grupo de propaganda, mas "uma assembléia de ativistas". Por que? Por que assemblear com ativistas quando podemos assemblear com trabalhadores, vizinhos, ou com os companheiros da comunidade? Os revolucionários não deveriam estar desperdiçando tempo construindo organizações de revolucionários, organizações estas que, de qualquer forma, nunca poderão derrotar a classe governante. Em vez disso, os revolucionários deveriam lutar por estabelecer diretamente associações de governos autônomos nos seus bairros e comunidades -- estabelecer atividades produtivas próprias e administrar democraticamente os locais de trabalho, estabelecer assembléias de bairro baseadas na democracia direta, e se expandiram em casas cooperativas. Com assembléias como estas poderemos superar nossos governantes. Mas não, continuamos adiando tocar diretamente aquilo que queremos, ao invés disso direcionamos nossas vidas a atividades secundárias, periféricas. Esta é a razão porque continuamos tropeçando.

**3. "Coordenação de todas as lutas anticapitalistas".** (página 2) uma vez mais, em que unidade? O mundo? O bairro? Coordenação mundial de todas as lutas anticapitalistas? É isso que nós queremos? Pessoas coordenando o mundo? Você pode apostar sua vida que se a luta é coordenada, então a vitória, e vida depois da vitória, também será coordenada, como tudo o mais. Eu prefiro um mundo em tumulto, intensamente fragmentado por diferentes costuras, um mundo de contrastes, variedade, discordâncias, e novidades. Até mesmo a coordenação a nível de bairro é uma noção extraviada. Não precisamos de pessoas coordenando a luta. Precisamos de uma guerra em muitas frentes, uma guerra descentralizada, diversa, uma luta caótica (do ponto de vista do inimigo). Uma luta única, uma luta coordenada, é mais fácil ser derrotada. Tudo que eles têm que fazer é destruir os coordenadores, ou se por algum milagre a coordenação foi alcançada pela gestão



de redes descentralizadas, eles podem destruir os meios de transmissão da rede, ou romper a coordenação de algum outro modo. Mas como eles podem vencer uma luta sem coordenação, uma luta que está presente em todos os lugares, nos lugares mais inesperados, no momento mais inesperado, no modo mais inesperado, por pessoas inesperadas? A democracia real é ruidosa, caótica, imprevisível, e assim deve ser a luta para alcançá-la. A idéia da que precisamos "uma organização que lute pela coordenação de todas as lutas anticapitalistas" é ridícula. É uma idéia furada de tradição de vanguarda de Lenin.

**4. Chamada à unidade e solidariedade.** Os autores lamentam "a fragmentação de solidariedade do proletariado" pela classe governante. O que eles querem é "uma classe sólida e unida, consciente de si mesma e de seu poder". Esta chamada à "solidariedade" é uma parte integrante da tradição de vanguarda. A divergência é inata entre os humanos, e isso eles ignoram. No que se refere a reconhecer a divergência, eles pensam que é ruim, em lugar de maravilhosa (sendo a própria essência da liberdade). Eles buscam remover divergências, em vez de abraçá-las. Em vez de construir um mundo que reconhece a inevitabilidade da divergência, e portanto a necessidade de tomar decisões direta e democraticamente através de acordos; eles querem um mundo baseado em consentimento e solidariedade. Este é um foco completamente errado.

**5. Infiltrar outras organizações.** "A organização busca trabalhar dentro de grupos de mulheres e grupos de política sexual para ajudar a radicalizá-los..."; "... tem que trabalhar ativamente em todas as organizações grassroots..."; "A organização revolucionária lutará nos novos locais de trabalho e nas estruturas nos bairros no nível ideológico contra grupos autoritários". Este é um plano realmente horrível, arrogante, elitista. Eu estive em organizações radicais que foram infiltradas por sócios de outros grupos, com a intenção de nos "radicalizar", e não é uma experiência agradável. Eles não foram lá para compartilhar e nos ajudar a alcançar as metas do grupo ao qual se uniram, como participantes iguais, mas como estranhos, com suas próprias metas, com motivos ulteriores. Eles são freqüentemente fraudulentos ao fazerem essas coisas. Qualquer grupo com um pingão de senso expelirá prontamente de uma vez tais pessoas assim que são descobertas suas identidades e intenções. Isto é vanguardismo puro e simples. Vanguardas sempre buscam usar, manipular, recrutar, converter, e quando não conseguem, partem para o insulto.

**6. Revolucionários como organizadores, pensadores, coordenadores, assistentes.** "Os militantes anarquistas revolucionários buscam um reagrupamento..."; "... uma 'dianteira libertária' perante todos os movimentos e grupos..." deve ser construída; "Para auxiliar na edificação de tal movimento de massa,...". Em nenhuma parte deste pequeno documento há qualquer sugestão de que os revolucionários são pessoas que estão lutando para superar sua própria opressão. Não, de acordo com estes autores, o papel dos revolucionários é ajudar outros a alcançar a libertação, especialmente o proletariado, mas também mulheres, negros, homossexuais, desempregados, colonizadores, inquilinos. A posição destes autores está fora do movimento pela libertação, como diretores, guias, conselheiros, moldadores, não dentro do movimento, como participantes iguais. Acreditem ou não, eles são vanguardistas. Se eles estivessem ocupados lutando para superar sua própria opressão, eles estariam procurando aliados, discutindo sobre estratégia, contrapondo seus oponentes, e assim sucessivamente. Eles não estariam tentando 'radicalizar' ninguém.

Esta posição externa que eles tomam é a raiz do problema. Eles são radicais que querem destruir capitalismo, fazer uma revolução, e construir uma sociedade nova. Mas elas são uma minoria desprezível. A maioria dos trabalhadores não quer fazer isto, sem mencionar os pequenos comerciantes. Mas os militantes compreendem mal esse seu problema de contabilizar tudo em sua dolorosa relação com o proletariado. Eles não têm que "radicalizar" o proletariado, muito menos estabelecer uma coordenação mundial de todas as lutas anticapitalistas. Como poderíamos conquistar qualquer coisa se há um pré requisito ao trabalho revolucionário? Basta chamar uma pessoa para uma reunião no local de trabalho, no bairro, ou na casa. Bastam duas pessoas para ter uma reunião. Isso acontece porque a maioria dos radicais continuam achando que eles tem que fazer algo pelos trabalhadores, conduzi-los a fazer a revolução que eles (os militantes) ficam paralisados e reduzidos ao trabalho de propaganda. O que os ativistas tem mesmo que fazer é começar a lutar contra seus patrões, especialmente no local de trabalho, mas também contra as autoridades que controlam seus bairros e suas casas. Eles ganharão alguns aliados e muitos oponentes, mas pelo menos a guerra está a caminho, alguns já estão reunidos na batalha. Isto os põe dentro da revolução, como participantes, fazendo história ativamente e construindo um mundo novo. Eles abandonam seu papel infrutífero e frustrante como mero proselitismo da revolução, como mero protagonista do proletariado. Em vez disso serão uma ameaça direta à classe governante, tentando diretamente arrancar poder ao longo dos contextos sociais, que é o que realmente conta. Eles tentarão ligar-se com outros militantes engajados em lutas semelhantes e dar publicidade a suas lutas, mas isto é completamente diferente de tentar converter ou radicalizar o proletariado.

**7. Inserido na estrutura 'massa-elite'.** Os autores usam o termo 'massa' vez após vez nesta curta declaração: ação de massa, movimento de massa, massas revolucionárias, organizações de massa, e até mesmo tomada de decisão pela massa (que é que isso significa?). O conceito de 'companheiro', naturalmente, é um conceito de 'elite'. O conceito 'elite-massa' sempre caminham juntos; eles não podem ser separados. Tais conceitos, na realidade, descrevem a estrutura do mundo tal e qual criado pela burguesia -- uma classe governante de um lado e uma massa isolada, atomizada, de indivíduos do outro. O ponto crucial da revolução é superar a condição de massa, e restabelecer a condição de 'comunidade', restabelecer uma textura rica de laços de reuniões sociais igualitárias entre nós mesmos, e destruir os laços hierárquicos que nos prendem a nossos governantes. Os autores não parecem perceber isto. Eles rejeitam a idéia de uma elite, naturalmente, não obstante ela está presente ao longo de sua declaração, pela forma como vêem os revolucionários em ação, como "força motriz", na "liderança de idéias", no "defender as idéias avançadas do proletariado", em "... assegurar que estas estruturas funcionem com a completa participação de todos...", e assim sucessivamente. Os revolucionários são vistos como os defensores e os protetores do proletariado, não como trabalhadores que estão lutando para dar um fim à sua própria exploração.

A idéia de 'massas' e a idéia de 'solidariedade' estão intimamente ligadas. A imagem é de milhões de pessoas soldadas juntas pelas suas convicções comuns. É uma idéia religiosa, baseada na idéia de um corpo de determinada verdade. Essa é a maneira como 'a liderança de idéias' se ajusta. Os 'revolucionários' sabem quais são essas verdades. Assim eles são essencialmente os pastores, conduzindo seus rebanhos, tentando impedi-los desviar do caminho correto. Aqui está Lenin novamente, ele está em toda parte. Lenin não foi um pensador avançado na extremidade cortante das idéias libertárias da Europa durante o último século, mas basicamente um pensador religioso de um país atrasado na periferia de capitalismo. Os autores declaram que "... seções diferentes do proletariado alcançam graus diferentes de consciência". Percebe a idéia de 'fornecer verdades' novamente? Em suas mentes, existe esta definição preconcebida de 'consciência radical'; os ativistas têm isto, os trabalhadores (ou a maioria dos trabalhadores) não tem. A tarefa de radicais, nesta visão, é conduzir os trabalhadores reunidos, elevar suas consciências. Com licença! Eu abandonei o sacerdócio uma vez; Eu não tenho nenhuma intenção de participar disso novamente como um leninista. E é exatamente isso que estes estrategistas estão pedindo que eu faça. (Em que isso difere, realmente, da alegação de Lenin de que os trabalhadores não podem alcançar uma consciência revolucionária por eles mesmos sem intervenção externa?)

**8. Romantizando o proletariado.** Levando em conta todas estas idéias leninistas que estão regurgitando, os autores estão obviamente intranqüilos, e lutam heroicamente para justificá-las, tosem embaraçados, recuam, se isso não ocorrer é uma indicação de que não era isso que eles queriam dizer. Esse tipo de procedimento é realmente bem antiquado -- eles romantizam o proletariado. Os revolucionários, dizem, são realmente os únicos depositários dos avanços previamente feitos pelo próprio proletariado, através da 'ação expontânea da massa'. Eles estão poupando estes avanços, preservando-os até que o proletariado torne-se revolucionário novamente, até que chegue o tempo em que eles possam ser o feedback dos trabalhadores, uma vez que os trabalhadores por si mesmos não têm nenhuma memória e perderam a consciência do que fizeram anteriormente. Mas assim que o proletariado, por "ação expontânea da massa", fizer algo novo, os revolucionários têm que atualizar suas teorias. Isto está muito próximo da idéia 'do povo, para o povo' (a la Mao, que até mesmo escreveu uma composição ou duas sobre isto). Mais uma vez vemos a estrutura 'massa-elite', mais uma vez uma idéia completamente vanguardista.

Usando um conceito como "ação expontânea da massa" os autores mostram que eles não quebraram o dualismo -- voluntarismo versus determinismo -- tão característico do pensamento burguês (e de Lenin também, que revelou ser no fundo um pensador burguês). Eles ainda não alcançaram uma compreensão dialética dos humanos. Idéias como 'espontâneo' e 'determinismo' simplesmente não se aplicam aos humanos. Todos os humanos fazem suas próprias histórias, mas não sob as condições que eles mesmos escolhem. Todos os humanos são criativos, mas não em um vazio, mas dentro de um determinado contexto cultural. Os humanos são espontâneos e determinados, simultaneamente, quer dizer, eles não são espontâneos nem determinados -- tais conceitos são impróprios, e não se aplicam. Uma estratégia que está baseado em falsos conceitos como esses não vai nos levar a parte alguma.

**9. Combatendo leninistas "em um nível físico".** (página 7) Quer dizer, luta armada contra leninistas se eles "tentarem usar a força para destruir os avanços do proletariado...". Bem, claro que, em uma real democracia, democracia direta, quer dizer, no comunismo, a comunidade defenderia seus procedimentos democráticos e arranjos sociais de qualquer um que tentasse destruí-los para restabelecer a tirania anterior de um ou de alguns, e defenderia estas instituições se necessário pela força, embora isto provavelmente não seria necessário na maioria dos casos. Mas nossos estrategistas anarquistas estão se preparando para "combatê-los [os leninistas] em um nível físico" durante a luta revolucionária. Quer dizer, eles vão lutar contra outros radicais. Onde é este processo irá acontecer? Nas reuniões? Nas bibliotecas? Nas conferências, manifestações, reuniões, partidos? Escritórios? Quem decide quem é um leninista e quem não é? Os leninistas carregarão

rótulos dependurados no pescoço, tatuados pelo dedo de Deus, de forma que lá não haja nenhuma possibilidade de confundir um leninista de um anarquista?

Parece que estes estrategistas anarquistas apenas mudaram de lugar na mesa de Lenin. Lenin definiu anarquistas, democratas sociais, na realidade ele definiu todo mundo como contra-revolucionários, menos os bolcheviques, e combateu-os fisicamente, às vezes, metendo-lhes uma bala na cabeça. É isso que vamos fazer novamente? E para que parar os leninistas? Por que também não incluir também os liberais (especialmente estes), as feministas populares, os homossexuais direitistas, os ecologistas corporativos, os individualistas fanáticos (que provavelmente são a única maior ameaça à revolução nos países ricos centrais e mais perigosos e resistentes que os leninistas), os negros nacionalistas, os democratas sociais, os earth-firsters-árvores-antes-das-pessoas, os espiritualistas da new age, e adoradores de deuses? O que fazer com os crentes, os amantes da pátria, os espancadores de homossexuais, os puxa-sacos do presidente? Vamos combatê-los no nível físico? Se não, por que não?

Se nós vamos estabelecer democracia direta e comunidades baseados em paz, cooperação, governo autônomo e liberativo, temos que abandonar essa idéia de que o modo para solucionar discordâncias é eliminar fisicamente (assassinar, matar, liquidar, exterminar, prender, deportar) nossos oponentes. É isso o que a classe governante faz conosco. Nós não deveríamos imitá-los. Pode haver exceções, claro, a esta diretriz geral, e naturalmente nunca é sábio tentar coexistir na mesma organização com nossos oponentes, mas locais de trabalho, bairros, e casas não são 'organizações'. É concebível expelir os oponentes até mesmo destas formas sociais? O ostracismo provavelmente é a pior coisa que poderia ser feita.

**10. Milícias de trabalhadores sob o controle das organizações de massa.** Esta é uma noção estranha. Eu sempre pensei que milícias deveriam estar sob o controle das pessoas que fazem parte delas, ou das comunidades a que pertencem. E por que apenas os trabalhadores? E as donas de casa, os desempregados, ou estudantes? Eles não vão ajudar a defender sua anarquia? E o que é essa "organização de massa" que controla estas milícias? É a "assembleia de ativistas"? São alguns outros ativistas que fazem parte da estrutura de comando? É algo criado pelos trabalhadores da organização, como um partido ou sindicato? Este jeito de falar não nos leva absolutamente a parte alguma.

**11. Todas as abstrações habituais.** Esta composição está repleta de abstrações habituais sobre as quais os autores presumem um acordo universal. Eles escrevem como se todos nós concordássemos com suas definições de proletariado, comunismo, federalismo, libertário, e daí por diante.

Mesmo considerando que na realidade há intensos debates sobre todas estas coisas, eles não oferecem nenhum sinal de contribuição sobre como solucionar estes debates. Eles acreditam na existência de 'intelectuais', exagerando o papel de tais pessoas na revolução e a sua relação com o proletariado (uma obsessão histórica entre esquerdistas). Eles recorrem à quimera dos 'delegados designados' como única saída para trabalhar democraticamente em grandes territórios. E assim sucessivamente.

\* \* \* \* \*

## **Uma Estratégia Revolucionária Anarquista Brevemente Esboçada**

Aqui está o esboço de uma estratégia anarquista revolucionária, proposta em forma de história.

Alguns pessoas estão convencidas de que são oprimidas. Estudam e ponderam a situação para descobrir as fontes dessa opressão; quem e como fazem isso. Também imaginam uma situação na qual não seriam oprimidas; como seria, e como seria diferente do que é agora.

Assumamos que decidam que a coisa fundamental, o fator essencial, em sua opressão é que não são livres e que não têm nenhum controle sobre suas vidas ou comunidades. Quer dizer, percebem que são escravas, escravas-assalariadas, controladas e exploradas para o lucro de outra pessoa, e que esta sociedade na qual estão vivendo agora está bem distante de ser uma sociedade democrática. Decidem que prefeririam ter um pouco de controle em cima das suas próprias vidas e comunidades, e prefeririam que ninguém fosse escravizado em proveito de outra pessoa, nem que houvesse qualquer governo ditando regras em parte alguma. Prefeririam juntar-se aos seus vizinhos e decidir as coisas conjuntamente, e fazer o mesmo em casa e no trabalho, prefeririam reunirem-se em assembleia em seu trabalho, em suas casas, com colegas do

bairro para decidir como fazer coisas, como dividir o trabalho, e assim sucessivamente.

Então começam a fazer isso. Começam montando assembléias para juntos tentarem governar suas próprias vidas, em seu trabalho, em suas casas, e em seus bairros. A classe governante, por seu turno, não fica muito contente com estas reuniões, e na realidade fica muito furiosa que as pessoas se encontrem dessa forma. Então a classe governante tenta acabar com tudo isso pela força. Naturalmente, as pessoas tomarão atitudes para se defenderem e livrar-se dessa classe governante, aprendem a defender os arranjos sociais que criaram, e inventam armas sociais para neutralizar o poder militar dos seus opressores.

Também estão, naturalmente, atentas ao fato de nem todos seus amigos e vizinhos concordam que são oprimidos, ou que são escravos, ou que a sociedade não seja democrática. Assim discutem com amigos e vizinhos, enquanto tentam convencê-los da validade de sua percepção da situação.

Enquanto isso tentam estabelecer estes novos arranjos de tomada de decisão que inventaram. Mas surgem discordâncias sobre como proceder. Alguns ficam amedrontados e intimidados pelos ataques dos governantes. Querem recuar um pouco, e ponderam se o que pensam é realístico, se podem adquirir aquilo que julgam poder adquirir. Assim começam a murmurar, e colocar argumentos. Mas os argumentos não fluem muito bem. Todo mundo passou tantas vezes por isto antes. Viram como o mundo se desintegrou lentamente, como a situação social se degenerou para o colapso, com o meio ambiente em degradação ameaça a vida de forma irreversível. Viram isso vez após vez e chegaram à conclusão de que tudo que ganharam foi a amargura da derrota. E tempo é curto. Acovardar-se significa perder tudo. Aqueles que querem se conformar com menos estão fora, caíram na politicagem daqueles que querem tudo para si próprios.

Estão, porém, atentos que têm que reunir um apoio mais amplo, fora do bairro, para que possam ganhar. Assim dão publicidade àquilo que têm sido feito. Tentam informar tantas pessoas quanto possível sobre suas lutas, sonhos, proteções. Especialmente gritam aos quatro ventos da terra todos os detalhes sobre todos os ataques que a classe governante faz contra elas. Levam seu caso ao tribunal da opinião pública mundial, procurando conquistar em todos os lugares um padrão moral superior nos corações e mentes das pessoas.

Também começam a se retirar e deixar de participar (na medida do possível) de todas as instituições de classe hierárquicas, governamentais, que vêm agora como opressivas. Especialmente tentam a difícil tarefa de deixar de ser escravos-assalariados e procuram se envolver no trabalho comunal cooperativo. Cada vez mais os locais de trabalho tornam-se cooperativos e autogeridos. Cada vez menos as necessidades da vida estão sendo produzidas por escravos-assalariados.

Também aumentam seus esforços para persuadir mais pessoas localmente de que o caminho que escolheram é a estrada para a liberdade e para a maior felicidade e bem-estar. Estabelecem contatos com outros bairros e tentam amarrar acordos relativos a interesses e problemas comuns. Amarram acordos de intercâmbio.

Lentamente, cada vez mais pessoas começam a perceber a situação sob uma nova perspectiva, vendo os exemplos cotidianos e a ação direta que outros estão praticando para conquistar o controle sobre suas comunidades e montar novos arranjos sociais. Cada vez mais riqueza e poder começam a se afastar da classe governante e voltar às comunidades das quais foram roubados. Os ataques da classe governante ficam mais intensos e frenéticos, e isto exerce o efeito de esclarecer a situação ainda mais, embora a um preço terrível.

Na medida em que a riqueza e o poder se tornam mais disponíveis para estes bairros, mais e mais rapidamente se tornam autônomos, cooperativos, e democráticos, mais dão publicidade às suas experiências, e minando a hegemonia cultural por tanto tempo sob o domínio dos patrões, e promovendo mais intensamente a democracia, a autonomia, o autogoverno, a descentralização, o comunal (quer dizer, anarquista) modo de vida. Este modo de vida se torna uma realidade concreta em cada vez mais bairros, e depois em milhões e milhões de bairros, aldeias, e cidades pequenas pelo mundo afora.

Finalmente, as instituições da classe governante, todas essas armas de opressão, todas essas corporações, governos, escolas, igrejas, cinemas, jornais, exércitos, hospitais, museus, universidades, tribunais, centros comerciais, delegacias de polícia, redes de televisão, e empresas advocatícias, são nada mais do que conchas vazias, sem poder de ferir qualquer pessoa. São atiradas nas latas de lixo da história, são enterradas e são esquecidas, pelo mundo novo e maravilhoso cheio de

peças e comunidades livres. São erguidas novas estátuas para honrar os mártires. São escolhidos novos feriados para celebrar as vitórias, para comemorar as batalhas fundamentais da guerra, e realçar as realizações e sonhos das comunidades livres. As pessoas dançam, e cantam, e brincam, e amam. Florescem dezenas, centenas, milhares de tradições. Começa um Jubileu, que durará até o final dos tempos.

### **Pós-escrito (janeiro, 2001)**

A crítica anterior à Federação Anarco-Comunista da Inglaterra foi baseada no pequeno folheto, "O Papel da Organização Revolucionária", citado abaixo. Lamento que o tom geral da crítica tenha sido tão rude. Eu tive a chance de ler a maioria dos documentos postados (recentemente) no site deles (os quais não tinha conhecimento quando escrevi a crítica), e diante dessas novas informações eu estou de pleno acordo com suas políticas anarquistas. Diante do que pude ver, estamos basicamente atuando no mesmo campo, somos mais camaradas políticos do que oponentes políticos. Há muita coisa positiva na visão expressa por estes documentos. É encorajador ver um grupo escrevendo de fato sobre estratégia, um tópico estranhamente negligenciado entre os radicais. Eu estou feliz pelo fato de serem fortemente anticapitalistas. Gostei da sua oposição inflexível ao reformismo. Eu estou basicamente de acordo com a crítica que fazem ao anarco-sindicalismo. Gostei da estrutura do folheto Beyond Resistance. Eles iniciam com uma crítica ao capitalismo, e depois esboçam uma alternativa, e depois argumentam como derrotar o primeiro e construir o segundo. Isto é basicamente o que eu fiz em meu folheto Getting Free. Eu comecei escrevendo sobre o que eu não gosto na presente ordem, e depois esbocei um arranjo social daquilo que gostaria, e por fim descrevi uma estratégia para destripar o primeiro e implantar o segundo. Eu não tenho muita dificuldade com a primeira e segunda parte do programa deles, sua crítica ao capitalismo e sua visão do futuro. É na parte estratégica que encontro dificuldade. Embora eles rejeitem a meta de tomar o poder estatal, e explicita e repetidamente frisarem que o proletariado tem que se libertar a si mesmo (e que nenhum partido pode fazer isto), ainda continuo convencido de que, em geral, seus argumentos estratégicos ainda são leninistas, ou pelo menos tem fortes implicações leninistas. Isto é inquietante, desalentador, e desastroso, vindo de anarquistas aos quais tenho dedicado tempo analisando suas posições equivocadas. Neste pós-escrito, continuo essa discussão, esclarecendo alguns enganos, fazendo algumas correções, e entrando em outros pontos.

Um amigo meu, que conhecia alguns membros deste grupo na Inglaterra, enviou minha composição a Mike, da ACF, que deu uma resposta curta, como segue:

*"Bem, eu acho que a resposta de James ao documento The Role of Revolutionary Organisation julga mal nossa relação com outras organizações. Na realidade nós não julgamos necessário ter uma grande organização revolucionária, entretanto se não houver nenhuma grande, seria melhor que houvessem pequenas, mas com uma base de acordo! Talvez uma confederação. Eu acho que o folheto em princípio é claro mas talvez na última seção deveríamos ter usado o termo 'organizações' em vez de 'uma organização'. Se não estamos sendo suficientemente claros, pode ser esse nosso problema, eu levarei isso à ACF. Os leninistas acreditam que é 'dever' do partido assumir todo o aparato econômico e estatal para prevenir a contra-revolução. E isto é muito diferente.*

*Eu acho que nosso panfleto mais recente, Beyond Resistance, é bem mais claro.... Fechamos completamente com a idéia de comunidades e locais de trabalho formando uma cultura de resistência e construindo agrupamentos antagônicos nessas áreas. Porém não concordamos com a idéia de formar um poder econômico dual contra o sistema. Pessoalmente eu vejo essa tua estratégia essencialmente como uma espécie de mutualismo progressista que, acabará engolido pelo capitalismo existente, ou se for visto como uma ameaça, será atacado militar ou 'legalmente' pelo estado ou pela legislação capitalista (como aconteceu no Chile tempos atrás). É isso que está ocorrendo agora, com o Acordo Multilateral de Investimentos, que está trazendo dificuldades até mesmo para as nações-estados que se opõem aos planos multinacionais, por exemplo a Índia e os resultados da GM [NT: Iniciais de (general merchandise), mercadoria geral, que distingue nas lojas como supermercados, superlojas, lojas de conveniência e outros varejos, o que é comestível e o que não é...]. Porém, esta ainda é uma questão importante, porque os leninistas sempre criticaram os anarquistas por não terem assumido totalmente a economia nos anos 30 na Espanha, e por permitir desigualdades no pagamento entre coletivos e entre os homens e mulheres nos coletivos. Claro que nós na ACF argumentaríamos que foi um problema do sindicalismo que não teve a força teórica para abolir dinheiro e o estado no momento crucial. Na acusação de infiltração, novamente, talvez [o folheto] não seja suficientemente claro. Na realidade estamos muito mais próximos ao 'conselho comunista' do que folheto poderia revelar. Minha compreensão de liderança de idéias é sobre influenciar no tipo de conselhos que os trabalhadores adotarão em uma situação revolucionária. Temos que ter certeza de que nossas políticas serão vistas como corretas, assim eles realmente serão conselhos anarquistas revolucionários".*

Um amigo também escreveu-me que não teve essa impressão de que a ACF promove infiltração. Outro amigo também discordou da composição, especialmente no ponto cinco (infiltração). Ele escreveu:

*"Ficaria feliz se você reconsiderasse suas críticas, como indicou na nota manuscrita que acompanha o texto. Acho que Derek provavelmente tem razão em suas ponderações... Na realidade tuas críticas são muito pesadas.... Por exemplo, a tentativa de elevar a consciência das pessoas em um grupo é bem clara, mas você interpreta como a tentativa de infiltração do grupo. A questão é se você age aberta ou secretamente. Cada um de nós tem suas próprias idéias do que deveria ser feito -- ou seja, nossa prioridade particular, e gostaríamos de ver em nossas atividades os grupos que compartilham de nossas idéias. Para mim é legítimo tentar influenciar os outros membros, mas não manipular. Embora a declaração de ACF seja bem defeituosa (eu acho que eles foram descuidados, principalmente pela linguagem utilizada), claramente qualquer grupo que faz uma declaração pública sobre trabalhar com grupos de mulheres... etc. não pode estar pensando em infiltra-los. Assim parece-me que este teu ponto cinco é uma acusação precipitada. Obviamente, não se trata de uma conspiração. Você exagerou no tema da infiltração e foi além do que o texto sugere".*

Eu acho que o Mike e meus amigos tem razão, no que diz respeito ao ponto cinco, sobre infiltração, embora eu ache que a linguagem usada no folheto justifica, pelo menos parcialmente, minha interpretação. Mas eu estou persuadido de que passei dos limites. Essa linguagem quase desapareceu da terceira edição do folheto *Beyond Resistance: A Revolutionary Manifesto for the New Millennium (2000)*.

Também houve um pouco de confusão, sobre minha composição, no que diz respeito a "espontaneidade". Eu não pretendi deixar a impressão de que acredito em uma revolução "espontânea". Na realidade minha posição é exatamente oposta. Uma revolução espontânea nunca poderá ter sucesso. Exceto se os novos arranjos sociais do anarquismo já estiverem em grande parte em voga, Exceto se as pessoas já desenvolveram a capacidade de viver sem o capitalismo e usarem tal capacidade para atender a maioria das suas necessidades. Apenas dessa forma haveria qualquer esperança de destripar e desmantelar esse sistema. A principal questão que levanto é sobre uma mudança nos locais de luta, e sobre começar a concentrar as lutas nesses locais, em vez de dedicar energia à construção de uma "organização revolucionária" composta por anarquistas. Na seção oito da crítica anterior, eu explicitamente critiquei a idéia da "ação espontânea da massa". O leitor pode reler essa seção.

Fora isso, eu acho que minhas críticas à estratégia da ACF procedem, e continuo sustentando-as. Ao longo destes documentos eles pedem 'unidade e solidariedade' o que confirma o que digo no ponto quatro. Definitivamente eles assumem uma posição 'fora do proletariado' embora considerem-se proletários. Assim, os pontos seis, sete, e oito são confirmados. Seguramente o mesmo também ocorre com o ponto nove. Eles dizem em *Beyond Resistance: "O proletariado deve estar preparado desde o início para fazer uso da força contra os agrupamentos contra-revolucionários, quando eles tentarem seqüestrar a revolução e atacar os libertários, tão prontamente quanto nós faríamos contra o capital ou contra o estado"*. Eles reafirmam sua convicção de que devemos todos estar em uma organização (ponto um), e ainda insistem em *"um movimento revolucionário global e unido"*.

Mas tendo lido o restante dos seus documentos, há vários pontos adicionais que eu gostaria de discutir: (1) o conceito de 'proletariado' (apenas mencionado no parágrafo onze); (2) a duração da 'revolução'; (3) a luta armada; e (4) a noção da 'liderança de idéias'. Depois eu voltarei com comentários adicionais sobre 'o papel da organização revolucionária' (também discutido no ponto dois), um tópico que parece melhor capturar nossas diferentes abordagens para destruir o capitalismo e construir o anarquismo.

**12. O Conceito de Proletariado:** Ao longo destes documentos o conceito de 'proletariado' é usado de uma forma rígida, mecânica. Os autores nunca o definem. Para eles é uma categoria monolítica, determinada. Eles parecem desavisados das grandes divisões dentro do proletariado, ao longo de muitas linhas -- educação, renda, estilo de vida, gênero, raça, etnia, sexo, nacionalidade. Eles nunca falam sobre aquela outra classe negligenciada (a pequena burguesia, ou pequenas empresas) que claramente desaparece rapidamente (mas ainda exerce um poderoso papel), e o papel que esta classe poderia ou não exercer dentro da 'revolução'. Eles não discutem grandes categorias de pessoas cuja classificação enquanto classe é ambígua, por exemplo, gerentes medianamente bem remunerados, policiais, professores, os profissionais (assalariados, não autônomos), ou camponeses semi-proletarizados que têm uma perna na escravidão-assalariada e outra na aldeia cooperativa e economia da casa. Eles não exploram fatores complexos como, por exemplo, a propriedade acionária implementada por um número crescente de trabalhadores (mas ainda uma porcentagem minúscula), nem situam aquelas muitas famílias do proletariado que conseguiram adquirir uma segunda casa além daquela que moram, tornando-se pessoas

que vivem de rendas que complementam seus salários insignificantes. Os militantes da ACF adotam constantemente uma análise simplória de duas classes -- trabalhadores contra capitalistas -- que é basicamente verdadeira, claro. Mas o uso dela não supõe nenhum entretom, mas apenas um tom rígido, sectário, doutrinário. Isso conduz a enganos de estratégia, por exemplo, à tendência de pensar que o proletariado é homogêneo, e que pode ser então 'unificado' (uma meta constantemente reiterada pelos radicais da ACF). Eles falam freqüentemente como se o 'proletariado' fosse uma entidade única, e capaz de agir como tal (e a nível mundial!). Eu acredito que esta imagem rígida, mecânica, abstrata, do 'proletariado' funciona em suas mentes como algo que define um papel aos 'radicais' e à 'organização revolucionária'. Em vez de ver uma classe complexa, altamente diversificada que luta por libertar-se, eles vêem um bloco monolítico de trabalhadores que deve ser 'radicalizado' pelos revolucionários. Eles tendem a pensar em radicalismo e revolução como uma questão de consciência, em vez de uma questão de arranjos sociais concretos e de tomada de decisão, no trabalho, em casa, e no bairro, da mesma forma que eles tendem a ver a briga entre reformistas e revolucionários como uma luta em cima de um jogo correto de idéias, em vez de uma luta pela autonomia social. (b)

**13. A duração da 'Revolução':** Os anarquistas da ACF acreditam que *"a revolução deve ser global e virtualmente simultânea"*. Ao longo destes documentos eles dizem coisas como, 'a revolução' será súbita, acontecerá tudo de uma só vez, e será mundial. Claro que haverá uma construção pre-revolucionária antes, mas estas são lutas *"anteriores à revolução"*. A revolução é vista como um evento distinto, como algo separado das preparações pre-revolucionárias. Eles dizem coisas como: *"Nós não podemos dizer quando ou onde a explosão da raiva revolucionária da classe aparecerá primeiro...."*, ou *"a culminação de todas as esperanças e medos expressos neste manifesto virá quando nossa classe desafiar diretamente os patrões e os estados no controle de nosso mundo -- a própria Revolução"*. E *"muitos tipos diferentes de conselhos de trabalhadores, comunidades, redes de comunidades, afinidades e outros agrupamentos podem emergir espontaneamente nos primeiros dias da revolução..."*

Eu acredito que este é um falso quadro. Não é a raiva do proletariado que é expressa agora mesmo, nesse instante, diariamente, em mil frentes? Não estamos desafiando os patrões e os estados de numerosos modos, hoje? Será que a gente ganharia se confiássemos em conselhos que *"emergem espontaneamente nos primeiros dias da revolução"*? Nossas assembléias não precisariam existir durante algum tempo, e nós não precisaríamos adquirir experiência trabalhando com essas assembléias e por essas assembléias? Este quadro de uma revolução súbita lembra levemente as imagens elitistas, jacobinistas, blanquistas, leninistas da revolução, ou seja, a idéia de capturar o estado, e de substituir um governo por outro. Isto pode ser súbito, e pode acontecer durante a noite, como ocorre freqüentemente. Mas destripar o capitalismo, como uma ordem social mundial, não poderá acontecer assim. Destripar o capitalismo só poderá acontecer por uma luta demorada, ao longo de décadas, de escoamento do poder, riqueza, e significado das instituições capitalistas, e substituindo-as por arranjos anarquistas. Esta prolongada luta já está ocorrendo agora mesmo em numerosos lugares.

É verdade que o capitalismo pode ser destruído apenas em escala mundial, porque é um sistema mundial, mas isto não significa que será substituído por um governo mundial ou será feito por uma 'revolução global unificada'. Só pode ser feito por centenas de milhões de comunidades autônomas que rearranjaram suas relações sociais ao longo de linhas cooperativas, saindo do mercado de trabalho e do mercado de objetos de compra ou venda em geral, e que aprenderam formar associações municipais e regionais. Isto acontecerá mais cedo em alguns lugares e depois em outros. Será um desenvolvimento desigual. Será um processo de destripar e debilitar instituições capitalistas até que elas não sejam mais capazes de reprimir o aparecimento de comunidades autônomas em qualquer lugar. Recuperar auto-suficiência é a coisa fundamental, quer dizer, a habilidade para sobreviver fora do mercado capitalista. Isto só pode ser feito a nível local, níveis locais que poderiam fundir-se em associações cobrindo territórios maiores. Mas os documentos da ACF desacreditam o 'localismo' e em vez disso defendem organizações em patamares nacionais e globais.

Para imaginar como o capitalismo, um sistema global, será destruído e como será substituído pelo anarquismo, precisamos começar com um quadro de como uma organização anarquista mundial funcionaria no nível global. Isso ocorreria através de tratados negociados entre milhões de comunidades ou bairros autônomos, da mesma maneira que agora as nações-estado negociam numerosos tratados sobre efeito estufa, depleção de ozônio, os oceanos, o antártico, as baleias, a pesca. Não há nenhum governo mundial global que regule quaisquer destas coisas. Nem há uma autoridade mundial que opere o sistema postal mundial. E qualquer pessoa no mundo pode remeter uma carta para qualquer outro lugar que ela chegará lá, por causa de tratados que foram negociados por numerosos governos. Assim, para destruir o capitalismo nós temos que começar a edificar, primeiro as comunidades autônomas, e depois os arranjos sociais negociados, baseados em livre-associação, entre as comunidades. Isto não é obviamente algo que pode acontecer de repente, no mundo inteiro, tudo de uma só vez.

**14. Luta armada:** Este é um dos mais fracos, e menos desenvolvidos, argumentos nestes documentos. Eles acreditam em luta armada. Eles colocaram este termo como um princípio. Eles acreditam que a classe governante capitalista só pode ser derrotada pela luta armada. Eles estão certos de que a classe governante usará seu poder militar para tentar esmagar 'a revolução'. Mas eles acreditam que esta guerra é possível, por 'milícias de trabalhadores'. A organização revolucionária ajudará com isto. Eles escrevem: *"Uma forte organização anarco-comunista facilitará ao proletariado a produção e a coordenação de uma força armada de autodefesa, para se opor à polícia e aos exércitos dos estados mundialmente"*. Porém, eles não entram em detalhes. Como é que estas milícias irão se organizar, especialmente no nível global que os autores parecem julgar necessário? Mais crucialmente, onde é que tais milícias irão adquirir armas, armas que combaterão tanques, helicópteros, tropas de choque, spray de pimenta, rifles automáticos, bombas de efeito moral, balas de borracha, gás? Não há nenhuma discussão de como isto será feito ou se isso é mesmo possível. Eu acredito que eles realmente não levaram muito a sério esse obstáculo à revolução representado pelo opressivo poder de fogo que os governos acumularam em nossos dias. Ao invés disso, eles confiam (com base em um, dois ou três episódios de luta armada) naquela velha reserva, na rebelião dentro das forças do exército do estado. Eles escrevem: *"A maioria do pessoal do exército é do proletariado, porém doutrinado, nós duvidamos que eles seriam capazes, em geral, de atirar em seus amigos, vizinhos e parentes"*. Eles acreditam que: *"... o exército desertará o estado quando ficar claro que as pessoas já não toleram seus governos e tomam as ruas para provar isso"*. Esta é uma visão completamente irreal. As tropas de choque da classe governante são absolutamente fiéis.

A deserção é uma débil esperança na construção de uma revolução. *"Tomar as ruas"* não é uma estratégia; é um hábito ruim. E até mesmo quando tem sucesso, não pode resultar em anarquismo, mas apenas numa mudança de governo, como aconteceu dentro Europa oriental uma década atrás. Se a luta armada é necessária, eles tem que demonstrar como ela é possível ou como ela poderia ser ganha. Eles nem ao menos consideram a possibilidade do capitalismo ser derrotado sem luta armada. Na realidade, essa possibilidade (sem luta armada) pode ser a única maneira de derrotá-lo, diante da impossibilidade, eu diria, das forças revolucionárias aparelharem o arsenal da classe governante. Mas eles não examinaram isto. Além do mais, esta não é a questão mais angustiante com que se deparam os anarquistas hoje? A questão de como derrotar o estúpido poder militar das classes governantes do mundo capitalista? Fazer isso obviamente representa mais do que citar alguns clichês em torno desse assunto.

**15. A Noção da 'Liderança de Idéias:** Agora vamos ao coração do assunto. Mas primeiro um comentário breve a essa frase em si, e essas duas palavras. Liderança. Os anarquistas não são contra a liderança? Liderança não implica em seguidores? Os anarquistas não acreditam em democracia direta, governo autônomo, e projetos cooperativos? Então por que é que nós falamos em 'liderança'? Idéias. Idéias podem ser separadas da prática? Terão nossos autores caído aqui na separação notória entre idéias e ação tão característica do marxismo vulgar e da cultura burguesa dominante em geral? Dá para ter um correto corpo de idéias (leia: revolucionárias) abstraído de alguma prática concreta? Nossos militantes da ACF parecem pensar assim. Aqui está uma citação do ponto sete em sua lista sobre o papel da organização revolucionária. *"Defender a independência e a auto-organização dos movimentos de massa não significa que a organização revolucionária não busque difundir suas idéias nestes movimentos. Em neste sentido nós reconhecemos e lutamos para 'liderança de idéias' dentro do proletariado pelo exemplo e pela sugestão. Em um período não-revolucionário as massas potencialmente revolucionárias em geral celebram idéias e valores conservadores. Neste período é necessário haver uma organização que detenha idéias revolucionárias. Esta liderança de idéias significa uma clara compreensão da sociedade hierárquica, do conceito de auto-organização da sociedade, e do problema do leninismo"*.

Nesta declaração abordamos vários dos problemas discutidos acima: (1) uso do conceito de 'massas' e 'movimento de massas'. (2) Uma imagem da revolução como algo que acontece de repente, criando assim uma separação entre período revolucionário e período não-revolucionário; aqui não há nenhuma noção de luta demorada, ou qualquer noção de que já estamos sob um processo revolucionário, aqui e agora. (3) Por que apenas o proletariado precisa sair vitorioso? O que dizer sobre a pequena burguesia? Não seria uma tremenda ajuda se muitas famílias envolvidas com pequenas empresas fossem persuadidas a transformar seus locais de trabalho em cooperativas autogestionárias?

Há outra convicção envolvendo a noção de 'liderança de idéias', de que a diferença entre as idéias conservadoras e revolucionárias são claras, fixas, determinadas, talvez até mesmo objetivas; quer dizer, as idéias revolucionárias são algo



que alguém pode saber, sem dúvida. Para os militantes da ACF, 'o revolucionário' é definido como inflexivelmente anticapitalista, anti-eleições, anti-sindical (com qualificações), anarquista, e assim sucessivamente. Isto soa bem direto, mas sempre que nós

examinamos casos concretos, as coisas ficam um tanto quanto obscuras. A insurreição zapatista em Chiapas é revolucionária ou reformista? As grandes manifestações em Belgrado no outono de 1999 que provocou a renúncia de Milosevic foram revolucionárias ou contra-revolucionárias? A breve tomada dos locais de trabalho ocorrida na Iugoslávia logo depois da queda de Milosevic foi um passo a frente na autogestão dos trabalhadores ou um prenúncio do neoliberalismo?

Você pode ver, não há nenhuma definição 'objetiva', fixa, daquilo que é 'radical'. Trata-se de algo que tem que ser trabalhado novamente na medida em que os eventos acontecem. É por isso que é bem ridículo pensar que pode haver uma 'organização revolucionária' que preserve, defenda, e propague tais idéias radicais, porque o significado de radical está constantemente mudando, constantemente sendo reformulado. Da mesma maneira, nós não podemos nos proteger contra rachas em nossas organizações pelo fato dos sócios entrantes aceitarem um conjunto de convicções 'revolucionárias' antes de lhes permitirem o ingresso, porque situações novas vão emergir, e tal posição 'revolucionária' terá que ser rediscutida integralmente. Semelhantemente, até mesmo se nós tivéssemos a anarquia, e a democracia direta, o curso correto, em qualquer disputa determinada, teria que ser debatido e trabalhado em nossas assembléias, na base do caso a caso.

Eu tenho um conjunto de convicções suficientemente bem definidas que eu acredito serem revolucionárias (que, não obstante, mudaram no transcorrer dos anos), e eu várias vezes pertenci a grupos que discutiam essas convicções, mas nós não nos víamos como uma 'organização revolucionária', carregando na mala uma tonelada de bagagem leninista, como a ACF faz. Éramos apenas um pequeno grupo de pessoas discutindo sobre o tipo de mundo que queríamos. Eu estaria muito mais a vontade com a ACF se eles suprimissem todo esse material sobre ser um depósito das realizações revolucionárias passadas do proletariado, sobre ajudar o proletariado, sobre estabelecer unidade mundial, sobre ter a certeza de que aquelas tendências reformistas no proletariado serão derrotadas, sobre aconselhar o proletariado para estabelecer milícias com as quais vencerão a guerra de classe.

Porque eles simplesmente não admitem que são apenas um minúsculo grupo de pessoas na Inglaterra que está discutindo anarquismo, sem nem mesmo se envolver diretamente atacando o poder da classe governante, e que, em sua maior parte, estão, como sempre estiveram, absortos exercendo o papel de protagonistas do proletariado? Esta não seria uma posição mais feliz? a propaganda é, afinal de contas, importante. Às vezes é tudo aquilo que podemos fazer. Entretanto, não deveríamos perder a visão da verdade de que sempre é melhor se revoltar de fato do que apenas defender a revolta. Eu li os documentos de fundação da Northeastern Federation of Anarcho-Communists dos Estados Unidos. Eu acredito que eles têm uma auto-concepção mais clara, mais realística, e menos leninista, sendo principalmente uma organização de propaganda e de agitação.

Para que eu não seja mal entendido, eu quero enfatizar aquilo que eu considero ser importante para as pessoas definir o que eles pensam ser revolucionário e lutar por isso. Eu estou feliz pela ACF haver assumido uma posição inflexivelmente anticapitalista. Eu estou feliz por eles se oporem às políticas eleitorais e aos sindicatos empresariais, e feliz por estarem discutindo o anarquismo. Aquilo que eu contesto é sua estrutura. O para o qual eu contesto é a base do vigamento leninista que utilizam para fazer estas coisas. Uma pequena crítica agradável de Lenin foi publicada por Ron Taber em 1988 chamada simplesmente de *A Look at Leninism*. Os capítulos cinco e seis desta pequena obra são dedicados à "*Lenin's Theory of Knowledge*". É raro nos escritos radicais o estabelecimento desse tipo de conexão, entre a epistemologia e as vanguardas políticas, embora isso já tenha sido feito anteriormente (veja a obra de Anton Pannekoek de 1937, *Lenin as Philosopher*, por exemplo). Eu mesmo me envolvi nisso em 1974 no folheto intitulado *Four Way Criticism: A Critique of the Notion of 'Criticism/Self-Criticism'*. Vale a pena estudar estes textos, e teorias radicais do conhecimento em geral; caso contrário novamente nos atolaremos naquela velha e pantanosa mecânica marxista da 'falsa consciência do proletariado'.

**16. O Papel da Organização Revolucionária:** Um forte tema polêmico nestes documentos focaliza a necessidade de uma organização revolucionária. Eles reclamam, em "[ACF -- The First Ten Years](#)" que: "*Muitos revolucionários libertários já se convenceram da necessidade de criar uma organização comunista específica libertária. Eles permanecem amarrados às idéias de que grupos locais, ou melhor federações regionais livremente unidas, se adequam às tarefas muito difíceis de apresentar as idéias e práticas revolucionárias libertárias para a massa da população*". Aparentemente, este tem sido um assunto contencioso (sobre construir ou não uma 'organização revolucionária'), que periodicamente reemerge no movimento anarquista na Inglaterra e em outros lugares (de acordo com sua breve história no panfleto "*Anarchist*

*Communism in Britain*").

Eu presenciei este debate recentemente em um pequeno ajuntamento de vinte e cinco anarquistas em Chicago que tinha se encontrado para discutir o desejo e a viabilidade de estabelecer uma Federação Anarquista no Meio Oeste, *Midwest Anarchist Federation*. O dilema, eu acho, que surge na criação de uma organização, é que o tempo que gastamos fazendo isso representa menos tempo disponível para tentar realmente estabelecer uma relação social anarquista e defendê-la. Precisamos nos organizar melhor internamente para defender mais efetivamente aquilo que acreditamos ser um programa revolucionário. Mas nos organizar internamente ainda é um passo distante da participação direta, de fato, na revolução. Se isto é tudo o que precisamos fazer, o movimento revolucionário continuará em marcha lenta. Será que não seria melhor tentar montar assembléias, de fato, nos bairros, assembléias nas casas, e assembléias no local de trabalho, e assim começar dando os primeiros passos para destripar capitalismo e estabelecer uma sociedade livre, do que desperdiçar nosso tempo mantendo o que é essencialmente apenas uma organização de propaganda?

É claro que trabalho de propaganda é melhor que nada. Muitas pessoas realmente não estão em uma posição de diretamente tomar o poder da classe dominante na casa, no trabalho, e no bairro, ou em qualquer outro lugar (embora seja difícil acreditar que a maioria das pessoas não pudesse achar algum modo para confrontar nossas governantes). O proselitismo da revolução é uma coisa útil. Mas isso pode ser feito de muitas formas, por escritores, publicadores, diretores de cinema, músicos, jornalistas, livreiros, locutores de rádio, e assim sucessivamente. Ou será que uma 'organização revolucionária', que 'una teoria e prática', realmente é mesmo o melhor modo para propagar para anarquismo? Em apenas um ano, o Indimedia tornou-se uma força de propaganda fantástica pela democracia e pela revolução, e não é uma 'organização revolucionária' (como pinta a ACF).

Considerando a vinda dos zapatistas à tona na cena mundial, temos um evento histórico que seria útil estudar para encontrar pistas sobre como proceder, estrategicamente. Na verdade, várias pessoas das pequenas comunidades em Chiapas atacaram seus governantes. Eles foram bem sucedidos enviando suas mensagens para fora, reunindo apoio internacional, formando alianças com outras forças progressivas no México, estabelecendo redes de comunicação, e assim sucessivamente. Talvez o mesmo padrão poderia ser seguido em outros lugares, em fábricas, fazendas, ou bairros, onde quer que revoltas estejam acontecendo. Será que para coordenar tudo isso é realmente necessário uma 'organização revolucionária'? Isso não seria dar um passo atrás? Essa 'organização revolucionária' é desnecessária, construí-la é perder tempo.

## Notas

\* The Role of Revolutionary Organization, by the Anarchist Communist Federation, London, 1991, 9 pages (including "Aims and Principles").

\*\* Eu explico isso em grandes detalhes em meu panfleto *Getting Free: A Sketch of An Association of Democratic, Autonomous Neighborhoods and How To Create It* [NT: Versão em língua portuguesa - *Libertando-se: Projeto de Uma Associação de Bairros Autônomos e Democráticos e Como Criá-la*, a última versão está disponível em: [http://site.www.umb.edu/faculty/salzman\\_g/Strategy/GettingFree](http://site.www.umb.edu/faculty/salzman_g/Strategy/GettingFree) [e <http://www.geocities.com/projetoperiferia>], respectivamente.

(a). (1) ACF--The First Ten Years; (2) As We See It; (3) Texto de uma conferência, por Mike da ACF Nottingham, proferida no encontro aberto do Anarchist Bookfair, 18 de outubro de 1997, em Conway Hall, Londres, Inglaterra; (4) *The Union Makes us Strong? Syndicalism: A Critical Analysis*; (5) *Anarchist Communism in Britain*; (6) *Beyond Resistance: A Revolutionary Manifesto for the Millennium* (Third Edition, Spring 2000); (7) *The Future Society* (a talk presented by Claire and Mike of ACF, Nottingham, at the Sheffield Red and Black Centre on July 6, 1997).

(b). Eu discuto o tema da radicalização e reforma versus revolução mais detidamente no texto 'A Fraqueza da Política de Protesto'.

Não se Trata de Engano, É Proposital:  
Sem Ver o Inimigo

Por Jared James, outubro, 2001

Eu passei vários anos no início dos anos 60 estudando subdesenvolvimento. Estava frustrando, pois nenhuma das teorias que eu realmente examinei parecia explicar o fenômeno. Quer dizer, as Teorias de Desenvolvimento então prevalentes (apenas o discurso da corrente principal, eu aprendi depois) realmente não respondiam a pergunta: Por que alguns países são pobres? Eu olhava para os programas de ajuda dos EUA, e verifiquei que eles não funcionavam, que eles não ajudavam o desenvolvimento dos países, e freqüentemente faziam exatamente o oposto. Minha reação naquele momento foi de discutir, e tentar chamar à atenção dos administradores dos programas de ajuda dos EUA de que os programas não estavam funcionando, e não estavam alcançando os resultados previstos. Os programas não estavam facilitando o desenvolvimento e o crescimento econômico nos países que supostamente seriam beneficiados. Felizmente para mim, com a explosão e o reaparecimento da consciência radical no início dos anos sessenta, eu pude superar esta ingenuidade.

Infelizmente, entretanto, para uma boa parte da esquerda americana (especialmente da chamada ala progressiva), esta ingenuidade, este hábito ruim de não ver o inimigo, esta tendência de pensar que as políticas e ações do governo dos EUA são apenas enganos, esta aparente convicção inerradicável de que o governo dos EUA tem boas intenções, é a perspectiva mais comum. Esta foi certamente a convicção da maior parte das pessoas que se opuseram à Guerra do Vietnã. Certa vez eu ajudei escrever um longo documento que distribuimos em uma grande manifestação anti-guerra grande em Washington DC em novembro de 1969, sob o título de "Vietnã, Não se Trata de Engano É Proposital". Neste documento nós mostramos as razões imperiais explicando por que o governo estava empreendendo aquela guerra, deliberada e racionalmente, contra o Vietnã.

Nas décadas subseqüentes essa linha de comentário tipo 'trata-se de um engano' permaneceu intacta. Ao longo das guerras de baixa intensidade (ou seja, terroristas) contra a Nicarágua e El Salvador nos anos oitenta nós ouvimos esta reclamação vez após vez. Atualmente ela retorna constantemente no fluxo dos comentários nos EUA sobre o assalto à Colômbia. Foi ouvida repetidamente durante os últimos dois anos nas manifestações contra o Banco Mundial e contra a Organização Mundial do Comércio. Os manifestantes reclamam que as políticas de ajuste estrutural da OMC estão tendo o efeito oposto do que se poderia supor. Quer dizer, elas estão impedindo, não facilitando, o desenvolvimento, e causando pobreza, não aliviando-a.

Dois anos atrás, em 1999, ao longo dos 78 dias de bombardeios à Iugoslávia, muitos comentários efusivos dos progressistas sobre o evento (que de fato não endossavam o bombardeio) argumentavam "trata-se de um engano". [1] Minha citação favorita desse episódio, é a de Robert Hayden, Diretor do Center for Russian and East European Studies na Universidade de Pittsburgh, em sua entrevista a Amy Goodman ao Democracy Now, 19 de abril de 1999. Ele disse: "O governo Clinton desenvolveu uma diplomacia que aparentemente pretendia produzir esta guerra, e agora as ações do governo Clinton parecem determinadas a produzir uma guerra mais ampla". Amy Goodman: "Por que o governo Clinton desejaria produzir uma guerra?". Hayden: "Menino, quer mesmo saber? Você a terá. A resposta é, pense simplesmente em termos de incompetência. Nunca espere competência por parte destes sujeitos". Este seguramente foi o fundo do poço de uma multidão de 'trata-se de um engano'. Eu poderia citar passagens assim às dezenas, mas vamos analisar a presente "guerra".

Qual foi a reação da 'comunidade progressiva' ao bombardeio de Afeganistão? Como sempre, estão fazendo a mesma coisa. Eles não percebem o simples fato de que o governo faz estas coisas propositadamente. Eternamente, os progressistas falam como se os agentes do governo estivessem cometendo um erro, que eles não vêem as reais conseqüências de seus atos, ou que agem irracionalmente, mas que podem corrigir o curso das ações do governo revelando os erros que estão cometendo. Os progressistas assumem que suas metas -- paz, justiça, bem-estar -- também são as metas do governo. Assim quando eles vêem o que o governo está fazendo, eles ficam alarmados e confusos, porque é óbvio que as ações do governo não estão alcançando estas metas. Assim eles dizem: "Ei, esta política não conduz a paz!" ou "Ei, esta política não alcança justiça (ou democracia, ou desenvolvimento)!" "Fazendo isso, eles esperam educar o governo, ajuda-lo a ver seus enganos, convence-lo de que suas políticas não estão tendo os resultados desejados. [2]

Como eles não percebem que o governo dos EUA age deliberadamente, e que sabe o que está fazendo? Como não percebem que as metas do governo não são paz e justiça, mas império e lucro. O governo dos EUA quer estas guerras, quer esta repressão. Esta política não é um engano; não é irracional; não está baseada em um fracasso de perspicácia moral (a moralidade nem mesmo consta como um fator nas suas considerações); não é uma aberração; não está baseada em uma análise incorreta da situação; não está baseada na ignorância. Esta repressão, estes bombardeios, guerras, massacres, assassinatos, e ações secretas são friamente calculados, são ações racionais, consistentes, inteligentes, e bem informadas, de uma classe governante determinada a manter seu poder e riqueza e preservar seu modo de vida a todo custo

(capitalismo). Isto se revela em sua grande presença histórica, persistência, e continuidade, na procura desse objetivo. Esta classe governante sabe que está cometendo atrocidades, sabe que está destruindo a democracia, esperança, bem-estar, paz, e justiça, sabe que está assassinando, massacrando, matando, envenenando, torturando, mentindo, roubando, e não se preocupa nem um pouco com isso. A maioria dos progressistas parece acreditar que basta mostrar onde está o erro para que a classe governante pare de assassinar as pessoas, tome conhecimento de sua falha, se desculpe, e deixe de fazer isto.

Aqui está uma expressão típica desta ingenuidade (escrito por Brian Willson que denunciava uma lista de intervenções de EUA no estrangeiro!):

"Muitos de nós estamos continuamente transtornados, feridos e aflitos porque parece que nosso governo dos USA ainda não compreendeu: (a) as questões sociais, históricas, culturais e econômicas que provocam a maioria dos problemas políticos e ecológicos do mundo; (b) a necessidade de concordar com, um acordo legal para compor, em vez de continuamente desafiar, o direito internacional e as instituições internacionais estabelecidas para resolver os conflitos; e (c) que as soluções militares, incluindo fabricação, venda, e uso das mais recentes armas tecnológicas, são instrumentos errados para resolver os problemas fundamentalmente sociais e econômicos" [3]

Ele está errado em todos os três pontos. (a) O governo dos EUA tem um conhecimento íntimo, detalhado das características sociais, culturais e econômicas de cada país que intervém. O governo dos EUA está especialmente familiarizado com as divisões étnicas, lingüísticas, políticas, e religiosas dentro desses países. Não está interessado em assuntos "culturais e econômicos que provocam a maioria dos problemas políticos e ecológicos do mundo", se não está interessado nesses problemas, certamente não os resolverá, pois é o criador principal desses problemas. Em vez disso, usa seus altos conhecimentos para manipular os eventos dentro dos países para avançar em suas próprias metas, de lucro e de império. (b) O governo dos EUA entende perfeitamente que não precisa obedecer o direito internacional para manter sua habilidade de agir unilateralmente, impunemente sem qualquer constrangimento, para avançar em suas metas imperiais. A reivindicação de que os EUA desafiam o direito internacional por causa de um engano é absurdo. (c) Quem disse que o governo dos EUA está tentando resolver "problemas fundamentalmente sociais e econômicos"? Eles não querem nada com isso. Os objetivos que procura, consciente e implacavelmente, são lucro e império, na realidade eles são a causa destes "problemas sociais e econômicos". Além disso, para suas verdadeiras metas, coisas como soluções militares, e "fabricação, venda, e uso das mais recentes armas tecnológicas", funcionam excepcionalmente bem. O poder militar sustenta o império. Armar cada pequeno cliente da classe governante internacional com as "mais recentes armas tecnológicas" é necessário, e bastante efetivo, é preciso manter o aparato repressivo para defender o império, além de recolher muitos lucro para os fabricantes de armas. Mas evidentemente o Sr. Willson ainda não "entendeu" nenhuma destas coisas.

Quer outro exemplo? Russell Mokhiber e Robert Weissman, normalmente escritores muito sensatos, reclamam do "bombardeio de um país desesperadamente pobre sob o jugo de um regime repressivo como uma resposta errada [aos "atos de indizível violência" de 11 de setembro]. "O bombardeio norte-americano do Afeganistão deveria cessar imediatamente", dizem. Eles discutem três razões: "1. a política de bombardeio aumenta o risco de terrorismo adicional contra os Estados Unidos. 2. o bombardeio está intensificando um pesadelo humanitário no Afeganistão. 3. há modos melhores de buscar justiça". Todas as três declarações são evidentemente verdadeiras, mas irrelevantes, porque buscar justiça, evitar pesadelos humanitários, e reduzir o risco de terrorismo não entram nos cálculos dos políticos dos EUA. Totalmente o contrário, os políticos dos EUA criam injustiça, pesadelos humanitários, e terrorismo, ao longo do mundo, na perseguição do objetivo imperial de obter lucro, e isto foi documentado completamente em milhares de estudos escolares. Assim quando Mokhiber e Weissman falam deste modo, e expõem o problema dessa forma, eles revelam seu fracasso em realmente compreender o inimigo que nós enfrentamos, impedindo-os de procurar por estratégias efetivas para derrotar esse inimigo, como tantos outros oponentes dessa "guerra". Consequentemente toda a moralização, é definida diretamente pelos governantes, não pelos governados. Quer dizer, não se tenta deixar de ser governado, mas ganhar pelos governantes. [4]

É por isso que eu qualifico essas pessoas de um aglomerado de "nós deveríamos" -- todas essas pessoas julgam ter uma voz na política, cujas posições são basicamente de consultores da classe governante. "Nós" deveríamos fazer isto, "nós" não deveríamos fazer aquilo, como se eles não tivessem mais nada a fazer além de comentar aquilo que nossos governantes fazem. Esta é, naturalmente, a posição normal na intelligentsia dos puxa-sacos. Mas o que fazem os progressistas e radicais? Mesmo não sendo vistos exatamente como consultores, mas como cidadãos fazendo exigências sobre seu governo, o que faz eles pensar que o governo os escuta? Eu acho que essa atitude -- a atitude do "nós deveríamos" -- está em parte arraigada no fato de que a maioria dos progressistas ainda acredita em nações e governos. Eles acreditam que este é o "nosso" país, e que este é o "nosso" governo, ou pelo menos deveria ser. Assim Kevin Danaher diz que "nós deveríamos adquirir o controle do governo". Eles se identificam como americanos, ou alemães, ou mexicanos, ou suecos. Assim eles constantemente estão aconselhando e estão fazendo suas reivindicações aos seus

governos, pedindo-os para fazer isto ou aquilo. Se eles rejeitassem o nacionalismo completamente, os estados e os governos, eles poderiam começar a ver as coisas de um outro modo.

Uma variação da temática do 'isso é um engano' apareceu em um comentário sobre a presente "guerra" no Afeganistão. Os progressistas argumentam que o EUA estão "entrando em uma armadilha". Eles argumentam que Osama Bin Laden provocou os EUA induzindo o ataque ao Afeganistão. Na visão deles, o governo dos EUA está sendo estúpido, agindo cegamente, respondendo irracionalmente, e mostrando incompetência. Quer dizer, "está cometendo um erro". nunca parece ocorrer a estes analistas que o governo pode estar na verdade acordado, até mesmo alerta, ou que os ataques de 11 de setembro apenas precipitaram algo que queriam fazer de qualquer maneira -- agarrar o Afeganistão, construir uma nova grande base militar no Uzbekistan, e declarar uma guerra interminável em todos lugares aos inimigos de Império, e iniciar uma repressão draconiana contra os dissidentes internos de forma a alcançar "tranquilidade doméstica."

Eu ainda vi outra variação no tema apenas recentemente. John Tirman escreve sobre "Conseqüências Não intencionais". [5] Ele acha que "Não importa quão cautelosos sejam os generais e os líderes políticos... os imprevistos e os acidentes de percurso acabam sempre acontecendo, às vezes como uma violência profunda que subjuga as razões originais por se tratar de combate armado. Este ciclo imprevisível de ação e reação contrariou a política norte-americana no sudoeste da Ásia durante 50 anos". É o engano habitual: Tirman imputa políticas de governo que os EUA não tem. A política dos EUA não foi contrariada, teve alto êxito. Os EUA tiveram sucesso mantendo o controle do petróleo do Oriente Médio durante o último meio século. E era isto que pretendia, e foi isto que fez. Tirman porém revisa a história das intervenções dos EUA no Oriente Médio, começando com a subversão a Mossadegh no Irã em 1953, e vê isto como uma longa asneira, nada mais que vacilação, incompetência, complicada mais adiante por 'conseqüências não intencionais' que contraria as metas de política externa americana. Ele parece pensar que os EUA estavam (ou deveriam "estar") tentando reduzir a dependência dos EUA do petróleo do Oriente Médio, lutando contra o fundamentalismo islâmico, reduzindo o sofrimento humano, ajudando no desenvolvimento econômico, promovendo a democracia, e assim por diante -- qualquer coisa e tudo, exceto o que está fazendo de fato, mantendo o controle do petróleo do Oriente Médio, e usando quaisquer meios necessários para fazer isso. Tirman está, naturalmente, atento sobre qual (petróleo) é a verdadeira meta da política de EUA, porque ele cita diretamente sobre funcionários dos EUA que declaram este objetivo explicitamente, mas de alguma maneira isto não penetra em sua mente. Ao invés disso, ele pergunta finalmente em exasperação: "Qual será o próximo dessa série de erros?".

Ariel Dorfman, autor de uma crítica criativa sobre o imperialismo dos EUA, em How to Read Donald Duck: Imperialist Ideology in the Disney Comic, [Como ler o pato Donald: a ideologia imperialista na Disney] estava sendo entrevistado em Democracy Now by Amy Goodman, no dia 25 de outubro de 2001, sobre o assassinato de Digna Ochoa, o principal advogado de direitos civis no México. Quando perguntado por Goodman sobre situar o assassinato no contexto maior do que estava acontecendo no mundo, como no Afeganistão, Dorfman respondeu: "Os EUA estão no Afeganistão e precisa de todos seus aliados apoiando, eles vão fechar um olho a todos os abusos de autoridade que estão acontecendo". Me perdoe! Fechar um olho? O governo dos EUA não está nesse negócio, ele está com ambos os olhos abertos, para assassinar os líderes dos trabalhadores, esquerdistas, progressistas, e ativistas de direitos civis no mundo inteiro! Dorfman chegou ao ponto de dizer que agora é "um bom momento para o Presidente Bush chamar seu amigo Vicente Fox e dizer-lhe: 'Eu quero os assassinos de Digna Ochoa no tribunal'". Com licença! Isso é brincadeira? É bastante provável que o Bush chamaria Fox, mas com uma mensagem bem diferente, isto é, para dizer-lhe que enquanto a atenção do mundo estiver focalizada no Afeganistão, agora é um tempo bom para matar Digna Ochoa e Placido.

Um afegão de Kabul fugiu para o Paquistão levando um pacote de cartas dirigido aos líderes do mundo, "mensagens manuscritas da sua comunidade apavorada".

"O mundo tem que saber o que está acontecendo no Afeganistão", disse Maomé Sardar, 46, com uma voz atormentada pela ansiedade e raiva. "Os terroristas e os líderes ainda estão livres, mas as pessoas estão morrendo e não há ninguém para nos escutar. Eu tenho que ir até o Presidente Bush e os outros para lhes dizer que estão cometendo um erro terrível." [6]

A convicção difundida de que o governo dos EUA tem intenções boas, uma convicção repetida com tenacidade apesar de décadas evidências impíricas de subjugações que refutam isto, tende a ser um dos maiores fenômenos de ilusão de massa na história. Freud levaria 20 séculos para poder desvendar isso. Temos um governo que apenas nos últimos 10 anos literalmente despedaçou completamente dois países, o Iraque e a Iugoslávia (sem mencionar infinitas intervenções no estrangeiro desde o começo [7]). Agora mesmo está bombardeando o Afeganistão, reduzindo-o a escombros -- hospitais, materiais de combustível, depósitos de comida, sistemas elétricos, sistemas de água, estações de rádio, estações

telefônicas, aldeias remotas, mesquitas, asilos de velhos, escritórios da ONU, armazéns da Cruz Vermelha, clínicas, escolas, bairros, estradas, represas, aeroportos -- e uma vítima da agressão foge para pedir ajuda às mesmas pessoas que a estão atacando. Criar uma ilusão como essa seguramente é um dos maiores feitos em propaganda jamais visto. [8]

Assim embora seja importante tentar quebrar esta ilusão, isso por si só não basta, pois tem uma efetividade muito limitada, simplesmente listar todas as atrocidades cometidas por nossas governantes, cuidadosamente expor todos seus duplos padrões, acusá-los como os reais terroristas, condená-los moralmente pelo que eles estão fazendo, ou pedir paz. Todos estes argumentos, naturalmente, são úteis na batalha pelos corações e mentes das pessoas comuns, se as pessoas comuns os ouvirem, o que não ocorre, na maior parte. E quando ouvem, é como se eles (a maioria deles) sintonizassem a loucura, eles sofreram lavagem cerebral. É necessário muito mais do que meros argumentos para penetrar na mente fixa de pessoas completamente doutrinadas.

De todas as dezenas de comentários que eu li sobre a reação do governo aos ataques de 11 de setembro, poucos formularam a pergunta fundamental: O que fazer para parar (o governo, de atacar o Afeganistão)? Em sua maior parte, os comentaristas progressivos nem mesmo levantavam questões estratégicas. [9] Eles passam todo o tempo analisando a ideologia da classe dominante, de forma a mostrar sua hipocrisia. Provar que a classe governante é hipócrita não nos leva muito longe. É claro que tem sua utilidade. Fazer este trabalho é uma tarefa importante. Por exemplo, Noam Chomsky se dedica quase que exclusivamente a esta tarefa, e nós deveríamos ser gratos que temos suas pesquisas. Ele normalmente menciona também, em algum lugar em quase toda fala, artigo, ou entrevista que 'não tem que ser deste modo', que esta situação atual não é inevitável, e que nós podemos mudar isto. Mas quando perguntado "Como?", ele responde, "Organize, agite, eduque". Bem, seguramente. Mas a Coalizão Cristã organiza, agita, e educa. Assim como os nazis e a Klu Klux Klan. O Taliban organiza, agita, e educa. A classe dominante faz o mesmo, e o faz em grande escala, e o faz muito bem, com um resultado tal que dá hegemonia aos seus pontos de vista.

Apesar de mais de três décadas da devastação explícita provocada pela política externa dos EUA, e apesar dele ser um anarquista, e ser, supostamente, contra todo o governo, pelo menos no final das contas, Chomsky ainda usa regularmente o 'universal nós'. Já faz muito tempo que Chomsky diz que "o governo dos EUA faz isto, ou faz aquilo", algum tempo que ele diz "nós fazemos isto, ou nós fazemos aquilo", incluindo-se, e nós, como agentes na formação e execução da política externa dos EUA. Este é um exemplo do que eu chamo de o 'nós universal'. Que presume uma democracia que não existe. O americano comum não diz absolutamente nada na formação e execução da política externa dos EUA. Tampouco exercemos qualquer influência na escolha das pessoas que estão fazendo isto, nada temos a dizer sobre quem consegue se candidatar ao cargo ou o que fazem depois que são eleitos. Assim, dizer algo como "nós não deveríamos estar bombardeando o Afeganistão", como tantos progressistas fazem, é um grande engano, e expressam uma má compreensão e um péssimo diagnóstico da situação em que estamos.

Após uma conferência "The New War Against Terror" em 18 de outubro [10], Chomsky foi desafiado por um homem na audiência que o acusou de culpar a América pela tragédia de 11 de setembro. Chomsky disse corretamente que o termo a América é uma abstração e não significa nada. Entretanto ele disse que ele teve culpa, a pessoa que lhe fazia a pergunta, e todos os demais presentes neste evento (insinuando que o 'nós' é responsável por aquilo que 'nosso' governo faz). Esta é a melhor meia-verdade. A culpa do 11 de setembro cai em cheio naqueles que o fizeram. Se uma conexão pode ser demonstrada entre estas ações e a política externa dos EUA, a culpa é do governo dos EUA, e da classe governante que controla o governo. Americanos comuns não tem qualquer culpa naquilo que o governo dos EUA faz no sentido de que eles não conseguem mudar ou bloquear suas políticas, não importa se não tentaram ou se tentaram mas falharam.

Naturalmente, a categoria de americano comum é uma abstração. Muitos americanos médios apoiam vigorosamente a política externa dos EUA. Outros se opõem a ela, mas não conseguem mudá-la. Esses de nós que queremos uma real democracia, e queremos acabar com o Império, também temos falhado, e apenas neste sentido é que nós somos responsáveis pelo 11 de setembro. Mas até mesmo este fracasso deve ser julgado levando em conta as forças relativas que as partes tem na luta. Nós não temos culpa de sermos derrotados por um oponente com uma esmagadora força superior, mesmo que lutássemos corajosamente e tão duro quanto pudéssemos. Nossa tarefa é achar modos para aumentar nossas forças e debilitar a deles. Não fazer uma distinção entre a classe governante e o resto de nós impede esta tarefa, nos faz presumir uma democracia que não existe, entender mal sobre exatamente o que somos contra, e para não errar na identificação do inimigo. Impedindo-nos de inventar uma estratégia auspiciosa para derrotar este inimigo.

Nesta mesma conferência, que se estendeu ao longo de uma hora, Chomsky não mencionou petróleo uma única vez. Quando interrogado sobre isto durante a discussão que se seguiu, ele respondeu que, naturalmente, o petróleo sempre está por traz de qualquer coisa que acontece no Oriente Médio, mas ele não viu o petróleo como um fator imediato na crise

atual. Ele está certamente errado sobre isto. Há bastante evidência de que garantir o Afeganistão, passando um oleoduto através do Mar Árabe, é uma consideração fundamental para a política dos EUA. Eles já estão em processo de construir uma enorme nova base do exército no Uzbequistão (da mesma maneira que eles estão construindo também em Kosovo), e de concluir um acordo a longo prazo com o governo do Uzbequistão para fazer isso, como fizeram na Arábia Saudita, Espanha, Turquia, Filipinas, e em outros lugares. Estas bases serão usadas para garantir o petróleo na Ásia Central e as reservas de petróleo para o Oeste. Eles também estão envolvidos em outro alvo, além do petróleo, isto é, facilitar a recolonização dos Balcãs e da Rússia, e assegurar que eles não voltem ao comunismo ou tentem escapar à Nova Ordem Mundial. Este é o objetivo maior que dirige os construtores do Império.

Howard Zinn parece pensar que se trata de uma luta entre um 'modo velho de pensar', baseado em guerra e violência, e um 'modo novo de pensar' baseado em paz e não-violência. Quase não dá qualquer sugestão sobre Império, e nenhuma sugestão sobre lucro e capital. Quanto à crise do 11 de setembro,[11] ele nem a menciona, nem fala como sair da situação horrível em que nos estamos. Zinn, naturalmente, está muito atento (mas a maioria dos chamados progressistas não está) às classes governantes, império, capital, e lucro, e trabalhou duro durante muito tempo escrevendo suas histórias e às pessoas que se opunham às classes governantes. Mas de alguma maneira isto não se reflete em seu pensamento principalmente sobre o que fazer agora. Quando vier a estratégia, a condenação moral virá onde ele se situar, pelo menos em sua resposta a esses eventos.

Em uma conferência no dia 21 de outubro, em Burlington, Vermont, Zinn disse que nós temos que deixar de ser uma superpotência militar e ser uma superpotência moral. [12] Durante sua fala ele descreveu enfaticamente as muitas invasões estrangeiras empreendidas pelo governo dos EUA e suas conseqüências devastadoras, reivindicou que a América não é uma nação pacífica, nos lembrou que os governos mentem, pontuou que o petróleo é a chave da política externa americana no Oriente Médio, e descreveu o vasto desenvolvimento de bases e armamentos militares no mundo inteiro para aumentar o poder americano. Ele pode ter mencionado até mesmo algumas vezes o lucro. Mas ele não mencionou nem uma única vez a palavra 'capitalismo' (mas apenas "colonialismo", "imperialismo", ou 'classe governante'), ele não indicou uma consciência de que qualquer forma de projeção do poder americano pelo mundo afora tem uma razão, ser usado em defesa de uma ordem social particular, e para o benefício dessa ordem social, e na defesa dos interesses de uma determinada classe.

É como se Zinn pensasse que o governo dos EUA simplesmente pudesse fazer as malas e voltar para casa, que bastaria querer para -- dismantelar suas bases, arrancar seus exércitos, frotas, e aviões, e deixe o mundo em paz. Se a classe governante dos EUA fizesse isso, o sistema do qual se alimenta, o capitalismo, se desmoronaria. Assim nós sabemos que ele não vai dismantelar suas bases avançadas e deixar o mundo em paz, não importa quão duramente nós tentarmos envergonhá-los com nossa moralidade. Zinn não parece se prender neste fato ou reconhecer que há um inimigo que tem que ser derrotado, e mesmo que o Pentágono enviasse \$350 bilhões para ajudar as pessoas (outro das recomendações dele). E quando chegou momento para falar sobre o que fazer com relação a tudo isso, ele recomendou organizar manifestações e escrever cartas aos nossos representantes congressistas!

Os manifestantes do 'paz já' adotaram uma posição semelhante. Claro que é encorajador ver um movimento de anti-guerra florescendo tão rapidamente. Mas também desanima. Isso significa que os radicais estão colocando os fomentadores de guerras na ordem do dia. Em vez de continuar a luta contra o neoliberalismo e suas instituições, e contra o capitalismo, os opositoristas abandonaram tudo isso de repente para lançar uma campanha anti-guerra. Especialmente, as vigílias de luz de vela pareciam a mim uma resposta patética aos fomentadores de guerras, ao governo repressivo. Isto acontece novamente e novamente. O governo inicia uma guerra agredindo algum país, e os pacifistas saem às ruas, com suas velas, bradando "paz já" e "chega de guerra". O que é que eles ganham com isso? Eles já conseguiram parar alguma guerra? O que é que eles que são capazes de fazer? A ineficácia da resposta não prova que não são realmente sérios sobre paz? Será que eles já pensam numa forma efetiva de parar os assassinos em vez de simplesmente suplicar a eles para que não matem? Eles continuam dizendo que paz não pode ser alcançada indo para a guerra. Quem disse que o governo dos EUA deseja paz!? Eles citam A.J. Muste dizendo que a guerra não é o caminho para a paz; que a paz é o caminho. E daí? O que há de relevante nisso? Faz sentido citar tais pensamentos a um governo que sempre esteve engajado, de seu começo a duzentos anos atrás, em sistemáticos assassinatos em massa?

Semelhantemente com a postura dos outros comentaristas progressistas. Eles estão apenas tentando mudar a política do governo, não pará-los e privá-los de poder. Aqui está uma frase típica. Rahul Mahajan e Robert Jensen escrevem: "O próximo passo é construirmos um movimento que possa mudar o política selvagem e destruidora de nosso governo". [13] Você vê, do ponto de vista do governo, que sua política não é selvagem ou destruidora. É inteligente, enquanto serve a si mesmo, e se auto preserva. Mahajan e Jensen realmente quase admitem isto em seu texto, argumentando que "esta guerra é

para estender o poder norte-americano. Tem pouco a ver com trazer os terroristas à justiça, ou com vingança". (Tal visão é de fato bastante rara entre progressistas.) Eles argumentam que há três outros motivos para a guerra, do ponto de vista do governo: o desejo de defender a "credibilidade imperial", controlar o "petróleo e o gás natural da Ásia Central", e empurrar a ordem do dia da ala direitista doméstica". Não obstante, apesar destas perspicácias, eles derrapam em não perceber que eles têm que lutar, parar, e neutralizar o governo, em vez de apenas mudar sua política. Diante do que é o governo, a quem serve (o capital, os ricos), e de quais são as suas prioridades, ele não pode mudar suas políticas em favor da política dos progressistas, nem sobreviver enquanto poder imperial.

Não é apenas no caso da política externa que o 'isso é um engano' aparece. Comentaristas progressistas sofrem desta aflição também com relação à política nacional. Se o governo determina um corte de imposto para beneficiar as corporações mais ricas e indivíduos super-ricos, mas chama um pacote para estimular a economia, os progressistas reclamam ruidosamente que a economia não será estimulada. Por que eles não dizem de uma vez que o governo (a Administração e Congresso) pretende e quer dar mais dinheiro à classe governante rica, porque está a seu serviço, e representa seus interesses, os interesses de sua classe, e que essa história de pacote de estímulo à economia não passa de uma balela para enganar o público americano?

Uma multidão de 'isso é um engano' tomou conta das discussões em torno da legislação anti-terrorista que a administração Bush submeteu ao Congresso imediatamente após os ataques de 11 de setembro. O advogado geral Ashcroft disse que o governo tomou todas as precauções para não ferir nenhum dos nossos preciosos direitos civis em seus esforços em lidar com a ameaça terrorista, e tentou estabelecer um equilíbrio entre segurança e liberdade. Então os progressistas tomaram a palavra demonstraram que isto não era verdade, que nossos direitos civis foram pisoteados e não houve nenhum equilíbrio entre segurança e liberdade. Então eles começaram propondo um grupo de desculpas. Eles disseram que a questão 'passou pelo Congresso'. Bem, qual Congresso permitiu isto? Eles disseram que os líderes do Congresso evitaram as regras e procedimentos habituais, e lidaram basicamente com a questão em segredo? Bem, se Congresso pratica a democracia, por que não podemos praticar a democracia em nossas próprias assembleias? E por que ninguém tentou parar essa manipulação secreta que aprovou essa lei?

Eles disseram que Congresso nem mesmo teve uma chance de ler a lei. Bem, por que não reservaram um tempo para fazer isso, e suspender o voto até analisá-la?

Esta lei, denominada USA Patriot Act of 2001 que lança pelos ares a quarta emenda (proteção contra procura não comprovada e seqüestro), dá ao governo o direito de espiar todo mundo, contornar a lei criminal, os tribunais, e processar em numerosas instancias, mais dezenas e dezenas de horrores, foi aprovada no Senado por 98 votos contra 1. Será que este senador liberal flamejante, Edward Kennedy, não sabia no que ele estava votando? Por favor. Ele sabia. Eles sabiam. E eles queriam isto. A Administração e o Congresso (menos 66 representantes na Casa e 1 senador no Senado) estavam unidos no desejo de fortalecer o Estado policial que eles vêm construindo durante algum tempo. Eles não são cometidos à democracia. Eles são cometidos a preservar o capitalismo que é sua essência. Você acha que eles não notaram o crescente movimento de protesto que estourou na cena mundial nos últimos dois anos? Você acha que eles não estão preocupados com esse movimento e determinados a pará-lo?

Um capitalismo amigável, tolerante, iluminado, pseudo-democrático não é mais historicamente possível (isso não significa que alguma vez tenha sido alguma dessas coisas). Nós estamos vivendo na era do Capitalismo Tolerância Zero, com sua Máquina de Guerra Global, suas Agências Gigantescas de Inteligência, sua Polícia Secreta, seus Escalões e Carnívoros, suas Operações Secretas, seus pantanosos Departamentos de Polícia, seus Guardas de Segurança onipresentes, seus Esquadrões da Morte, sua Segurança Nacional nos Estados, sua Swat e Forças Especiais, seu Terrorismo Estatal e Tortura, sua Vigilância de alta tecnologia, suas Armas não-Letais, sua Guerra de Baixa-Intensidade, seus Paramilitares, seus Mercenários, suas Bombas Inteligentes, seu Complexo Industrial-Prisional, suas armas Químicas, armas Biológicas, e Nucleares, e seu Banco Mundial e sua Organização Mundial do Comércio. E agora, com a lei USA Patriot Act of 2001, conseguiu finalmente rasgar a Lei dos Direitos. A classe dominante dos EUA nunca quis a Lei dos Direitos, eram obrigados a aceitá-la.

Assim os Hitlers e Mussolinis do mundo, no final das contas, saíram vitoriosos (quase). Enquanto todos nós pensávamos que tínhamos libertado o mundo do fascismo na Segunda Guerra Mundial, o fascismo se esgueirava furtivamente pela porta dos fundos, transformando os Estados Unidos em um Império fascista Mundial. Tolerância zero aos regimes fascistas, apoiados e freqüentemente instalados pelos Estados Unidos, há muito tempo e em quase toda parte do mundo -- Mobuto no Zaire, Pinochet no Chile, Somoza na Nicarágua, Armas na Guatemala, Franco na Espanha, Papadopoulos na Grécia, Pahlavi no Irã, Marcos na Filipinas, Sharon em Israel. E agora, a repressão, Tolerância Zero,



Estado de Segurança Nacional, chega aos Estados Unidos. Eles começarão provavelmente a torturar e matar na Europa e América do Norte assim como eles têm feito em toda parte. (Eles já estão torturando e estão matando, mas eles conseguem manter esta situação encoberta). Até quando isso vai ficar assim?

Quantos séculos de assassinato em massa será necessário para provar que as classes dominantes dependentes de um sistema baseado no lucro é inócuo ao apelo moral, e está além de redenção, certamente enquanto tiverem algum disponível para continuar matando? Apelos morais são inúteis contra tais pessoas. Tais apelos morais foram suficientes para derrotar o Nazis, e o fascismo alemão e italiano? Nós não tivemos que os derrotar? Então temos que igualmente derrotar esses fomentadores de guerras, esses imperialistas, o fascismo norte-americano. Eles precisam ser enfrentados com real oposição, embora não necessariamente oposição militar, que de fato nem mesmo é uma opção para nós, uma vez que é impossível para pessoas pobres adquirir armas. É assim ineficaz pensar até mesmo em lutar uma guerra nas condições tradicionais, por não ser possível, nem viável, nem válida do ponto de vista estratégico. Tanto quanto o poder dos governantes para explorar, oprimir, assassinar, devemos eliminar também os salários. Nós precisamos propor uma estratégia para fazer isto. Não podemos fazer isso apenas saindo às ruas, celebrando vigílias à luz de vela, ou expondo sua hipocrisia. A guerra deve ser travada, sem dúvida, mas travada de modos novos, modos que estão dentro de nossas possibilidades e isso pode conduzir a vitória.

A necessidade urgente de nos juntarmos para retirar o poder desses criminosos.

Eu acredito que há um modo de derrotar esta classe governante global, mas isso significa que temos que nos reajuntar socialmente em uma nível volumoso. Temos que nos agregar na democracia direta, em assembleias face-a-face para deliberar o que iremos fazer, no trabalho, em casa, e em nossos bairros. Isto nos dará uma base pela qual começar a escoar poder e riqueza para longe da classe governante. Sem estas formas sociais, ficamos necessariamente restritos a todas as várias formas de reformismo, restritos a tentar trabalhar em ONGs, ou no estado e governos nacionais, para mudar o comportamento da classe dominante, para fazer apelos morais, ou para tentar criar ou inverter determinadas leis. Mas se reorganizando em uma multidão de pequenas, descentralizadas, diretamente democráticas, face-a-face, assembleias locais, fundidas conjuntamente em associações extra-regionais por meio de tratados voluntários, nós podemos começar a trazer de volta o controle de nossas vidas e comunidades, e resgatar aquilo que a classe dominante nos tem roubado.

Eu esbocei toda esta estratégia em minha composição *Libertando-se* [14], onde discuto em detalhes suas várias implicações. Enquanto o mundo estiver organizado na base de governos e corporações, nações e lucro, nunca haverá paz, justiça, liberdade, ou democracia. Nossa tarefa não é outra senão nos libertar dessa ordem social em que vivemos, e criar outra em seu lugar. Se nós não fazemos isto agora, brevemente estaremos vivendo em um sofisticado império fascista mundial mil vezes mais poderoso e desenvolvido que o Nazis alguma vez puderam ter sido, e do qual será quase que impossível escapar.

## Notas de rodapé

*Nota:* Esta composição foi baseada em um trabalho mais longo, "*A Declaração de Guerra aos Terroristas*". Em vários dos tópicos faço apenas uma alusão, como na questão do fascismo, nas intervenções dos EUA no estrangeiro, na repressão da dissensão doméstica (e o Ato Patriota 2001 dos EUA), na questão do fundamentalismo, na agenda secreta do petróleo e do império. As discussões aqui são mais detalhadas em vez de apenas críticas, assim dá um pouco mais de sentido.

Para um maior aprofundamento nessas questões, você pode examinar as seguintes obras: William Blum, *Killing Hope: U.S. Military and CIA Interventions since World War II* (Common Courage, 1995, 457 pages); Edward S. Herman, *The Real Terror Network: Terrorism in Fact and Propaganda* (South End Press, 1982, 252 pages); David McGowan, *Understanding the F-Word: American Fascism and the Politics of Illusion* (Universe, 2001, 276 pages).

Algumas análises do projeto de lei USA Patriot Act of 2001 pode ser encontrado nos sites da American Civil Liberties Union ([www.aclu.org](http://www.aclu.org)) e Electronic Frontier Foundation ([www.eff.org](http://www.eff.org)).

Sobre Fundamentalismo, veja Fotis Terzakis, "Irrationalism, Fundamentalism, and Religious Revival: The Colors of the Chess-Board," *Democracy and Nature*, Vol 4, Nos. 2/3 (Issue 11/12, no date, but c.1998), also available on the Internet at: ([www.democracynature.org/dn/vol4/terzakis\\_irrationalism.htm](http://www.democracynature.org/dn/vol4/terzakis_irrationalism.htm)); Colin Ward, "Fundamentalism", *The Raven*, No. 27 (Freedom Press) on the Net at ([www.ecn.org/freedom/Raven/fund.html](http://www.ecn.org/freedom/Raven/fund.html)); and Frederick Clarkson, *Eternal Hostility: The Struggle between Theocracy*

and Democracy (Common Courage, 1996, 277 pages).

Sobre Império, veja Michael Parenti, *Against Empire* (City Lights, 1995, 216 pages), Peter Gowan, *The Global Gamble: Washington's Faustian Bid for World Dominance* (Verso, 1999, 230 pages), Michael Hardt e Antonio Negri, *Empire* (Harvard University Press, 2001, 478 pages), and Joseph Gerson and Bruce Birchard, editors, *The Sun Never Sets: Confronting the Network of Foreign U.S. Military Bases* (South End Press, 1991, 389 pages).

Alguns dos melhores ensaios sobre o ataque ao Afeganistão, a maior parte das abordagens vai no sentido de que não se tratou de um erro mas de uma ação deliberada do governo dos EUA (todos produzidos em 2001): Alexander Cockburn and Jeffrey St Clair, "Bush's Wars", *Counterpunch*, Sept 21 (plus many more fine essays on this crisis by these authors posted on Counterpunch web site: [www.counterpunch.org](http://www.counterpunch.org)); John Pilger, "Hidden Agenda Behind War on Terror," *Mirror* /uk, October 29 (plus many other excellent essays, at <http://pilger.carlton.com/print>); Michel Chossudovsky, "Osamagate," (posted October 9, at [www.globalresearch.ca/articles/CHO110A.print.html](http://www.globalresearch.ca/articles/CHO110A.print.html)); Francis A. Boyle, "No War Against Afghanistan!," Oct 18 ([msanews.nynet.net/Scholars/Boyle/nolwar.html](http://msanews.nynet.net/Scholars/Boyle/nolwar.html)); Edward Said, "The Clash of Ignorance," *the Nation*, October 22; Sitaram Yechury, "America, Oil, and Afghanistan," *The Hindu*, October 13; Edward S. Herman, "Antiterrorism as a Cover for Terrorism," ([www.zmag.org/hermancover.htm](http://www.zmag.org/hermancover.htm)); Arundhati Roy, "War Is Peace," *Outlook*, Oct. 18 (later published in the *Guardian*, Oct 23); Sunera Thobani, "War Frenzy," ([www.neravt.com/left/thobani.html](http://www.neravt.com/left/thobani.html)); Michael Parenti, "Terrorism Meets Reactionism," ([www.michaelparenti.org/Terrorism.html](http://www.michaelparenti.org/Terrorism.html)); George Monbiot, "America's Pipe Dream," *Guardian* /uk, Oct 23); Jared Israel, Rick Rozoff & Nico Varkevisser, "Why Washington Wants Afghanistan," (posted Sept 18, on [www.emperors-clothes.com/analysis/afghan.htm](http://www.emperors-clothes.com/analysis/afghan.htm)); Sean Healy, "The Empire wants war, not justice," (no date, [www.zmag.org/healywar.htm](http://www.zmag.org/healywar.htm)); Noam Chomsky, "The New War Against Terror," Oct 18 ([www.zmag.org/GlobalWatch/chomskymit.htm](http://www.zmag.org/GlobalWatch/chomskymit.htm)); Patrick Martin, "US-Uzbekistan pact sheds light on Washington's war aims in Central Asia," *World Socialist Web Site* ([www.wsws.org/articles/2001/oct2001/uzbe-o18\\_pm.shtml](http://www.wsws.org/articles/2001/oct2001/uzbe-o18_pm.shtml)); Nick Beams, "Behind the 'anti-terrorism' mask: imperialist powers prepare new forms of colonialism," *World Socialist Web Site*, Oct 18 ([www.wsws.org/articles/2001/oct2001/imp-o18\\_pm.shtml](http://www.wsws.org/articles/2001/oct2001/imp-o18_pm.shtml)); Vijay Prashad, "War against the Planet," (no date, [www.zmag.org/prashcalam.htm](http://www.zmag.org/prashcalam.htm)); Stan Goff, "The So-Called Evidence is a Farce," October 10, *Narco News* ([www.narconews.com/goff1.html](http://www.narconews.com/goff1.html)); Al Giordano, "Washington's 'Terrorist' List: Road through Afghanistan leads to Colombia," Oct 1, *Narco News* ([www.narconews.com/war2.html](http://www.narconews.com/war2.html)); Chicago Area Anarchists, "Anarchists against the expansion of capitalism and the war," *A-Info News Service* ([www.infoshop.org/inews/stories.php?story=01/10/25/7453849](http://www.infoshop.org/inews/stories.php?story=01/10/25/7453849)); Jared Israel, "Washington Plots, Moscow Crawls, Kabul Burns," ([www.emperors-clothes.com/misc/burns](http://www.emperors-clothes.com/misc/burns)); Hani Shukrallah, "Capital Strikes Back," *Al-Ahram*, 18-24 October ([www.ahram.org/eg/weekly/2001/556/op9](http://www.ahram.org/eg/weekly/2001/556/op9)); Renfrey Clarke, "War on terrorism or war on the Third World?," *Green Left*, Oct 17 ([www.greenleft.org.au/current/467p16.htm](http://www.greenleft.org.au/current/467p16.htm)); Robin Blackburn, "Road to Armageddon," *Counterpunch*, Oct 3. All web site addresses valid as of October, 2001.

Os próximos web sites possuem extensivos links cobrindo o 11 de setembro, o Afeganistão e a chamada guerra ao terrorismo: Common Dreams News Center ([www.commondreams.org](http://www.commondreams.org)), Znet ([www.zmag.org/znet.htm](http://www.zmag.org/znet.htm)), Jay's Leftist and Progressive Internet Directory ([www.neravt.com/left](http://www.neravt.com/left)), Alternet ([www.alternet.org](http://www.alternet.org)), Counterpunch ([www.counterpunch.org](http://www.counterpunch.org)), Mid-Atlantic Info Shop ([www.infoshop.org/news](http://www.infoshop.org/news)); Global Circle Net News ([www.globalcircle.net](http://www.globalcircle.net)).

[1] um livro excelente sobre a Iugoslávia que não sofre de ingenuidade, os melhores livros que já li sobre o bombardeio, são os livros de Michael Parenti, *To Kill a Nation: The Attack on Yugoslavia* (Verso, 2000, 246 páginas).

[2] Web sites como Common Dreams News Center ([www.commondreams.org](http://www.commondreams.org)), Znet ([www.zmag.org/znet](http://www.zmag.org/znet)), e Alternet ([www.alternet.org](http://www.alternet.org)), estão carregados de referências do tipo "isto é um engano" assim como nas revistas como *Nation*, *the Progressive*, *In These Times*, e *Progressive Populist*.

[3] S. Brian Willson "Who are the Real Terrorists? Why some veterans oppose counter- "terrorist" exercises", 1999 de março, *Veterans for Peace*, a: ([www.mbay.net/~jenvic/vfp/mar22.htm](http://www.mbay.net/~jenvic/vfp/mar22.htm)).

[4] Russell Mokhiber e Robert Weissman, "Three Arguments Against the War," postados no Common Dreams News Center web site em 18 de outubro de 2001 ([www.commondreams.org](http://www.commondreams.org)).

[5] John Tirman, "Unintended Consequences", postadas em Alternet, 24 de outubro de 2001 (a [www.alternet.org](http://www.alternet.org)).

[6] produzido por Pamela Constable, *Washington Post*, 24 de outubro de 2001, "Plaintive Afghan's Plea from Community:

Stop the Bombing".

[7] a melhor breve introdução para esta história que eu vi é "A Concise History of United States Global Interventions, 1945 to Present", por William Blum, em seu no Rogue State: A Guide to the World's Only Superpower (Common Courage, 2000, 308 páginas), pp. 125-162. Podem ser achadas referências para listas mais longas de intervenções que cobrem a história inteira do governo norte-americano nos "One Hundred Years of Intervention," Zoltan Grossman, e no Jay's Leftist and Progressive Internet Resource Directory ([www.neravt.com/left/invoke.htm](http://www.neravt.com/left/invoke.htm)). também veja, Steve Kangas, "A Timeline of CIA Atrocities", disponível no Liberalism Resurgent (<http://home.att.net/~Resurgence/CIAtimeline.html>).

[8] a única composição deste dilúvio de textos sobre a chamada guerra contra o terrorismo que desafia a linha do 'este é um engano' (embora muitas pessoas mostraram que o governo de EUA é um estado terrorista), é o texto de Edward Herman e David Peterson "Who Terrorizes Whom?", postado em Zmag web site, datado de 18 de outubro de 2001 ([www.zmag.org/whoterrorizes.htm](http://www.zmag.org/whoterrorizes.htm)). Veja o texto sobre Richard Falk falando que o ataque no Afeganistão é "a primeira verdadeira guerra desde a II Grande Guerra", por exemplo, ele escreve: "nunca ocorreu a Falk que o regime Republicano da ala direitista de Bush e Cheney, tubarões da indústria petroleira e do complexo industrial armamentista, poderiam ter uma agenda incompatível com uma guerra justa." Eles chamam isso de Left Accommodationism, citando vários exemplos, e dão uma boa análise do fenômeno.

[9] uma exceção rara é Naomi Klein que frequentemente focaliza questões estratégicas. Veja por exemplo, "Signs of the Times", a Nação, 22 de outubro de 2001.

[10] a cópia desta fala foi postada em Znet ([www.zmag.org/znet/GlobalWatch/chomskymit.htm](http://www.zmag.org/znet/GlobalWatch/chomskymit.htm)). Também está disponível em Znet. e Democracy Now ([www.webactive.com/pacifica/exile](http://www.webactive.com/pacifica/exile)) no dia 23 e 24 de outubro de 2001. A fita de áudio também está disponível para compra em Alternative Radio ([www.alternativeradio.org](http://www.alternativeradio.org)).

[11] as observações iniciais de Howard Zinn no dia 11 de setembro está em Democracy Now no dia 13 de setembro de 2001 em uma entrevista com Amy Goodman ([www.webactive.com/pacifica/exile](http://www.webactive.com/pacifica/exile)). Zinn fez observações semelhantes em uma entrevista com Noelle Hanrahan em Flashpoints Radio no dia 13 de setembro de 2001 ([www.flashpoints.net](http://www.flashpoints.net)). Uma composição curta ao longo das mesmas linhas foi publicada em The Progressive, durante novembro, 2001, "The Old Way of Thinking", pp. 8-9.

[12] a fala de Howard Zinn em Burlington, Vermont no dia 21 de outubro de 2001 em Democracy Now no dia 22 de oct de 2001 ([www.webactive.com/pacifica/exile](http://www.webactive.com/pacifica/exile)). O audio também está disponível para compra na Alternative Radio ([www.alternativeradio.org](http://www.alternativeradio.org))

[13] Rahul Mahajan e Robert Jensen, "A War of Lies", postada no ram no Common Dreams News Center web site durante 8 de outubro de 2001 ([www.commondreams.org](http://www.commondreams.org)).

[14] Getting Free: A Sketch of an Association of Democratic, Autonomous Neighborhoods and How to Create It, está disponível na Internet em: [http://site.umb.edu/faculty/salzman\\_g/Strategy/GettingFree](http://site.umb.edu/faculty/salzman_g/Strategy/GettingFree). A versão postada, porém, tem agora quase dois anos. A composição foi revisada subseqüentemente e consideravelmente ampliada. Eu enviarei uma versão fotocopiada revisada e ampliada a qualquer interessado. Meu endereço de e-mail está na página de título da versão da Internet.

## **Ganância é tudo aquilo que está errado com o capitalismo?**

Por Jared James, agosto, 1999,

Ganância é tudo aquilo que está errado com capitalismo? Não. Não basta atacar os capitalistas por serem gananciosos, embora seja uma tática comum. Eu espero explicar por que neste pequeno texto.

Considere uma família de uma pequena empresa, que trabalha mais horas do que seus empregados, que leva uma vida simples, cuja renda mal dá para manter seu modesto estilo de vida, após pagar os salários de seus empregados. Se a ganância fosse tudo aquilo está então errado com o capitalismo estes capitalistas seriam considerados exemplares e abaixo da crítica, porque de nenhuma maneira são gananciosos. Mas eles estão no comando! Como chefes ou gerentes. E este é o ponto crucial do assunto. Eles ainda possuem as propriedades, os meios de produção. Os seus empregados não. Eles são

compradores de mão-de-obra; os seus empregados são vendedores de mão-de-obra. Assim seus empregados são escravos, escravos-assalariados. Eles não. Há uma desigualdade aqui, de poder, de estado, de classe, e de riqueza que são construídos no sistema e baseados na posse privada da propriedade. Até mesmo se o retorno financeiro anual do negócio é áspero tanto para empregadores como para empregados, é ainda um arranjo social injusto e deve ser condenado moralmente.

Este caso hipotético não foi sempre comum na história, tampouco foi exatamente raro. Alguns proprietários gostam isto. É claro que verdade a maioria dos proprietários tentam ficar mais ricos, mas também é verdade que muitos não têm feito assim. Sempre houve milhões de famílias de pequenas empresas e de negócios autônomos que apenas estavam sobrevivendo, e não pode ser dito que tiveram um padrão significativamente mais alto de vida que muitos assalariados.

Embora houvessem algumas grandes companhias se juntassem em sociedades ainda nos primeiros dias do capitalismo (a Companhia da Índia Oriental foi estabelecida na Inglaterra em 1600), as corporações gigantescas só ficaram proeminentes mais tarde no século XIX, principalmente na indústria pesada. Ao longo da maior parte da história destes cinco séculos de capitalismo, os pequenos proprietários foram o esteio do sistema (embora não os maiores beneficiários do lucro; cujo monopólio sempre pertenceu aos grandes proprietários). Apenas hoje, ao término do vigésimo século, com a concentração fenomenal de capital que aconteceu no último meio século em todos os setores, inclusive agricultura, banco, varejo, comércio, serviços, publicação, medicina, lei, transporte, mídia, e assim por diante, que a pequena burguesia realmente está desaparecendo da cena, especialmente e mais completamente nos países capitalistas.

Eu recordei esta história breve como um prelúdio para chegar à questão da ganância. Eu acredito que para o proprietário pequeno o motivo motriz não é nenhuma ganância, mas simplesmente sobrevivência. Negócio sempre foi um modo de fazer a vida, de viver bem, provendo suas necessidades e as necessidades de sua família. Para os pais, pelo seu instinto protetor, o desejo de prover e assegurar a sobrevivência de seus filhos, segurança, e bem estar, é certamente muito mais forte do que mera ganância. É um desejo de segurança que permeia o capitalismo, mais do que qualquer coisa. As pessoas gostam de sentir seguras e desembaraçadas e ter os recursos para sair das emergências da vida -- uma criança doente, um acidente prejudicial, um companheiro agonizante, depressões econômicas, inundações e secas, terremotos e tornados. Quem pode dizer que tem o bastante para estar realmente seguro? Esta é uma linha indistinta, da necessário juntar um monte de dinheiro para nunca mais ter que se preocupar novamente. E imediatamente após a família é abordada, sempre ha os parentes, e netos, por numerosos projetos que precisam ser feitos. Também, sempre há a chance, de um tumulto e de um caos inesperado, isso caracteriza o capitalismo como um sistema onde uma família pode perder tudo, em um acidente, falência, ou revolução. Assim, quando é que qualquer pessoa sentirá que tem o suficiente?

Considere uma família capitalista de uma cidade pequena cujo negócio tem êxito, e que pode assim enviar as suas crianças para uma faculdade boa, construir uma casa nova grande em uma parte agradável de cidade, dirigir um carro novo, e tirar férias para a Índia Ocidental. Isto é tudo baseado em ganância? Não, é nada mais que um desejo normal de viver bem e estar contente, o qual todo mundo tem. Praticamente todo mundo, com exceção dos ascetas, gostariam de ser livres da pobreza e da labuta, e de desfrutar das coisas boas de vida.

Assim, a sua motivação não é o problema. O problema é que sob o capitalismo o seu bem-estar é ganho pelo empobrecimento de outros. E isto ocorre por razões estruturais, não apenas motivacionais. Quer dizer, ocorre porque o mundo foi dividido em pessoas que compram poder de trabalho e pessoas que vendem poder de trabalho. Há só estas duas escolhas: ou você está em negócio teu ou você é mão-de-obra contratada. Mas nossa família capitalista de cidade pequena não pode se culpar por isto. Eles não fizeram as coisas deste modo. Eles nasceram em uma ordem social já existente. É tudo que eles sabem. Eles podem considerar infeliz que algumas pessoas sejam pobres, mas eles não vêem isto como qualquer erro seu. Pelo contrário, eles vêem isto provavelmente como um erro dos próprios pobres, porque eles não tiveram sucesso, considerando que eles (nossos empresários) tiveram. A maioria deles provavelmente sente que merece o que tem, porque eles trabalharam duro para isso (e a maior parte dos pequenos proprietários trabalha duro).

Voltemos aos primórdios do capitalismo, então dê uma olhada na situação. Pensava-se que o capitalismo foi estabelecido pela burguesia que subverteu a aristocracia rural, de forma que uma classe substituiu outra, como classe dominante, durante um certo tempo. Agora porém nós sabemos que isto é verdade apenas parcialmente. Houveram consideráveis alterações entre as famílias da classe dominante feudal em sua migração para o capitalismo. Quer dizer, muitos aristocratas conseguiram se transformar em capitalistas, e assim ficar na classe dominante. Isto foi principalmente determinado pela agricultura capitalista, mas também pelos membros da aristocracia rural que entraram no comércio, tornando-se vistosos mercadores. Com o desmoronamento do feudalismo, tinha que ser encontrada uma nova forma de extrair mais valia dos produtores diretos. A invenção de capitalismo foi a resposta a esta necessidade. Os velhos

governantes participaram ativamente neste processo tanto quanto os novos burgers. Falar deste processo histórico como algo incentivado pela ganância é simplificar demais as coisas. Os burgers eram claramente empresários de nível principalmente pequeno que tentavam ganhar dinheiro, mas fazendo isto de um modo novo (vivendo de lucro). Da mesma forma que os aristocratas, os governantes procuravam manter a si mesmos e suas famílias no poder, e não acabar com ele, aboli-lo, ou subvertê-lo. Isto envolveu também o desejo por mais poder, como também dinheiro, e o desejo de sobreviver, o desejo de manter o modo tradicional de vida, de forma a permanecer vivendo bem, e assim sucessivamente. O que aconteceria a eles se a ordem existente fosse mudada ou destruída? Cabeças rolariam? Eles perderiam tudo? É o medo, mais que a ganância aquilo que os dirige. Eles temem pelas suas vidas. Se a ordem social existente se desmoronar, eles não apenas podem terminar pobres, mas mortos.

A mesma coisa aconteceu com a classe assalariada rural. A imagem tradicional é de proprietários de terras expulsando os camponeses para fora das terras comuns e para fora das propriedades camponesas, de forma que esta terra pudesse ser usada pelos senhores para cultivar ovelhas para a venda de lã na indústria têxtil. Uma recente pesquisa estabeleceu porém que o proletariado foi criado em parte desde abaixo. Uma família camponesa de alguma maneira adquiria um ou dois campos extras, e eventualmente necessitava de ajuda para trabalhar essa terra extra, assim eles contrataram essa ajuda. E assim emergiu uma classe de camponeses mais bem sucedidos e uma classe maior de camponeses que tinha menos terra do que antes de se tornarem assalariados para completar suas rendas. Estas famílias mais ricas de camponeses estavam dentro da mesma situação que a família de pequena empresa discutida acima. Eles estavam tentando viver um pouco melhor e ter simplesmente um pouco mais de segurança.

Eu não vejo nenhum problema com qualquer um que queira ser rico. Eu mesmo gostaria de ser rico. Eu quero mais, de tudo. Eu quero poder desfrutar as coisas boas da vida. Acho até que todo mundo deveria ser rico. E haverá atrito. Sob o capitalismo, da mesma maneira que sob quaisquer ordens sociais previamente baseadas em hierarquia e classes, todo mundo não fica rico. Alguns ficam ricos, enquanto a maioria permanece pobre. Na realidade, poucos são ricos precisamente porque muitos são pobres, porque a riqueza de poucos é riqueza roubada, surrupiada do trabalho de muitos. Se todos nós enriquecêssemos conjuntamente, e se isto fosse realizado sem destruir a terra, seria completamente outra coisa. Seria paraíso em terra.

Um problema em focar a ganância como sendo o problema principal do capitalismo é que contribui como um apelo à austeridade. Leva algumas pessoas a discutir que nós deveríamos deixar o que nós temos e viver com frugalidade, e reduzir gastos e consumir menos. Esta tendência era bastante pronunciada dentro da Nova Esquerda dos anos sessenta nos Estados Unidos. É verdade que este impulso também estava baseado na convicção de que o padrão alto de vida nos Estados Unidos só foi tornado possível pela espoliação do resto do mundo, e também na convicção de que tal padrão alto de vida não pode ser mantido, certamente não para o mundo inteiro, sem destruir a terra. Mas estas duas convicções não precisam levar ninguém a abraçar a austeridade. Em vez disso, eles poderiam ter conduzido uma luta por igualar a riqueza, de forma que todo mundo pudesse viver melhor, e procurando modos de criar riqueza sem destruir a terra.

Mas isto não aconteceu, pelo menos não em uma escala muito grande. Ao invés de adotarmos 'pobreza voluntária' -- grande número de radicais que abraçam uma vida restrita voluntariamente -- menos viagens, habitação inadequada, menos roupas, menos ferramentas, menos entretenimento, menos férias, nenhum dinheiro para empreender projetos, menos educação, menos segurança contra acidentes e doença, uma vida precária, e assim sucessivamente. (Naturalmente, não me refiro a radicais que vivem frugalmente de forma a terem tempo e recursos para a luta.)

Este tem sido um grande erro, eu acho, e não é certamente o modo de destruir o capitalismo. Você não pode conquistar opositores ao capitalismo pedindo-lhes para que abram mão daquilo que tem, para os outros. Você tem que os convencer de que eles podem ficar até mais ricos, e tem um padrão mais alto de vida, e uma qualidade melhor de vida, sob outro arranjo social, e que isto pode ser verdade para todo mundo, e pode ser feito sem destruir a terra. O desejo de estar seguro e muito bem é uma motivação humana muito poderosa que não deveria ser confundida com ganância.

Outro problema com a idéia da ganância como uma crítica ao capitalismo é que confunde indivíduos com relações entre indivíduos, ou seja, não leva em consideração a estrutura do sistema (relações padronizadas entre as pessoas). Ganância é uma característica de um indivíduo. É uma característica de uma personalidade, uma falha de caráter, um falha moral. O remédio para a ganância é conseguir que os indivíduos sejam melhores, melhores espiritualmente. Isto conduz às pregações, para moralizar, no esforço de transformar os indivíduos em pessoas menos gananciosas. É uma tarefa religiosa, um trabalho para padres e evangelistas. Falta uma dimensão social. Então, essa sermoneização secundariza completamente, ou mesmo desvia, a luta de classes pelo poder, pela propriedade e pela distribuição da riqueza.

Mais poderosa e precisa, que a noção de ganância, é a idéia da exploração. Esta foi a condenação moral original do capitalismo que emergiu no princípio do décimo nono século. Esta é uma idéia social; a exploração precisa de pelo menos duas pessoas. Caracteriza uma relação. Não é um nome para um fracasso moral individual. O capitalismo está condenado porque está baseado na exploração de uma classe por outra, de forma que a classe exploradora pode enriquecer, ou simplesmente permanecer no poder. Mesmo antes, digamos, na revolução inglesa do décimo sétimo século, o sistema de classes de ricos e pobres, de senhores e camponeses, também foi condenado por condições morais, por ser injusto. A crítica radical do capitalismo (e antes disso, a crítica camponesa ao feudalismo) sempre esteve baseada em uma condenação ética do sistema, e não só na falha moral de indivíduos dentro da classe governante. O problema não está em ficar rico, o problema está em adquirir estas riquezas às custas de outros.

Até meados do século dezenove, o capitalismo chegou a ser compreendido como um sistema de roubo. (Marx foi largamente responsável por isto, provando que aquele lucro vinha de salários não pagos em vez da venda do produto.) Roubar claro que é muito mais crime que mera ganância. (Afinal, ganância é mesmo crime, ou apenas um pecado?) Se este roubo é baseado em assassinato, sem mencionar todos os tipos de menores abusos, então a condenação moral do capitalismo começa a assumir um aspecto agudo. Há muitas pessoas gananciosas que estão, não obstante, pouco dispostas a recorrer ao roubo e ao assassinato para satisfazer seus apetites. É a vontade de alguém tornando-se maior que sua ganância que o leva a roubar (e pior) transformando-o em criminoso, não apenas seu desejo de ficar rico. Diante do fato de que o capitalismo é inerentemente um sistema de roubo, e diante do fato de que os capitalistas, enquanto classe, recorrem regular e sistematicamente à mentira, brutalidade, tortura, opressão, assassinato, e à guerra para defender sua fraude, os capitalistas não são meramente gananciosos, eles são completamente criminosos. É retratando e expondo os capitalistas como os criminosos que eles são, que poderemos começar a penetrar suas defesas ideológicas e destruir sua credibilidade.

É porém verdade que este aspecto ético da rejeição radical de capitalismo foi emudecido, ou às vezes perdeu-se completamente, durante as muitas décadas quando o "marxismo científico" prevaleceu sobre os movimentos anticapitalistas. Durante estas décadas muitos ativistas acreditaram que o colapso do capitalismo era inevitável, por causa das leis da história e da dinâmica interna do próprio sistema. Estas convicções tenderam a emudecer ou negar a dimensão moral das suas lutas, e os fez perder a visão do fato de que eles estavam lutando contra a injustiça. Nos anos sessenta muitos radicais da Nova Esquerda começaram a fazer um esforço para recuperar aquela elevada base moral (que foi capturada em grande parte por direitos distantes) e restabelecer a dimensão ética de lutas anticapitalistas.

A ênfase da ganância talvez tenha sido em parte responsável por isso. A menção da ganância é colocada como um contraponto à idéia do 'determinismo econômico' tão característico do vulgo, marxismo mecânico. Este é um modo de dizer que não são as leis da história que são retorcidas, mas a concreta falha moral das pessoas reais. É um modo de rejeitar a idéia de que a economia determina tudo, e de restabelecer um papel à intervenção humana. Infelizmente, como tenho explicado, a 'ganância' não é exatamente a ferramenta certa para esse trabalho. Outras armas no arsenal radical são mais poderosas, como a 'exploração', ou até mesmo a 'alienação' (outro conceito que dá ênfase aos aspectos sociais de uma relação -- a alienação dos trabalhadores, pelos donos da propriedade, dos produtos do seu trabalho, e de tal forma que os trabalhadores se tornam meras ferramentas nas mãos de outra pessoa no processo de trabalho). A 'criminalidade' é uma das acusações mais poderosas. Na maioria dos países há leis contra coisas que os capitalistas fazem regularmente. Em vez de criticar os capitalistas por serem gananciosos, nós deveríamos prendê-los por seus crimes.

Enfatizar a ganância como sendo o problema principal do capitalismo conduz a outras campanhas mal orientadas, como a 'campanha salarial' ou a reivindicação por 'corporações socialmente responsáveis'. A campanha salarial não é uma luta contra o capitalismo, mas apenas contra baixos salários. Os salários caíram a níveis tão baixos para milhões de trabalhadores, até mesmo nos países ricos, que não dá nem para viver. As corporações, dizem, estão tendo muito lucro; elas estão sendo gananciosas; elas devem pegar menos para elas, seus acionistas e seus executivos, e pagar salários mais altos para seus empregados. Assim em vez de tentar abolir um sistema em que alguns vivem de salários enquanto outros viverem de lucros, estes ativistas estão limitando as suas demandas a somente adquirir 'salário melhor'. Isso me faz lembrar aquele velho slogan absurdo, 'pagamento justo para trabalho justo'. Debaixo do capitalismo não há nenhuma coisa parecida com pagamento justo; é estruturalmente impossível; o sistema é inerentemente injusto, é baseado em extrair como um sifão, pela força, parte da riqueza criada pelos produtores diretos.

O recente clamor, de muitos progressistas, pedindo por 'corporações socialmente responsáveis' é outra conversa fiada, e também se origina em parte da idéia da ganância. É assumido que corporações poderiam fazer isso, bastaria que elas não

fossem tão gananciosas, e que fossem mais generosas e responsáveis. Porém, esta suposição julga mal a natureza da besta. As corporações, pela sua própria natureza, são inerentemente irresponsáveis. Por exemplo, elas não poderiam sobreviver se elas tivessem que absorver todos os custos externos de suas operações. Possivelmente elas nem mesmo poderiam lucrar. A capacidade de repassar (para o público) muitos dos custos de produção é quase que uma definição do capitalismo, como um sistema de competição, baseado no lucro, nas corporações, e apoiadas por nações-estado. Eles nem mesmo poderiam sobreviver por muito longo se eles elevassem muito os salários, ou o dinheiro gasto em segurança, porque as outras corporações não fariam o mesmo e estariam em breve fora do negócio. Nós precisamos ter esta luta entre os capitalistas em mente quando olharmos para os sweatshops, as minas inseguras, e locais de trabalho contaminados, e não limitar nossas críticas à crueldade e à ganância dos capitalistas, mas dirigi-la ao próprio sistema (embora obviamente tais capitalistas têm que poder engolir o que eles estão fazendo que já é uma acusação forte dos caráter deles pelo menos).

Por outro lado, quando vemos uma corporação que ocasionalmente 'atende seus empregados', que ouve suas reivindicações, com salários 'decentes', planos de pensão, participação nos lucros, licença médica, férias boas, licença de maternidade, atende reclamações, respeita a jornada de oito horas, e assim sucessivamente, temos que nos lembrar que tudo isto ainda está baseado na escravidão-assalariada, na expropriação da riqueza dos produtores diretos, assim, portanto, a injustiça permanece. Além disso, até mesmo tais políticas de benefícios entraram em vigor originalmente no contexto de uma forte movimentação de trabalhadores que elevou os padrões para todos os trabalhadores, mesmo para aqueles que não tinham sindicato. Agora que os sindicatos praticamente saíram de cena nos Estados Unidos, benefícios como estes têm desaparecido rapidamente. É duvidoso que tais corporações 'liberais' permaneçam durante muito tempo em seu curso ascendente. A maioria dos americanos já está trabalhando horas mais longas, a um passo mais rápido, e por menor salário, do que a trinta anos atrás. Em resumo, a campanha por 'corporações socialmente responsáveis' é ridícula, totalmente reformista, e completamente incapaz resolver as crises sociais e ecológicas que estão oprimindo a humanidade.

Muitas corporações tentam se retratar como socialmente responsável, principalmente dando dinheiro a boas causas como, naturalmente, orquestras sinfônicas, artes, pesquisa científica, educação, e coisas parecidas, tais verbas que freqüentemente saem do fundo de dívida pública para estas atividades (fundos que são destripados dos orçamentos do governo por legisladores incorporados/comprados). Eu sempre pensei que se uma companhia tivesse suficiente dinheiro extra para fazer isso, ou deveria elevar os salários de seus empregados ou deveria abaixar os preços de seus produtos. Não existe nenhum negócio que possa se dar ao luxo de praticar filantropia. É bastante óbvio, entretanto, que as corporações usam este presente como um estratagema de relações públicas; a despesa pode ser considerada parte do seu orçamento de propaganda; é projetado para melhorar a imagem da empresa. Se o público está preocupado com o meio ambiente, as corporações se apressam cobrindo-se de verde. Da mesma maneira que faziam os Fords, Mellons, e Rockefellers, antigamente, montando fundações filantrópicas, dando milhões para boas causas (mas boas causas que, a propósito, nunca desafiam o próprio sistema), boas causas que tentam minimizar um pouco a raiva do público à pilhagem que praticam, assim, constantemente, nossas corporações super-contemporâneas tentam melhorar suas imagens ligando-as a atos meritórios. Claro que tais corporações não deixam transparecer que todas essas despesas são compensadas do fundo de dívida pública. Acrescente-se que muito dessa filantropia incorporada contemporânea não é feita através de fundações semi-independentes, mas diretamente pelas próprias corporações; configurando um completo e descarado auto-engrandecimento.

Às vezes a crítica estende-se, além de simples ganância, para a 'ganância institucionalizada'. Esta idéia é um pouco mais útil, mas não por muito. Toda sociedade de classe desde o amanhecer da história poderia ser descrita como possuidora dessa tal 'ganância institucionalizada', mas isto não diz muito sobre eles. Não nos conta o que é relevante sobre estas sociedades e na maioria dos casos dá até mesmo uma imagem errada sobre seu funcionamento. E o que é mais importante, não explica os mecanismos pelos quais a mais valia é expropriada de uma classe para outra.

O capitalismo poderia ser definido como 'a institucionalização do motivo do lucro', mas o motivo do lucro não é o mesmo que ganância. Os radicais anticapitalistas muito freqüentemente, quase que exclusivamente concentram o foco de suas lutas em torno de capital e trabalho, negligenciando lutas muito mais sérias contra o próprio capitalismo. A luta contra o capitalismo revela muito do que acontece sob o capitalismo. Se um empreendimento capitalista não fizer lucro, desaparece, some, deixa de existir. Ou então é engolido por uma companhia maior, mais lucrativa. Do ponto de vista da corporação, a necessidade de obter lucro, e tanto lucro quanto for possível, é absoluto. É a primeira exigência para sobrevivência. Obter lucro significa expandir-se, encontrar novos mercados, fazer novos produtos. Isto é necessário por causa das pressões de outras corporações, quando todas elas estão tentando fazer a mesma coisa.

Em dezenove séculos, estamos vivendo um dos períodos mais intensos de concentração de capital (de fusões, onde peixe grande engole o pequeno peixe) na história do capitalismo. Estas fusões foram ativadas pelas pressões na taxa de

lucro ao longo do mundo. Esta tendência para fusões é inerente ao sistema, enquanto originária da competição entre as empresas para obter lucro (e então continuar existindo), e, desnecessário dizer, das pressões que vem de baixo, do proletariado que também põe pressão nos lucros. Assim, as corporações tornam-se cada vez maiores. A idéia de que podemos voltar atrás, retornar a um capitalismo composto de milhões de pequenos proprietários, é completamente irreal. Esta suposição ainda está latente em muitos protestos populistas nos Estados Unidos. Estes populistas não dirigem sua raiva contra o capitalismo, mas apenas contra corporações gigantescas.

Esta análise também é válida para os 'big boys', operando em um mercado mundial impregnado pelo vício da competição, corporações baseadas no lucro, cuja sobrevivência é a força motriz, não a ganância. A idéia de que quaisquer destas empresas poderiam, se apenas quisessem (quer dizer, se apenas eles fossem tocadas por pessoas mais agradáveis), começar a se comportar de modo mais generoso e responsável, é uma ilusão total. Às vezes as corporações podem ser forçadas a se comportar responsabilmente por regulamentações governamentais sobre todas as indústrias de forma a eliminar a vantagem competitiva por parte de qualquer empresa individual que se comporte irresponsavelmente. Mas nós estamos agora no meio de um grande período de desregramento. Os neoliberais lançaram uma agressão contínua ao regulamento do governo no mundo dos negócios. Assim, os governos estão perdendo o poder de reinar sobre as corporações individuais ou as indústrias para proteger o capitalismo como um todo. Quer dizer, para atender aos interesses dos capitalistas enquanto classe, os governos estão perdendo a habilidade de agir (a menos que os interesses de classe verdadeiramente repousem no neoliberalismo, enfraquecendo os governos nacionais, e a nova ordem mundial; o que eu duvido). Determinado esta situação, os populistas estão pedindo por 'corporações socialmente responsáveis', uma ação bastante ingênua, talvez até mesmo irresponsável.

Outra noção às vezes utilizada para diagnosticar nossa atual situação é a 'cultura materialista' que é um pouco conectada à idéia de ganância mencionada anteriormente. É pensar que nossos problemas se originam de nós mesmos. Quer dizer, somos muito materialistas. Somos viciados em 'coisas'. A solução para os dilemas medonhos o mundo está em, de acordo com essa visão, nos desvencilharmos desse materialismo, reformar nossa mente, deixar de querer tudo, e simplesmente aprender a viver mais. Eu tenho problemas com esta idéia.

Em primeiro lugar, eu acredito que a maioria das comunidades humanas ao longo da história foi materialista. Elas tiveram que ser para sobreviver. Elas tiveram que ter uma certa quantidade de coisas materiais essenciais por eles para viverem -- comida, abrigo, roupa, ferramentas, transporte, armas. Eu duvido entretanto que pessoas que se queixam da cultura materialista estejam falando sobre estas necessidades cruas. Eles estão falando sobre coisas das que você não precisa. Mas há um pequeno engano aqui. As necessidades são socialmente definidas. Um artigo que é considerado desnecessário em uma cultura, pode ser considerado bastante essencial para uma pessoa comum em outra cultura. Fora as necessidades vitais de nutrição e de abrigo contra o frio, as necessidades humanas são em sua quase totalidade culturalmente definidas, e variam consideravelmente, historicamente, de cultura para cultura. E por que não deveria? Por que pessoas diferentes não deveriam ter gostos diferentes e modos diferentes de satisfazer suas necessidades? E por que nossas necessidades não deveriam se expandir conforme ficamos mais ricos? Por que não deveríamos tentar enriquecer nossas vidas tanto quanto podemos?

Além disso, eu acredito que o 'cultura materialista', enquanto idéia está sendo atualmente usada, um produto capitalista é bastante óbvio em si mesmo. Sob o incessante estigma de vender, vender, vender, as corporações se esforçam poderosamente por criar necessidades, e conduzir uma demanda para seus produtos e serviços. Anunciar é uma indústria enorme, que nos pressiona a comprar incessantemente. Muitas outras pressões sociais também funcionam para que compremos artigos. A pessoa comum é uma vítima desta cultura materialista, não a sua causa. Isto poderia ser chamado de falso materialismo, ou um materialismo que ocorre por osmose. Provavelmente não deveríamos nem mesmo chamar isso de materialismo, mas de 'mercadorismo', 'comercialismo', ou 'consumismo'. Eu faço compras, você faz compras, nós fazemos compras, eles ganham. É a cultura do capitalismo que promoveu uma gama inteira de necessidades, uma agenda inteira de prioridades irracionais que poderiam ser consideradas até mesmo como imateriais uma vez que conduzem a morte, em lugar de sustentar a vida. Alguns capitalistas valorizam o lucro mais do que a própria vida.

Muitas das necessidades que julgaríamos desnecessárias em outra sociedade, é essencial nessa. Estamos presos em muitas destas necessidades. A maioria de nós precisa de um carro, por exemplo, para trabalhar ou ir até um supermercado distante (na ausência de trabalho em casa, de transporte público, ou de supermercado ao lado). Precisamos de nossa própria casa ou de um apartamento, na ausência de alojamento comunal ou cooperativo. Precisamos de um refrigerador, uma vez que os alimentos disponíveis necessitam ser mantidos na geladeira. Precisamos de máquinas para lavar nossas roupas, temos que comprar estas máquinas ou alugá-las. Precisamos de um fogão para cozinhar nossa comida. E assim sucessivamente. O capitalismo reconstruiu (de um modo bem casual e irracional) quase todo o mundo material humano, e



no processo nos prendeu a uma multidão de necessidades que não podem ser abolidas apenas pelo desejo. Teremos que mudar praticamente todo o mundo social e então reconstruir a planta física dentro a qual nós vivemos para eliminar muitas destas necessidades.

Assim o que é necessário urgentemente é que nós redefinamos o que é que realmente significa viver bem e desfrutar de uma elevada qualidade de vida. Mas isto não pode ser feito abstratamente. Deve ser feito como parte da luta que se opõe às definições destrutivas da riqueza e do bem-estar que foram impostas pelo imperativo capitalista de maximizar lucro para os proprietários. O olhar material de uma sociedade verdadeiramente livre, procura facilitar ao máximo o desenvolvimento de cada indivíduo, bem diferente do que acontece agora.

Há um ângulo ligeiramente diferente a considerar aqui. Em lugar de se criticar alguém por ser materialista, nós poderíamos criticar os capitalistas por nos impedir de satisfazer nossas necessidades materiais. A verdade é que, a despeito dos seus milhões de produtos, mercadorias e de serviços, o capitalismo não nos proporciona bens materiais. Somos a esquerda exigente. Temos muitas necessidades materiais urgentes que não estão sendo satisfeitas -- a necessidade básica de comida, roupa, e abrigo (para bilhões das pessoas), a necessidade de alimento nutritivo (para a maioria de nós, inclusive nos países ricos), a necessidade de ar limpo, a necessidade de tempo para brincar, dormir, amar, dançar, cantar, a necessidade de água limpa (um artigo cada vez mais raro), a necessidade de um ambiente impoluto, a necessidade de um trabalho gratificante, a necessidade de vizinhos, a necessidade de segurança e de lugares de trabalho saudáveis, a necessidade de parques, a necessidade de piscinas e ciclovias, a necessidade de recursos para viajar. A lista de nossas necessidades materiais não satisfeitas são longas.

Uma leve variação no tema da "cultura materialista" é o tema da "cultura da ganância" Não há dúvida alguma de que o capitalismo está envolvido na "cultura da ganância", mas isto não significa que tal cultura seja o motor que movimenta o sistema. A cultura de ganância é mais um resultado da operação normal da motivação do lucro, em vez de sua causa, da mesma forma que ocorre no individualismo fanático, a competitividade, o fetichismo da privacidade, as pessoas sem memória, o materialismo, e todas as outras dimensões da cultura capitalista. Os capitalistas não só ergueram as instituições sociais das quais eles precisam, mas trouxe junto com elas todo um aparato cultural para apoiar as suas práticas, e até pior, amoldou nossas próprias personalidades e estrutura de caráter para ajusta-las às condições prévias do sistema dirigido ao lucro. O desaparecimento de todos os outros valores, restando apenas o comercial, é portanto um resultado não uma causa. Mas este resultado definitivamente está lá -- massas de indivíduos procurando apenas por si mesmos, tentando adquirir tanto quanto podem, do jeito que podem, com definições muito estreitas de qualidade de vida, de enriquecimento material, e de bem-estar. Mas não podemos simplesmente exorcizar o individualismo, a competitividade, e a ganância de nossas personalidades, diretamente, na base do pessoa-para-pessoa, pela exortação, mas tais coisas podem ser eliminadas, no final das contas, e em um patamar volumoso, apenas pela destruição dos arranjos sociais fundados na motivação do lucro, na escravidão-assalariada, e na propriedade privada. Claro que primeiro tem que haver pessoas querendo fazer isso.

Consideremos um grupo de corporações engajadas em coisas piores do que o assassinato. Centenas de corporações gigantescas produzindo o carvão no mundo, o petróleo, e o gás natural, cuja combustão aquece a terra. Diante disso não é apenas de ladrões e de assassinos que estamos falando, mas também de genocidas, ecocidas, e possivelmente até de planetocidas. Não se trata aqui dessas companhias estarem produzindo estes produtos em resposta a uma demanda. A verdade é que eles conspiraram primeiramente a criação dessa demanda, posteriormente conspiraram para manter uma dependência mundial de combustíveis fósseis. Por exemplo, as companhias de petróleo juntamente com os fabricantes de automóvel, nos Estados Unidos, antes da II guerra mundial, conspiraram por destruir o sistema de transporte de massa da nação. Em muitos casos, eles simplesmente compraram o sistema de bonde de uma cidade, e depois o desmantelava. Vias férreas foram ignoradas a favor de caminhões. A nação ficou dependente em automóveis e caminhões, e teve que construir um sistema de rodovia vasto, às custas do Estado, para a felicidade desses empresários, que também conduziram à criação de áreas suburbanas e centros comerciais para acomodar um dos padrões mais notórios construídos pela determinação humana. As corporações beneficiadas tiveram uma grande participação em tudo isso. Nada disso aconteceu naturalmente, acidentalmente. E agora, como durante as últimas décadas, eles têm conspirado vigorosamente para bloquear o aparecimento de fontes de energia não-poluentes, como a solar, a eólica, ou a energia térmica. Trata-se de corporações enormemente ricas e poderosas que gastam milhões em propaganda e intrigando legisladores do mundo inteiro, derrotando esforços para lidar com o problema do efeito estufa, derrotando esforços para trocar a energia suja por energia limpa.

Assim o que vemos aqui? Apenas ganância? É bem mais complicado do que isso. É consideravelmente pior do que isso. É a motivação pelo lucro do sistema capitalista funcionando melhor do que normalmente o faz. Os empresários sempre buscaram usar o estado, desde os primórdios do capitalismo, para ganhar vantagens competitivas para eles mesmos. Eles também buscaram sempre muitas formas de repassar o custo de suas operações. As companhias de petróleo

estão fazendo a mesma coisa que as empresas capitalistas sempre fizeram, embora as conseqüências neste caso sejam consideravelmente mais medonhas. Não se trata apenas de ganhar dinheiro. Trata-se de ganhar dinheiro acima de tudo, devotar a vida a essa causa. A meta é ganhar dinheiro, e ganhar dinheiro a qualquer preço, não importa o que isso custe para os outros. Quer dizer, trata-se de produzir lucro, e sobreviver como um ator no sistema. Angariar lucros precede todas as atividades e desejos humanos. É por isso que dizem que 'a economia' domina sociedade (quer dizer, os acumuladores de capital dizem). No que diz respeito às companhias de combustíveis fósseis, produzir lucro é mais importante do que a sobrevivência de uma terra habitável! Privilegiar a produção de lucro é inerente ao sistema, está profundamente embutido nele, e não pode ser erradicado melhorando a qualidade moral de indivíduos. A posse privada de propriedades produtivas tem que ser abolida, como também as classes, e o próprio estado, substituí-los todos por cooperativas, e formas sociais democráticas.

O problema é, e este é outro fator complicado que muitas das pessoas envolvidas nestes corporações, e até mesmo os legisladores que os apoiam, acreditar na propaganda que eles mesmos fazem. Eu acredito sempre houve um eixo central bastante grande de realistas de senso prático que ocupam posições de poder e que fixam a política, ou que talvez trabalhem por detrás dos panos, e que não acreditam na propaganda. Estas pessoas vêem as coisas como elas são, vêem seus inimigos claramente, sabem exatamente aquilo que estão fazendo e das conseqüências de seus atos, sabem que seus indicadores estão certos, mas, não obstante, prosseguem como negociantes do lucro, defendendo-o, até mesmo com tortura, assassinato, e bombardeio. Estas pessoas são verdadeiramente perversas.

Mas para muitos, talvez até mesmo para a maioria dos capitalistas, eles não acreditam que estejam fazendo qualquer coisa errada. Uma ideologia não serve apenas para iludir ou lavar o cérebro das vítimas de um sistema. Uma ideologia é feita também para os governantes. É uma justificação intelectual, moral, racional para o que eles estão fazendo. É natural que eles, de qualquer maneira, acreditem nisso, ou a maioria deles. Você não pode passar a vida inteira sabendo que você é um ladrão e um assassino e muito provavelmente até mesmo um destruidor da terra e da humanidade. O verdadeiro mal existe, age, está, mas não nas pessoas comuns. Uma grande parte do trabalho dos radicais é penetrar esta defesa ideológica e convencer estas pessoas de que as suas ações são inescrupulosas. Depois disso vem a questão de negociar com os fazedores de lucros que já sabem disso mas não dão a mínima.

Quero agora levantar um caso que tenho que admitir não ser outra coisa senão a ganância em sua forma mais pura -- os salários que recebem os executivos incorporados. Os milhões que eles recebem é absurdo.

Será que um executivo de talento é tão difícil de encontrar para que as corporações paguem tão alto para atraí-los? Eu não penso assim. O que é mais provável que tenha acontecido é que estes executivos chegaram a uma posição onde eles podem determinar seus próprios salários, com ninguém ao redor capaz ou disposto a impedi-los. Alguns deles estão exigindo até mesmo títulos milionários, em indenização por demissão, para quando eles levarem um pé na bunda de uma companhia, para quando forem derrubados de seus postos. Conseqüentemente estes executivos suprimem salários ou inflam os preços de forma a angariar milhões, mesmo que isso signifique destruir a companhia que supostamente eles estão administrando (dirigindo-a para a falência), nesses casos a ganância desenfreada parece ser o motivo. Isso não é racional nem mesmo do ponto de vista dos capitalistas.

Os especuladores financeiros atuais que trabalham nos mercados de valores do mundo são outro exemplo de indivíduos freneticamente gananciosos. Estes sujeitos são basicamente velhacos, embusteiros, tratantes, enganadores, mentirosos, vagabundos, malandros, vadios, operando em mercados financeiros recentemente desregulados (um desregramento criado pelas instituições financeiras, mas que nem por isso os deixam menos velhacos). Os especuladores não são numerosos, mas eles podem movimentar bilhões de dólares durante uma única noite, jogando com o futuro de economias inteiras. Eu suspeito que os próprios financistas logo terão essa aberração sob controle. Enquanto isso, nós estamos testemunhando o efeito devastador da ganância individual em um patamar elevado (ou talvez apenas alguns jogadores viciados, criminosos que jogam nas altas esferas, às nossas custas).

Mas este não é o modo normal das coisas funcionarem sob o capitalismo. O modo normal é obter lucro, explorando os escravos-assalariados, e defendendo todas as instituições necessárias para perpetuar esta exploração, pelo assassinato e pela guerra se for necessário. É este sistema de exploração que tem que ser desfeito, não apenas a ganância.

Capitalistas têm uma escolha, naturalmente. Eles não têm que continuar fazendo isto. Eles podem deixar de ser capitalistas. Eles podem deixar de produzir lucros e podem se tornar escravos-assalariados. Eles podem deixar a classe dominante e podem se unir às massas oprimidas, e houve alguns revolucionários notáveis que fizeram isso. Se os capitalistas ficarem envergonhados do que eles estão fazendo, eles podem deixar de fazer isto certamente. Mas se eles

permanecerem capitalistas, o comportamento deles está prescrito: eles têm que produzir lucros para sobreviver, sejam são gananciosos ou não.

Uma última advertência é necessária. A análise anterior não se aplica a corporações sem lucro. Estas corporações não dependem da produção de lucros para sua sobrevivência, mas em agradar seus patrocinadores ou sócios, de forma que as concessões ou doações continuem entrando. Assim é uma dinâmica completamente diferente. Os salários inchados de alguns executivos em muitas destas organizações pareceriam ser irracionais e disfuncionais do ponto de vista das metas da organização, porque eles tiram os recursos de forma sifonada e criam uma completa desigualdade de renda dentro da organização, e conseqüentemente reduzindo a efetividade da organização. Isto é difícil de explicar. Mas talvez aqui a "cultura da ganância", vomitada pelo sistema de lucro circunvizinho, funcione mais do que qualquer coisa, facilitada, claro, pelas hierarquias inevitáveis, pelas diferenciais de salário, pela mobilidade superior, e por todo sistema. Os polpudos salários de muitos professores estáveis provavelmente se ajustam nesta categoria.

Eu espero ter argumentado bem o suficiente a ponto de persuadi-lo.

## Regra de maioria

Por Jared James, janeiro, 2001

A regra de maioria é um procedimento de votação para solucionar discordâncias dentro de uma assembléia deliberativa. Às vezes pode ser combinada com outras regras, requerendo unanimidade ou dois terços dos votos em certos assuntos. Mas quais procedimentos de votação serão usados para selecionar procedimentos de votação? Quer dizer, que regra será usada para optar pela regra de maioria, unanimidade, dois-terços, ou o seja lá o que for? E como essa decisão será tomada? Estamos evidentemente diante de uma situação difícil.

Na realidade, o estabelecimento, para qualquer assembléia, dos procedimentos originais de votação normalmente acontecem através de ordem ou através de revolução (a opção pela unanimidade é rara). Assim normalmente a democracia pode ser estabelecida apenas com uma mistura de regimes. Por exemplo, no caso da constituição dos EUA, os cinqüenta e cinco membros da convenção constitucional decidiram que a constituição seria considerada aprovada se nove entre treze colônias a aprovassem, com a constituição sendo simplesmente imposta pela força nas quatro colônias remanescentes. (Como de fato aconteceu, só duas colônias recusaram a ratificação na ocasião, a Carolina do Norte e Rhode Island, posteriormente, ambas a ratificaram em 1789 e 1790 respectivamente). No caso de tratados internacionais, os escritores desses tratados incluem normalmente regras de adoção no próprio tratado, estipulando quantos países precisam ratificar o tratado antes de entrar em vigor. Isto funciona, naturalmente, apenas se o tratado conter poder de execução, de forma que as condições do tratado podem ser impostas pela força em nações que não o ratificarem. Na ausência de poder de execução, uma nação pode simplesmente ignorar o tratado.

Claro que os parlamentos nacionais tem poder de execução. Uma nação-estado é por definição um monopólio da violência, violência denominada legítima (quer dizer, o parlamento define sua própria violência como legítima e a violência do resto do mundo como ilegítima). os governos nacionais têm forças armadas, agências de inteligência, polícia, e a polícia secreta à sua disposição para obrigar o cumprimento das determinações da maioria parlamentar sobre minoria do parlamento e em todo o resto da nação. Quaisquer outras polícias ou forças armadas dentro da nação é ilegal. Na colocação do sistema de nação-estado, as minorias que recusam aceitar as decisões de maioria têm apenas um recurso (diferente de simplesmente desobedecer e enfrentar multas e prisão) -- guerra civil. Eles podem tentar se separar da nação (da unidade de tomada de decisão), e estabelecer sua própria nação, com seu próprio parlamento (uma unidade própria de tomada de decisão).

A situação é um pouco diferente para organizações sub-nacionais como corporações e associações voluntárias. A menos que as decisões desses grupos estejam ligadas às leis nacionais, e assim serem amparadas pelo governo nacional (e muitas decisões de corporações capitalistas o são), elas não podem ser impostas pela força, uma vez que tais organizações não têm nenhum policial para prender e obrigar aqueles que desobedecem. Tudo o que eles podem fazer é expulsar o desobediente da organização, revogando sua participação. Os sócios de uma organização que venham a discordar muito gravemente das políticas daquela organização (mesmo estabelecida por regra de maioria ou por administração), simplesmente deixam a organização, como uma regra. Uma minoria também pode tentar expulsar a maioria, naturalmente, e isto acontece todo o tempo (como em uma aquisição). As associações são assumidas bastante freqüentemente através de minorias que inventam uma maneira ou outra de forçar a maioria a aceitar o projeto.

Também há numerosos casos de divisões dentro de uma associação, em que algumas minorias se retiram e estabelecem outra organização. A história dos partidos políticos, especialmente na esquerda, está repleta de tais divisões.

O princípio de regra de maioria às vezes por si só conduz a uma divisão. Digamos que um grupo pequeno de pessoas resolve se reunir e fundar uma associação para atingir certas metas. Eles estão todos de acordo nestas metas (tarefas, objetivos), e eles também concordam em governar sua associação através da democracia direta, usando a regra de maioria para solucionar suas discordâncias. Os fundadores estão então muito claros sobre o que eles querem fazer. Mas são necessários sócios novos, naturalmente, para que o projeto cresça e realize seus objetivos. Os novos sócios são recrutados, tudo o que eles têm que aceitar são os objetivos originais e os procedimentos de votação estabelecidos como uma condição para serem admitidos como sócios. Não obstante, o recrutamento e o processo de admissão é bastante diferente daquele profundo compromisso para certas metas que reuniu os fundadores originais, e com o passar do tempo, lentamente, uma maioria pode surgir no projeto ao ponto de querer leva-lo em uma direção diferente da originalmente pretendida pelos fundadores. Os fundadores podem se achar assim em uma situação, pelo princípio de regra de maioria, de perder seu projeto, e todos os anos de esforços dedicados em sua construção. Eles estão diante do dilema de abandonar o projeto (tal qual originalmente fundaram) e começar tudo novamente com um outro, ou de partir e abandonar completamente suas metas, ou de permanecer e trabalhar para metas que eles não endossaram originalmente.

É por causa da possibilidade disso vir a acontecer que às vezes os fundadores dos projetos rejeitam a regra de maioria e adotam alguma espécie de regra de elite, por meio da qual os fundadores originais de um projeto podem manter o controle. Esta é de fato a forma organizacional predominante em nossa sociedade, nas corporações e em todas as organizações hierárquicas. Estas organizações recrutam as pessoas para trabalhar no projeto, contratam assalariados para as corporações e sócios para as associações voluntárias (porque quase todos os projetos humanos exigem mais de uma ou algumas pessoas para serem realizados), mas o controle da organização permanece nas mãos de alguns. No caso de corporações, a regra de maioria (controle dos trabalhadores ou democracia no local de trabalho) é obviamente anátema aos capitalistas porque destruiria seu objetivo de fazer lucro. Até mesmo se o empreendimento controlado pelos trabalhadores permanecesse no mercado e continuasse produzindo lucro (em vez de interromper o trabalho cooperativo e deixar o mercado), o lucro não iria para os donos originais, mas seria destinado a todos os empregados. É por isso que os capitalistas enfrentam com unhas e dentes o movimento pela democracia no local de trabalho. É uma vida e luta de morte para eles.

Em organizações não capitalistas, o controle de uma elite pode permitir aos fundadores manter a organização totalmente em curso para algum tempo, mas no final das contas, não há nenhuma garantia. Por que? Porque podem emergir discordâncias entre os fundadores originais, com o surgimento de situações e assuntos novos, que a direção da organização precise levar em consideração diante das novas circunstâncias. Assim, a convicção de que o controle da associação por uma elite é uma solução ao problema de divisões não passa de uma ilusão. Cedo ou tarde, sempre terminamos diante da dinâmica maioria/minoria no que diz respeito às metas e procedimentos do projeto.

O mesmo processo funcionará em nossas assembleias de bairro. Assuma por exemplo que no primeiro encontro de uma assembleia de bairro uma proposta é feita para votar os procedimentos de votação, e que esta proposta ganha apoio unânime. Todo sócio da assembleia concorda solucionar discordâncias deste certo modo e cumpre tais decisões. O que acontece então se surgem novos sócios no bairro ou uma criança alcança maturidade e começa a participar nas deliberações da assembleia? Os procedimentos de votação vão ser votados novamente toda vez em um sócio novo passa a fazer parte na assembleia? Seguramente não. Sócios novos terão que aceitar os procedimentos que já existem. A assembleia pode decidir mudá-los periodicamente, mas isso é uma questão diferente. Assim a unanimidade desapareceu porque os sócios novos não concordaram em cumprir os procedimentos explicitamente (embora eu suponho que aceitação dos procedimentos é feita como condição para adentrar na sociedade). Mas e se os procedimentos fossem votados novamente cada vez que surgisse um sócio novo? A unanimidade eventualmente não poderia vir abaixo de qualquer maneira? Certamente que sim. É fácil ver então que mesmo que uma assembleia comece sendo unânime, permaneça durante algum tempo unânime, com procedimentos de votação determinados, é improvável que permaneça sempre desse modo, porque cedo ou tarde uma pessoa manifestará discordância (ou algum sócio original mudará de idéia), quebrando assim a unanimidade. A unanimidade original não representa nenhuma solução ao problema de divisões e discordância. Sempre haverá discordâncias, e a dinâmica maioria/minoria entrará em cena.

Como um aparte: Que tal se aparecer uma maioria em uma assembleia, e essa maioria não gostar da democracia, emergirá uma assembleia que não gosta mais de democracia, que não goste de democracia direta, que não goste de regra de maioria? Ao invés de democracia direta, esta maioria quer eleger os líderes e inverter as decisões que a maioria toma (ou até mesmo pior, aceitar simplesmente os líderes sem nem mesmo elegê-los). Uma maioria pode usar utilizar a regra de maioria numa assembleia para abolir a regra de maioria? Obviamente não. Isto seria totalmente contraditório, e

representaria um golpe, uma contra-revolução, na realidade se eles pudessem fazer isso. Uma maioria que favorece a tirania não pode usar a regra de maioria para justificar sua preferência. Mas se uma maioria em uma assembleia votasse assim? O que fazer? A minoria que quer manter a democracia teria que se revoltar, rejeitaria a decisão de maioria, e lutaria derrotar a maioria antidemocrática.

Isso mostra-nos que mesmo se existir uma unanimidade inicial na aceitação da regra de maioria como um caminho para resolver divergências, essa unanimidade pode vir abaixo. De fato, pode vir abaixo cada vez que aumentar a oposição a uma decisão de maioria, e não só quando a maioria decide abolir a regra de maioria. Este exemplo também nos mostra que a democracia, uma vez conquistada, nos envolverá dentro de uma interminável luta para mantê-la, embora essa luta possa diminuir em intensidade conforme ganhamos décadas e esperançosamente séculos de experiência com ela, e valores democráticos penetram mais e mais profundamente em nossas culturas e personalidades.

Lancemos outro ingrediente na mistura. Assumamos que nossa assembleia de bairro não tem a polícia a sua disposição, de forma que a maioria não pode impor sua vontade pela força em uma minoria.

Uma divagação: Nós poderíamos querer nos lembrar que a terra estava coberta por dezenas de milhares de anos por caça e ajuntamentos de tribos de seres humanos, e eles não tiveram nenhuma polícia. Também, durante os últimos mil anos, a vasta maioria de humanos morou em aldeias camponesas, e as sociedades eram formadas principalmente por aldeias camponesas, e não havia lá nenhuma polícia. Os impérios que às vezes se sobrepunham a estas sociedades camponesas tinha polícia, cobradores de impostos, e soldados cujo alcance se estendia, normalmente bastante superficialmente, sobre as aldeias camponesas, mas as aldeias livres da interferência policial eram muito bem administradas.

A situação começou a mudar bastante drasticamente quase quinhentos anos atrás com o aparecimento de capitalismo na Europa. Os capitalistas implantaram governos que poderiam monopolizar a violência pela força das armas de forma a defender e obrigar os imperativos capitalistas. Assim, o poder de polícia, e a violência, estendeu-se mais e mais profundamente na sociedade. Lentamente as aldeias camponesas foram destruídas na Europa durante os últimos séculos. Elas, não obstante, ainda eram um tanto quanto proeminentes até à Segunda Guerra Mundial, apenas a partir desse momento foi que, em grande escala, e em todo o mundo, as sociedades camponesas desaparecem quase em todos os lugares. O último meio século viu a derrota final do mundo camponês na maior parte da Europa, o mesmo ocorrendo ao longo do mundo.

Os governos colonizadores europeus que formaram os Estados Unidos são um caso um pouco diferente, eles rapidamente destruíram as tribos caçadoras e as aldeias camponesas que começavam a se desenvolver, enquanto a própria sociedade de colonizadores nunca tiveram aldeias camponesas autônomas. Esta sociedade capitalista foi desde o início. Os cidadãos dos EUA têm vivido ao longo de uma ordem social fundada na violência, de tal forma que é difícil que acreditem que possa haver vida sem isso. Eles nunca souberam de nada diferente disso, e não tem nenhuma recordação de uma sociedade camponesa antes do capitalismo.

Eu só esbocei a história acima para lembrar que policiais não são uma característica inerente, inevitável, universal da vida humana. Vemos uma vez sem eles, e nós podemos fazer isso novamente. Mas tente convencer alguém que mora nos Estados Unidos, por exemplo, de que poderíamos organizar nossa vida social de tal um modo que não precisássemos de polícia, e verá a gravidade do problema.

Vamos agora retornar ao assunto que falávamos antes dessa divagação: se os bairros não tivessem força policial para impor a vontade de uma maioria em uma minoria, como seriam as relações entre a maioria e a minoria dentro de nossas assembleias?

Na ausência de uma força armada policial para impor as decisões de maioria por apreensão, multas, e prisão, devemos ter, entretanto, o cuidado de evitar a seguinte estranha situação que virá certamente: Poderia chegar a ser ponderado que os sócios de uma assembleia que discordam de uma decisão da assembleia não têm que cumpri-la. Em outras palavras, a decisão da maioria não é acatada pela minoria. Isto não encarnaria perfeitamente o princípio da 'obrigação política auto-assumida?' -- Cada indivíduo obedecerá apenas aquelas decisões que aceitar pessoalmente.

Mas, se é assim, então para que é que serve uma assembleia? Por que passar por todo tipo de dificuldade e gastos para construir espaços de reunião, reunir-se, debater os assuntos, e votar, se as pessoas que votam contra uma proposta podem ignorá-la? O núcleo da 'obrigação política auto-assumida' tem que assumir um compromisso de acatar os procedimentos de

solucionar discordâncias. Sem este compromisso para com estes procedimentos, e sem o compromisso de cumprir as decisões que são tomadas a partir destes procedimentos, a democracia é impossível. Se isso não for respeitado tudo que você tem é um espaço cheio de individualistas fanáticos que desperdiçam seu tempo discutindo e votando, com cada um fazendo o que quer e de qualquer maneira. Já existem suficientes individualistas fanáticos à nossa volta, pessoas que nunca fizeram absolutamente nada prático para alcançar políticas cooperativas, acreditam que o fazem devido à soberania absoluta do indivíduo, e que fazem o que querem e quando querem. Tais pessoas são uma grande ameaça à democracia, talvez, diante da cultura contemporânea, representem uma ameaça até mesmo maior do que os tiranos.

Nós já vimos porém que um compromisso para cumprir um procedimento por solucionar discordâncias, digamos regra de maioria, também pode ruir, em casos extremos. Certamente, se uma maioria decidir assassinar um conjunto de sócios da assembléia, aqueles escolhidos para serem executados não vão aderir ao seu compromisso prévio da regra de maioria. Também ruirá se uma maioria decidir abolir a democracia a favor de tirania. Na realidade, pode ruir em quase qualquer extrema rejeição de uma minoria à decisão de uma maioria.

Então, em assembléias deliberativas baseadas na livre-associação e na complacência voluntária em lugar da compulsão e da violência, o que realmente conta é que em cada assunto a minoria tem que decidir se adere ou não a decisão da maioria, embora eles possam discordar. Poderia ser assumido que a decisão de aderir seja rotineira em assuntos de rotina. Mas em casos de grave discordância, se adere ou não imediatamente, poderá fazê-lo posteriormente.

Há outra situação estranha que temos que evitar (que realmente é a mesma situação, mas de um outro ângulo): poderia chegar a ser pensado que a assembléia tem que alcançar 'consenso' em todos os assuntos. O único significado prático do consenso (embora isto raramente seja admitido por seus proponentes) é a unanimidade. A convicção de que toda e qualquer pessoa em uma assembléia tem que aceitar uma proposta antes que a assembléia possa agir é seguramente uma das convicções mais destrutivas e extraviadas que emergiram nos movimentos de oposição nas últimas décadas. O que esta convicção acaba freqüentemente fazendo é tornar toda a assembléia refém da minoria de um, ou da minoria de alguns. Também resulta em uma extrema pressão sobre os dissidentes. Tornando o debate desonesto e compulsivo.

Nem toda pessoa tem que concordar com toda decisão. Tudo aquilo que é necessário é para cada pessoa concordar em acatar uma decisão, embora eles discordem dela. Esta é uma coisa muito diferente, e revela uma expressão aberta e honesta de discordância. Considerando que a chamada regra de consensos, tende a suprimir tais discordâncias.

A que é necessário em nossas assembléias deliberativas é uma medida de intensidade de oposição a qualquer determinada proposta. A meu ver, isto quase nunca acontece. A intensidade varia em grau e em número. Poderia haver uma maioria de cinquenta e um intensamente a favor, e uma minoria de quarenta e nove ligeiramente contra. Poderia haver uma maioria de noventa suavemente a favor e uma minoria de dez intensamente contra. E assim sucessivamente. É esta mistura que é crucial na dinâmica maioria-minoria em assembléias deliberativas.

Nós precisamos de um sistema de votação de duas fases. O primeiro voto mede aprovação ou desaprovação da proposta. O segundo voto mede a intensidade de oposição -- discorda e acata, discorda e acata com mudanças secundárias, discorda intensamente e não acata, e assim sucessivamente. Isto daria para a assembléia o conhecimento que precisa para proceder. Se acha que lá existe uma pequena minoria que discorda intensamente e recusa acatar, então sabe que tem que voltar atrás e repensar a proposição. Sabe que tem que lutar para chegar a um acordo, e trabalhar no assunto até que uma proposta pode ser inventada que todo o mundo possa concordar em acatar, embora alguns ainda possam discordar dela. Isto também traria às claras qualquer minoria que regularmente bloqueia as decisões de maioria, e conduzindo uma luta política ao redor deste assunto, com a possibilidade de que a minoria, ou a própria maioria, possa ser mudada. Este seria um sistema de votação aberto e honesto, em vez de vago, freqüentemente manipulador e desonesto, lutando (freqüentemente até mesmo sem votação!) para alcançar consensos.

Se nenhum acordo pode ser alcançado, uma vez que há uma minoria que se opõe intensamente, então obviamente a assembléia não pode ter uma política comum naquele assunto, não sem um adicional político que contribua em solucionar aquela discordância. Mas diante dos imperativos da vida social cooperativa, todo mundo se dará conta intensamente da necessidade de ter decisões coletivas, se queremos ter sucesso levando a cabo qualquer projeto. É uma rara instância quando cada um de nós faz sua parte.

A democracia está durante muito tempo a caminho, e ainda levará muito tempo para chegar. Por democracia quero dizer não apenas regra de maioria, mas o uso da inteligência humana, por todo mundo, para amoldar os arranjos culturais e sociais dentro dos quais vivemos conscientemente. Nunca teremos, naturalmente, que ter um controle completo de nossas

vidas sociais, até mesmo com a mais completa democracia direta possível, por causa do fenômeno das conseqüências não intencionais. Mas nós podemos dar largos passos nessa direção.

A idéia de democracia já existiu na antigüidade, e foi praticada brevemente. Reapareceu esporadicamente, desde então, em cidades medievais, nas guildas da idade média, em muitas aldeias camponesas (e indubitavelmente em outros lugares também, por exemplo na Liga do Iroquois). Não tem sido assim nos tempos modernos, foi apenas com o aparecimento da convicção na soberania popular que a democracia começou seriamente a ganhar terreno. Contudo, a democracia, no sentido de regra de maioria, nunca foi alcançada em parte alguma em nível nacional. Mas muitos parlamentos da classe governante estão continuamente sendo obrigados a incluir cada vez mais elementos da população, ou pelo menos os representantes desses elementos, primeiro machos brancos não proprietários, depois as mulheres, depois negros e outros grupos étnicos, depois os adultos jovens até a idade de dezoito, e assim sucessivamente. A idéia de democracia em geral, e até mesmo de regra de maioria em particular, se tornou amplamente aceita e profundamente arraigada na cultura contemporânea. Talvez algum dia criemos essa realidade para concretizar nossos sonhos.

## Indigenismo

Por Jared James, Verão, 2001

As questões da nacionalidade e da identidade são idênticas, mas vale a pena tratá-las separadamente. Há um excelente escritor nativo-americano, Ward Churchill, que desenvolve e defende uma teoria. É uma teoria, de nativos ou povos indígenas, que tende a substituir a análise de classe por uma visão, dos últimos quinhentos anos de história mundial, bastante conflituosa com a compreensão do capitalismo. Eu nunca vi uma crítica dessa idéia (embora seguramente algum diário marxista tenha publicado).

É bastante errôneo identificar o inimigo como a Civilização Ocidental, os europeus, ou mesmo os brancos e atribuir os problemas do mundo a estas falsas abstrações. A elevação e expansão do capitalismo não só foi maciçamente resistida no mundo inteiro pelos povos, articulações brilhantes desta resistência foram geradas por escritores e líderes como Fanon, James, Cabral, Nkruman, Gandhi, Magon, Mandela, e Cesaire, como também os próprios europeus também fizeram parte dessa resistência. Os camponeses europeus estavam entre os primeiros povos chamados indígenas ou nativos a serem desapropriados e colonizados pela classe governante capitalista emergente. Eles foram dirigidos para fora de suas terras e forçados à escravidão-assalariada. Suas aldeias, culturas locais e idiomas foram destruídos.

A resistência européia ao capitalismo permaneceu vigorosa e longa. Deu origem a grandes movimentos: o movimento operário, o movimento cooperativo, o comunismo, o socialismo, o anarquismo, o sindicalismo. Resultou em revoluções: as revoluções de 1848, a Comuna de Paris, as revoluções fracassadas na Europa Central em 1919, a Guerra civil espanhola, a Revolução húngara de 1956, a Solidariedade polonesa, e assim sucessivamente. Havia uma excitação mundial de resistência anticapitalista em 1968, e isto também aconteceu ao longo da Europa e o Oeste. Recentemente houve outra onda de oposição global ao capitalismo, que também ressurgiu em Seattle, Quebec, e Gênova. Assim eu acredito que o Indigenismo não identifica o inimigo real, e é portanto incompatível com uma Associação de Povos Livres (anarquismo, comunismo).

De fato, nós estamos testemunhando agora mesmo a população camponesa nos Bálcãs da Europa, sendo atribulada por uma forte, recente, movimentação de escrituração. Neste século XXI, os camponeses ou indígenas da Europa Oriental vem sendo atacados pela civilização ocidental ou pela ofensiva neoliberal capitalista? Acho que os indigenistas terão que se desdobrar para aplicar suas teorias diante dos recentes eventos na Europa Oriental, porque os camponeses são brancos, europeus, em parte são da civilização ocidental, e são indígenas, por este termo queremos dizer que eles viveram lá durante uma eternidade (embora a maioria deles tenha se movido para outro lugar em algum passado distante, originando os chamados povos indígenas na terra). Diante disso eles estão atacando a si mesmos, se nós seguimos o indigenismo.

Assim, rejeição e a resistência ao capitalismo, imperialismo, e ao colonialismo também foi implementada na Europa, não apenas no mundo fora da Europa. Negar isso é torcer a verdade. O próprio Marx escreveu algumas das primeiras análises do colonialismo em seus ensaios na Índia e na Irlanda. A civilização ocidental inclui assim não só o capitalismo, mas também a crítica ao capitalismo. Se nós usamos o termo ele precisa incluir ambos os movimentos, o mal do capitalismo e o bem do anti-capitalismo. Não apenas incluir os europeus brancos que lutaram para impor o capitalismo no

mundo, mas europeus brancos que lutaram para pará-lo e livrar-se completamente de capitalismo. Os termos europeu e branco são falsas abstrações, pois apenas alguns europeus e apenas alguns brancos colonizaram o mundo. Da mesma maneira que é errado para algumas feministas radicais verem todos os homens como inimigos, é também errado os negros nacionalistas verem todos os brancos como inimigos, é errado os americanos nativos verem todas as pessoas não-indígenas como inimigas, é errado os indigenistas culpar todos os europeus e todos os brancos pelo imperialismo.

Assim eu já não posso aceitar a noção de indígena contra pessoas não-indígenas. Eu prefiro pensar em termos de opressores e de oprimidos, exploradores e de explorados, criminosos e vítimas, governantes e governados, em vez de em termos de civilização ocidental contra o resto do mundo, e certamente em vez de brancos contra pessoas de outra cor. a Irlanda, um dos primeiros países a ser colonizado, era uma nação de pessoas brancas.

Na África, as classes governantes são africanas, no Oriente Médio elas são árabes, Turcas, persas, ou judaicas, na Ásia elas são asiáticas. Em geral, classes governantes locais são da raça e etnicidade das suas próprias nações, e ainda assim são intimamente ligados ao sistema capitalista mundial, defendendo-o vigorosamente, e usando-o para explorar seus próprios povos, para seu próprio enriquecimento. Os capitalistas japoneses exploram os japoneses no Japão, Os capitalistas chineses exploram os chineses na China, Os capitalistas hindus exploram os hindus na Índia, os haitianos exploram os haitianos no Haiti. Assim como pode ser reivindicado que os opressores são todos europeus e brancos?

Agora é moda criticar qualquer pessoa que diga que o capitalismo se originou na Europa e de lá se espalhou pelo resto do mundo de uma forma eurocêntrica. O que pode levar alguma pessoa a acreditar em uma ordem social tão ruim como o capitalismo é um mistério a mim. Mas como foi discutido recentemente e de uma forma brilhante por Ellen Meiksins Wood, o anti-eurocentrismo é o próprio eurocentro, é aí que se apoia a teoria européia liberal sobre as origens do capitalismo, como tendo evoluído naturalmente do escambo para o comércio (basicamente, a tese de Pirenne), tal evolução teria acontecido em outros lugares não fosse ela bloqueada pelos europeus, em vez de adotar a análise radical que reivindica que o capitalismo se originou de um conjunto incomum de circunstâncias históricas, não de um desenvolvimento natural, mas de uma aberração. Esta difusão anti-eurocentrista está no mesmo nível de influência crescente do indigenismo, e é igualmente extraviada.

Portanto, eu questiono de fato esse anti-eurocentrismo, visto historicamente, não há esse elemento: povos indígenas. Todos os povos na terra vieram originalmente de algum lugar. Até mesmo os africanos que estão vivendo agora na mesma área onde nossa espécie apareceu pela primeira vez, vieram de um outro lugar, porque aqueles homo sapiens originais há muito tempo se foram, depois de terem migrado aos cantos mais longínquos da terra. Esses que vivem lá agora vieram de outros lugares. Os relatos demonstram que os índios que vivem agora em Chiapas, México, muitos deles vieram recentemente da Guatemala. Todos os povos chamados nativos das Americas vieram originalmente de outro lugar, ou da Sibéria (a teoria tradicional) ou de pelos mares (Cyrus Gordon) eu nunca ouvi ninguém defender que os homo sapiens evoluíram independentemente nas Americas.

Houveram migrações em massa ao longo da história humana -- os hunos para a Europa Oriental, os turcos da Ásia Central deslocaram-se para o crescente fértil e Ásia Menor, os astecas conquistam o maias, os vikings se instalaram na Irlanda, os normandos invadiram a Inglaterra, os russos migram para a Sibéria, os gregos para a Ásia Menor, os francos e céltas para o sul do Império Romano, árabes para a Espanha, os chineses para a Indonésia, os judeus para a Palestina, os africanos para as Americas, os índios para a África do Sul, e sem parar. A raça humana é incrivelmente dinâmica em suas movimentações.

Os povos sempre reivindicaram identidades para si mesmos, sempre procuraram por suas origens, e é isso que queremos dizer por etnicidade. Mas o conceito mais geral de povos indígenas surgiu mais recentemente. Na realidade eu acredito que é de origem bem recente, datando dos anos sessenta, como parte das políticas de identidade que emergiram com a Nova Esquerda nos Estados Unidos. A Nova Esquerda, em sua concepção obtusa de proletariado, inventou uma gama inteira de novas categorias, construindo movimentos sobre elas -- as mulheres, os homossexuais e lésbicas, pretos, idosos, mães, juventude, latinos -- e, como não poderia deixar de ser, os americanos nativos. Havia um movimento chamado, AIM, o Movimento Indígena Americano do qual Leonard Peltier era um membro. Os americanos nativos se tornaram uma dessas muitas categorias (substituindo o conceito de classe) a assumir uma política de identidade. Felizmente, nós estamos testemunhando atualmente, depois de quase trinta tristes anos, o falecimento desta orientação. Isso não quer dizer que não houvessem coisas positivas neste foco, mas não pôde, e não conseguiu, subverter o capitalismo.

Obviamente, a idéia de povos indígenas estabelece um contraste com povos não-indígenas. E em nossa situação



histórica presente todos sabemos quem seriam esses não-indígenas -- os europeus. Nós certamente nunca vemos essa referência sendo utilizada referindo-se ao Sudeste da Ásia ou ao Tibete colonizados pelos japoneses, ou ao Tibete colonizado pelos chineses. Não, não se trata de uma corrente, mas de um desvio na tentativa de conceitualizar a expansão do capitalismo para todos os cantos da terra. Trata-se de fato de uma desconceitualização, porque culpa todos os europeus por algo que apenas alguns deles fizeram. Monta um conflito entre os europeus e o resto da humanidade, ao mesmo tempo em que ignoram o fato de que os camponeses europeus estavam entre os primeiros a serem colonizados, desapropriados, desarraigados, e expulsos, como também ignoram o fato de que as classes governantes locais ajudaram a anexar esses elos à corrente capitalista em todos os recantos e rincões da terra.

Temos que nos lembrar que as grandes migrações dos povos para fora da Europa, que aconteceram sob o capitalismo, não foram todas provocadas por imperialistas e colonizadores. Naturalmente, eles provocaram muitas migrações, mas não foram os responsáveis pela maioria delas. A Austrália foi fundada como uma colônia prisional. A classe governante da Inglaterra expelia seus criminosos e indesejáveis da Inglaterra e os depositava na Austrália. Milhões vieram para os Estados Unidos como criados contratados. Dezenas de milhões de outros vieram por causa do movimento de títulos na Europa. Eles foram forçados a sair para fora de suas terras para viver em outro lugar. Os negros foram trazidos para cá como escravos (e é interessante que nunca são considerados negros, pelos indigenistas, mas como pessoas não-indígenas, não importa onde eles vivam; a mesma calúnia reservada para brancos europeus). A grande onda da imigração irlandesa para este país foi causada pela colonização da Irlanda pelos ingleses que tomaram suas fazendas para utiliza-las para colheitas de exportação, assim, milhões de camponeses irlandeses famintos tiveram que partir -- um processo que vemos agora novamente no mundo inteiro em larga escala. Milhões de judeus europeus orientais vieram a este país para escapar dos massacres, em 1905 especialmente, mas também em outras épocas. As migrações vastas para o Brasil, para a Argentina, Uruguai, e Paraguai também ocorreram por razões semelhantes.

Quando começamos a pensar em termos de indígena versus não-indígena, nativo versus europeu, povo de cor versus branco, entramos de tal forma em um balaio de gatos de contradições que tudo torna-se simplesmente cômico. Os brancos que estão na África do Sul durante mais de quatrocentos anos devem fazer as malas e voltar para a Europa, porque eles não são indígenas? (O mesmo com os brancos da Argélia, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, e Estados Unidos?) Os povos da Argentina, Uruguai, e Paraguai, que são predominantemente de extratos europeus e brancos, devem ser definidos como pessoas de cor e do Terceiro Mundo? Os irlandeses, um dos primeiros povos a serem colonizados, devem ser incluídos como povo indígena oprimido, ou eles são europeus brancos e parte opressora? Os turcos são, muitos deles bem parecidos com os europeus, com cabelos vermelhos e tudo, são de origem hindo-européia, de origem mongol, pessoas de cor ou brancos? Eles vieram da Ásia ou da Europa? Eles são do terceiro mundo ou do primeiro mundo? No final das contas, uma vez eles quase conquistaram Viena e moraram nos Bálcãs por quinhentos anos. Os porto-riquenhos de Nova Iorque, os turcos de Berlim, os argelinos de Paris, os chineses de São Francisco, ou os hindus ocidentais de Londres, todos devem voltar de onde vieram? As comunidades chinesas que estão na Indonésia são indígenas ou não? As comunidades hindus que estão na África do Sul são indígenas ou não? Os árabes que estão no Saara sulista devem voltar para a Arábia de onde vieram? Quanto tempo os povos têm que viver em uma área para que se tornem indígenas? Quem é que tem razão, os judeus (inclusive os sionistas), que reivindicam a Palestina como seu 'lar', onde viveram durante 2000 anos, ou os árabes que nunca saíram de lá? Eles podem voltar agora e obrigar os árabes a saírem de lá? Reivindicar que a Palestina lhes pertence? Como qualquer um pode imaginar, classificar e analisar esse pântano é algo que está além de minha capacidade.

Um crítico de minhas posições sobre indigenismo disse que eu não havia compreendido o essencial. Segundo ele, indígena é nada mais que um nome para os povos que estavam em determinado lugar antes dos europeus chegarem. Talvez tal conceito faça certo sentido quando aplicado aos Estados Unidos e Canadá, e um ou dois outros lugares, mas tal conceito rapidamente se deteriora se for aplicado em termos de mundo (talvez seja falso, como explicado acima, até mesmo quando usado para os EUA e Canadá). Contudo, o indigenismo está sendo aplicado mundialmente, e se tornou praticamente um movimento, e está se esparramando por toda parte, como uma análise, tornando-se uma abordagem amplamente aceita na estratégia e na filosofia da revolução.

Naturalmente, se há um importante movimento grassroots de povos chamando a si mesmos de indígenas você poderia argüir que faz sentido chama-los daquilo que eles querem ser chamados, em termos gerais eu concordaria com isso. Claro que, um movimento, um grupo, ou povos podem dar a si mesmos o nome que quiserem. É um direito deles. E por respeito a eles, não há geralmente nenhuma razão para que outros não devam aceitar essa nomenclatura. Mas isso não significa que temos que suspender nosso julgamento crítico, especialmente se um nome tem significação teórica. Por exemplo, eu não tenho nenhum problema em trocar negro por afro-americano, porque nesse caso, é quase imaterial a diferença. (Porém, eu me recuso usar o termo pessoas de cor, o qual considero pomposo, eufêmico, e pretensioso, enquanto não proporciona nenhuma diferença com pessoas coloridas, que é tabu; este termo em muito aproxima-se de indigenista).

O termo indígena porém está em uma categoria bastante diferente. Tornou-se um nome para toda uma análise, uma análise que é desavisada ou que nega que vivemos em uma ordem social capitalista. Assim, prefiro ter muita cautela nessas coisas, principalmente quando, no final das contas, me oponho a elas. Nada disto significa porém que eu não apoie as revoltas das pessoas que se chamam indígenas, como a revolta zapatista em Chiapas, que é obviamente uma luta muito significativa. Não importa o tipo de luta empreendido pelas pessoas, mesmo que elas não façam a mesma análise que eu desejaria que fizessem -- greves, boicotes, insurreições urbanas, demonstrações -- pessoas que não têm um pensamento dirigido à subversão do capitalismo -- mas eu fico contente em ver essas revoltas. No final, elas todas se somarão em uma só luta, ou pelo menos eu espero assim. O Zapatistas foram especialmente criativos demolindo todos os tipos de barreiras, preste atenção a padrões, categorias, e limites. Quem sabe como tudo terminará? É difícil imaginar que não termine em algo bom. Mas eu ainda preservo uma atitude crítica às suas estruturas conceituais e de auto-identidade.

Eu perguntei recentemente para um amigo que está morando no México sobre o desarranjo racial naquele país, e se havia ou não um nome para o espanhol puro, e como as pessoas conscientes encaravam as distinções raciais. Ele me mandou de volta algumas passagens de um livro de James Cockcroft, *A Esperança do México* que descreve as distinções seguintes (em um período bem primitivo da história mexicana): os "espanhóis estavam no topo da pirâmide social, seguidos depois pelos crioulos bem sucedidos (brancos nascidos no México), mestiços (uma mistura entre índios e espanhóis), mulatos (mistura entre negros e brancos), negros (os africanos), e por último, índios". (Naturalmente, há também várias outras misturas entre negros e índios, e entre brancos, negros e descendentes de índios.) Assim a pergunta é: como uma mistura como essa, mesmo se fosse possível separar índios de não-índios, pode resultar em uma política social justa baseada em tal distinção?

Em Cuba, as pessoas que se mantiveram na ilha antes de Colombo foram exterminadas há muito tempo. Nenhum das pessoas que vivem lá agora é indígena (no sentido das que estavam lá antes de Colombo). A população de Cuba é agora composta de ex-escravos (negros, mestiços), ex-donos de escravos e outros espanhóis (brancos, mestiços), e mulatos. Os indigenistas não consideram entretanto que a população de Cuba seja não-indígena (um termo ruim), mas do terceiro mundo e pessoas de cor (um bom termo). Assim sua aplicação do conceito é bastante contraditória e hipócrita.

Os turcos começaram migrando para a Ásia Menor ao redor do décimo primeiro século. Eles capturaram Constantinopla em 1453. Assim eu suponho que você não os considere indígenas na Anatólia, uma vez que vieram originalmente da Ásia Central, embora eles tenham vivido lá durante novecentos anos.

O Norte da África, originalmente uma terra dos berberes, foi habitada primeiro pelos árabes, e depois pelos turcos otomanos, e finalmente pelos franceses, impérios que cresceram e depois minguaram. Os berberes, árabes, turcos, e franceses estão ainda todos lá.

No Líbano, a população é dividida religiosamente em cristãos maronitas, druses, e muçulmanos, todas elas etnias árabes, mais centenas de milhares de refugiados palestinos, que cruzaram a fronteira. Os refugiados palestinos são não-indígenas? Eles são árabes, mas não libaneses. Cada um dos grupos religiosos principais considera os outros como um tanto quanto ilegítimos, embora não precisamente estrangeiros, eu acho. Vez por outra, desde os tempos antigos, quase todo grupo étnico no Oriente Médio, e há muitos, atravessa o Líbano, com alguns deles resolvendo permanecer ali. Seria quase impossível dizer quem é indígena naquela região. No Egito, no delta de Nilo, por exemplo, os camponeses estiveram por lá durante uma eternidade. Talvez você os chame de indígenas.

Naturalmente, os espanhóis europeus são de certo modo mestiços, enquanto uma mistura de árabes com europeus (e os árabes são uma mistura de indo-europeus, com mongóis, e africanos). Neste caso, enquanto invasores, os árabes representaram uma civilização virtualmente 'superior', impondo sua cultura nos europeus nativos, chamados indígenas, os espanhóis eram os colonizados, enquanto os árabes eram os colonizadores. Tanto que os espanhóis contemporâneos são mestiços, os descendentes de um povo colonizado, que se misturaram às famílias dos colonizadores.

O mesmo poderia ser dito da invasão turca da Europa Oriental e os Bálcãs. Os turcos foram os invasores. Assim os europeus, de acordo com teoria indígena, teriam que ser considerados povo nativo, elemento indígena, colonizado. Também houve uma invasão anterior da Europa Oriental pelos hunos da Ásia Central (c. 379), e uma invasão posterior pelos Mongóis (c. 1279).

Também, muitos europeus sulistas têm alguns genes africanos, considerando as gerações anteriores, podem ser considerados mulatos. Na realidade, pessoas de complexão escura nasceram ao longo de toda Europa, menos no extremo norte. Marx foi chamado de "o mouro" por causa da sua pele escura. Assim, muitos europeus orientais e sulistas foram

durante muito tempo mestiços ou mulatos. Por tudo que podemos ver e observar eu acredito que é um completo absurdo fazer análises a partir de linhas de sangue.

Muitos radicalmente latinos, não obstante terem genes europeus, adotam a identidade de um povo indígena. Como ficaria sua situação se esses povos indígenas identificassem apenas sua herança índia e não sua herança européia? Não seria um pouco desonesto em vez de reconhecer a herança genética atual da pessoa, reconhecer apenas aqueles que tem os genes ideológicos que estão na moda?

Eu entrei uma vez em um debate com um homem que entrou no Lucy Parsons Center, uma livraria radical em Boston, e barrou uma mulher jovem que estava atendendo os clientes da loja, porque ela era branca, e portanto imperialista, e "parte do problema". Este homem era branco. Ele me pareceu europeu. Eu não consegui ver nenhuma evidência visível de negro ou de indígena. Posteriormente ficou patente tratar-se de um porto-riquenho, que considerava a si mesmo uma 'pessoa de cor'. É claro que é possível que ele fosse mestiço ou mulato, e poderia gerar crianças negras ou de pele escura. Mas também é possível que ele fosse um descendente direto de espanhóis, e de ascendência diretamente européia, geneticamente falando. Mas mesmo assim ele ainda negava a parte européia de sua herança genética.

Presenciei outro incidente semelhante certo dia em uma loja. Uma mulher jovem entrou reivindicado ser índia. Ela era alta e esbelta, olhos azuis, cabelos loiros, e uma pele branca como marfim. Eu olhei surpreso para ela. "Você é o quê?" Eu lhe perguntei. Ela declarou que sua bisavó era índia. Assim nós vemos até onde pode ir uma pessoa jovem e sensível para evitar o estigma de ser branca e européia, um estigma que tem sido ajudado e fortalecido pelo indigenismo.

Grande parte do problema com o conceito de pessoas indígenas é que é ligado a território de um modo muito ruim. Os índios americanos remanescentes nos Estados Unidos poderiam ser realmente livres tentando retomar a terra que uma vez lhes pertenceu? Eles podem ligar seu destino às reservas que ainda possuem (por tratado com o governo em Washington, DC)? Ou seria mais conveniente uma outra abordagem na qual todas as pessoas pudessem ser livres, com sua etnicidade, no lugar onde vivem, e onde nada, inclusive terra, pudesse ser comprado ou vendido como mercadoria?

Edward Said publicou um brilhante trabalho recentemente no Progressive (dezembro de 1999), sobre território, embora eu não concorde inteiramente com ele. Ele vinha de uma aldeia na Palestina onde um massacre horrível de palestinos tinha acontecido em 1948, e ficou perplexo com as interpretações irreconciliáveis das pessoas locais contra ele e contra seu guia israelita. Ele escreve:

"Este incidente revela um dilema existencial profundo, e não só para os palestinos: como lidar com assuntos de disputa de território e disputa de reivindicação de identidade etno-nacional?

"Ficou claro para mim que qualquer esquema de separação e de divisão no intuito de criar homogeneidade étnica ou religiosa acaba falhando de uma forma miserável e, na realidade, acaba mesmo reproduzindo e intensificando ainda mais os problemas que tais esquemas se propõem a resolver. A idéia de dividir a Irlanda entre protestantes e católicos nunca funcionou. A idéia para dividir o Chipre entre turcos e gregos nunca funcionou. A partição da Palestina entre judeus e árabes nunca funcionou. Israel não é um estado judeu homogêneo. Vinte por cento da população é composta por não-judeus. O que fazer diante disso? Toda essa idéia de particionar e tentar separar grupos étnicos que de uma forma ou de outra vivem juntos, em paz ou não, em estados puros é um erro. Olhe para a Índia que é em grande parte um estado hindu mas que tem uma população muçulmana de 120 a 150 milhões de pessoas. O que fazer diante disso?"

Mais tarde ele descreve, com razão, a destruição que as políticas de identidade causaram no Oriente Médio durante as décadas em que foram aplicadas. E então ele comenta: "A identidade, a meu ver, é mais um fardo e um inibidor de pensamento -- especialmente a identidade étnica, religiosa, ou até mesmo a particularidade nacional. Esta identidade me atinge como algo que vem de cima". Entretanto, essa busca de uma solução para "as devastadoras políticas de identidade", infelizmente move-se em direção a um humanismo universal, secular, quando deveria mover-se em direção a um mundo diverso, descentralizado, anárquico. Se ele tivesse dado mais consideração aos duzentos anos de ataques que os comunistas e anarquistas tem dirigido à existência do estado em si, ele poderia ter visto uma outra solução.

## Identities

Por Jared James, Verão, 2001

Toda agonia sofrida pelos marxistas, durante quase um século, em cima da questão da nacionalidade foi inútil. Eles

poderiam ter evitado um montão de dificuldade se não tivessem excluído tão completamente os anarquistas da arena política e intelectual. Definitivamente há um problema aqui, mas eles não perceberam. Evidentemente, a questão sobre nacionalidade só quando há nações, ou mais precisamente, nação-estados. Se há um império russo, e dentro de seus limites existe uma multidão de povos distintos com idiomas diferentes, culturas, histórias, e tradições, como estes povos podem ser livres e autodeterminados e ainda poderem estar sujeitos à autoridade do governo nacional? Bem isso não é difícil de responder. Eles não podem ser livres. Se Ho Chi Min e os comunistas estão em poder em Hanói e estão fixando política para o país inteiro, o que acontece aos povos tribais das colinas? Se os Sandinistas estão no poder em Manágua, e fixando política para toda a Nicarágua, qual a natureza de suas relações com os índios de Miskito no Golfo Costeiam? Ou o que dizer sobre bascos e espanhóis, quebecois e canadenses ingleses, escoceses e ingleses?

Todas essas questões inexistem sob a anarquia que é um mundo pleno de povos autônomos, comunais. Se não houvesse nenhuma classe governante, então não haveria nenhuma pressão em cima dos povos locais para que abandonassem seus próprios idiomas, etnicidade, e culturas a favor dessas classes dominantes. Não haveria nenhum rei inglês impondo sua língua para facilitar sua administração. Não haveria nenhuma religião nacional. Não haveria nenhuma cultura hegemônica. Sob os comunistas na China, diferentes grupos étnicos desapareceram numa rapidez nunca vista anteriormente, devido à cultura nacional, homogênea, imposta por Beijing. Os dialetos regionais estão desaparecendo de países homogêneos como os Estados Unidos. Isso acontece em todo o mundo.

Mas se todo bairro, aldeia, ou cidade pequena fossem autônomos e autogovernados, então que razão poderia haver para que abandonassem seu próprio idioma e cultura? A menos que eles desejassem fazer isso, adotar um outro idioma, por exemplo (mas com que finalidade?), ou simplesmente aprender um segundo idioma, ou adotar certos itens (idéias ou coisas) porque gostaram delas. Mas eles não estariam sendo forçados a fazer isso. Eles poderiam mudar ou não mudar, de acordo com suas vontades. Sob tal condição, seria até mesmo possível surgirem novas etnicidades e culturas, em vez de desaparecerem, que é o que tem acontecido ultimamente.

Mas não vai essencialmente surgir os mesmos problemas no nível do bairro? Eles vão, mas com uma diferença. No final das contas é improvável que todo bairro ou aldeia serão homogêneos (ou fiquem homogêneos). Até mesmo se eles começarem homogêneos, identidades novas podem emergir para dividi-los de uma hora para outra. Um exemplo bom foi o aparecimento, nos recentes anos sessenta, do gênero como a identidade primária para milhões de mulheres jovens em todo o mundo. Uma identidade que nunca tinha sido especialmente saliente de repente tornou-se assim. Eu suponho que algo semelhante poderia acontecer em um mundo descentralizado.

Mas a nível de bairro, em comunidades livres, autônomas, a questão da identidade adquire um aspecto completamente diferente. Como? Por causa da igualdade de poder e riqueza já alcançada.

Muito da luta dos negros foi adquirir os mesmos direitos civis que todo mundo já possuía. As mulheres buscaram direitos iguais sob a lei e equidade no pagamento e na jornada de trabalho. Os idosos buscaram viver em dignidade e independência, e não serem expulsos para morrerem em alguma asilo. Nos bairros autônomos baseados na tomada de decisão democrática, o trabalho cooperativo, e a riqueza compartilhada, todas estas coisas serão corriqueiras. É duro ver como as políticas de identidade, como testemunhamos durante este último quarto de século, puderam existir até mesmo debaixo da anarquia. Onde quer que existam identidades, e elas sempre irão existir, haverá dificuldades nas relações entre maioria/minoria. Haverá minorias em quase todos os assuntos. Mas estas minorias estarão baseadas em raça, gênero, idade, ou idioma? Eu duvido. Elas serão minorias políticas ou filosóficas.

Não obstante, pode haver ainda conflitos intratáveis. A corrente disputa entre cristãos e homossexuais poderiam prover um exemplo. Os conservadores cristãos acreditam que a homossexualidade é um pecado, antinatural, uma violação de natureza humana e das leis de Deus. Você pode discutir com eles até que a vaca tussa e não chegar em lugar algum. Você pode mostrar que sempre houveram homossexuais nas sociedades humanas ao longo de história. Eles respondem a isso dizendo que sempre houve também assassinos, ladrões, e prostitutas, e que isso não os faz moralmente aceitáveis ou socialmente toleráveis. Você pode mostrar que a homossexualidade foi considerada completamente normal em alguns períodos, como no Império Romano. Eles respondem que isto só prova quão decadente aquele império era. E assim sucessivamente e assim por diante. (Claro que, do ponto de vista deles, a escravidão se justificava com convicções comparáveis, isto é, que os negros eram criaturas inferiores e não realmente humanos.)

Que tal se alguns homossexuais estivessem morando em um bairro democrático, autônomo, onde os demais fossem conservadores cristãos? Poderiam negar-lhes participação em projetos, casas, e na assembléia? Poderiam negar-lhes sua parte justa da riqueza cooperativamente produzida? Eles não poderiam fazer isso. O bairro teria que mantê-los como

membros da associação. Eles poderiam ser expelidos do bairro? Provavelmente. A liberdade de associar implica na liberdade de não associar. Caso contrário esta liberdade é sem sentido. Eu não vejo como o direito de expelir pessoas de um bairro pudesse ser abolido e ainda pudesse permanecer um arranjo social baseado na livre-associação. E lembre-se, não há nenhuma autoridade superior para impor leis para solucionar os conflitos a favor de um ou o outro lado.

Eu não nego que este seja um assunto muito espinhoso. Naturalmente, nós esperamos que os horizontes da tolerância humana para a diferença continuarão se expandindo. Mas onde conflitos intratáveis ainda existam, eu acredito que a solução está no princípio da livre-associação e na revelação da beleza e do gênio de organizar nossa vida social. O longo debate atual em Israel sobre "o que é um judeu?" esclarece isso. Certos judeus ortodoxos querem um estado judeu habitado por judeus como eles. Isto certamente exclui palestinos e cristãos. Também exclui até mesmo os israelitas seculares, quer dizer, os cidadãos do estado corrente de Israel que foram uma vez judeus praticantes no senso religioso, mas que já não são. Estes israelitas seculares são judeus? Ser judeu é ser cidadão de um estado judeu ou ser um religioso?

Não há nenhuma solução para este dilema dentro do vigamento territorial da nação-estado. Esses que insistem que um estado israelita secular resolve o problema, simplesmente não está entendendo o essencial e está optando para um lado na disputa, para cidadãos em lugar de judeus. O problema é o próprio estado, com seus cidadãos, e não sua definição particular, se é secular ou religioso. A pergunta judia só pode ser resolvida sob o anarquismo, como os budistas socialistas na Ucrânia e os poloneses judeus, que se opunham ao sionismo, perceberam. Marx acreditava que a solução à questão judaica era o desaparecimento da identidade judia a favor de uma identidade humana mais universal. Mas estes comunistas judeus sabiam que sua liberdade nunca seria alcançada pela propriedade e pelo controle de um território. Eles sabiam também que tinham o direito de ser livres para viver como quisessem -- não importava onde, e não importava qual fosse sua identidade -- até mesmo como judeus.

O verdadeiro comunismo (quer dizer, anarquismo) nunca pode ser definido geograficamente, mas apenas socialmente. Não tem nenhum limite territorial. O fim do estado de Israel (e de todos os estados em todos lugares) libertaria a região inteira (e o mundo inteiro) para uma abundância de comunidades diversas, democráticas, autônomas. Os judeus e palestinos poderiam viver lado a lado, em seus bairros e aldeias, pacificamente, como eles viveram centenas de anos antes do sionismo e da chegada do Estado de Israel.

Sob o anarquismo, reina a diversidade, não a uniformidade. Mas diversidade não significa que todas as tradições existirão lado a lado em todos os bairros (embora muitos bairros possam mover-se nesta direção), mas que haverá espaço suficiente para todas as tradições existirem. Povos que falam o mesmo idioma tenderão a viver juntos. Pessoas com práticas religiosas e regimes alimentares rígidos tenderão a viver juntos. Pessoas que compartilham uma história e uma cultura tenderão a viver juntos. Famílias tenderão a viver juntos. Nisto, há uniformidade. Mas o mundo continuará possuindo milhares de idiomas e de identidades, em vez de um idioma e de uma identidade imperial.

Assim se os conservadores cristãos acharem os homossexuais moralmente repugnantes, eles têm o direito para não se associar com eles. Mas esses conservadores cristãos não têm o direito de aprovar leis que imponham seus pontos de vista sobre outras pessoas, como eles vem tentando fazer ultimamente nos Estados Unidos (uma opção que não estará disponível em um mundo descentralizado sem nações-estado). Mas os homossexuais não terão o direito de aprovar leis que forcem a tolerância das suas práticas sexuais pelos cristãos conservadores.

A luta dos homossexuais para alterar as convicções gerais de forma que homossexualidade não seja vista como moralmente repugnante às pessoas -- da mesma maneira que a visão prevalecente, entre caucasianos, de que negros não sejam pessoas -- é, naturalmente, uma estratégia útil, mas que provavelmente não terá sucesso onde existirem conservadores cristãos, porque suas convicções estão profundamente arraigadas e persistem por centenas de anos, e é ingênuo esperar que desapareçam de uma hora para outra (uma avaliação notável considerando que quarenta anos atrás muitas pessoas, eu inclusive, achava que o cristianismo estava dando seu último suspiro). Indubitavelmente o cristianismo sobreviverá ao capitalismo. E sob o anarquismo (assumindo que ganharemos a batalha), aquilo que eles acreditam será uma praga (se continuarem tentando me converter, enchendo o saco todas as manhãs de domingo na minha porta para me evangelizar, eu certamente os amaldiçoarei; e acredito que os homossexuais também amaldiçoarão os cristãos conservadores se estes os expulsarem de seus bairros).

Este talvez seja apenas um pensamento tendencioso em minha parte. É provável que os cristãos não nos deixem em paz para que possamos viver a vida que queremos. Alguma vez deixaram? Os cristãos, em geral, estão convertendo as pessoas agressivamente. Não são conhecidos pela sua tolerância. Possuem uma compulsão por salvar outras pessoas. Embora haja lugar para eles em meu esquema, não há lugar para mim no esquema deles. Mas sob livres condições, qualquer grupo

poderá impor seu modo de vida aos outros? Eu suponho que algumas maiorias em alguns bairros poderão tentar. Mas será que conseguirão? Será que eles não precisariam de burocratas, polícia, superintendentes, e advogados, para fazer isso? E onde eles vão achar estas excrescências?

Não é esta a estratégia adotada pelos homossexuais, de alterar a cultura em geral para que ela se adapte aos seus conceitos. Que tal se uma comunidade emergisse com a identidade consciente de assassinos e ladrões, como talvez aconteceu de fato com a Máfia (e aconteceu certamente com a classe governante capitalista, apenas emudecida em sua dissimulação ideológica absurdamente transparente)? É correto alguém argüir que matar e roubar é realmente lícito e que tal identidade tem o direito de existir? Qual comunidade toleraria assassinos e ladrões em seus projetos, casas, e assembléias? Eles não dariam passos para constranger tais pessoas ou os expeli-las de suas vivências?

A livre-associação provê um modo de livrar-se desta confusão das muitas identidades em conflito sem cometer qualquer crime. Novas identidades e estilos de vida surgem o tempo todo. As identidades não são fixas, imutáveis, eternas. Elas aparecem e desaparecem como tudo o mais. Assim as pessoas com convicções e práticas compartilhadas podem formar comunidades e podem viver juntas, e deixar os outros viverem em paz, como quiserem. Ninguém lhes pode impedir. O mundo é grande. Há lugar para todo mundo. Apenas sob o câncer do imperialismo, e do nacionalismo que empestou todos os cantos do globo, é que o mundo começou a parecer pequeno.

Nós não podemos esperar, entretanto, que toda vez que uma discordância séria surja em um bairro, um grupo das pessoas terá que fazer as malas, e partir, e estabelecer um bairro novo em outro lugar, ou transferir-se para outro bairro onde as pessoas já compartilham suas convicções, ou pelo menos as tolera. Este tipo de divisão só será possível em casos raros. Por exemplo, conflitos de gênero obviamente não podem ser resolvidos, no nível social, por um sexo se mudando e formando um bairro novo, não se a espécie humana pretende continuar sobrevivendo. Entretanto, morar em bairros distintos é certamente uma solução para muitas diferenças existentes, uma coisa que a maior parte de nós já pratica. Assim retornamos ao reconhecimento de que as discordâncias são inerentes à condição humana, muitos valores, percepções, e projetos, serão aceitos e prevalecerão, enquanto que outros serão rejeitados e esquecidos.

## **A Perda do Anti-capitalismo**

Crítica: "Audacious Democracy"

Por Jared James, abril de 1998.

"Audacious Democracy: Labor, Intellectuals, and the Social Reconstruction of America". Editado por Seven Fraser e Joshua B. Freeman, Houghton Mifflin, 1997, 273 páginas, \$12, capa mole.

Nem uma palavra sobre destruir o capitalismo! Isso é o que mais se destaca nesse livro. Nem uma palavra sobre abolir a escravidão-assalariada. Na realidade o conceito de escravidão-assalariada está completamente ausente neste livro. Em vez disso, ele presume que trabalhar por um salário é tudo o que podemos fazer, e a única condição para que esse trabalho seja bem recompensado é o crescimento do estado, que patrocina sua melhora. Isso revela a profundidade do poço em que a oposição na América afundou, a eficácia da derrota sofrida pelas forças anticapitalistas a ponto dos radicais aceitarem a continuidade do sistema de empregadores e empregados, chefes e trabalhadores, compradores e vendedores da força de trabalho. Como isso está distante do clamor e das devastadoras acusações contra o sistema patronal do começo do século por Haywood, DeCleyre, Debs, Goldman. Você poderia pensar que Norman Birnbaum, Frances Fox Piven, Eric Foner, ou Manning Marable, todos eles socialistas, poderiam pelo menos ter dedicado uma palavra ou duas para essa última meta. Não foi o que aconteceu. Talvez eles tenham perdido essa visão.

O livro contém 21 composições curtas (mais uma introdução pelos editores), apresentada como "Aprendendo com o Movimento Operário", sob os auspícios da Universidade de Columbia em Nova Iorque, e datado de outubro de 1996. A conferência "reuniu os principais intelectuais e ativistas do movimento operário americano" (de acordo com a sinopse do convite). Sete dos 21 representavam o trabalho; seis deles pertencentes à AFL-CIO, e um pertencente à AFSCME. Dos intelectuais, doze são professores e dois são escritores. Um dos editores é um professor e o outro é o editor executivo da Houghton Mifflin. Assim o livro não é de nenhuma maneira representativo dos ativistas operários ou dos intelectuais, especialmente aqueles não ligados a grandes instituições.

Uma olhadela no índice dá uma boa sugestão sobre o conteúdo. Há artigos sobre mulheres e trabalho, sobre

asiático-americanos e trabalho, lideranças negras e trabalho, brancos e trabalho, intelectuais e trabalho. Poderíamos concluir disto que as políticas de identidade minaram o movimento operário da mesma forma que minaram as universidades e o movimento de oposição em geral, erradicando a análise de classe em todos lugares. Mas talvez ainda haja alguma esperança. Há um artigo chamado "Além das Políticas de Identidade". Voltaremos a isso mais tarde.

Primeiro vamos observar os burocratas sindicais. John Sweeney, em "A América necessita de um Aumento", lamenta que a fase do crescimento econômico iniciado depois da Segunda Grande Guerra tenha terminado. "Porque os empregadores recuaram. Naquela época as corporações consideravam os salários decentes, os benefícios e o alto padrão de vida como um negócio bom e bom para negócio. E nossos líderes governamentais, empresários, e trabalhadores entenderam bem o recado do Presidente Kennedy: "Uma maré ascendente ergue todos os barcos". Enquanto isso "nós (meus itálicos) estávamos preocupados em elevar o padrão de vida para todos os americanos, não apenas em acumular riqueza para poucos afortunados". E as coisas melhoraram -- "... uma porção justa (meus itálicos) da riqueza recentemente criada foi distribuída entre a mão-de-obra americana (meus itálicos)". Mas a "irresponsabilidade corporativa tornou-se a estratégia preferida dentro de nossa nova economia campeã.... ". "Até mesmo os empregadores com suas histórias orgulhosas sobre direitos dos trabalhadores se apressaram em acelerar o trabalho, congelar os salários, acabar com os benefícios, e eliminar as pensões".

Sweeney documenta o tremendo golpe sofrido pelo proletariado americano (ele nunca usa porém este termo, preferindo dizer "mão-de-obra", "trabalhadores americanos", "força de trabalho", ou "empregados") tomando como exemplo os últimos vinte e cinco anos, e ele quer acabar com isso. O modo para acabar com isso, segundo ele, é reconstruir os sindicatos. Então você poderia impedir as corporações de exportar empregos, investir na América, prover treinamento, e aumentar os salários, e você poderia forçar o governo a reformar as leis de impostos, acabar com as vantagens corporativas, e restabelecer a rede de saúde e segurança. "Nossa idéia de uma sociedade justa", diz Sweeney, "é aquela onde as pessoas possam ter um trabalho honesto (meus itálicos) e aumentar o seu padrão de vida, em vez de criar riqueza para alguns poucos".

Claro que não há qualquer análise de e por que o crescimento econômico terminou, do por que o estado de bem-estar estar sendo desmantelado, ou por que as fábricas estão sendo transferidas para ultramar. O problema para Sweeney é a "irresponsabilidade incorporada", não o funcionamento normal do capitalismo. O sonho dele é viver permanentemente num crescimento econômico maior, num país mais rico, na história do sistema capitalista (o qual ele aceita completamente). Este é o líder operário organizado em voga na América. A fala dele é tão patética é tão dolorosa que é duro escrever sobre isto.

Robert detalha o programa da AFL-CIO por reconstruir sindicatos. Parece uma iniciativa boa, contanto seu único objetivo é "adquirir um aumento" para os "trabalhadores".

José La Luz discute estratégias educacionais novas para fortalecer os trabalhadores para transformar os arranjos de poder existentes para melhorar as vidas dos trabalhadores e das mulheres". Nada aqui sobre abolir os trabalhadores como empregados. Nada sobre criar uma sociedade livre de "empregos" e de "trabalhadores".

Mae Ngai esboça uma história curta falando sobre os trabalhadores asiáticos na América, uma história de exclusão principalmente, e discriminação, unindo esta história a debates atuais sobre imigração. Uma vez mais, entretanto, a ausência do anti-capitalismo é óbvia. "As reais soluções", Ngai escreve, "para os problemas econômicos dos trabalhadores residem em outros lugares [não na política de imigração], em sindicatos representativos, em salários decentes, no fortalecimento do trabalho e regulamentos ambientais, na segurança do trabalho e na retenção dos empregos dentro dos Estados Unidos". A real solução para os problemas econômicos dos trabalhadores não é mais a abolição do capitalismo -- a destruição do sistema de escravidão-assalariada, a destruição do mercado de trabalho (a compra e a venda da força de trabalho), e o fim da exploração? Como pode haver uma 'real solução' sem essas coisas?

Karen Nussbaum apresenta uma discussão padrão do papel e da posição das mulheres no mercado de trabalho, e discute os recentes esforços. A meta dela é entretanto somente "... restabelecer o equilíbrio em nosso mundo -- entre os ricos e o resto, entre o trabalho e a família, entre os homens e as mulheres.... " Equilíbrio? Entre os ricos e o resto? Sob o capitalismo? Dá um tempo!

A parte mais triste de todas entretanto são as palavras de Ron Blackwell em "Globalização e o Movimento Operário Americano". Blackwell reclama que as corporações "escaparam do alcance da autoridade pública e estão procurando seus próprios objetivos às custas do resto da sociedade". Eles alguma vez fizeram qualquer outra coisa? Ele parece pensar que o

problema "não é a globalização em si mas as ações irresponsáveis das corporações para com os trabalhadores, sindicatos e outros movimentos sociais, e para com os governos...." "Sem uma contrabalança no poder", ele escreve, "por parte de outras forças sociais [por exemplo, sindicatos] ou regulamentos governamentais efetivos, não há nenhum modo para fazer com que as corporações privadas cumpram sua responsabilidade pública....". Bem, por que não libertar-se das corporações privadas? "Sem regulamentos efetivos, as corporações procuram lucro sem ligar para a sociedade em geral ou para o impacto ambiental das suas atividades". O desafio para o movimento operário americano é não parar a globalização mas restabelecer um equilíbrio de forças entre os trabalhadores e os empregadores e tornar as corporações novamente responsáveis perante o governo e perante as pessoas". Caramba! Eu devo ter adormecido pois perdi esta idade dourada do capitalismo quando as corporações eram responsáveis perante as pessoas. Quando foi isso? Até mesmo durante o auge do crescimento econômico de pós II Grande Guerra, a maioria dos países do mundo estava sendo destripado e estavam sendo empobrecidos, o lixo tóxico estava sendo esparramado por todos os lugares às milhares de toneladas, estavam sendo destruídas as culturas nativas e camponesas em todos os lugares, foram infligidas nações inteiras pela escassez artificialmente induzida, seções enormes do proletariado estavam padecendo com salários de fome até mesmo nos países ricos, os latifundiários estavam tomando centenas de milhões de acres de terra, a mercantilização de tudo avançou a um passo furioso, o militarismo era excessivo, estavam sendo exterminados dezenas de milhares de espécies animais, as florestas tropicais obliteraram, os oceanos poluídos. Quando foi que os capitalistas se comportaram responsabilmente? Diga-me.

Esta composição é portanto propositadamente ingênua, tão completamente ausente da ferocidade com que os capitalistas defendem, diariamente, seus mecanismos de roubo, tão completamente ignorante das estruturas de domínio capitalista por quinhentos anos de assassinato e saque, que é uma vergonha ver tal coisa impressa.

Agora demos uma olhada nos acadêmicos. Primeiro "Além da política de identidade" de Todd Gitlin. Qualquer esperança de que Gitlin nos daria uma análise clássica é rapidamente apagada. Gitlin gosta das políticas de identidade; ele até acha que alcançou seus limites de efetividade. Longe de vê-las como algo que ajudou a erradicar a análise de classe da esquerda americana, ele pensa que elas conseguiram muito. O simples fato dele ver os "trabalhadores" como mais uma identidade trai seu conceito de políticas de identidade. Ele acha que está na hora de somar esta identidade de trabalhador, com as outras: mulheres, negros, homossexuais e lésbicas, americanos nativos, latinos, e assim sucessivamente. Esta identidade, de trabalhador, nos dá um "atributo" novo que, segundo ele, nos ajudará a superar a "pobreza" e a "desigualdade".

Mas claro que o "trabalhador" não é uma categoria de identidade. Ele não se refere a uma característica pessoal como gênero ou raça, nem a uma característica cultural como idioma ou etnicidade. A palavra trabalhador um conceito analítico usado por teóricos radicais para dissecar o capitalismo. É unido infalivelmente com a palavra capital -- trabalho e capital -- como os dois pilares do sistema de lucro, "trabalhador" é um nome de uma locação do sistema. É uma relação, não uma identidade. E é uma relação de subordinação e exploração, o fato dos trabalhadores estarem atentos a isto ou não, não torna a assertiva menos verdadeira. Mas apenas raramente os trabalhadores tiveram consciência enquanto trabalhadores, enquanto escravos-assalariados. Esta consciência foi mais difundida no décimo nono século. Pode ser argumentado que isto ocorreu porque o capital não havia ainda colonizado tão completamente a consciência do proletariado. Os trabalhadores estavam ainda de posse de culturas anteriores ao capitalismo, e ainda retinham algumas relações não-mercadológicas. Seja como for, os trabalhadores há muito pararam de pensar em si mesmos enquanto trabalhadores. Questiona-se se esta consciência pode ser reavivada, ou se até mesmo seria desejável. O próprio capital, como parte de sua defesa ideológica, destruiu esta consciência. Porém, eu acredito que os próprios trabalhadores mudaram. Quem quer pensar de si mesmo como um mero trabalhador, um assalariado? Nós somos muito mais do que isso. Nós somos seres humanos, ou pelo menos cidadãos. Ter um emprego é algo nós temos que fazer para poder sobreviver, mas não somos algo que ocupa uma vaga de emprego. Temos nosso próprio caminho a seguir, e muitos interesses fora do trabalho. Assim isto pode se transformar em uma vantagem na luta anticapitalista. A meta original afinal de contas sempre foi abolir os trabalhadores enquanto empregados. Assim nós dispensamos esse rótulo, mas nós ainda somos apanhados na relação, uma relação de abuso e escravidão. É esta escravidão que tem que dispensada agora. E ela pode ser dispensada.

Mas Gitlin não diz nada disto. As metas dele são apenas "semana de trabalho mais curta, participação nos lucros, controle democrático sobre a política corporativa (sic), cuidado médico, segurança no trabalho, [e] reverter as desigualdades". Gitlin é um 'esquerdista novo' [referência à New Left dos anos 60] que nunca efetuou uma análise de classe e nunca teve uma compreensão do capitalismo, mas que permanece encaixado no velho liberalismo, na teoria pluralista de democracia que ele, juntamente com milhares de outros, importou para o movimento radical, renomeando as políticas de identidades.



A única discussão pertinente à classe no livro está em "Valores de Família e o Proletariado Invisível" de Lillian Rubin. Esta composição é um esforço por manter a categoria "proletariado" e não amontoar todo mundo na classe média. Mas uma vez a influência perniciosa dos cientistas sociais é bastante evidente. Para Rubin, classe é uma questão de renda ou de nível de ocupação, nem uma questão sobre sua relação com a acumulação de capital, ou seja, se você tem ou não que vender sua força de trabalho para poder viver. Assim embora ela acredite que ainda há um proletariado (ao contrário da convicção popular), ela também acredita que a maioria dos americanos está na classe média. De fato, renda não tem nada a ver com classe. Quer dizer, é a fonte de renda que determina a classe, não a quantia. Trabalhadores que vendem sua força de trabalho por cem mil dólares por ano ainda estão no proletariado. Eles podem escapar do proletariado apenas se eles usarem parte daquele dinheiro para comprar bens imóveis, ações e papéis, ou obter lucros com empreendimentos, e assim começa a viver de aluguel, juros, dividendos, e lucros, em vez de salários ou salário. Mas se eles gastarem tudo em casas, carros, barcos, férias, roupas, e entretenimento, eles permanecem como trabalhadores, embora ricos. Milhares de gerentes de nível médio aprenderam tudo isto muito dolorosamente nos recentes anos quando foram despedidos de seus bons empregos, e, incapazes achar outro comprador do trabalho deles a um preço semelhante, perderam tudo rapidamente, terminando na fila do desemprego ou na fila da assistência social. Eles aprenderam de uma maneira árdua que eles são trabalhadores que para sobreviver, tem apenas seu trabalho para vender.

O que chega mais perto neste livro de rejeitar o capitalismo é Norman Birnbaum, na seguinte oração: "A subordinação da nação ao mercado e a extensão de cidadania ao local de trabalho permanecem como tarefas inacabadas da democracia americana". Esta apenas é uma rejeição ao capitalismo por aqueles que percebem: (1) uma vez que a "subordinação ao mercado" insinua a destruição de capitalismo, pois capitalismo é exatamente isso -- a dominação do mercado e das relações comerciais onde quer que haja vida; e (2) aquela cidadania democrática no local de trabalho é por definição incompatível com capitalismo, pois o capitalismo é precisamente a monopolização dos meios de produção pelos acumuladores de capital. Mas quantos vão, ou podem, ler entre as linhas assim? De qualquer forma essa declaração é arruinada pela confiança dele na "nação", por exemplo, como se o próprio sistema de nação-estado não fosse indispensável aos capitalistas para montar o mercado em primeiro lugar, e de pois enviar seus tentáculos para cima do mundo inteiro. Seja como for, ver um estudante radical falando coisas como "democracia americana" é mesmo bastante desanimador.

Todos os autores incluíram aqui uma esperança pela revivificação do movimento operário. O que eles parecem ter esquecido é que por mais de cem anos, da década de 1830 até a Segunda Grande Guerra, as lutas dos trabalhadores estavam arraigadas a uma cultura proletária anticapitalista. Claro que, desde o começo houveram sindicatos reformistas, o que hoje chamamos de sindicatos empresariais, mas eles eram rodeados por comunistas, anarquistas, socialistas, e anarco-sindicalistas. Todo esse anti-capitalismo foi varrido. Em algum momento o termo 'movimento operário' foi substituído como um eufemismo para o comunismo e para o anarquismo por parte de sindicalistas que quiseram se desassociar dos camaradas mais radicais, preferindo apenas agitar pequenas vantagens dentro do capitalismo ao invés de subvertê-lo. O "movimento operário" pode ser reavivado na ausência de sentimentos anticapitalistas? Trabalhadores lutarão novamente apenas para um aumento? Eu tenho minhas dúvidas. Acredito que aquela fase do 'bem-estar-social' já faz parte de um passado remoto e que não retornará nunca mais. Os trabalhadores, e as suas associações, terão que ficar revolucionárias novamente, isso é, anticapitalistas, antes de mais nada, antes mesmo de pensar em organizar novamente e ir à luta para valer. Um aumento não é bastante. A liberdade, do trabalho penoso e da escravidão, terá que ser desejada.

Há momentos de alívio no livro. Piven (e também Fletcher, na melhor passagem do trabalho) oferece uma análise detalhada e informativa de como as recentes mudanças legislativas na Previdência Social, no auxílio médico, nos cartões de refeição, assistência social (especialmente AFDC), etc., estão forçando milhões de pessoas a correrem atrás de um emprego, e ampliando o "exército de reserva de trabalhadores" debilitando assim o poder do trabalho contra o capital. Ela especialmente focaliza o "preço do trabalho" e mostra como este programa está arruinando os sindicatos e está esfacelando todas as organizações dos trabalhadores. Fonder e Birnbaum ambos apresentam descrições resumidas muito interessantes da história dos intelectuais e do trabalho. Rorty nos lembra que as lutas dos trabalhadores nem sempre foram um jardim florido mas normalmente foram bastante brutais e sangrentas. Marable analisa as estratégias discrepantes que os líderes negros adotaram, enfatizando alternadamente a raça ou a classe, na tentativa de melhorar as condições de vida dos afro-americanos.

Em suma, não há nenhum pensamento audacioso em todo o livro.

Se em algum tempo houve uma necessidade urgente de difundir idéias anarquistas na esquerda americana esse momento é agora. A falência das estratégias estatistas, seja leninista ou Social Democrata, não é apenas aparente e parcial,

é visível e total. Felizmente, há correntes revolucionárias não notadas pelos ensaístas neste livro. O movimento anarquista está germinando em muitos países, a autonomia desponta na Itália e em outros lugares, os nativos e os camponeses se insurgem com os zapatistas no México, ressurgem o comunismo anti-bolchevique, os autônomos se desenvolvem continuamente, assim como os marxistas não-sectários, as organizações anarco-sindicalistas entram em cena, comunistas anti-estado se espalham pela Índia, os localistas pela África, ecologistas radicais regionalistas, teóricos revolucionários como Ellen Meiksins Wood, Colin Ward, Cornelius Castoriadis, Antônio Negri, David McNally, Carole Pateman, Immanuel Wallerstein, Silvia Federici, Harry Cleaver, David Noble, ou Selma James -- todos eles apontam uma forma de renovar a guerra anticapitalista, da auto-libertação da humanidade da servidão da escravidão-assalariada.

Ultima atualização, 22 de março de 2002